

**DO
JEITO
QUE O**

Diabolo

GOSTA



LODIR NEGRINI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

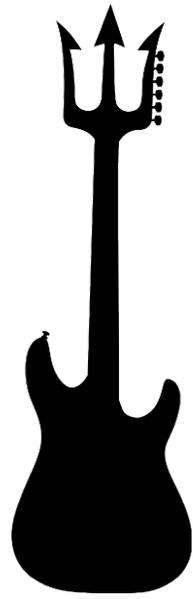
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



DO
JEITO
QUE O
Diabo
GOSTA

LODIR NEGRINI

Este livro está devidamente registrado na Biblioteca Nacional e tem todos os direitos assegurados ao autor.

Autor

LODIR NEGRINI

Revisão

INARI JARDANI FRATON

Capa, diagramação e e-book

FABIO BRUST

CAPÍTULO 1

Eu não gosto da ideia de constatar, olhando para trás, que minha vida tenha se tornado um fracasso, como uma sucessão decadente de tentativas frustradas, mas infelizmente é o que acontece quando a gente se aproxima dos quarenta anos e percebe que as coisas não aconteceram conforme o previsto.

Assim como a maioria dos adolescentes até meados da década de noventa, eu sonhava em começar uma banda de rock. É um sonho clichê, eu sei, e me sinto uma droga, agora, ao notar isso. Minha banda começou igual uma brincadeira, com amigos pegando emprestado instrumentos dos familiares e tocando em um quarto fechado e fedorento. Eu era orgulhoso demais para aceitar qualquer outra posição que não fosse o vocal, porque queria ser o líder, o que foi logo aceito, considerando que ninguém ali tinha uma voz premiada com Grammy. Consegui uma guitarra emprestada com um tio desajustado e logo aprendi a lidar com ela. Ninguém levava aquilo realmente a sério, e meus pais se mantinham no topo da lista. Talvez essa fosse a razão pela qual, todos os dias, pediam para que eu parasse com aquela palhaçada e procurasse um emprego “de verdade”, já que uma banda de rock jamais poderia entrar nessa categoria. Eles também pediam para que eu aparasse minha barba, que não parava de crescer; eu acreditava que podia acrescentar um charme à carreira artística, algo bastante *hipster* que me ajudava a levar garotas para a cama após as apresentações e a posar para fotos maneiras que eu imaginava que um diria ganhariam as páginas das revistas. Com muita dificuldade, conseguimos elaborar *covers* de gente

conhecida, como os Rolling Stones, Bob Dylan e os Beatles, embora, claro, as nossas versões não se parecessem em nada com as originais e provavelmente soassem como um ultraje aos fãs devotos. Nosso Dylan ficou bem mais psicodélico e menos rouco, nosso Beatles era horroroso e seria um insulto se chegasse aos ouvidos de Paul McCartney (John Lennon, que já estava morto, talvez tenha se revirado no túmulo), porém o nosso Rolling Stones, eu arrisco dizer, ficou bem mais interessante (nunca simpatizei com a maneira como Mick Jagger canta gemendo, como uma atriz pornô tentando a sorte no *karaoke*). Se nos perguntassem, dizíamos que eramos o novo Nirvana, embora o grupo original houvesse terminado recentemente em tragédia após o suicídio de Kurt Cobain — um momento emblemático que simbolizava para onde o rock caminharia nos próximos anos —, mas que ainda soava cult para jovens que queriam parecer descolados. Ainda bem que não éramos famosos o suficiente para causar ofensa a fãs ou herdeiros do grupo — a egocêntrica Courtney Love certamente conseguiria nos atrapalhar mais do que a Yoko Ono atrapalhou a banda do marido —, e apenas alguns parentes ouviram essa declaração em almoços de domingo, todos concordando por educação, a maioria sem sequer saber o que era Nirvana, a banda ou a palavra que deu nome a ela.

Quando conseguimos ensaiar versões que soassem decentes e que não davam dor de cabeça após algumas audições, gravamos tudo em fitas K7 — o que, puxa vida, faz com que eu me sinta bastante velho agora. Eu as enviei por correio para algumas gravadoras. Claro, cometi o erro de começar pelas grandes, algo que todo iniciante faz. Logo depois, eu descobri que elas ignoram novatos sem piedade. Quando percebi que precisaria ser mais modesto, enviei outra leva de fitas para gravadoras menores, muitas que funcionavam de forma independente e caseira, e vi todas as nossas economias serem gastas com despesas de correio. A funcionária que me atendia se tornou uma velha conhecida ao longo dos meses, e bastava eu colocar os pés na agência para ela sorrir e perguntar: “para qual gravadora vai hoje?” Depois de certo tempo, comecei a ficar envergonhado de aparecer por lá e mudei de filial. Estava claro que nossa estratégia de aproximação não era eficiente.

Aquilo me aborrecia. Meus pais continuavam a reclamar da minha

situação, pedindo que eu tomasse um rumo e decidisse o que fazer da vida, ao invés de apenas brincar de ser músico. Eles não sabiam, não faziam ideia, mas aquilo estava longe de ser uma brincadeira para mim. Era meu maior sonho. Detesto o fato de as pessoas não entenderem que arte não é apenas algo que se faz nas horas vagas, que existem seres humanos que vivem disso, ou ao menos tentam, enquanto pensam em desistir todos os dias. Há pessoas que amam a arte e não conseguem viver sem criá-la, e isso é um tanto quanto difícil de colocar na cabeça das pessoas. Eles lutam para sobreviver do seu sonho, porque sem ele a vida não faz sentido e não haveria motivo para continuar.

De qualquer forma, amigos e parentes começaram a zombar, alegando que eu não tinha talento nem para compor *jingles* de refrigerante, muito menos para gravar um álbum de rock. Eu me aproximava dos trinta anos e começava a dar ouvidos a eles, quando chegou o início dos anos 2000, a grande virada do século; não foi o apocalipse como muitos previam, mas trouxe outras mudanças um tanto quanto significativas.

CAPÍTULO 2

Todo mundo sonha em ser famoso em algum momento da vida. Pode ser enquanto assiste a um filme com um ator de carreira invejável, enquanto finge cantar no chuveiro imaginando ser um palco, ou ao escrever aquela história que vai emocionar todo mundo. Talvez o sonho seja criar um produto ou uma empresa de sucesso. Não importa como, todos já sonharam com isso. Ser reconhecido de alguma maneira, se sentir especial, faz parte dos desejos da natureza humana. Queremos ser bons em alguma coisa, pelo menos uma.

Algumas pessoas conseguem chegar lá. Elas se tornam famosas e realmente brilham. A pior coisa que pode acontecer a alguém, entretanto, é conseguir se destacar, porém por um curto período de tempo, e depois voltar ao mesmo lugar onde estava antes.

É o meu caso, por exemplo.

— Seu rosto me parece familiar.

Não posso contar a quantidade de vezes em que escuto esse tipo de coisa, provavelmente sempre que coloco os pés para fora de casa. O pior, entretanto, é notar que o filho da mãe me encara de cima a baixo e se esforça para lembrar de onde conhece meu rosto. E eu, que sou uma pessoa pública e não desejo ganhar ainda mais inimigos além dos que já conquistei ao longo dos anos, preciso sorrir enquanto decido se devo aguardar o processo de reconhecimento, ou revelar de uma vez quem sou, me despedir e correr para as paredes fechadas do meu lar, um lugar seguro onde não preciso interagir com ninguém. Geralmente soa bastante interessante.

No entanto, preciso manter a paciência, porque, no mundo do show business, uma interação com humanos pode significar um fã para massagear seu ego ou um bom contato. Oportunidades aparecem quando menos se espera, pelo menos é o que os empresários dizem.

Entretanto, a realidade é que estou em uma padaria e preciso comprar pães, assim, preciso interagir com pessoas para alcançar meu objetivo.

— Bem, eu sou artista. Deve ser isso.

Digo isso com a intenção de facilitar as coisas e torço para que a outra parte fale logo meu nome, acabando com o sufoco. Dou uma grande ajuda, eliminando amigos de infância, colegas de escola e parentes distantes, mas ainda assim ela continua a me encarar, confusa.

— Hum, você não é daquele filme... Como é mesmo o nome?

Passou longe.

— Não, nunca estive em um filme. Sou cantor.

— Ah!

Então você entende porque tatuagens são úteis e necessárias para a sua situação. Ela olha suas caveiras ao longo do braço, vai saber que é um roqueiro. Não vai arriscar o nome de um rapper.

— Você esteve naquele programa... Como é mesmo o nome?

Pronto. Ela te aporrinhou pra burro, mas agora basta ouvir as últimas perguntas, provavelmente sobre o que tenho feito nos últimos anos, porque não lancei mais nenhum disco e ao menos alguém vai ter uma história divertida envolvendo uma celebridade para contar ao chegar em casa.

Nos anos noventa, quando a televisão começou a mostrar os primeiros *reality shows*, pode apostar, aquilo realmente pareceu interessante. Vinha dos EUA e era um modelo de programa que prometia entregar a realidade. Pessoas reais, situações reais, o imprevisível bem diante dos seus olhos. Por mais estranho que possa parecer nos dias de hoje — e realmente parece, eu sei —, tinha algo de interessante em assistir televisão sabendo que aquilo tudo era verdadeiro, e não uma série escrita por sete roteiristas. Quando chegaram os primeiros *reality shows* voltados à música, puxa vida, parecia a solução para caras como eu.

Parecia.

Não foi muito difícil convencer meus amigos a levar Os Estapafúrdios —

o nome da nossa banda, que era ridículo e que demoramos a perceber que só era engraçado quando estávamos chapados – para participar de um desses programas voltados à música que surgiam na televisão aberta. Entre todos os estilos musicais de calouros, eles aceitavam bandas de rock! Para um bando de moleques mal vestidos e sem expectativas, era uma oportunidade um bocado interessante, e que, tudo indicava, chegava na hora certa. Eu me encarreguei de fazer a inscrição pela internet – uma missão que parecia bem divertida nos primórdios da web – e enviei algumas *demos* de nossos *covers*. Eu acabei mandando alguma coisa do Nirvana, porque acreditei que convenceria facilmente os jurados, já que, assim como qualquer artista, logo após a morte, Kurt Cobain tinha ganhado status de gênio e era louvado por eternos fãs que só o descobriram após seu suicídio. Cruzei os dedos e rezei para santos em quem não acreditava na esperança de que tivéssemos alguma sorte.

Aconteceu o improvável. Entramos para a lista de artistas que se apresentariam no programa para concorrer a uma vaga na final, quando o vencedor assinaria um contrato para lançar um disco com a gravadora mais importante do país. Tudo aconteceu muito depressa, rápido demais para analisar qual era a melhor opção, ou ser orientado por alguém qualificado. Na minha inocência, acreditei que canais de televisão realmente estavam preocupados em encontrar o mais novo talento da música e revolucionar o mercado nacional com o incentivo e a divulgação de artistas, e quem sabe alcançar o sucesso criando um novo ídolo. Fui levado a acreditar nisso, mas, assim como tudo envolvendo um *reality show*, era outra mentirinha. Na verdade, produtores de televisão estavam pouco se importando se você se tornaria um grande nome ou seria esquecido depois da final, e tudo estava bem desde que eles conseguissem uma grade de anunciantes que gerasse lucros elevados e uma audiência suficiente para garantir a renovação para a próxima temporada. Jovens desesperados pela fama, sendo assim, não eram exatamente uma prioridade.

CAPÍTULO 3

Pessoas normais costumam manter uma rotina durante os dias da semana. Algo como acordar cedo, trabalhar, almoçar, trabalhar, voltar para casa, fazer serviços domésticos, comer carboidratos no jantar, assistir porcarias na televisão, e, se estiver com sorte, fazer um pouco de sexo no piloto automático antes de dormir outra vez. É surpreendente como uma parte gigantesca da população consegue manter um padrão de vida tão similar. Mais surpreendente ainda é constatar que algumas poucas pessoas vivem de forma diferente das outras. São os artistas. Eles são a grande exceção à regra, os que vivem à margem da sociedade. E há, claro, as celebridades esquecidas, mais conhecidas como subcelebridades, cuja agenda costuma ser um tanto quanto bizarra. Segundo os programas de fofoca exibidos na televisão aberta no meio da tarde para um público-alvo altamente desocupado, eu me encaixo perfeitamente nesta última categoria.

Acordo todos os dias em um horário diferente. Depende da hora em que durmo, o que costuma acontecer pelo meio da madrugada, e da quantidade e procedência das substâncias químicas que eu ingeri após o pôr do sol. Hoje, por exemplo, eu acordei por volta das duas da tarde, bastante cedo até, considerando todas as doses de uísque escocês que eu bebi ontem à noite. Uma das vantagens deste estilo de vida é pular o café da manhã e não precisar comprar pão. Já contei os problemas que tenho pra ir à padaria? Em um dia como hoje, eu jogo algo pronto dentro do micro-ondas e espero, enquanto procuro algo interessante na televisão, o que, claro, nunca encontro. Não só pela hora, que não costuma ter os

melhores programas da grade, mas porque simplesmente não há nada de relevante passando pela tela nos dias de hoje. Então, eu me sento no sofá, e, sozinho, me alimento devagar, porque não tenho pressa ou compromissos. Sei que é uma cena bastante deprimente, e até um pouco humilhante: um homem na casa dos quarenta anos almoçando sozinho um macarrão instantâneo em frente à TV, bem no meio da tarde, enquanto a maioria das pessoas já está de volta ao trabalho. O aparelho no canto da sala é um grande sinônimo de solidão, e eu sou sua audiência simbólica. Como ele nunca consegue ganhar minha atenção por mais de alguns minutos, eu aproveito o tempo livre e a cabeça vazia de preocupações para fazer algo que detesto, mas que é inevitável em momentos como esse: eu penso sobre minha vida.

Não que eu não tenha planos, é claro que eu tenho. A gente passa a vida tentando encontrar uma forma de se ajustar. Eu, por exemplo, tenho ideias para o futuro. Agora, para ser sincero, estou pensando o que fazer para meu próximo álbum sobreviver em um mundo onde o rock está morto e as vendas de discos despencam a cada ano. Não tenho ideia de como resolver nenhuma das duas questões, mas estou refletindo a respeito. Eu vejo algumas notícias: o *Radiohead* deixou que os fãs escolhessem quanto queriam pagar pelo disco, e o *U2* até disponibilizou o seu de graça. Bacana! Mas Bono provavelmente limpa a bunda com notas de cem euros e depois gasta o resto bebendo em *pubs* irlandeses, enquanto minha geladeira está vazia.

O interfone toca e quebra minha linha de raciocínio. Detesto quando isso acontece.

— Quem é?

— É o Jair, Sr. Alex.

O nome do porteiro, de gente comum, causa um contraste sonoro com o meu nome artístico, mas finjo não notar.

— Manda — eu resmungo, ainda com sono.

— O carteiro está aqui. Tem uma encomenda registrada para você, precisa ser assinada.

O porteiro e o carteiro ultimamente são os únicos humanos com os quais costumo fazer contato, o ápice da minha vida social. Eu reclamo. Acabei de acordar, tenho meu almoço interrompido por duas pessoas que

trabalham para servir minhas necessidades, estou de mau humor e qualquer coisa é suficiente para me perturbar nessa hora.

— Já vou descer — respondo a contragosto.

Não pretendo descer tão rapidamente. Dane-se o tempo deles! Eu tenho todo tempo do mundo. Penso em trocar de roupa, porque as peças velhas que uso para dormir são vergonhosas, mas sei que Jair e o carteiro estão acostumados a me encontrar assim; calço minhas sandálias de couro, porque um roqueiro que se preze precisa manter um mínimo de estilo, mesmo falido; entro no elevador, que demora longos minutos para chegar ao térreo. Com o pouco dinheiro que ainda recebo dos direitos autorais, não consigo pagar aluguel em um prédio que tenha sido construído após os anos sessenta.

— Bom dia, Alex — o carteiro me cumprimenta, e Jair faz o mesmo.

Penso em resmungar que não há nada de bom nesse dia, porque essa é a resposta que sempre tenho vontade de dar às pessoas que cumprimentam com frases prontas, mas sei que soaria rude demais, então apenas aceno com a cabeça. O carteiro, alguém que eu obviamente sequer sei o nome, me olha com admiração, como se alguém importante aparecesse, e passa os olhos mais uma vez pelas minhas tatuagens expostas. Eu fico grato. Aquilo faz com que eu realmente me sinta especial, embora não possa entender o motivo da surpresa ao encontrar uma celebridade qualquer no Rio de Janeiro, a Hollywood brasileira, onde os *paparazzi* são tão comuns quanto as praias e as favelas.

— O que tem para hoje?

— Uma caixa, meu amigo — ele informa, não sem antes tentar um aperto de mão exageradamente jovial, como se todo roqueiro adorasse ser cumprimentado como um pré-adolescente na puberdade.

Curioso, eu reviro a caixa. Faz muito tempo que não recebo nada além de contas a pagar. Já não sei o que é carta de fã, então acho improvável que alguém tenha me enviado um presente. Penso nos meus inimigos e no que eles ganhariam se explodissem minha cabeça com uma bomba. Vejo a etiqueta de remetente e respiro aliviado.

— É da minha gravadora — eu digo, em voz alta, para acalmar a mim mesmo, e eles ficam impressionados, como se aquilo parecesse importante.

— O que será? — pergunta o carteiro.

— Não sei.

— Aposto que está cheia de dinheiro — diz Jair, sorrindo.

Procuro em sua entonação um sinal de piada, porque gravadoras obviamente não enviam dinheiro em caixas, e, mesmo se o fizessem, eu certamente não seria o tipo de artista que receberia uma, não nos dias de hoje. Ele me olha cheio de inocência, então me lembro que as pessoas anônimas geralmente pensam que artistas nadam em dinheiro, mesmo quando ninguém mais fala deles.

— Provavelmente são cartas de fãs acumuladas na caixa postal da gravadora.

— Ah, que bacana — ele responde, ainda impressionado.

— Bem, muito obrigado — eu agradeço ao carteiro, que me olha como um cachorro abandonado.

Acredito que ele está esperando uma gorjeta, coisa que carteiros normalmente não fazem com pessoas normais, mas com famosas; no mundo das pessoas normais, pessoas famosas sempre tem grana sobrando. Finjo que não entendo, uma vez que não tenho dinheiro algum, então me despeço e sigo para o elevador.

Abro a caixa assim que entro no apartamento. Meu palpite estava errado. Não são cartas de fãs, são vários exemplares dos meus discos velhos. Não entendo porque a gravadora os enviou. Reviro mais uma vez a caixa e encontro uma única carta, redigida em um computador.

Caro Alex Britto,

Estamos enviando seus discos que ficaram no depósito da nossa sede, conforme cláusula de contrato. Lembramos que essa foi uma solicitação da sua parte quando do fim da vigência do mesmo, que ocorre neste mês.

Tenha uma boa semana.

Preciso olhar o calendário. Em que mês estamos? Ah, não, não pode ser. Puta que pariu.

Eu me sentia como um artista desempregado. De fato, agora eu era mesmo um.

CAPÍTULO 4

Tento me acalmar. Vamos lá, Alex. Concentre-se agora. Seu contrato acabou, mas o fato de eles não mencionarem uma renovação não significa nada. Eles sequer te chamarem para uma reunião. Calma, garoto. Tudo vai dar certo. Provavelmente eles apenas se esqueceram de que você é alguém que ainda vai fazer muito sucesso e gerar muito dinheiro.

Me olho no espelho e respiro fundo. Não estou preocupado com minha aparência. Ela não é importante nesse momento. É a minha fala que me perturba, porque sei que, em uma ligação, o que importa é a voz soar firme o suficiente para convencer. Eu limpo a garganta. Não posso gaguejar agora.

Tiro o telefone do bolso e busco um número entre os favoritos.

— Alô?

— Spring Records.

— Carolina?

— Sim?

— É o Alex.

— Alex?

— Alex Britto.

— Ah. Oi, Alex...

Aquele desânimo após o meu nome. Eu odeio isso.

— Acabei de receber a caixa que vocês me mandaram...

— Ah, recebeu? Isso é bom... Certo?

— Mais ou menos.

Eu posso ouvir a sua respiração profunda, como quem busca paciência e se prepara para uma discussão desconfortável.

— E?

— Bem, eu gostaria de falar com o Charles.

— Ah, desculpe, Alex, ele está ocupado. Quer que eu peça para ele retornar?

Sou esperto o suficiente para perceber a armadilha. A sugestão partiu dela porque ela sabe que isso nunca irá acontecer.

— Na verdade, não — digo. — Gostaria que passasse a ligação para ele.

— Como eu disse, ele está ocupado.

— Não minta para mim, Carol.

— Alex, por favor, não seja grosseiro...

— Tudo bem, eu vou até aí.

Desligo antes que ela possa argumentar. Telefone é mesmo uma droga. As pessoas podem se evitar através dele, mas não é tão fácil pessoalmente. Eu sei que vou ter que correr atrás do que quero, talvez literalmente.

Tomo um banho, coloco uma roupa limpa e tento fazer minha aparência se aproximar ao máximo possível de um velho roqueiro promissor, embora, no meu ramo, isso não signifique exatamente uma aparência muito limpa.

Eu conheço a sede da gravadora muito bem, estive lá muitas vezes, a maioria nos primeiros anos. Estaciono o carro próximo ao prédio e não demoro a entrar no escritório que ocupa todo o quarto andar. Carolina não demonstra qualquer animação quando me vê passar pela porta, pelo contrário; posso notar que ela morde rapidamente os lábios em sinal de desconforto, um movimento quase imperceptível, mas que eu noto com a precisão de quem está acostumado a encontrar o gesto nas pessoas.

— Vim falar com o Charles.

— Como eu disse, ele está em reunião.

— Não importa. Eu espero.

Ela fica aflita, mas dá de ombros, como quem desiste quando a situação ultrapassa os limites do seu controle. Eu me sento em uma das cadeiras de visitantes e pego algumas revistas. Tem Rolling Stone, Billboard e outras publicações técnicas. Eu escolho uma. É de meses atrás. Não me importo e folheio mesmo assim. Há muitas notícias antigas sobre o mundo da

música, mas como estou totalmente desatualizado e há muito não converso com pessoas da área, todas me soam frescas. Olho para a secretária vez ou outra, apenas para checar se ela entra em contato com Charles em algum momento.

Vários minutos depois, uma porta se abre e um homem desconhecido sai. Logo em seguida, vejo Charles acertando os últimos detalhes sobre qualquer coisa que não me interessa, porque eles definitivamente não estão falando sobre os meus problemas. Charles me nota e fica apreensivo. Sorrio e me levanto.

— Alex! — ele diz, tentando parecer cortês. — Eu não sabia que estava aqui. A Carol não anunciou nenhuma reunião.

— Eu não marquei nada. Parece cada vez mais difícil.

— Bem, a que devo a visita?

— Precisamos conversar.

Ele confere o relógio no pulso e solta o ar pela boca.

— Desculpe, Alex. Estou realmente atrasado. Hoje é aniversário da patroa, e você sabe como elas são sensíveis com essas datas...

— Não vai demorar, Charles.

Ele respira fundo, se rendendo.

— Tudo bem. Acho que tenho alguns minutos.

Ele abre a porta da sala. Não preciso que me indique a cadeira ou me convide para sentar, porque, embora eles tentem me tornar um estranho, não é assim que me sinto. Sou como aquela visita que abre a geladeira sem pedir permissão e não dá à mínima se alguém se importa.

— Diga — ele pede, sentando-se na sua confortável cadeira, certamente adquirida com o dinheiro de novos artistas no auge, grana como a que eu já gerei para ele um dia.

— Eu recebi sua caixa hoje.

Ele tenta parecer surpreso, mas sei que não está. Nada é enviado dessa empresa ou recebido nela sem que Charles saiba.

— Bem, você pediu os discos, não?

— Claro. Não é esse o problema, a questão é que não renovamos o contrato.

A respiração dele é prolongada ao máximo. Ele procura ganhar tempo para pensar, porque eu o peguei de surpresa. Havia tentado ao máximo evitar aquele momento, mas ele era inevitável.

- Alex, sinto muito, mas você sabe como são as coisas...
- Não, na verdade não sei.
- Não gosto de enrolação, então vou ser direto. Seus últimos discos não venderam bem, e você sequer está preocupado em fazer um novo.
- Estou fazendo outro.
- Ah, é? Conte-me mais sobre isso.
- Bem, estou decidindo o conceito do disco.

Ele bufa.

— Ah, pelo amor de Deus, Alex! Decidindo o conceito? É uma desculpa. Você não precisa pensar tanto, é a porra de um álbum de rock! É só pegar um papel e uma caneta e começar a compor, depois pegar a maldita da sua guitarra e fazer uns acordes para acompanhar! Grave tudo de uma maneira que soe decente; bata umas fotos com cara de mau, com roupa preta, de preferência com alguma caveira bizarra, faça gestos obscenos para a câmera, e pronto! Você tem as músicas e o encarte, você tem a droga de um álbum de rock pronto para ser vendido!

— Vou fazer isso em breve. Estou apenas acertando algumas ideias. Não quero me repetir.

— Não quer se repetir? Não há nada que se repita mais do que o rock. E quer saber? Ninguém se importa! Fãs de rock não são como fãs de música pop, que perdem o interesse após ver seu ídolo usar a mesma roupa ou corte de cabelo por dois dias. Deixe de ser tão *viadinho*. Você já viu o Slash mudar de roupa? Não, ele sempre usa aquela merda daquela cartola na cabeça como se não a tirasse nem para tomar banho! Nunca muda. É isso que os fãs querem! Sinto muito, Alex. Fazem oito anos desde a última vez que você colocou alguma música nova na praça, as pessoas já esqueceram seu nome. Aquele último álbum, sei que não gosta de admitir, foi um fracasso, e nesse tempo todo você sequer fez algo para reconstruir sua carreira.

— Foi um fracasso de crítica, mas o público gostou.

— O público gostou? Está falando sério? Ele sequer comprou! Aliás, nem público você conseguiu formar direito — ele dá um soco na mesa, um gesto um tanto exagerado. — Os discos encalharam nas prateleiras. Enviá-los para você, naquela caixa, foi um alívio, porque eu não tinha mais espaço para guardá-los aqui.

— Encalharam graças à pirataria.

— Há uma porção de novos artistas vendendo, com pirataria e tudo. Eles estão ganhando uma grana.

— Talvez eu apenas precise estudar uma estratégia para esses novos tempos.

— Ah, nisso nós concordamos! Você ainda age como se estivesse lidando com fãs da década de noventa. Sequer está nas redes sociais.

— Não tenho saído de casa... Não que receba muitos convites para eventos... Minha vida não anda interessante, não teria o que postar.

— Redes sociais servem para lembrar ao público que o artista ainda existe. Talvez seja por isso que o seu tem dúvidas se você ainda respira.

— E sobre o contrato?

— Desculpe, Alex. Você quebrou o último. Prometeu entregar dois discos, mas fez apenas um. Eu não posso me arriscar. Tem um montão de garotos batendo na minha porta e me enviando e-mails todos os dias. Eu não tenho tempo para ler todos, mas, se começar a ouvir essas bandas, certamente encontrarei alguém que faça sucesso mais fácil com essa molecada de hoje do que você.

Puxa, aquilo me pega de surpresa. As palavras me machucam pra caramba. Já era duro saber que meu trabalho não soa mais interessante. E fica ainda pior quando ele insinua que qualquer pirralho seria mais relevante.

— Sabe o que você é? — eu perguntei, olhando nos olhos dele pela primeira vez naquela reunião, bastante valentão.

— O quê?

— Você é como um marido sacana que troca a esposa por uma garota com metade da idade apenas porque acredita que ela tem mais fogo. Não sabe, entretanto, que é algo passageiro.

— Alex, se você ao menos usasse essas suas metáforas idiotas em uma letra de música, talvez conseguíssemos um *hit*.

— Vá se danar, seu velho careca e oportunista.

— O que disse?

Charles é realmente careca, daqueles que ficam mais ofendidos com a menção da palavra que com um “vá se danar” de acompanhamento. Ele é um bocado traumatizado por isso e chega a ser gozado, porque ele tentou

de tudo, desde shampoo especial até transplante capilar, sem sucesso. Eu sabia disso porque havia observado sua batalha ao longo dos anos. Esse é seu ponto fraco.

— Seu filho de uma...

— Charles, olhando daqui, sua cabeça parece uma grande bola de pele enrugada e oleosa... Lembra um saco suado. É bem nojento.

Decido deixar a sala quando ele toca no aparelho de telefone em cima da mesa, provavelmente antes de discar os números da segurança do prédio ou arremessá-lo na minha direção... Não sei bem, e não fico para descobrir.

CAPÍTULO 5

E, então, aconteceu. Vencemos o *reality show*. Acredite, eu fiquei bem feliz na época. Ganhamos o *reality show*, caramba! Temos um contrato com a Spring Records! Era tudo, tudo mesmo, que um artista poderia querer.

Confesso que demorou um tempão para cair a ficha. Nas três semanas em que o programa ficou no ar, parecia uma brincadeira de criança. Eu via meu rosto na tela, minha voz soando estranho quando meus depoimentos gravados passavam e pensava: *poxa, parece um trabalho de faculdade*, ou qualquer coisa do tipo. Era algo que não levávamos muito a sério, até que os jornais e revistas começaram a falar da gente, a publicar nossas fotos, a televisão mostrava nossas entrevistas, e eu passei a ser reconhecido na rua. Lembro-me de pensar, na época: *é real mesmo, eu estou ficando famoso!*

Me recordo, como se fosse hoje, da sensação estranha de quando a gente se dá conta de que está ficando conhecido. É difícil não se sentir especial e melhor do que as outras pessoas. E, então, inevitavelmente, a fama começa a subir à cabeça. Não o tempo todo, mas em determinadas situações, quando tudo brilha demais à sua volta, quando coisas demais acontecem ao mesmo tempo, quando as pessoas te bajulam e não é possível perceber o quão arrogante você está se tornando. Dá para manter os pés no chão em boa parte do tempo, mas, às vezes, eles escorregam, se perdem e começam a flutuar sob uma nuvem de ilusão, que se desintegra aos poucos. Pode ser em uma fila, em que você acredita que não deve esperar como os outros porque é mais importante; ou quando o garçom

demora a trazer a sua bebida, e você pergunta se ele tem noção de quem está atendendo. Em algum momento a fama te domina, não tem jeito.

Diferente do que a gente pensava na época, o programa teve um lado negativo que, definitivamente, não era alertado no contrato. Havia uma gravadora para o primeiro álbum, mas muitos acontecimentos ruins se desenrolaram depois. Quando o último episódio foi ar, nós nos sentimos heróis. Quando começamos a trabalhar no disco, logo em seguida, éramos como reis. E, no momento em que o primeiro *single* chegou às rádios e estourou nas paradas, era como se nossa bem-sucedida carreira musical tivesse nascido para ser eterna. Entretanto, o que não imaginamos no calor do momento é que, na mesma velocidade em que ficamos famosos, pudéssemos ser esquecidos.

Tudo começou a desmoronar quando ainda comemorávamos a vitória. O produtor da gravadora marcou uma reunião para explicar os detalhes do contrato, porém, nem de longe, falava com a mesma empolgação que demonstrava quando estava em frente às câmeras. Enquanto no programa éramos uma bela estratégia de marketing, ali a banda era uma obrigação contratual que ele precisava cumprir após o fim da temporada. Foi então que eu comecei a me dar conta de que aquela coisa toda de encontrar o novo ídolo era uma farsa, mas já era tarde demais.

Depois da divulgação que o programa fez da banda, era hora de começar a pensar em uma estratégia para continuar a ser lembrado, porque, no mundo do show business, é rápido e fácil ser esquecido pelo público, que tende a se distrair com qualquer novidade. A partir deste momento a gravadora começou a abandonar o barco. Enquanto os primeiros três *singles* se promoveram praticamente sozinhos, apenas com o suporte de clipes e apresentações na televisão, os seguintes despencaram várias posições na Billboard e no iTunes. Foi duro assistir a isso. Era como se nosso sucesso começasse a escapar por entre os dedos da mão. Então, fizemos de tudo: agendamos entrevistas, interagimos com os fãs pela internet, parávamos por mais tempo para dar autógrafos e bater fotos. Mas, com a mesma facilidade com a qual chegamos ao topo, iniciamos a descida.

O inevitável aconteceu. Com a tensão e o estresse crescendo, percebemos que éramos bem diferentes uns dos outros e que,

consequentemente, tínhamos ideias distintas para resolver nossos problemas. Os Estapafúrdios e seu nome ridículo não sobreviveu depois do segundo álbum. Anunciamos o fim da banda com um comunicado oficial no site, mentimos ao dizer que era uma separação amigável – enquanto, na verdade, nos estapeávamos nos bastidores – e tomamos cada um o seu caminho. O pior foi perceber que nem a imprensa, nem o público pareciam surpresos com a notícia, como se todos esperassem por ela a qualquer momento, como se a banda não tivesse nascido para durar muito. Claro, eu não imaginava que seríamos uns Rolling Stones e tocaríamos por cinquenta anos juntos, no entanto também não esperava ver o público se conformar tão rapidamente.

Depois de algum tempo tentando me recuperar do que parecia o fim de um sonho, eu comecei a pensar no que todo artista pensa após o fim de seu grupo: a carreira solo. Era o óbvio a se fazer, mas a gravadora, que já não se animava com os meus projetos em conjunto, não parecia colocar muita fé. Depois de muito insistir com Charles, eu acabei conseguindo um contrato para dois álbuns a serem lançados em um período de cinco anos. O primeiro foi fácil, porque depois de tantas confusões em meio a um grupo de desvairados, parecia certo ter o meu lugar e fazer as coisas do meu jeito. Construir algo sozinho, no entanto, era mais difícil do que parecia. Sem o suporte dos companheiros, cada vez mais distante do sucesso e sem muito apoio da gravadora, era uma batalha conseguir uma entrevista em um jornal ou uma aparição na televisão. Entretanto, pior que ter seu trabalho criticado, era vê-lo passar despercebido pelo público e pela crítica. Eu não consegui lançar mais do que dois *singles* e mergulhei no fundo do poço, afundando o suficiente para perder a inspiração para um novo álbum solo, o que não fazia nenhum sentido depois de um desempenho ruim como aquele.

Então, aconteceu. Eu passei a me enquadrar na categoria das subcelebridades. Aquelas pessoas que participaram de algum *reality show* ou ficaram conhecidas rapidamente de uma forma que não exigia talento. Que são “modelos”, estão desempregadas e disponíveis para aparições em festas ou sessões de fotos, desde que o cachê seja suficiente para pagar o almoço. Aquelas que ninguém sabe direito como surgiram, que ninguém sabe citar uma música, filme ou comercial que tenham feito, que não

trabalham há muito tempo. Aquelas para quem você tem vergonha de pedir uma *selfie* quando encontra em um evento, porque não tem mais ninguém pedindo. Que frequentemente viram *memes* e piadas na internet. Aquelas pessoas que se tornaram as figuras folclóricas da subcultura nacional.

CAPÍTULO 6

Deixo o prédio da gravadora rapidamente e me sinto tonto. Minha carreira definitivamente está em decadência, e não posso consertá-la como imaginei.

Atravesso a porta giratória e o sol bate no meu rosto. É dia e está quente, mas eu não sinto que deveria estar do lado de fora. Tenho vontade de me isolar pelos próximos meses. Não quero ter que aguentar a pressão. Sei que as pessoas vão apontar na minha direção e comentar se estou indo bem ou não. Sei o que elas vão pensar quando me olharem e não quero ter de ouvir as mesmas perguntas que tenho escutado nos últimos anos, questões para as quais não tenho respostas. Elas querem saber o motivo de eu andar sumido, de não lançar nada e pedem novidades, mas não tenho nenhuma. Eu quero a solidão do meu apartamento, o conforto da minha cama, o silêncio que apenas as minhas paredes proporcionam. Amo ficar sozinho. Não há nada que eu aprecie mais. Não quero ver gente. Não quero conversar. Quero um cão, no máximo. Cachorros são melhores que pessoas; mais sinceros, mais fiéis, mais quietos. Prefiro um mundo onde não tenha que lidar com todo mundo à minha volta, gente que apenas toca para frente a sua vida medíocre. Se um mundo assim pudesse existir, seria perfeito, porém sei que é impossível e que eu terei que lidar com a futilidade enquanto permanecer vivo.

Olho para os lados e penso por um instante. Então, faço o que qualquer homem faria no meu lugar: procuro um bar escuro, afastado, e entro.

É começo da tarde, e as pessoas ainda não começaram a sair do trabalho, de modo que os poucos clientes são vagabundos tão perdidos quanto eu.

Pessoas com problemas suficientes para tentar um escape através da bebida no meio da tarde. Puxa, aquilo faz com que eu me identifique com elas.

Me sento em uma cadeira na frente do balcão principal e logo um garçom aparece para perguntar o que desejo. Caramba, poucas pessoas me fazem me sentir tão à vontade quanto um garçom. Eles apenas perguntam o que a gente deseja beber. Não julgam, não reclamam, não questionam porque você está bebendo no meio da tarde; pelo contrário, ficam felizes por isso, porque podem ganhar uma gorjeta. Eles estão pouco se lixando para os seus hábitos e, se quiser, ainda podem te dar conselhos. Eu adoro como a coisa toda funciona.

Às vezes, eu paro e penso: é tão fácil lidar com homens. Eles entendem as coisas facilmente e não retrucam, enquanto com mulheres, tudo é motivo para perguntas, tudo é muito complicado. Se eu não fosse mesmo viciado em boceta, eu provavelmente seria *viado*.

Penso em pedir uma cerveja, mas meu organismo se adaptou muito bem a ela e quero ficar bêbado logo, assim não preciso mais pensar nas coisas em que estou pensando. Peço um uísque. Não é algo estranho para o meu corpo, mas cinco ou seis dozes de barriga vazia, e eu começo a esquecer meu nome. Ele me alcança uma e eu tomo rapidamente. Peço outra. Ele serve de novo. O ritual se repete algumas vezes, até que o sino da porta toca e alguém entra no bar.

É um cara, e, por um momento, eu não dou importância àquela figura e tento me concentrar em meus próprios problemas. Mas meus olhos passam novamente por seu rosto e ele me parece familiar. Não consigo entender a razão, mas faço um esforço, e, apesar da minha memória apagada nos últimos anos por tudo o que tenho consumido, a lembrança vem até mim. Tenho aquela sensação esquisita que a gente sente quando encontra alguém que não vê há muito tempo, alguém que foi muito íntimo tempos atrás, mas que a vida levou por caminhos diferentes, ninguém fez esforço para que as coisas corresse de outra maneira e agora esse alguém se tornou um estranho novamente.

Ele se senta de frente para o balcão do bar, pede algo e movimenta os olhos para conferir o ambiente. Eles se cruzam com os meus. O homem me acena com a cabeça e eu retribuo da mesma forma. Não é preciso muito para notar que ambos estamos na mesma posição.

Disfarçadamente, eu tento observar os detalhes do seu rosto a fim de recordar as memórias, mas é difícil. Ele está tão solitário quanto eu e busca companhia.

— Quanto tempo — eu digo, como quem não quer nada.

Ele sorri.

— Muito.

Penso no que dizer, mas o uísque é forte e não demora a fazer efeito.

— Por onde andou?

Ele dá de ombros.

— Ah, você sabe. Por aí, fazendo uma coisa ou outra.

Estranho. Ele dá exatamente o mesmo tipo de resposta que dou quando alguém me faz essa pergunta. Eu também não gosto dela e procuro fugir dos detalhes, sempre, sem exceção.

— Você anda sumido — ele afirma.

Eu suspiro. A pergunta inevitável, aquela da qual não consigo escapar. Tento parecer despreocupado e penso na resposta, porque ele certamente espera por uma.

— Ora, eu estou sempre recebendo pedidos para entrevistas, mas estou tentando me concentrar no novo disco — não consigo evitar um incômodo durante a mentira, embora possa disfarçar bem.

Ele não parece satisfeito. Posso ver um sorriso irônico escapar, embora não dure mais do que um segundo.

— Bem, não ouço nada seu há tempos. Seria interessante algumas canções novas. Alguma previsão?

Eu me reacomodo na cadeira a fim de ganhar tempo.

— Não, ainda não. Sabe como são essas coisas, a gravadora sempre tem uma grade de discos para lançar, e estamos meio perto do Natal.

— Ainda com a Spring?

Faço que sim com a cabeça, um movimento quase imperceptível.

— Que bom, Alex. Estou ansioso por ouvir.

Eu finalmente me lembro. Seu nome é Hugo, meu ex-*roadie*. Ele acompanhou de perto meus anos de glória com a banda, quando viajamos o país em uma turnê sem fim, com cerca de vinte e cinco shows por mês, enquanto estávamos no auge. Era um dos caras responsáveis por organizar o palco, verificar os equipamentos, cabos, instrumentos e

qualquer coisa parecida que fosse necessária para a apresentação. Em outras palavras, ele deixava a coisa toda pronta para que pudéssemos nos apresentar. No duro, era um bocado de trabalho e tudo o mais, mas Hugo dava conta, era um dos melhores. Tento me lembrar da razão de Hugo ter deixado de trabalhar para a gente; provavelmente o fim da banda, porque não havia motivos para despedi-lo.

— O que tem feito da vida? — pergunto.

— Ah, você sabe... tenho trabalhado, nada de mais.

— No quê?

— Faço instalações em uma loja de alarmes.

Meus ombros rapidamente ganham peso. É impossível não me sentir culpado por aquilo. Hugo tinha uma verdadeira paixão pela música, que ele sonhava em colocar em prática produzindo bandas de rock. Eu sabia que Hugo havia entrado no ramo do show business porque sonhava em se tornar um produtor, algo raro entre tantos *roadies* que começavam a carreira apenas para tentar entrar em alguma banda. Ele não desejava se tornar uma estrela e mergulhar na fama, mas ser a cabeça por trás dos grandes nomes. Eu podia sentir, naquela época, que o entusiasmo de Hugo era real e sincero. Ele tinha bom gosto e queria oferecê-lo ao mundo – e eu sabia que havia ajudado a terminar com aquela oportunidade quando levei nosso grupo ao fracasso.

CAPÍTULO 7

— Loja de alarmes? Por quê?

— Ah, eles pagam bem e eu tenho filhos para criar.

— E a música?

— Bem, ficou para trás. Era uma coisa maluca da juventude, mas passou. É o que acontece com os sonhos bobos que a gente tem quando é jovem; eles veem a expectativa encontrar a realidade, e passam.

— Você entendia muito de música, teria sido um produtor excelente.

— Ah, eu sei. Talvez. Mas as coisas não andaram conforme a gente queria, não é mesmo? Não importa agora.

Encaro seus olhos, e eles me contemplam conformados. Não era para ser assim.

— Às vezes eu tenho a mesma ideia.

— Com relação ao quê?

— À minha carreira.

— Bem, você não se aposentou, não é? Está para lançar um novo disco. Mordo os lábios, mas não falo a verdade.

— Não sei... Sinto que nada é como antes.

— Relaxe. Não é mesmo, e nem vai voltar a ser. Alex, talvez você precise parar de olhar para o passado. É no futuro que precisa focar.

— Eu estou fazendo isso.

— Não, não está.

— Olha, não é mais fácil para o rock sobreviver como era nos anos noventa...

— O que quer dizer?

— Até aquela década, o rock era popular. Então o pop se tornou insuperável nos anos dois mil, e depois veio o *dance*, a eletrônica... A vida não está nada fácil para os roqueiros.

— O pop já existia desde os anos oitenta.

— Claro que já, mas tudo ficou difícil depois da porra do *Thriller*. O disco mais vendido do mundo, veja bem... Antes, o rock dominava as primeiras colocações. Hoje, é difícil ver uma banda chegar lá, e quando chega, ela teve que se prostituir. Michael Jackson destruiu o rock. Você não escuta mais o baixo ou a bateria, só batidas eletrônicas... Tem banda até fazendo música com *DJ*. Qual é!

— É uma desculpa — Hugo me contraria. — E se o rock está morto, então você tem mais um motivo para voltar. Precisa mostrar como se fazia nos velhos tempos, emergir das cinzas e ensinar para essas crianças de hoje.

— Parece tão fácil quando você fala...

— Alex, preste atenção — ele se aproxima, pega meu copo e toma um gole. — Até mesmo astros do rock precisam se renovar vez ou outra, ou eles acabam sucumbindo. Não há fã que aguarde um artista que faz sempre a mesma coisa.

— Eu não sei o que fazer — admito e então fico em silêncio, olhando para a mesa do bar.

Hugo fica sem palavra por um tempo.

— Volte às suas origens — ele sugere.

— Como assim?

— É o que todo artista faz quando chega a um momento da carreira que já fez tudo o que tinha a fazer e se sente perdido por causa da falta de ideias novas; ele volta às suas próprias origens. Às vezes, depois de algum tempo de sucesso, é normal se perder. Relembre os motivos que o levaram a seguir naquela vida. Houve alguma razão para que, na época em que você era um adolescente sem visão do mundo, tentando decidir o que fazer da vida, tenha decidido que ser músico era o que amava e perseguido esse sonho! — dá um soco na mesa, e a fúria repentina me assusta. — Você precisa descobrir o que deu o empurrão para a coisa toda acontecer.

Eu suspiro, sem saber o que responder.

— A quantas anda o disco? — ele quer saber.

Eu vejo sinceridade no olhar. Para a minha surpresa, meu ex-*roadie* ainda se importa comigo e com minha carreira, enquanto, no meu mundo egoísta, eu sequer me lembrava da sua existência. Perceber isso faz com que eu me sinta mal, muito mal. Um lixo de ser humano. Então, decido retribuir a sinceridade.

— Não existe disco novo.

— Como assim?

— Eu só falei isso porque é o que sempre digo quando perguntam sobre novidades. Tenho vergonha de admitir que não lanço nada há anos, que desapareci da mídia, e que não há sequer um novo projeto em vista. Invento um álbum no qual não estou trabalhando e desconverso quando pedem por detalhes. É o que faço.

— A sua gravadora sabe disso?

— Sim, tanto que me dispensaram.

Ele fica genuinamente surpreso.

— Está falando sério?

— O contrato acabou, e eles não renovaram.

Ficamos em silêncio outra vez, e tudo o que escuto é o barulho dos copos enquanto a bebida é repostada. Eu posso sentir a mente de Hugo trabalhar para dizer algo que possa me reconfortar ou me ajudar, embora seja difícil.

— Você precisa voltar a despertar o interesse das pessoas na sua música.

— Não tenho ideia de como fazer isso.

— Deve haver uma maneira. Venha, vamos dar uma volta.

Hugo joga uma nota em cima do balcão e avisa o garçom. Desconfio que ele paga a conta por acreditar que eu não tenho dinheiro.

CAPÍTULO 8

Não tenho ideia de onde Hugo me leva ou por qual motivo, mas não me importo com isso. Minha vida anda parada o suficiente para que qualquer interferência seja uma novidade e se torne interessante, de modo que eu apenas o acompanho pelas ruas enquanto ele anda apressado. Eu posso sentir a bebida fazendo efeito no meu corpo, porque o ato de andar parece mais difícil do que o normal. Caminhamos por algumas ruas boêmias até que Hugo para diante de uma porta velha e entra. Eu me deparo com um ambiente bem aconchegante. Apesar do pouco espaço, o lugar está repleto de pessoas que bebem enquanto conversam ao som de um jazz animado. Confesso que aquela atmosfera parece confusa e estranha para mim, que estou acostumado a frequentar bares *vintages* de rock. Hugo parece adivinhar meus pensamentos.

— Não se preocupe, é exatamente o que você precisa.

Eu começo a imaginar como escutar jazz antigo, que parece da década de vinte ou trinta, pode ajudar no meu próximo disco, mas desisto, porque sei que não encontrarei relação entre os dois gêneros. Sigo Hugo até o balcão principal, onde ele pede duas doses de um uísque barato. Tomamos assento e aguardamos enquanto evitamos nos olhar, talvez porque nenhum dos dois saiba o que dizer naquele momento. O barman serve os copos com calma. Hugo e eu brindamos, embora o motivo do brinde não seja verbalizado. Eu gosto daquilo. Sei que aquela dose é a primeira de muitas, porque quero fugir dos problemas e não desejo pensar no meu fracasso ou no meu futuro. É exatamente isso que tenho feito nos últimos anos, quando preciso desse escape. Tem funcionado. As

peças podem falar o que quiserem do álcool; que ele compromete a capacidade de tomar decisões, que ele vicia, que ele pode nos destruir, mas ninguém nunca vai negar a sensação mágica que o álcool traz, o efeito de que todos os seus problemas acabam na mesma velocidade da garrafa. O sentimento de que a vida se torna mais leve e alegre, de que o mundo virou um lugar melhor e de que as pessoas ficaram mais agradáveis. E que, por um instante, mesmo que por apenas um instante, todas as suas preocupações somem e você é capaz de esquecer quem é. Pode parecer estranho, mas, às vezes, isso é tudo o que um homem precisa.

Eu conto os copos vazios à minha frente, tentando mensurar minhas doses. Olho para o lado e encontro meu ex-funcionário sorrindo como nunca, e aquilo me assusta, porque é estranho ver alguém que você conhece há tanto tempo com um comportamento tão distinto. Digo algo idiota e Hugo ri, e ri muito, mais do que a razão mandaria. Ri tanto que, embora eu goste de ver gente rindo das minhas piadas, aquilo passa a me incomodar. Então, ele responde com algo não muito inteligente, e, por algum motivo estranho, eu mudo de humor e aquilo soa extremamente engraçado. Vejo pelo espelho do bar que estamos nos contorcendo de tanto rir, quase caindo da cadeira do balcão. Pegamos uma mesa. Hugo e eu nos debruçamos sob ela com nossas doses na mão, e basta que ele me olhe para que eu volte a rir.

— Que coisa engraçada — ele diz. — Alguns anos atrás, eu nunca imaginaria essa cena.

— Eu era um pé no saco naquela época, confesso.

— Sim, você era — ele concorda sinceramente, sem hesitar, o que me surpreende. — Eu tinha vontade de bater com a guitarra nas suas costas algumas vezes, só o suficiente para empurrá-lo do palco.

É estranho o fato de eu não me espantar com esse tipo de reação. Provavelmente muita gente teve o mesmo desejo no passado.

— Puxa, que coisa. Você me detestava mesmo.

— No começo, não. Juro, houve uma época em que eu até mesmo sentia admiração por você. Talvez eu desejasse ocupar sua posição... Digo, como líder de uma banda famosa. Quem não iria querer uma vida dessas? Mas depois... Bem, depois eu comecei a ter nojo.

— Por quê?

— Como por quê? Você sabe.

— Eu gostaria de ouvir.

— Tudo bem, se faz mesmo questão de saber... Só não diga que não avisei... — Hugo respira fundo, termina a dose e pede outra ao garçom, provavelmente para ganhar tempo, enquanto reflete e escolhe bem as palavras. — Bem, o que diziam, em geral, é que você era metido demais, que entrar naquela droga de programa, de alguma forma, convenceu você de que era alguém muito especial, e que na verdade, para piorar, você nem tinha muito talento, e que o fracasso repentino do grupo após o primeiro sucesso era em grande parte por culpa sua. Os mesmos comentários se seguiram depois, com a sua carreira solo.

Eu sabia que iria me arrepender de pedir para ouvir aquilo e ainda assim não estava preparado. A resposta dói como um murro direto no estômago.

— Poxa vida, eu realmente estou emocionado com tantos elogios em uma única frase — eu digo, quando percebo seus olhos esperando uma contestação.

O humor é a forma com que sempre escapo das situações complicadas em que eu mesmo me coloco.

— Estou falando sério — ele afirma, um pouco ressentido por eu levar na gozação, como se esperasse me ver realmente chateado. — Você era um merda. Uma grande bosta.

— Calma lá, amigo. Eu sei que você me detestava, e boa parte do grupo também, mas, ainda assim, nada me impede de rir disso agora. Não quer que eu chore, quer? Nada é mais deprimente do que um roqueiro quarentão chorando no bar.

Ele tenta esconder, mas posso ver um sorriso no canto da boca que ele não consegue segurar. Meu mau humor destrói carreiras, mas eu posso conquistar o mundo com meu bom humor quando estou inspirado.

— Tudo isso é passado agora, de qualquer forma — ele tenta consertar.

— As pessoas podem mudar, sabe?

— Principalmente quando são esquecidas e voltam a ter uma vida comum.

— Olha, Hugo...

— Tudo bem, eu parei.

— Obrigado.

Ele faz outro sinal ao garçom, que volta a preencher nossos copos.

— Você deve sentir falta dessa vida — ele diz, após um longo silêncio.

— Não faz ideia. É horrível. Era como se o mundo estivesse aos nossos pés. Não importa para onde olhássemos, estavam falando da gente. Dinheiro, poder, glória. E, de uma hora para outra, começamos a receber cada vez menos convites para entrevistas. As pessoas perderam o interesse, foi agonizante. Eu tentei de tudo desde então. Agora estou começando a me conformar em abandonar a carreira.

— Talvez não tenha tentado de tudo.

— Olha, só não tentei um pacto, mas o resto, sim, eu tentei.

— Não diga isso — ele resmunga, ofendido.

— O quê?

— Pacto.

— Sério, eu seria capaz. Estou desesperado a esse ponto. Se o Capeta surgisse na minha frente e apresentasse uma oferta, eu seria capaz de aceitar, desde que ele devolvesse meus anos de glória.

— Que coisa horrível de se dizer, Alex — ele resmunga, incomodado. — Não é bom falar isso em voz alta. Pode atrair algo ruim.

— Eu não acredito nessas coisas.

— Eu também não. Quer dizer, eu acho que não. Não sei bem. Mas, na dúvida, é melhor não falar.

Em silêncio, eu tomo outra dose.

— Não seja bobo. Não existe esse tipo de coisa.

CAPÍTULO 9

Acordo com uma terrível ressaca na manhã seguinte, o que, para os meus padrões, significa que eu devo ter batido recordes. Pergunto-me por um instante o motivo da dor de cabeça ser tão forte, considerando que já passei muitas madrugadas regadas a uísque, e então me lembro de que havia algum tempo que eu não o misturava com outras bebidas. Deve ser essa a razão, eu concluo, sem muita dificuldade.

Noto que estou no sofá da minha sala. Não sei como cheguei até aqui na noite anterior, mas estar em casa são e salvo parece suficiente para mim. Ainda assim, a partir do momento em que verifico que não estou machucado e que não fui roubado, minha curiosidade se atiza e eu começo a refazer meus últimos passos. Lembro-me, claro, de beber por longas horas ao lado de Hugo em dois ou três bares diferentes. Tento imaginar o que aconteceu com ele, se está bem, e me pergunto se devo ligar para ele. Penso que sim, mas depois penso que não. Ele pode estar morto, e a culpa pode ser minha. Torço para que não e tenho medo de descobrir a resposta, mas estou totalmente ciente de que posso guardar tamanha aflição apenas para mim.

Contrariado, levanto e procuro pelo meu celular no sofá. Porém, devido ao susto que tomo, paro imediatamente e volto a me sentar de forma brusca.

Há alguém na minha sala.

É um homem. Ele está sentado do outro lado da sala, na minha cadeira de descanso. Suas pernas estão cruzadas e ele olha seriamente para mim. Depois suspira, aliviado.

— Até que enfim, caramba — ele diz, com uma voz rouca.

Olho rapidamente para os lados. Preciso imediatamente de algo pontiagudo e cortante. Vejo as chaves do meu carro jogadas no sofá. Não é muita coisa, mas está ao meu alcance. Aponto na direção dele.

— Quem é você?

— Isso é sério? — ele pergunta, indicando minha mão. — Está me ameaçando com uma chave? Isso é ridículo. Além do mais, seu carro tem mais de sete anos de uso, a chave está gasta e não duraria nem um segundo se pressionada com força contra uma superfície maciça.

— Consigo furar seus olhos com ela — forço minha voz para que ela soe segura, mas não posso afirmar com certeza se obtenho sucesso.

— E eu consigo furar os seus sem objeto algum — ele responde.

Não faço ideia de quem é esse cara, mas, de alguma forma, ele parece mais convencido sobre suas habilidades do que eu.

— Não tenho muito dinheiro — afirmo de imediato. — Acabei de ser demitido da minha gravadora. Olha, tenho algumas joias, e você pode levar meu carro, se quiser.

Ele suspira e esfrega as mãos no rosto.

— É sempre a mesma coisa, que droga.

Ele se estica e se acomoda no sofá, colocando as pernas em cima da mesa central.

— Está vendo este terno? — ele pergunta, apontando o tecido de linha fina que usa. — É da Givenchy. Já viu alguém assaltar usando Givenchy?

— Talvez um deputado.

— Não é isso.

— Olha — eu começo, envergonhado, quando chego à conclusão que tanto temia. — Eu sei que bebi muito ontem à noite e talvez por isso não esteja me lembrando de você. Seja lá o que aconteceu, eu não estava consciente quando decidi trazer você para cá. Não curto homem. Foi minha primeira vez, eu juro.

Ele me olha horrorizado.

— Caramba, que merda. Vocês são mesmo malucos. Como pode pensar uma coisa dessas?

— Não foi isso?

— Claro que não.

— Então, quem é você?

Ele se acalma e sorri com o canto da boca.

— Tenho muitos nomes.

— Pode ser o de batismo.

— Não acho que eu tenha sido batizado.

Ele se levanta e olha pela janela. Noto que estou suando. O fato de acordar, encontrar um desconhecido dentro do apartamento e não conseguir descobrir uma explicação, nem mesmo com a minha criatividade para tragédias, faz com que eu me sinta um pouco nervoso.

— Disse que não se lembra da noite passada, mas recorda a conversa que teve com Hugo? — ele pergunta.

— Não. Quer dizer, mais ou menos. Por falar nisso, ele está bem?

— Está ótimo.

— Como sabe? Foi a casa dele também? O que você fez com ele?

— Não fiz nada, não quero nada com ele. Só tenho negócios a tratar com você.

— Por quê? O que eu fiz?

— É isso o que venho tentando explicar. Lembra-se da conversa ou não?

— Não sei do que está falando. Conversamos por horas ontem.

— Você disse que está disposto a tudo para recuperar a sua carreira.

— Ah, sim... eu lembro. Estou mesmo.

— Disse que está desesperado.

— Sim. Você é empresário?

— Não, porra. Estou tentando ajudar. Lembra o que disse depois?

— Por que não fala logo?

— Porque não é assim que as coisas funcionam. A lembrança precisa partir de você. Recorda o que falou depois ou não?

— Que eu faria qualquer coisa... Acho que foi algo assim.

— Qualquer coisa o quê? Teve algo que Hugo não gostou de ouvir.

— Ah, sim... Eu disse que faria até um pacto com o Diabo. Ele achou que eu não deveria dizer isso.

O homem sorri, e é o sorriso mais sinistro que já vi em toda minha vida.

— Chegamos aonde eu precisava antes de começarmos — ele informa, contente, enquanto tenta uma posição mais confortável no sofá. — Você acabou de dizer meu nome, pelo menos um dos vários que tenho. Estamos oficialmente apresentados.

CAPÍTULO 10

Por um instante, minha risada ecoa pelo apartamento, porque é o que costumo fazer quando ouço uma piada tão inesperada em um momento de tensão. No segundo seguinte, eu fico mais aflito, uma vez que o homem à minha frente não dá qualquer sinal de humor ou ironia, então concluo que o cara deve ser muito bom nessa coisa de ser sarcástico sem que ninguém note.

— Sério, quem é você?

Ele pisca, se levanta e caminha lentamente.

— Eu estou falando sério, Alex Britto. Você me chamou ontem à noite.

Não digo nada. Minha mente trabalha freneticamente, como poucas vezes aconteceu antes de meu corpo receber um bom café preto. Ele me encara sem piscar.

— Como eu poderia saber de algo que você só disse para Hugo, Alex?

Levo um momento para chegar à conclusão óbvia.

— Então, é isso. Onde está Hugo? Diga a ele que não estou gostando dessa palhaçada.

— Não é uma brincadeira do Hugo. Sei de muitas coisas a seu respeito que ele não sabe, e posso provar. Na verdade, não há ninguém que o conheça melhor do que eu. Bem, quer dizer, tem Deus, claro.

O nome citado me causa um desconforto ainda maior. Nossos olhos se cruzam mais uma vez e percebo que não sei o que dizer.

— Quer algum tempo para digerir a informação? — ele pergunta, e agora eu posso notar um sinal claro de ironia.

Embora ele não possua a aparência que eu, algum dia, tenha imaginado

para o Diabo, age com a arrogância esperada. Sempre idealizei que o Capeta seria debochado, e se esse cara for realmente quem diz ser, então eu havia acertado.

— Prove.

— O quê?

— Prove que é quem diz.

Ele sustenta meu olhar por um segundo.

— Talvez você já tenha se perguntado o motivo de algumas pessoas se darem bem na vida e outras não. Às vezes, elas têm a mesma formação, vêm do mesmo lugar. O que difere uma da outra?

Eu penso sobre o assunto, mas não respondo.

— Já se perguntou, Alex, por que apenas uma das suas músicas em carreira solo fez sucesso? Quero dizer, a banda era uma coisa, mas quando ela acabou, você conseguiu alcançar o topo das paradas com o primeiro *single*. Porém, depois dele, nenhuma das canções seguintes tiveram um desempenho similar. Tornou-se um *One Hit Wonder*, o artista de um sucesso só, embora tenha empenhado a mesma dedicação e sinceridade nas outras músicas. Já se perguntou por quê?

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, para alguns artistas, tudo parece ser fácil, e algumas vezes realmente é. Eu posso ajudá-lo nisso, Alex. Eu sou a resposta.

— Você ainda não provou nada.

— O que seria uma prova para você?

— Não sei, qualquer coisa que demonstre seu poder. Sei lá, faça algo explodir, alguém se dar mal. É o Diabo, não é? É o seu negócio.

— Na verdade, meu negócio está mais para recrutar seguidores e entregar o que eles querem na vida, do que prejudicar pessoas aleatoriamente. Agora, me diga: o que você quer para a sua carreira?

— A minha gravadora me abandonou. Preciso dela de volta para continuar lançando discos. Não quero ser a droga de um artista independente, que tem que bater de porta em porta, se divulgando sozinho.

— Posso fazer melhor do que isso.

— Como assim?

— Cheque o seu e-mail.

— Meu e-mail?

— Apenas dê uma olhada.

Coloco a mão trêmula no bolso, mas meu celular não está lá. Levanto para procurá-lo pela sala. Estou nervoso e tropeço quando noto os olhos me acompanhando pelo cômodo.

— Aqui está — digo, quando encontro o aparelho.

Desbloqueio o celular após errar a senha algumas vezes. Abro o aplicativo, depois o e-mail mais recente na caixa de entrada, que chegara apenas segundos antes. Não posso acreditar no que vejo em seguida.

Caro Sr. Alex Britto,

Gostaria de saber se há interesse da sua parte em comparecer a uma reunião no meu escritório essa semana, data a ser negociada, a fim de discutirmos a possibilidade de agenciamento da nossa empresa para sua carreira musical. Esperamos ansiosos pela sua resposta.

Atenciosamente

Jonas Ezra

Ezra Agenciamento Artístico

Volto a olhar para o homem à minha frente.

— Foi você? Como pode ter feito com que esse cara me enviasse o e-mail agora?

Ele volta a colocar os pés em cima da mesa.

— Como vocês, humanos, costumam dizer; eu apenas mexi os meus pauzinhos.

CAPÍTULO 11

— Deixe-me entender uma coisa — eu falo —, você pode fazer com que ele me contrate?

— O que eu posso fazer é criar interesse nele por você, e então, sim, ele vai querer contratá-lo.

— Não é possível.

— Pare de dizer isso. Eu acabei de mostrar que é.

— Mas...

— Sei o que você esperava — ele afirma, lendo meus pensamentos. — A imagem que os humanos têm de mim: um ser grande, vermelho, monstruoso, com um par de chifres negros na cabeça, e olhos amarelos e amedrontadores. Talvez com um rabo balançando e um tridente para espetar a bunda de alguém.

— Engraçado, mas era mais ou menos essa a imagem que eu tinha na cabeça.

— É no que todos acreditam antes de me conhecer.

— Você vive aparecendo para as pessoas, como agora?

— Não, apenas para aquelas que me chamam com sinceridade. Geralmente acontece em momentos de desespero.

— É a minha situação no momento, mas eu falei da boca para fora. Foi modo de dizer. Não estava cogitando realmente fazer um pacto.

— Bem, nome nenhum deve ser chamado em vão. Padres dizem grandes besteiras a meu respeito, mas nisso eles têm razão.

— E agora?

— O e-mail. Vai querer a reunião ou não?

- Claro que quero! Ele é um dos maiores agentes do país!
- Então precisamos acertar nosso acordo.
- Que acordo?
- Ora, eu sou o Diabo. Não acha que eu entregaria a vida que você sempre sonhou sem pedir nada em troca, certo?
- Você vai pedir... minha alma ou algo assim?
- Não, isso é lenda. Não levo sua alma para lugar algum, não teria utilidade para mim. O que quero são seguidores.
- Seguidores? Para quê?
- Seguidores, apoiadores, gente que esteja do meu lado na batalha.
- Contra Deus?
- Exato.
- Jesus Cristo!
- Contra Ele também.
- O que eu supostamente devo fazer, se me tornar seu seguidor?
- Ora, você deve declarar que sou seu Líder.
- Só isso?
- Sim.
- Parece fácil.
- Basicamente, é.
- Para que precisa de tantos seguidores?
- Ora, que pergunta! Como poderia enfrentá-Lo sem apoio?
- Eu não entendo. Vamos participar da batalha também? Olha, eu me dei bem em brigas na época da escola, e quando virei roqueiro teve uma ou outra em festas quando eu estava muito chapado, mas não cheguei a servir no exército... Não acho que sairia vivo se enfrentasse Deus. Ele deve ser forte e tudo o mais.
- Não, claro que não. Eu apenas preciso de seguidores para mostrar a Ele que tenho apoio, e que até mesmo parte de Sua criação está ao meu lado e concorda com a minha visão do mundo.
- Entendi. Ter muitos seguidores significa ter fama e poder, então, quanto mais, melhor, não? É como as redes sociais.
- Tipo isso.
- Pensei que era uma mentalidade humana.
- Ah, não, todos querem poder.
- O que preciso fazer, então?

— Bem, antes de tudo, deve assinar um contrato e concordar com todos os detalhes.

— Contrato? Isso é sério?

— Está aqui em algum lugar.

Ele procura algo no bolso do terno Givenchy, tira um maço de folhas impecavelmente dobrado e o entrega a mim.

— Sugiro uma leitura atenta. Qualquer dúvida, pode me consultar.

— Isso tem, tipo, quinze páginas.

— Sim, eu sei. Fui eu mesmo quem escreveu, então eu sei quantas páginas tem.

— Bem, eu não vou conseguir ler quinze páginas com atenção enquanto o Diabo está na minha frente esperando.

— Quer que eu dê uma volta? Estou mesmo precisando beber algo. Sei que você tem uísque por aqui.

— Você bebe uísque? Ah, poxa vida... É tanta informação para uma manhã que eu não sei como processar...

— Claro que bebo. Eu sou o Diabo, eu sei aproveitar as coisas boas da vida. Eu dou a benção a elas. Olha, eu vou ali e já volto. Você fica aí, lendo.

— Não. Preciso de um tempo para colocar a cabeça no lugar. Tenho que consultar meu advogado.

— Consultar advogado? Acha que alguém vai acreditar nessa história?

— Bem, eles sempre dizem para a gente não assinar nada sem eles lerem antes. De qualquer maneira, não deve ser difícil. Certamente tem muito advogado no inferno...

— Pode apostar que sim, mas eles já estão mortos. Os vivos vão rir da sua cara se disser que tem um contrato redigido pelo Capeta. Olha, vamos fazer o seguinte: eu não tenho muito tempo, mas posso te dar um dia para pensar. Quando decidir o que fazer a respeito da minha proposta, eu irei aparecer.

— Amanhã? Eu não sei se terei uma decisão até lá.

— Dê um jeito. Eu sou o Diabo e vou saber quando estiver pronto. Posso tomar um uísque ou não?

— Acho que pode...

Eu me levanto e sirvo uma dose de bebida alcoólica para o Capeta, uma tarefa um tanto quanto bizarra.

— Só uma dose, para me aquecer — ele pede. — Ainda tenho que aparecer para mais pessoas hoje.

— Poxa, deve ser um trabalho duro.

— Ah, é, sim. E, por incrível que pareça, muitos ainda ficam indecisos, como você. Não entendo a razão. Minhas propostas costumam ser muito boas.

Ele vira a dose. Eu, como um bom anfitrião, penso em algum assunto para puxar conversa.

— Como funciona isso? Quero dizer, você pode ingerir líquidos e alimentos?

— Só quando estou na minha forma humana, como agora, que uso para falar com outros humanos. Então, eu gosto de aproveitar para experimentar uma coisa ou outra. Vocês até que têm bom gosto para criar bebidas.

— É algo bem estranho de se ver.

— Dá para se acostumar. Bem, agora eu tenho que ir. Voltaremos a nos falar o quanto antes, certo?

— Eu aviso quando tiver uma resposta.

— Não se preocupe, eu vou saber. De qualquer maneira, obrigado pelo uísque.

Ele termina a dose e some. Quando fico sozinho outra vez, eu tenho que colocar a louça suja que o Diabo usou na máquina de lavar.

CAPÍTULO 12

Eu tento voltar a dormir, o que, claro, se torna completamente impossível. É difícil cair no sono após uma longa conversa com o Diabo em pessoa, ainda mais um que veste terno Givenchy da última coleção. Afinal de contas, por que o Diabo usa um terno Givenchy? Era a pergunta que eu me fazia enquanto rolava na cama. Talvez fosse vaidoso, talvez fosse muito rico, ou apenas quisesse mostrar como as coisas boas eram comuns para ele. Grifes como Givenchy convenciam todo mundo a investir fortunas em peças de roupas, e certamente o marketing era tão eficaz que convenceu até mesmo o Diabo.

Desisto de dormir e levanto da cama. O barulho da obra do prédio ao lado cessa, e posso sentir o cheiro da comida que vem do restaurante próximo. Já é meio-dia. Vou sonolento até a cozinha e coloco pó na cafeteira, que é o melhor que posso fazer quando preciso pensar seriamente sobre um assunto e tomar uma decisão importante.

Olho para o meu celular em cima do balcão e noto uma notificação. É uma mensagem de Hugo, e fico aliviado por descobrir que ele se lembrou de mim. Quando o Diabo aparece para a gente pela primeira vez na vida, o primeiro impulso é dividir a novidade com alguém, embora eu tenha a absoluta certeza de que passarei por louco por isso.

Ligo para o Hugo.

- Alex? Está bem? Ressaca não deve ser novidade para você, imagino.
- O problema não é a ressaca.
- O que é, então?
- Precisamos conversar.

— Bem, ainda não almocei. Estou a caminho de um restaurante próximo à minha casa. Conhece o *Ronald's*?

— Encontro você lá em meia hora.

Coloco uma roupa apressadamente. Caminho a pé até chegar ao restaurante, que fica algumas quadras depois. Estou nervoso, não posso negar. Preciso explicar tudo o que aconteceu a Hugo, mas não tenho ideia de como fazer isso, então sou bem direto.

— Você não vai acreditar em quem eu encontrei — afirmo, quando chego ao restaurante, sentando-me em uma cadeira junto à mesa onde Hugo me espera.

— Quem? Alguém da banda?

— Não, pior que isso.

— Quem, então?

Encaro Hugo de forma séria, na tentativa de que ele perceba que aquilo não se trata de uma piada.

— O Diabo, Hugo. O Diabo em pessoa.

Hugo tem exatamente a reação que eu esperava. Ele me fita, sério, por três segundos, como se aguardasse pela conclusão da piada, e então solta uma risada.

— Não foi muito engraçado, cara. Se quer contar uma piada, precisa usar o tom de voz e o tempo correto; caso contrário, ninguém vai rir.

— Não é uma piada. Eu realmente o vi.

Ele me analisa por um instante.

— Garçon! — ele grita, do nada. — Vejo que isso vai demorar — resmunga, depois, na minha direção.

Um rapaz se aproxima e Hugo pede uma cerveja.

— Você estava dizendo...

— Eu o vi. Estou falando a verdade.

— Aham.

— É sério.

— O Diabo.

— Isso.

— Você viu o Diabo?

— Vi.

— Como?

— Ele apareceu para mim, hoje de manhã cedo, assim que eu acordei.

— Isso se chama ressaca. Parece mesmo que a gente comeu o pão que o Diabo amassou.

— Não, era ele. Falou comigo e tudo, e eu respondi. Ele me fez uma proposta.

— Uma proposta?

— Exatamente. Você tinha razão, eu não deveria ter dito aquilo ontem à noite.

— Aquilo o quê?

— Sobre estar tão desesperado para retomar minha carreira que eu aceitaria até mesmo fazer um pacto. Ele ouviu. Ele está sempre ouvindo. É onipresente, como Deus. Provavelmente, está nos ouvindo agora.

Desconfiado, Hugo olha para todos os lados, como se procurasse alguém, mas tudo o que encontra é uma grande família tentando controlar os filhos durante a refeição.

— Acho mesmo que ele está por aqui — Hugo conclui, então.

— Ele quer realmente fazer um pacto comigo — continuo. — Disse que pode me tornar famoso outra vez, e rico, e que minhas músicas vão bombar como nunca.

— Suas músicas bombarem como nunca não é uma grande promessa. Elas nunca bombaram.

— Imagina que legal! E eu teria todas as mulheres aos meus pés outra vez. Só que...

— O que foi?

— Tem uma parte ruim.

— Sempre tem. Qual é?

— Ele tem algumas exigências.

— Ah, eu já imaginava. Não existe almoço grátis.

— Ele quer entrar numa batalha contra Deus. Sabe, igual dizem essas pessoas que leem a Bíblia... E ele precisa de seguidores.

— O que você precisa fazer?

— Aparentemente, nada de mais. Não vou ter que me alistar no exército, ou algo assim. O que é ótimo, pois eu consegui escapar de me alistar no exército aqui da terra, mas não acredito que iria conseguir fugir de uma convocação celestial... De qualquer maneira, preciso apenas me declarar seu apoiador. Ainda assim, ele me deu um contrato e quer que eu o leia.

— Deixe-me ver isso.

Tiro o contrato do bolso e entrego a Hugo. Ele desdobra as folha e começa a ler com uma expressão preocupada no rosto.

— Você pode ler em voz alta, se não se importar — eu peço. — Na verdade, eu ainda não o li e estou curioso.

E, então, ele começa.

CAPÍTULO 13

Contrato de Serviço de Efetivação Pactual entre Partes

A primeira parte: Lúcifer, nome bíblico de batismo angelical, também conhecido popularmente como Diabo ou Satanás, entre outros nomes, entidade sobrenatural maligna, ex-anjo querubim da guarda celestial, expulso dos Céus por rebelião contra o Criador, vaidade, soberba e mau comportamento, atualmente residente, criador e proprietário no endereço Inferno.

A segunda parte: Alexandre Ângelo Britto, humano, trinta e oito anos humanos, músico, nascido e criado no Rio de Janeiro, atualmente residente no número 5463 da Rua Santa Clara, bairro de Copacabana.

— Isso é sério, Alex? — Hugo quer saber. — Porque, se não for, você tem uma baita criatividade!

— Como ele sabe todas essas coisas? Quero dizer, eu odeio meu nome do meio, nunca revelo a ninguém.

— Ele é a porra do Diabo, caramba!

Hugo continua a leitura.

Por meio deste contrato de prestação de serviço pactual, a primeira parte vem preestabelecer qual será o serviço prestado e qual será o seu pagamento, que se apresenta no formato de exigências a serem cumpridas futuramente pela segunda parte.

Sobre o serviço

A primeira parte se dispõe a realizar todos os desejos e sonhos da segunda parte, em qualquer área da vida terrena, sendo alguns deles já preestabelecidos e descritos a seguir: carreira profissional, situação financeira, amorosa, sexual, relacionamentos em geral e qualquer tipo de situação que lhe possa proporcionar lazer e prazer. Tais serviços incluem: um fígado ilimitado para práticas etílicas excedentes; um organismo ilimitado para práticas químicas excedentes, legais ou ilegais; disponibilidade e potência sexual vinte e quatro horas por dia, sem necessidade de medicamento ou intervalo entre ejaculações; peitoral, ombros, costas, pernas e qualquer músculo definido e torneado na medida desejada, sem necessidade de exercícios ou suplementos alimentares; peso mantido sem a necessidade de dieta ou restrição calórica; crescimento peniano em centímetros a serem acertados verbalmente; total atratividade sexual ou amorosa para qualquer humano, independente do sexo, que lhe interessar; primeiro lugar nas paradas para toda e qualquer música lançada no formato de single; primeiro lugar nas paradas para todos os álbuns lançados física ou digitalmente; músicas tocadas por dez a quinze vezes ao dia em todas as rádios do gênero rock do país, e de cinco a sete vezes em rádios de outros gêneros; total exposição na mídia impressa, televisiva ou digital, incluindo boas críticas e referências positivas em jornais, revistas, blogs, sites especializados, programas de televisão, vlogs e a presença em qualquer outro tipo de mídia ou rede formativa de opinião pública; contrato assinado com a gravadora desejada durante a mesma vigência deste contrato; contrato assinado com agenciamento artístico durante a mesma vigência deste contrato; shows sempre com lotação máxima (40% deles em estádios durante turnês nacionais); lista de exigências para shows cumpridas por parte da produtora, independente da dificuldade e excentricidade do pedido; grande quantidade de fãs, organizados e agrupados em todas as regiões do país, que acompanhem o artista virtual e fisicamente, que o defendam de qualquer pessoa que lhe criticar, física ou virtualmente, mesmo em discussões em que o artista não tenha sido realmente ofendido ou sequer citado, principalmente em comentários em postagens e

notícias na internet, com ênfase em comparações inexpressivas, que não se importem caso sejam ignorados pelo artista com a justificativa de atraso ou falta de tempo, mesmo que não seja o caso, que comprem qualquer objeto que leve o nome ou a marca dele, independente de necessidade, utilidade ou preço, tais como: discos, camisetas, bonés, faixas, canecas, revistas, pôsteres, ingressos para shows, botons, adesivos, etc.

— Eu preciso dizer — Hugo interrompe a leitura. — A oferta é mesmo boa.

— Parece que eu teria uma vida e tanto.

— Se antes conseguir cumprir as exigências, claro.

A segunda parte

É obrigação da segunda parte a realização de uma série de exigências a serem cumpridas durante toda a vigência do presente contrato. O não cumprimento pode e deve cancelar parcial ou totalmente este contrato, assim como os serviços prestados pela primeira parte em função do mesmo.

Tais exigências à segunda parte são:

Não se filiar ou seguir o Criador ou qualquer outra entidade divina; não frequentar ou se filiar a qualquer igreja; gravar mensagens subliminares nos discos que apenas possam ser ouvidas quando as músicas forem tocadas de trás para frente; utilizar símbolos e figuras em capas de discos e clipes que referenciem subliminarmente a mensagem da primeira parte; não comemorar qualquer data festival com finalidade cristã, como Natal e Páscoa; não utilizar expressões que remetam à crença de um Deus criador, tais como: "Ai, meu Deus!", "Jesus Cristo!" ou "Pelo amor de Deus!"..."

— Sabe de uma coisa... — interrompo a leitura de Hugo. — Acho que esse cara está pedindo demais.

— Pense em tudo o que ele está oferecendo.

— Ainda assim, vai me proibir de falar “pelo amor de Deus”? Ele é como uma criança ciumenta. Quantas páginas ainda faltam?

— Muitas.

— Vamos deixar para depois.

— Não vai ler o resto?!

— Eu já peguei a essência, era o que precisava para sacar qual era a dele.
Não preciso ler tudo.

— Pode ter um montão de coisas aqui que você precisa ler.

— Agora eu tenho que me concentrar e tomar minha decisão.

Hugo parece contrariado.

— É melhor pensar bem — ele pede, por fim, me devolvendo o contrato.
— Se assinar isso, não haverá mais volta.

CAPÍTULO 14

Passo o resto do dia com um sentimento de angústia, aquilo que a gente sente quando pensa sobre o futuro com pressa, sabe que precisa tomar uma decisão importante e não faz ideia do que escolher. Detesto ficar desta maneira, mas não encontro uma saída. Hugo vai embora com a desculpa de que tem um compromisso, e eu me sinto abandonado por um amigo que mal conhecia até um dia atrás. Percebo o quão crítica é a minha situação. Tenho a maior escolha da minha vida a fazer e ninguém com quem dividi-la, o que provavelmente me torna alguém muito, muito solitário.

Tomo um banho para refrescar a cabeça, faço um café e abro a geladeira para refletir. Ela está vazia, um claro sinal do meu descaso. Noto, entretanto, uma velha garrafa de vinho tinto no fundo, aberta dias atrás, e percebo que ainda há o suficiente para encher uma ou duas taças. Sirvo. Quando a bebida começa a descer pela minha garganta, sinto a necessidade de falar com alguém.

— Você está aí?

Olho em volta no meu apartamento, mas não vejo nenhum movimento, nada de diferente. Nem mesmo o Diabo parece disposto a conversar comigo nesse momento, embora houvesse prometido aparecer quando fosse a hora. Viro a taça de uma vez.

— Você não está aí, como prometeu. Talvez não seja real. Talvez eu tenha imaginado tudo em uma ressaca muito incomum. Eles devem ter colocado alguma coisa na minha bebida naquela noite...

Fico em silêncio por um instante, enquanto o único barulho que escuto

é o da rua.

— Sim, eles colocaram — diz uma voz, do nada, mas não vejo ninguém.

— Era um uísque irlandês, ano 2004. Bom, a primeira dose. Depois, foram outras coisas. Mas você não tem do que reclamar. Era dos bons. Eu mesmo já o provei.

— Onde você está? — eu pergunto.

— Já disse, estou em todos os lugares e em todas as mentes. Em algumas mais, em outras menos.

— Apareça! Não quero falar com as paredes.

Não ouço nada por instantes, até que um vulto surge e desliza pela cozinha. Ele não está como na última vez em que o vi. Agora usa um terno escuro, também de marca, embora o mesmo sorriso sarcástico estampe seu rosto.

— Imaginei que, uma vez que estivéssemos apresentados, uma forma humana seria desnecessária.

— Sinto-me como se falasse com um espírito.

— De certa forma, é isso, e você precisa se acostumar, Alex. Não sou humano, e os humanos precisam compreender o fato de que nem todos que habitam este planeta são como eles.

— Não custa nada colocar um terno de grife e dar as caras, não é?

— Bem, na verdade, não custa nada mesmo, ao menos para mim. Não entendo como vocês, humanos, trabalham semanas para comprar este tipo de coisa... De qualquer maneira, não é confortável se portar como alguém que não somos verdadeiramente. É exatamente assim que eu me sinto quando finjo ser humano.

— Eu nunca tive paciência para ouvir namorada falar sobre sentimentos e agora estou escutando o Diabo falar sobre os seus.

— Você me chamou — ele muda de assunto. — Deve ser algo importante.

— Na verdade, não muito. Acho que eu só queria alguém com quem conversar.

— Olha só quem está sentimental agora.

Não respondo. Ele balança a cabeça, decepcionado.

— Veja, Alex, quando selarmos nosso acordo, esse é um dos problemas que serão eliminados. Não quer a solidão? Não há problema. Você poderá ter quem quiser, na hora que quiser. Sua casa estará cheia de

garotas nuas, se assim desejar. Parece uma boa saída, não?

— É justamente esta a questão, preciso decidir a respeito do contrato.

— Bem, não sei mais o que posso dizer para ajudá-lo quanto a isso. Realmente é uma excelente proposta, e, se não consegue perceber isso, temo que não haja nada que eu possa fazer. Já fiz minha parte. Tenho outras pessoas a atender, você não é a única celebridade desesperada neste mundo. Chame-me quando tiver uma decisão, mas apenas quando tiver uma. Não tenho tempo a perder com besteiras.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele desaparece novamente. Sozinho outra vez, sirvo uma nova taça de vinho, sento-me no chão da cozinha e apoio as costas no armário. Bebo em silêncio.

CAPÍTULO 15

Ando cabisbaixo e pensativo pelas ruas da cidade. Levanto a cabeça e avisto um shopping na próxima quadra. Conheço bem aquele local; é um dos maiores da cidade, e eu o tenho visitado muito nos últimos anos, em boa parte graças à *megastore* que há no local, um dos poucos lugares decentes onde ainda se pode encontrar discos físicos. Sem ter aonde ir, decido passar lá e fazer o que sempre faço quando estou naquela área: incomodar os funcionários pedindo que façam um levantamento dos meus discos no estoque da loja, na esperança de descobrir que alguns foram vendidos desde minha última visita, e que, sim, ainda há gente interessada no trabalho de Alex Britto.

Eu entro no shopping e caminho rapidamente até a loja, sei localizá-la facilmente. Posso ver o descontentamento passar pelos olhos de um funcionário que me reconhece. Ele se comunica discretamente com um colega. Estão ocupados repondo os produtos nas prateleiras, mas sabem que eu não desistirei tão fácil, e que não me importo com aquilo, porque minhas necessidades são sempre mais importantes do que suas atividades. Eu localizo um rapaz franzino de uniforme em um canto, recém-saído da adolescência, cujos pais provavelmente o obrigaram a procurar emprego, o que o fez optar por uma loja de discos e videogames porque parecia um lugar divertido para trabalhar. Caminho até lá, porque ele foi solidário na minha última visita, e porque há grandes chances de que o garoto não esteja com o saco cheio de mim, como os outros.

— E ai, *brother*? Beleza pura?

Minha tentativa de cumprimento jovial e descolado, totalmente

desconexo com a atual geração e as gírias utilizadas na última década, soa exageradamente forçada.

— Sim, o que manda?

— Sabe como é, queria que desse aquela checada rápida no seu estoque.

Ele não pergunta em que produto, muito menos dá qualquer sinal de surpresa, apenas caminha entre as prateleiras até um computador. Ele digita rapidamente o nome da minha antiga banda na descrição dos produtos, e os discos aparecem na tela.

— Primeiro disco, duas unidades. Segundo disco, uma unidade.

Ele me olha. Eu não preciso de nenhum papel com números anotados para lembrar o que ouvi na última vez em que pisei ali, exatamente a mesma coisa.

— O disco solo também.

Ele volta ao computador e digita meu nome artístico.

— Um disco.

O rapaz me encara e a sua expressão me questiona se estou satisfeito, se posso deixá-lo em paz com seus afazeres. Não posso permitir que ele perceba minha decepção, porque detesto quando as pessoas sentem pena de mim, principalmente um adolescente cheio de espinhas, em seu primeiro emprego e que, provavelmente, sequer tem uma namorada. Deve ser virgem.

— Mesma coisa da última vez, não?

— Sim...

— Eu imaginei.

— Imaginou por quê?

— Olha, não me leve a mal..., mas eu não vi ninguém procurando seus discos por aqui, não.

É a minha vez de conter a paciência. Não preciso que um punheteiro verbalize minha decadência.

— Tudo bem, cara, mas garanto que eles venderiam mais se estivessem bem expostos.

— Bem expostos?

— É, tipo na frente da prateleira de rock, quem sabe na vitrine...

— Olha, Alex, a vitrine é para as novidades, e seus discos saíram há muitos anos...

— Eu sei, mas você poderia usar a criatividade, não? Quem sabe uma

seleção com o melhor do rock da última década, aí poderiam colocar os meus e os de outras bandas também, eu não sou aquele típico artista egoísta...

— Não sou o gerente, e ele não me permite escolher...

— Poxa, não custa nada tentar, certo? Garanto que ele vai valorizar se você apresentar ideias criativas e inovadoras, quem sabe até te dê um aumento.

Ele fecha os olhos por um segundo e respira.

— Tudo bem, vou tentar.

— Valeu, *brother!* Sabia que você era um camaradinha dos bons. Volto outro dia, sacou?

Faço um aperto de mão complexo e firme, algo que sempre vejo a atual geração fazendo, e viro as costas para deixar a loja. Ouço ele me chamar antes de eu passar pela porta.

— Está procurando um lugar para tocar?

A frase canta no meu ouvido.

— Claro, por quê?

— Tem um lugar procurando artistas.

— Sério? Onde? — pergunto, imaginando um festival, talvez em um estádio, onde eu possa conseguir contatos importantes.

— Aqui.

Meus olhos piscam.

— Como?

— Aqui.

Olho em volta.

— Na loja? Bem, talvez ajude a vender alguns...

— Não, no shopping.

Eu o encaro. A mágica se desfaz.

— No shopping?

— Eles querem alguém para cantar durante a noite na praça de alimentação, montaram um palco e tudo. Ficou bem maneiro.

Não posso acreditar que ele esteja falando sério.

— Você quer dizer, cantar para uma multidão de mesas e cadeiras, metade delas vazia, a outra metade repleta de gente se empanturrando de *fast-food*; uma parte controlando crianças brigando por batatas fritas,

correndo e derrubando tudo o que encontram pela frente, enquanto a outra conversa sobre as roupas da liquidação ou o enredo dos filmes em cartaz, ou fazendo qualquer outra coisa, menos prestando atenção na música ao vivo?

— Veja bem, Alex...

— Garoto, eu juntava multidões quando você ainda usava fraldas.

— Disse certo, Alex, juntava... Verbo conjugado no passado, porque foi há tempos atrás.

— Seu filho de uma...

— Olha, só quero ajudar...

— Sabe com quem está falando? Eu ganhei um *reality show* e emplaquei três músicas no topo das paradas!

— É uma oportunidade. Mantenha seu orgulho se quiser, mas não acredito que possa escolher muito. É o que todos dizem sobre você.

Ele me dá as costas e volta a trabalhar. Humilhado, deixo a livraria e caminho em direção à saída do shopping. Passo pela praça de alimentação antes. Ela é pequena e a estrutura do palco é vergonhosa.

É o que todos dizem sobre você.

Preciso fazer com que meu mais novo amigo traga aquele contrato de volta.

CAPÍTULO 16

Caminho sozinho pelas ruas feias, cinzentas e sujas. O lugar me parece deprimente agora. Olho em volta e vejo pessoas andando ao meu redor. Todas apressadas, todas agindo como se o mundo ao redor fosse insignificante. Para onde vão aquelas pessoas? Vão para as suas vidas, suas rotinas de acordar cedo, trabalhar de oito a doze horas e voltar para ver televisão em casa antes de dormir. Mais um dia se passa, mais um dia ordinário que parece mais próximo do grande sonho, mas não está. É uma batalha que elas mesmas criaram para si. Por que todos se tornam tão solitários? Eu me encolho enquanto ando, aquilo tudo é entediante. Faço o possível para não pensar mais nos outros. Quero ser diferente, quero ter outro futuro. Tento imaginar o que me espera adiante. Tomei uma decisão e ela não tem volta.

Entro em um bar. Não sei o que fazer primeiro, não sei aonde devo ir, mas tenho certeza de que o álcool vai me ajudar, porque é assim que as coisas têm funcionado. Peço um uísque e o garçom me olha preocupado, talvez estranhando a minha figura ali àquela hora da tarde. Finjo que não noto. Sento-me sozinho e observo que o lugar está deserto e que minha única companhia é o rapaz lavando copos. Assim que tomo a primeira dose, o silêncio se desfaz com a abertura da porta. Vejo um rosto familiar. O homem entra com presa, como se conhecesse o lugar, e cumprimenta o garçom com um aceno. Em seguida, se senta à minha frente sem cerimônia.

— Vai beber algo? — pergunta o atendente.

— O mesmo que ele — o Diabo responde, apontando para o meu copo,

e depois pisca na minha direção.

— Mais uma — eu aproveito o embalo.

O Diabo sorri.

— Eu avisei — ele diz. — Eu iria saber quando você tomasse a decisão.

— Tem razão, eu me decidi.

Ele tira o contrato do bolso do paletó e me entrega.

— Precisa de uma caneta?

— Preciso.

Ele tira uma elegante caneta dourada, que brilha contra meus olhos, e eu me pergunto se ela é de ouro. Provavelmente, ele é o Diabo. Deve ser bacana ser ele, eu imagino. Ter o que quiser, na hora em que quiser, sem dificuldade alguma.

Eu me volto ao papel. É o mesmo contrato de antes, vou até a última folha e vejo meu nome completo na parte inferior. Sem pensar duas vezes, assino na linha.

— Parabéns — ele me diz, recolhendo a folha, como um homem de negócios que acaba de fechar mais um acordo. — Você é meu mais novo parceiro.

— E agora? O que devo fazer?

— Bem, temos um contrato para colocar em prática. Você é um roqueiro, quer fazer sucesso na música, não é isso? Primeiro passo: gravar um novo disco.

— Eu sei, mas simplesmente não consigo.

— O que precisa para conseguir?

— Inspiração.

— Já sei como resolver isso, trabalhei com diversos músicos antes. Um bom produtor deve ser um começo. Com qual você sonha em trabalhar?

— Como assim?

— Diga o nome de um produtor musical que você admira e com quem gostaria de trabalhar. Não é tão difícil. Na maioria das vezes, é assim que funciona. O músico está perdido, não sabe o que fazer, então eu consigo um produtor que lhe dá a direção necessária.

— Posso escolher qualquer um?

— Pode.

— Internacional?

— Eu sou o Diabo, não há fronteiras para mim. O mundo inteiro está

ao meu alcance.

— Bem, tem aquele cara que trabalhou com o Paul McCartney...

— Você pensa grande. Gosto disso. Qual o nome?

— Mark Johnson.

— Ele anda meio ocupado, está produzindo alguns discos, e ainda tem aquela cantora famosa que está enrolando o disco novo faz anos porque tem medo que não venda igual ao anterior... Mas posso encontrar um espaço na agenda dele para você.

— Como isso funciona? Como você pode fazer com que eu conheça um cara que vive do outro lado do mundo, sem parecer estranho, sem parecer que o Diabo está fazendo isso?

— Tenho meus truques. Mexo em algo aqui e lá, conecto as coisas e as pessoas. Faço tudo parecer o acaso, uma simples coincidência da vida. Às vezes, dá trabalho, mas sempre consigo fazer com que aconteça.

— Como vai fazer, nesse caso?

— Primeiro, o e-mail daquele agente, você precisa respondê-lo. Ele vai apresentar uma proposta e contratá-lo. Ele tem amigos em comum com Mark Johnson, vai parecer que tudo foi uma questão de indicação.

Eu tiro meu celular do bolso e acesso meus e-mails.

— O e-mail não está mais na minha caixa de entrada.

— Desculpe. Eu o apaguei quando você disse que ainda não havia decidido se assinava o contrato ou não, para o caso de você amarelar... Tenho que me prevenir. Já resolvo isso.

No mesmo instante, eu volto a receber o e-mail, agora com a data de hoje.

— O que eu respondo?

— O que você quiser. Aja naturalmente, como se nada fosse certo, e tudo vai acabar bem.

— Você é demais mesmo.

— Obrigado. É o que sempre digo, não há motivos para as pessoas recusarem uma parceria comigo. A satisfação é garantida.

CAPÍTULO 17

A secretária me anuncia assim que entro na recepção. O escritório de Jonas Ezra é bonito e elegante, algo que se espera de alguém que gerencia carreiras de sucesso. A mulher sentada atrás da mesa sorri de forma simpática, como se avistasse alguém de quem ela gosta muito, e aquela postura parece estranhamente sincera. Ela me avisa que Jonas já está à minha espera, e, no mesmo momento em que eu me direciono para a porta indicada, ela se abre. É a primeira vez em que vejo aquele homem pessoalmente, embora seu rosto, agora alegre, não seja desconhecido. Jonas Ezra é famoso no meio musical, sempre fotografado ao lado de artistas importantes, a maioria cliente ou desejando ser. Sua imagem é vista com frequência nas colunas sociais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Dizem que, uma hora ou outra, todo músico que faz sucesso no país passa por ele. Eu me sinto confiante, porque sei que, com minha parceria, nada pode dar errado. Ainda assim, é estranho, como se estivesse lidando com zumbis pré-programados. Tudo acontece rápido demais, algo parece fora do lugar.

— Boa tarde, Alex Britto! Que honra tê-lo em meu escritório!

Acanhado, eu estendo a mão, mas ele me puxa para um abraço. Depois, oferece uma cadeira e espera que eu me acomode antes de fazer o mesmo. Inclina-se para frente e estala os dedos enquanto me analisa.

— Já ouvi falar muito de você, claro — ele começa. — Mas confesso que há algum tempo não tenho notícias. Esse é o motivo do meu e-mail, Alex, caso tenha se perguntado — Ele pisca de forma exagerada. Seus movimentos são caricatos demais, como um ator de comédia

despreparado. — Eu sempre digo uma coisa: quando eu não ouço falar de um artista por muito tempo, pode apostar, é porque ele está... descansando demais, podemos dizer assim. Fora do mercado, se me entende. Alguém precisa fazer algo pela carreira dele, e é aí que eu entro. Eu posso ver boas oportunidades, e sua carreira é uma delas. Eu me pergunto o que você tem feito nesses últimos anos, mas, seja lá o que for, parece não ter atraído a atenção do público. Não me leve a mal, eu não o chamei para desmerecê-lo; pelo contrário, estou aqui para ajudá-lo. E, se estou disposto a isso, é porque tenho a mais absoluta certeza de que você é realmente talentoso.

— Bem, eu andei... Realmente, eu tirei um tempo para descansar.

— Isso é bom. Esclarecer a mente, encontrar novas inspirações, ter novas ideias. Mas não deve se estender. Um artista não pode deixar de apresentar novidades.

— Eu venho... Compondo algo.

— Espero que seja coisa boa. Sabe, as rádios hoje... Minha nossa! Elas só tocam merda, e parece sempre a mesma coisa: festa, bebida, sexo. É só o que ouço. Por isso, aposto no rock e procuro um bom artista que possa produzir. O rock nunca morre, é o que dizem. Acredito nisso. Ele sobrevive porque tem conteúdo, mesmo que não se transforme muito. E essa qualidade vem, na maioria das vezes, das letras. É o que diferencia o rock dessa bobagem pop e eletrônica que faz sucesso nas paradas. O rock tem letra de protesto, tem engajamento, tem o desejo de ser levado a sério.

Quando abro a boca para articular uma resposta, Ezra dispara antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Temos que levar o rock de volta às paradas! Nossa parceria é capaz disso. Não sei qual é a sua ideia, mas adoraria ouvir. Claro, tenho muita coisa em mente, mas quero saber sua opinião.

— Tenho composições novas que posso mostrar...

— Sabe de uma coisa? Eu não gosto de ler composições, gosto de escutá-las direto na música. Soa melhor. Escritas, elas parecem uma poesia tola e barata. Tem uma guitarra com você?

Eu penso se devo responder a pergunta, uma vez que entrei na sala com as mãos vazias.

— Não, claro que não — ele conclui, enfim. — Tenho uma aqui. — Ele

se levanta e sai do escritório. Volta pouco depois com uma guitarra escura que parece nova.

— Aqui está o seu brinquedo — ele diz, jogando o instrumento na minha direção.

Passo os dedos pela guitarra. Ezra fixa os olhos em mim e cruza os braços, como um espectador esperando pelo show. É uma cena um pouco bizarra, já que não me lembro da última vez em que encontrei alguém ansioso para me ver tocar. Começo as primeiras notas, mas sou interrompido imediatamente.

— Algo novo, por favor. Não quero nada da sua banda.

Eu fico duplamente surpreso: a rapidez com que ele reconhece minha música antiga, quando mal a comecei, e a minha distração em tocar algo d'Os Estapafúrdios de maneira automática. Então, percebo que aquela música velha surgiu porque, na verdade, eu não tinha nenhuma nova a apresentar.

Ezra continua a me encarar cheio de esperança.

— Olha, na verdade, não estou preparado...

— O que quer dizer? Apenas toque qualquer coisa nova.

— Eu preciso me preparar. Sabe, quando um trabalho é recente, é sempre difícil apresentá-lo pela primeira vez...

Ele parece decepcionado, mas depois sorri.

— Claro, não se preocupe. Estou acostumado a lidar com artistas.

Ele se levanta e tira a guitarra do meu colo.

— Desculpe. Fico tão empolgado com o seu talento, que coloco muita pressão.

Tento encontrar outra posição na cadeira. Não estou acostumado a ter gente puxando meu saco, e aquilo me constrange.

— Alex, eu quero agenciá-lo — afirma Ezra. — Sei que, se me permitir, vou colocar você em contato com os melhores nomes da indústria e vou fazer você brilhar outra vez. Vai arrebentar nas paradas, pode apostar. Eu só preciso de um contrato. Por que não vai para casa e pensa sobre o assunto? Podemos marcar outra reunião assim que desejar.

A sensação de que as coisas estão finalmente dando certo é maravilhosa. Posso sentir o sabor dela.

— Você diz que precisa de um contrato, mas ainda não vi nenhum — respondo. — Não preciso pensar a respeito, vamos assinar logo essa droga.

CAPÍTULO 18

Jonas Ezra me liga dias depois e pergunta se estou disponível para encontrar um produtor. Meu coração dispara quando penso em Mark Johnson, surpreso por ele ter localizado um dos grandes astros do show business em tão pouco tempo.

— Ele está no Rio?

— Claro que sim, por quê?

— Não sei... Ele está trabalhando por aqui? — confesso que fico decepcionado. Não tem muita graça ter um astro da música internacional produzindo seu disco se ele já faz isso para muitas pessoas no mesmo lugar.

— Claro, ele tem muitos clientes aqui!

Fico um pouco desconfiado, mas não penso duas vezes antes de aceitar o convite. Jonas combina um almoço em um restaurante discreto, onde costuma encontrar com seus clientes para tratar de negócios sem a presença de curiosos ou da imprensa. Ele me busca em casa. Não há muitas pessoas quando chegamos ao lugar. Jonas aponta em direção a uma mesa nos fundos, onde um homem está sentado sozinho, de costas para a porta. Logo que nos aproximamos, noto que aquela silhueta é bem diferente do que eu poderia imaginar de Mark Johnson, mesmo que nunca o tenha visto pessoalmente.

— É um prazer enorme, Alex Britto!

Não consigo disfarçar minha decepção. Aquele homem carrancudo, baixinho e com cara de advogado de séries policiais definitivamente não é Mark Johnson, além de falar português perfeitamente e passar longe de

ser um gringo.

— Alex, esse é Nando Montana — me apresenta Ezra. — Montana, não preciso apresentar a nossa estrela, preciso?

Até o nome dele soa como um advogado de segunda linha.

— Claro que não, eu o conheço muito bem.

Jonas oferece lugares à mesa, e nos acomodamos, enquanto eu penso no que fazer. Não há alternativas, então mergulhamos em uma conversa que se estende por frivolidades enquanto eu apenas balanço a cabeça em concordância, nada além disso. Nenhum dos dois homens à minha frente parece perceber meu incômodo, e ambos falam sem parar, como se eu me sentisse à vontade. Montana é aquele tipo de pessoa que não consegue se calar por muito tempo, e que não tem a habilidade de notar o desinteresse alheio, um desleixo que costuma me incomodar bastante.

— Diga-me, Alex, qual é o seu objetivo com o novo disco? — me pergunta Montana.

— Quero mostrar maturidade — respondo, embora a pergunta seja um tanto quanto complicada, e nem eu mesmo saiba exatamente o que quero.

Montana dispara a rir.

— Maturidade? Bem, você já passou dos quarenta, não? Acho que está maduro o suficiente. É como uma banana que já caiu da penca faz tempo!

Odeio quando alguém faz isso; rir da própria piada sem se dar conta de que é o único a fazer isso.

— Não estou falando de idade — respondo. — Falo de musicalidade. Se você trabalha nessa indústria, deveria saber como ela funciona.

Ele para de rir e me olha sério, analisando minhas palavras em busca de uma possível ofensa.

— Eu surgi de um *reality show* — lembro a ele. — As pessoas não levam esse tipo de programa muito a sério. Assistem porque querem algo relaxante e divertido quando chegam do trabalho, mas não esperam ver o vencedor realmente se transformar em astro da música no final da temporada. O público sabe disso. A emissora também. Minha banda não sobreviveu depois que a moda passou, e agora eu estou condenado a isso, a viver à sombra do programa e do grupo. Eu preciso deixar essa imagem

para trás. Tenho que começar do zero. Não é fácil, e justamente por isso preciso de uma boa equipe, não apenas para trabalhar no meu próximo disco, mas também na minha figura. Eu provavelmente não terei outra chance.

Montana absorve cada palavra perplexo.

— Bem, parece que você sabe muito bem o que quer. Ótimo! Dá direção ao nosso trabalho.

— Alex tem razão — concordou Jonas. — Ele precisa mostrar a que veio. Tem que provar à crítica que não foi uma moda, que pode fazer música atemporal.

— Ao público, não à crítica — corrijo.

— Que seja.

— Não quero agradar um bando de velhos sabidões que são pagos para falar mal do trabalho alheio.

— Você tem frases de efeito — diz Montana. — É polêmico. Gosto disso! Sabe o que funciona hoje em dia?

— O quê?

— Rock de protesto.

— Eu disse! — grita Jonas.

— Eu não sei. Parece muito anos oitenta.

— Não importa, ainda soa fresco. Preste atenção: as pessoas adoram mostrar que estão protestando. Não perdem uma oportunidade de criticar o governo, falar que o país está na merda, que os políticos estão roubando, que a economia vai quebrar. A internet está repleta de moralistas compartilhadores de imagens de efeito. acredite em mim: rock de protesto está mais na moda do que nunca.

— Não tenho nenhuma ideia para isso.

— O que tem feito, então, canções românticas? — Montana pergunta com um tom irônico.

— Não exatamente.

— Olha, por que estamos perdendo tempo aqui? — pergunta Jonas. — Por que não vamos ao estúdio? É hora de começar a colocar a mão na massa.

— Tem um estúdio que eu costumo usar aqui perto — conta Montana. — Eles abrem agora, às duas da tarde.

— É isso aí! — diz Jonas, tentando me animar. — Vamos parar de falar

tanto e partir para o que realmente importa: rock!

Eu deixo o restaurante com os dois malucos e me preparo para voltar a trabalhar depois de anos.

CAPÍTULO 19

Volto para casa após horas dentro do estúdio. A primeira coisa que sinto são os meus dedos, que doem, embora a dor seja suportável. Anos sem pegar de verdade em uma guitarra são sentidos de forma dura, e agora eles parecem adormecidos. Sinto minhas cordas vocais trêmulas após cantar tanto. Sirvo uma dose do uísque assim que chego à sala. O Jameson desce ardendo pela garganta, mas, de certa forma, alivia o desgaste. Eu me sento no sofá e me sinto velho, velho demais para o *rock and roll*. Desejo, mais do que nunca, ser um Rolling Stones. Sempre me perguntei como Keith Richards sobrevive depois de tantas décadas, principalmente com toda a química que consome. Quero saber o que Paul McCartney faz para aguentar shows de três horas com quase oitenta anos. Acima de tudo, fico inconformado pelo fato de que eu, na casa dos quarenta, me sinta tão cansado e indisposto, quando sequer comecei uma carreira decente. Talvez eles apenas não pensem sobre isso. Deve ser esse o segredo da longevidade: não se preocupar, não pensar em problemas e parar de criá-los na sua mente quando eles não existem de verdade.

— Onde está você? — eu pergunto.

A sombra se mexe em um canto escuro da sala. Ele veste um terno cinza e seus cabelos continuam devidamente alinhados. O Diabo parece um modelo produzido para uma sessão de fotos e se joga no sofá sem esperar convite, como um amigo íntimo, depois olha para mim de forma impaciente.

— Boa noite.

— Boa noite.

— O que foi dessa vez?

Perceber que não havia sequer um motivo para chamá-lo me deixa envergonhado.

— Acho que você estava com saudades. — Ele ri.

— Na verdade, eu estava me perguntando... Hoje eu conheci um produtor que o Jonas me apresentou, mas ele não era Mark Johnson.

— Acalme-se, as coisas não funcionam dessa maneira.

— Como, então?

— Eu avisei que o Mark estava terrivelmente ocupado por esses dias... Olha, eu sou o Diabo, mas não faço milagres. Isso é coisa de Deus. De qualquer maneira, Mark vai aparecer, não se preocupe, mas ele não vai ter tempo de produzir todo o seu álbum, então você vai precisar trabalhar com mais de um produtor.

— O que ele vai produzir?

— Duas ou três faixas, eu imagino. É o suficiente. Vai trazer credibilidade ao seu disco e vai ajudar a divulgá-lo internacionalmente. O resto não importa. Eu aconselharia você a lançá-las como *single*, mas isso é uma decisão sua e da sua equipe.

— Entendo.

O silêncio paira na sala.

— Não me chamou aqui apenas para isso, certo?

— Eu precisava conversar com alguém.

O silêncio volta e começa a me incomodar.

— Como você faz isso? — pergunto.

— Isso o quê?

— Como é ser o Diabo?

Posso ver que ele está seriamente pensando a respeito, embora não tenha ficado nem um pouco surpreso com a minha curiosidade. Ele dá de ombros.

— É complicado explicar a um humano...

— Tente.

— É ser rebelde.

— Você se rebelou, não é mesmo?

— Era um pouco chato lá em cima. Eu tinha que ficar obedecendo ordens e tudo o mais, e havia aquela pressão para que tudo parecesse

perfeito... Não era para mim. Aqui é mais a minha cara.

— Tem algum amigo?

Noto que ele fica desconfortável pela maneira com que franze a boca.

— Não tenho tempo para essas coisas.

— Deve sentir vontade de conversar com alguém... Sei lá, contar os seus problemas.

— Já tentei, mas isso nunca funciona. Ninguém tem problemas iguais aos meus, ninguém nunca entende. De qualquer maneira, quando se é um líder, quando se está em uma posição de poder que ninguém mais se atreveu a conquistar, é realmente difícil construir relações de confiança.

— Deve ser bastante solitário.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Você tinha amigos quando morava no Céu? — pergunto.

— Alguns, mas eles eram meio falsos... Eu tentei convencer um ou outro a me acompanhar na rebelião, mas ninguém me deu ouvidos. Era aquela devoção... Tive que fazer tudo sozinho, mas valeu a pena. Não me arrependo de nada. Depois que saí de lá, obviamente todos cortaram contato comigo.

— Não poderia ser diferente.

— Ele não permitiria, é claro.

Eu me levanto e caminho outra vez até o barzinho.

— Aceita uma dose?

— Bem, eu não tenho nada melhor para fazer mesmo.

— Nenhuma nova alma a ser conquistada ou batalha para planejar?

— Ah, não. Anda meio parado ultimamente, está um pouco chato.

— E por que será?

— Não sei. Costumo ganhar mais seguidores quando há alguma crise financeira em um país capitalista, ou quando há eleições, e não há sinal de nenhuma das duas coisas em um país realmente populoso agora. Também não fiquei sabendo de nenhum desastre natural ou tragédia de grandes proporções. Quando acontece, geralmente tenho sorte.

— Pensei que as pessoas chamassem mais a Deus nessas horas.

— A maioria, mas alguns sabem que não têm mais salvação, então recorrem a mim.

— Provavelmente poupa tempo.

— Bastante. E, dependendo do desastre, às vezes elas não têm muito. Se

for, por exemplo, um acidente de avião, sabe como é. Poucos segundos para rezar e *bum!* A pessoa precisa pensar rápido. Alguns demoram a decidir em qual lado vão tentar uma ajuda, cada segundo é precioso nesse momento.

Ele me analisa sério, eu finjo não perceber.

— Você parece um pouco triste hoje — afirma.

— Não é nada.

— Não se preocupe. Em breve, sua vida será tão agitada que você não terá tempo de se sentir sozinho.

— Algumas das pessoas mais solitárias são aquelas que estão sempre cercadas.

— Pode ser, mas não será o seu caso, acredite. Você terá tantas mulheres quanto quiser.

Ele se levanta, toma a sua dose e coloca o copo de volta na mesa.

— Os humanos dizem que cabeça vazia é oficina do Diabo. Não é esse o ditado?

— É, sim.

— Bem, não sei o que faz com que eles pensem dessa forma. Pareço um bocado ocioso e malvado desse jeito. Não é verdade. Às vezes, minha oficina também trabalha em cabeças bem ocupadas. De qualquer maneira, aproveite seu tempo livre e tente descansar.

O Diabo desaparece novamente.

CAPÍTULO 20

As sessões no estúdio continuam.

Eu finalmente consigo compor algo após algum tempo. Nada de mais, nada criativo. Apenas mais e mais canções sobre amor e saudade. Não que eu saiba do que estou falando, não sou um especialista, não tenho absolutamente nada a acrescentar sobre um assunto tão batido, mas eu escuto mais e mais discos de rock e parece que não há outro assunto. Em nenhum gênero da música. Não é difícil escrever canções de amor, é um grande clichê. Basta pegar letras de músicas antigas e mudar algo, trocar palavras, inverter a ordem, dizer a mesma coisa de maneira distinta. As pessoas sempre gostam. Os apaixonados vão ouvir e se encantar, não importa o quão repetitivo seja. O amor é cego e, no caso da música, surdo. As canções pop banalizaram tudo a tal ponto que as pessoas se contentam em simplesmente engolir mais do mesmo. E elas repetem. Elas vivem cantarolando as letras no banho ou no carro.

Tento encontrar outras coisas sobre o que escrever. Penso em arriscar, penso em falar sobre as coisas que eu sei; a busca pela arte e o fracasso diante dela, os sonhos que não alcançamos, o medo de não ser bem sucedido e ser julgado por isso, a decepção no olhar das pessoas. Quero escrever sobre o que realmente sinto. Sei, ainda assim, que nada disso interessa a ninguém. A verdade é que não consigo escrever nada que soe verdadeiro. Então, apenas sigo a velha fórmula que, apesar de tão usada, ainda rende muito dinheiro e boas posições nas paradas. É o que o produtor e a gravadora me pedem, e eu preciso trabalhar, preciso comer, preciso pagar as contas. Também escrevo sobre aproveitar a vida e ser

jovem, sobre festas e bebedeiras, sobre ter mulheres em abundância, porque sei que é o que os jovens de hoje querem ouvir, e são eles que busco desesperadamente, na tentativa de soar fresco e agradar a nova geração.

Quando a noite termina, quando o produtor vai embora, e eu permaneço sozinho no estúdio, releio o que escrevi durante o dia. Sonho em escrever letras poéticas como os caras do Legião Urbana, mas as minhas passam longe da decência. Tenho vontade de bater com a cabeça na mesa de mixagem até que ela exploda e eu possa dar um fim à minha vida miserável, que produz qualquer coisa, menos a arte verdadeira.

Entro cansado no apartamento e vou para o banho. A água desce enquanto relembro a conversa de dias atrás. Espero que ele tenha razão. Espero que minha vida mude freneticamente de uma maneira que não sobre tempo para pensar, porque é só o que tenho feito ultimamente.

— Mark Johnson ligou — me informa Ezra, dias depois, pelo telefone, e meu coração dispara. — Ele gostou das *demos* que mandei. Ele vai produzir você, mas têm só alguns dias disponíveis, o que vai dar apenas para...

— Duas ou três músicas — eu completo.

— Exato.

Ele tinha razão. Às vezes, as coisas demoram, mas sob a tutela dele, sempre acabam acontecendo.

— Quando ele vem?

— Na próxima semana. Ainda estaremos trabalhando nas canções com o Montana, mas podemos fazer uma pausa. Ele vai entender. A maioria dos artistas trabalha com vários produtores no mesmo álbum.

— Não estou preocupado com o Montana.

— Não seja tão duro com ele, o homem nos deu boas ideias.

— Eu apenas tenho uma boa sensação a respeito do Johnson. Ele vai dar bons frutos.

— Vamos ser sinceros, Alex: Mark é um cara de renome, ele traz fama e atenção para o seu disco. Foi por isso que fiz tanta questão em trazê-lo.

— Ele produziu Paul McCartney e Amy Winehouse.

— Eu sei quem ele é, mas, nessa indústria, o nome é tudo o que importa.

- E tudo o que não tenho.
- É apenas uma questão de tempo.

Dias se passam até que volto a receber um telefonema de Ezra para me informar que Johnson está finalmente chegando à cidade. Sugiro buscá-lo no aeroporto Tom Jobim, mas Ezra argumenta que ele não está acostumado a viagens tão longas, e provavelmente vai desejar se acomodar e descansar antes de qualquer reunião de trabalho. Combinamos de encontrá-lo no mesmo dia no hotel onde estaria hospedado, em Copacabana. Ezra me busca de táxi, e noto que nunca o vira tão animado, embora, claro, não o conheça há muito tempo.

— Que dia bonito no Rio! — ele diz, abrindo a janela no carro para deixar o ar fresco entrar.

Eu fecho os olhos por um momento. Minha paciência não está para gente excessivamente bem-humorada.

— O que foi? — ele pergunta, notando minha expressão. — Você deveria estar animado, vai se encontrar com Mark Johnson!

— Não sou do tipo que gosta de dias ensolarados.

— Que horas você acordou?

— Não importa.

— Aposto que foi tarde.

— Apenas prefiro a noite.

— Alex, você mora no Rio de Janeiro. Deveria acordar cedo e ir à praia, tomar sol. Há quanto tempo não vai?

— Na última vez em que fiz isso, eu provavelmente ainda não sabia usar uma guitarra.

— E agora sabe?

Eu olho para ele, que ri alto.

— Brincadeirainha.

Eu tinha um agente bastante espirituoso. Excelente.

O táxi diminui a velocidade e entra à direita, deixando a avenida principal e se afastando da orla. O motorista não demora a estacionar. Eu me pergunto quanto deve custar uma diária naquele luxuoso hotel à beira-mar. Ezra paga o táxi com uma gorjeta generosa. Entramos na recepção e aguardo enquanto Ezra conversa com o recepcionista. Ele volta pouco depois e entramos por uma porta, que nos leva a um longo

corredor. Ezra identifica a porta de número indicada e entramos. É uma sala de reuniões. Sentamos em um sofá grande e elegante. Minutos depois, nos levantamos quando ouvimos uma movimentação de passagem. Dois homens entram na sala. Reconheço Mark Johnson imediatamente, embora ele me parecesse bem mais jovem do que eu imaginara. Usa um jeans escuro e um blazer branco, além dos óculos escuros, um velho acessório estratégico do show business. Ele se parece mais com uma estrela do rock do que eu. Ao seu lado, engravatado, eu imagino ser seu segurança. Ezra se apressa e faz os cumprimentos em inglês, e eu me apresento em seguida.

— *Good evening* — eu arrisco, embora não fale nada em inglês desde que Os Estapafúrdios deram algumas entrevistas para a imprensa estrangeira. Essa oportunidade nos fez sonhar com uma carreira internacional, o que agora só me lembra do quanto aquele sonho era bobo e do quanto meu inglês é duvidoso.

CAPÍTULO 21

As sessões com Mark Johnson fluem muito bem. Ele tem habilidade para trabalhar e sabe moldar minhas ideias junto com as dele de uma forma impressionante. Mesmo quando não concordo com ele em algum ponto, a maneira como ele argumenta e me convence de que sua visão sobre o mundo da música faz sentido é impressionante, então não tenho como contrariá-lo. Ele me explica a maneira correta de eu me guiar através das minhas influências. Traz dezenas de discos, todos em vinil, e eu volto para casa com os braços carregados todos os dias, escutando-os como um aluno fazendo o dever de casa. Ele tem o gosto um bocado refinado. Há coisas do The Doors, Led Zeppelin, The Who, Jimi Hendrix, Ramones, Oasis, só os melhores. Ele é um velho fã de rock clássico, que escuta o som direto do disco emborrachado. Ele é dos meus! Mark só me apresenta as obras-primas, músicas que qualquer roqueiro que se preze deve escutar antes de encostar em uma guitarra. Eu levo tudo para casa. Claro que já conhecia a maioria dos discos, mas a maneira com que Mark fala sobre eles faz com que eu os escute de uma maneira diferente, prestando atenção a detalhes que antes passavam despercebidos.

Minhas composições evoluem durante as sessões. Posso ver, durante as releituras, que elas melhoraram bastante, e agora já não falo apenas sobre as mesmas baboseiras de antes. Eu sinto, mais do que nunca, que finalmente tenho alguém que possa me guiar para o bom e velho rock de décadas atrás, quando ainda se fazia música de verdade.

Mark e eu criamos diversas letras – ele como coautor –, mas escolhemos poucas para, de fato, gravar. Trabalhamos em um estúdio diferente,

melhor e mais equipado, porque o dinheiro que ele pode investir é bem mais generoso do que o de Montana. As sessões demoram. Minhas cordas vocais perderam um pouco da habilidade com o passar dos anos, mas sei que posso cantar como nunca com um pouco de treino. Fazemos longos aquecimentos todas as manhãs. Mark me passa exercícios vocais que eu nunca havia imaginado existir. Conta que Michael Jackson trabalhava as cordas vocais por horas antes de começar a gravar, e, inclusive, me mostra áudios das sessões dele disponíveis na internet. Ficamos por horas no estúdio todos os dias, todas as noites, viramos madrugadas adentro e, uma vez ou outra, vemos o sol nascer pela pequena janela na sala de gravação.

Semanas depois, temos uma pilha de CDs *demos* em cima da mesa do estúdio. Cada um corresponde a uma das diversas músicas que gravamos nas últimas semanas. Há várias gravadas com Montana. Mark me ajuda a analisar quais são as melhores e, conseqüentemente, quais eu deveria descartar. Ouço as mesmas músicas diversas vezes, incansavelmente. Algumas parecem terem sido feitas por mim, outras me parecem estranhas, como se eu nunca as tivesse ouvido e não fossem minhas ideias.

— É ridícula — ele diz, sem medo de parecer indelicado, enquanto ouve uma das últimas canções que o Montana me ajudou a produzir e analisa a tradução do português. — É clichê demais. É uma junção de clichês, na verdade. Posso imaginar quais bandas e discos você andava ouvindo quando compôs isso, de tão marcadas que as referências estão. Olhe, tem uma coisa que precisa entender: você pode ter seus ídolos, escutá-los o tempo todo, mas precisa cuidar com as referências. Pode ser influenciado por alguém, mas isso não deve ficar tão óbvio para quem escuta. Soa como cópia, falta de originalidade. Você precisa ter seu próprio estilo.

Aceno com a cabeça em concordância, como uma criança repreendida pelos erros durante a aula.

— Vá para casa e ouça todas essas músicas outra vez — Mark me pede, entregando uma pilha de canções que ele havia selecionado entre o descarte. Era um bocado de trabalho. — Seu disco não deve ter mais do que doze ou catorze faixas. Mais do que isso é exagero. Quero que me diga quais merecem entrar, então vamos discutir juntos suas escolhas. Temos poucos dias de trabalho antes da minha partida. Não me

decepção.

— Tudo bem.

Ele me analisa.

— Escute, é melhor abandonar a cara de decepção — Mark pede. — Sei que é duro descartar músicas que levaram tanto tempo para serem criadas, mas é parte fundamental do processo. Na história da música, muitos dos mais importantes discos tiveram mais de cem faixas gravadas, quando apenas catorze ou quinze entraram na *tracklist*. É um trabalho danado, mas será recompensado. E, se o disco entrar para a história, um dia a gravadora poderá lançar uma edição comemorativa de aniversário, e essas *demos* entrarão como faixas inéditas, pode apostar.

Quando volto ao apartamento, coloco o primeiro CD no aparelho de som para escutar, enquanto preparo algo para o jantar.

— Preciso confessar, você melhorou bastante — ouço a voz rouca vir da sala, do nada. — Quero dizer, não é meu feito, mas melhorou.

— Não é?

— Não, você tem talento natural para a coisa — o Diabo me elogia. — Eu apenas estou dando uma forcinha. Na verdade, aquele seu primeiro disco com a banda... Olha, ainda bem que os *reality shows* estavam na moda...

— Eu estava aprendendo.

— E, de fato, aprendeu. Como vão as gravações?

— Estamos quase no fim.

— Talvez seja hora de lançar o primeiro *single*.

— Mark e eu estamos escolhendo. Ainda precisamos definir a distribuidora.

— Bem, vai ser fácil. Elas ainda não sabem que você voltou a trabalhar, e, com um nome como Mark Johnson como produtor, quando souberem, vai chover propostas.

— Quero esfregar todas na cara do Charles.

— Não seja tão vingativo, ele estava apenas fazendo o que achava melhor para a Spring Records.

— Está defendendo agora? Fui eu quem assinou um contrato com você.

— Não é essa a questão, você precisa entender como as suas motivações funcionam. Isso tudo está acontecendo porque você resolveu selar um

bom acordo comigo, mas só decidiu fazer isso porque foi demitido da Spring Records. Se o Charles tivesse renovado seu contrato, você ainda estaria na mesma situação estagnada de antes.

— Engraçado, eu nunca imaginei que o Diabo teria dom para a psicologia, embora tenho de admitir que o que você fala faz sentido.

— É claro que tenho o dom. Eu lido com pessoas e suas aflições, eu preciso entendê-las. Sou o melhor psicólogo que há.

Ele se levanta do sofá, como uma visita que começa a se entediar.

— Bem, eu só vim checar como você estava. Avise-me quando escolher o primeiro *single*, antes de lançá-lo.

— O que vai fazer?

— Dar a minha benção.

Ficamos em silêncio por um instante. O Diabo me fita com curiosidade.

— Parece que você tem uma dúvida.

— Sim, tem algo que eu queria perguntar.

— Diga.

— Se minha música vai fazer sucesso de qualquer maneira, já que temos um acordo para isso, por que preciso me esforçar tanto para fazer algo bom?

Ele pensa por um instante.

— A resposta é a sua consciência.

— Como assim?

— Você se sentiria bem lançando uma porcaria, apenas porque as pessoas engoliriam qualquer coisa?

— Provavelmente, não.

— Isso mostra que há um artista dentro de você, Alex. Sucesso é apenas uma questão de reação. O que eu posso garantir a você é o quanto você lucrará com o seu trabalho. Agora, com relação à sua arte e o significado intrínseco dela, não há nada que eu possa fazer. Ela depende unicamente de você.

O Diabo me deixa absorver a resposta em silêncio.

— As coisas não são tão fáceis quanto parecem, Alex — ele conclui, depois.

E então, ele vai embora.

CAPÍTULO 22

Ezra me recebe animado pela manhã, com aquele terrível bom humor fora de hora que me incomoda tanto. Assim que entro no seu escritório e me sento, ele joga um jornal no meu colo.

— Parece que a imprensa finalmente lembrou que você existe.

É a página do caderno de artes. Passo os olhos e logo reconheço minha foto no canto inferior. É uma nota considerável.

— Viu o título? — Ezra me pergunta.

"Roqueiro prepara retorno"

"Alex Britto resolveu voltar à música. O cantor e guitarrista, ex-participante do programa Rockstar – o reality show que ele venceu com sua antiga banda, Os Estapafúrdios –, deu os primeiros sinais de retorno. Após lançar dois discos com a banda e um solo, Alex Britto estava, há oito anos, afastado da carreira artística. Agora, ele está de volta aos estúdios cariocas, e, desta vez, com ninguém menos do que Mark Johnson, o famoso produtor britânico. Não se sabe ainda se já existe uma previsão de lançamento ou qual será o título do novo álbum, mas fontes afirmam que Alex quer mostrar o bom e velho rock-and-roll para a garotada dos dias de hoje. O disco, entretanto, não deve demorar. Segundo a fonte, está quase pronto e passa por uma pós-produção."

— Quem escreveu isto? — eu pergunto a Ezra.

— Deve ter o nome em algum lugar na página. Por quê?

— Eles me tratam como se estivessem surpreso com o meu retorno, como se eu fosse uma múmia levantando do sarcófago.

— Ninguém espera uma longa carreira para um ex-participante de *reality show*.

— Quantas vezes você ainda vai repetir isso?

— Juro que parei agora — ele ri.

— Tem ideia de quem é a tal fonte?

— Provavelmente alguém ligado aos estúdios onde vocês gravaram, mas essas notícias se espalham facilmente, não é nada que possamos controlar. De qualquer maneira, é uma publicidade gratuita. É bom que a mídia cause burburinho sobre o seu retorno. Vai ajudar a criar interesse no público.

— Você me chamou aqui só para isso?

— Não, tenho uma boa notícia.

— O que é, agora?

— Você recebeu uma proposta.

— É uma entrevista?

— Não, melhor do que isso. Um contrato.

— Com quem?

— Com a United Brothers Records.

— É uma gravadora?

— Sim.

— É internacional?

— Não, é nacional.

— E por que o nome está em inglês?

— Porque eles pensam que assim fica mais chique, e soaria bobo em português.

— Qual é a proposta?

— Eles entraram em contato comigo assim que souberam que você estava gravando um disco e que eu o gerenciava. Fizeram uma boa oferta. Como o álbum já está quase pronto, eles vão cuidar apenas da divulgação e da distribuição; você não ficará preso a nenhum contrato para os próximos discos e terá todo o suporte que precisa agora. E o melhor: eles são irmãos mesmo e vêm de uma família dona de um conglomerado na imprensa nacional, são proprietários de diversos jornais, revistas, canais de

televisão aberta e a cabo, e portais de notícias. Vai ser uma bela cobertura do lançamento.

— Ou seja, vou fazer parte de um monopólio das comunicações.

— O que ajuda muito. Não adianta querer bancar o politicamente correto nessa indústria. Monopólio só é ruim quando eles não vão com a sua cara; se você é distribuído por eles, só terá vantagens.

— Tudo bem. Assine a droga do contrato, preciso logo desse disco nas lojas.

— Tem outra coisa: precisamos decidir o título do álbum.

— Não pensei sobre isso ainda.

— Você pode apenas escolher o nome de alguma das músicas.

— Não gosto disso, parece que uma faixa é mais importante do que as demais. O disco precisa de um título só dele.

— Temos que registrar, colocar o nome já no contrato.

— Não se preocupe, vou pensar em algo.

Deito no sofá quando chego ao apartamento, estou cansado. Abro a garrafa de uísque e tomo um gole. Preciso pensar sobre o nome, mas nada de inspirador me vem à cabeça.

— Preciso de um título — digo em voz alta, conversando comigo mesmo. — E preciso logo.

Começa a chover lá fora, o vento empurra a janela e a cortina. Detesto quando não consigo ter ideias, quando preciso ser criativo e não consigo. Perdido, olho para o copo por um longo tempo, como se pudesse encontrar a solução dentro dele.

E realmente a encontro. A voz vem à minha cabeça, do nada.

Claro que bebo uísque. Eu sou o Diabo, eu sei aproveitar as boas coisas da vida. Eu dou a minha benção a elas.

Pego um papel e uma caneta e escrevo o primeiro nome que me vem à cabeça. Ele parece extremamente ridículo para mim, como o título de um filme amador.

Então, escuto outra voz.

Eles pensam que em inglês fica mais chique, e soaria bobo em português.

Eu risco e rescrevo.

Blessed Whiskey.

CAPÍTULO 23

Estou dentro do camarim, nervoso. Sentado, sou maquiado, o que faz com que eu me sinta estranho. Pelo espelho, vejo pessoas passando rapidamente atrás de mim, entrando e saindo do quarto, me privando de qualquer privacidade.

— Quer beber algo? — a mulher me pergunta, de repente, enquanto faz uma pausa no meu rosto. — Sabe que pode beber antes, não? Eles deixam álcool para desinibir os entrevistados, o que é bem útil. Só, por favor, não passe da conta, ou eles vão acabar me responsabilizando. Eles pedem que a gente fique de olho nisso.

Localizo rapidamente a bandeja em uma mesa.

— O que você tem?

— Apenas cerveja e vinho. Se você está realmente nervoso, recomendo uma ou duas taças de vinho. A cerveja é bem fraca, quase não tem álcool.

— Uísque?

— Claro que não. Eles querem desinibir os convidados, não embebedá-los.

— Vinho, então.

— Pode se servir.

Olho para ela, que me ignora. Tenho saudades da época em que era tratado como um verdadeiro artista.

Levanto e sirvo uma taça até a boca. Ela me olha impressionada. Dou um longo gole. Vinho não é minha bebida preferida, mas posso me acostumar com ele.

— Vá com calma.

— Não se preocupe, querida, sou forte. Além disso, sou um roqueiro. Ninguém vai se surpreender se eu falar besteira e parecer bêbado.

Ela dá de ombros.

— Você quem sabe, só espero que eles se lembrem de que eu sou apenas a maquiadora. De qualquer forma, eu não posso demorar muito. Tenho que maquiar o outro convidado.

— Quem é o outro convidado?

— Você não ficou sabendo? Estão falando dele o dia inteiro.

— Pensei que falariam apenas de mim hoje. Não gosto de dividir a atenção.

— Bem, estão falando de você também, mas ele é um candidato a Deputado Federal, então se espera que a entrevista tenha um pico de audiência. É o Pastor Marlus Evaristo, você o conhece, não? Daquela igreja que aparece uma filial em toda esquina... Dizem que ele tem grandes chances de vencer as eleições. Agora que está em campanha, vive dizendo besteira por aí e causando polêmica... Quero só ver o que vai ser da entrevista de hoje.

— Bem, eu não o conheço e nem desejo conhecê-lo. Detesto religião e política... As duas coisas juntas, então, é um pesadelo.

Ela me olha, preocupada.

— O que foi? — pergunto.

— Acho que tenho uma má notícia para você, então.

— Lá vem.

— Acontece que, aqui na emissora, nós não temos camarins individuais.

— Você quer dizer que...

— Sim, vocês vão ter que dividi-lo. E ele deve chegar a qualquer momento.

— Não posso acreditar. Vocês não vão nem me dar um camarim exclusivo?

— Sinto muito, nunca fazemos isso.

— Mas que emissora de quinta categoria! Meu agente vai ter que se responsabilizar por isso. Camarim individual era uma exigência minha.

Minutos se passam. Ela continua me maquiando, até que alguém bate na porta. A assistente do programa aparece.

— Posso trazer o outro convidado para a maquiagem? — ela pergunta à maquiadora.

— Pode, sim, já terminei com o Alex.

— Alex Britto para você.

Ela me olha torto, termina de passar o pó de arroz e então vai até a próxima cadeira, ajeitando-a.

— Pode mandá-lo entrar.

A assistente abre a porta e um homem entra. É um jovem, provavelmente mais novo do que eu, alguém que eu jamais pensaria ser um líder religioso.

— Pode se sentar aqui, pastor — diz a maquiadora.

— Desculpe-me pela demora, amorzinho — ele diz, caminhando em direção à cadeira. — Meu helicóptero demorou a encontrar um heliporto.

— Não se preocupe.

— Perdão, e esse, quem é? — ele pergunta, quando me nota na cadeira ao lado.

— O senhor deve conhecer o Alex Britto.

Ele levanta a sobrancelha, impressionado.

— Ah, claro. De nome, sim. Não é você o vocalista daquela banda que acabou... Qual era mesmo o nome?

— Sim, sou eu mesmo — respondo.

Ele se aproxima e aperta minha mão.

— Eu costumava ouvir muito o disco de vocês — ele continua. — O primeiro era muito bom. Depois... Bem, hoje eu obviamente não escuto mais. Encontrei Jesus e larguei as músicas do mundo... Só escuto louvores. Nada contra, claro, mas não é bem a Jesus que o rock costuma louvar, não é mesmo?

Eu o encaro por um instante, mas ele parece falar sério.

— E se a música que você escuta não é do mundo, é feita onde? No Céu? Em Marte, talvez?

Ele fica boquiaberto.

— Você já terminou aqui, querida? — digo, me dirigindo à maquiadora e ignorando-o.

— Já, sim.

— Bem, então, com licença. Não sou obrigado a ouvir isso.

Levanto-me da cadeira e caminho até a porta, olho para trás e encaro o pastor uma última vez.

— O meu voto você não tem, pastor, pode apostar.

Saio da sala sem dizer mais nada. Encontro a assistente no corredor.

— Está pronto? — ela me pergunta. — Já vai começar.

Ela me indica o caminho. Faz muito tempo desde que eu apareci na televisão pela última vez. Nenhum canal se mostrou interessado em me entrevistar sobre o meu disco ou a minha vida desde que a banda acabou, como se eu só fosse importante acompanhado. Eu havia me acostumado com as câmeras durante o *reality show*, mas os longos anos desde então fazem com que eu me sinta um estreante.

— Aguarde aqui — ela pede, indicando um espaço perto da porta que dá acesso ao set. — Quando entrarmos no ar, ele vai fazer as apresentações e anunciar seu nome. Só depois você entra.

As luzes começam a se apagar no estúdio. O apresentador do *talk show* termina de conversar com o diretor em um canto e logo caminha até a sua cadeira, atrás da mesa principal, no centro. Ele é um comediante que ficou famoso quando jovem graças ao *stand up*, e ganhou um programa muitos anos atrás, visivelmente inspirado na grade americana, quando já não tinha mais fôlego e criatividade para os espetáculos e a bilheteria decaía na medida em que suas piadas perdiam a graça. Hoje, ele consegue soar engraçado com a previsibilidade da televisão, onde um time de roteiristas escreve e testa as piadas previamente. Há um longo e confortável sofá ao seu lado. Um assistente se posiciona entre o apresentador e a câmera, estendendo uma claquete. O diretor dá o sinal e todos ficam em silêncio.

— No ar em três, dois, um! — ele grita.

A câmera central foca no apresentador.

— Boa noite, pessoal! Eu sou Brian Mendes, e esse é o *The Mendes Show*!

A plateia grita em cumprimento, e Mendes espera que eles fiquem em silêncio outra vez.

— Hoje receberemos dois convidados, e que convidados! Temos a presença do Pastor Marlus Evaristo, que falará sobre a sua candidatura às eleições deste ano. O Pastor prometeu esclarecer as suas recentes declarações polêmicas, o que deve mesmo fazer, afinal, agora ele precisa de votos! — a plateia ri e Mendes continua. — Mas, para começar, temos outro entrevistado, que não poderia ser mais diferente. Ele é o ex-vocalista

da banda Os Estapafúrdios e agora prepara o seu segundo disco solo. Vem pra cá, Alex Britto!

As cortinas sobem e a assistente me dá um leve empurrão, como se eu fosse incapaz de perceber sozinho o momento da entrada. Chego ao palco, e Brian Mendes me cumprimenta de forma exageradamente empolgada. Ele sussurra algo no meu ouvido, que não consigo entender, e volta a sorrir assim que seu rosto vira em direção à câmera.

— Alex Britto! É uma honra recebê-lo aqui pela primeira vez.

Ouçó alguém falar algo no ponto do ouvido de Mendes. Ele se senta atrás da mesa e eu ocupo meu lugar no sofá.

— Obrigado — digo, devagar, tentando não gaguejar. — O prazer é meu, mas é a segunda vez.

— Segunda? Oh, Deus! Estou ficando velho! — Ele ri, constrangido. — Desculpe, Alex. Fiquei tão emocionado com a sua presença que pensei vê-lo pela primeira vez.

— A primeira foi com a banda.

— Bem, talvez seja isso, então. Olha, agora que você já percebeu que eu estou ficando gagá e não me lembro de nada, me perdoe se eu fizer as mesmas perguntas.

A plateia ri.

— Você não vai fazer — afirmo.

— Desculpe? — ele me encara, surpreso.

— Bem, a produção me entregou hoje o roteiro de perguntas para a entrevista, e não vi nada que você tenha me questionado da última vez.

Incomodado, Mendes dá um sorriso sem graça em direção à câmera. Vejo a diretora do programa, que está ao lado. Embora ela não possa dizer nada porque estamos ao vivo, me fuzila com o olhar por eu ter revelado um velho truque dos bastidores. Escuto uma voz sussurrar algo no ponto dele. Duas gafes haviam sido cometidas e nós sequer havíamos passado dos três primeiros minutos da entrevista.

CAPÍTULO 24

— Vamos começar pelo começo — Mendes muda de assunto estrategicamente. — Você está retornando à carreira solo, mas eu quero voltar um pouco no tempo e fazer a pergunta que, tenho certeza, muita gente se fez e ainda está se fazendo: por que a banda Os Estapafúrdios acabou?

Eu me ajeito no sofá.

— Bem, Mendes, sabe como é, essas bandas de *reality show* nunca duram muito.

A plateia ri, embora aquela não tenha sido minha intenção.

— Você me parece bastante conformado — Mendes conclui.

— E estou. Sigo melhor sozinho.

— Artistas de *reality show* não são feitos para durar, você diz?

— Não, a grande preocupação é o desempenho do programa.

— Temos aqui um ex-participante que se diz bastante insatisfeito. — Mendes afirma para a câmera. — Ainda bem que o programa não era da nossa emissora, certo?

O público explode em gargalhadas.

— Bem, Alex, conte-nos: se esses programas não funcionam, por que participou de um?

Eles riem novamente. Finjo não perceber a ironia na pergunta. Brian Mendes era muito conhecido por deixar seus entrevistados constrangidos diante da sinceridade e do sarcasmo, mas eu havia me preparado.

— Você pode imaginar, não? Eu era um jovem tolo e sonhador.

— Faz pouco mais de dez anos que o programa foi ao ar, você está

beirando os quarenta, não era assim tão jovem.

O público adora quando apresentador e entrevistado se alfinetam, e o programa sabe disso. É uma questão de ritmo para a televisão. Eu preciso esperar para poder voltar a falar graças ao barulho, mas mantenho a calma.

— Poxa, Mendes, você tem que entender; com todas as substâncias que nós, roqueiros, ingerimos, a mente nos engana e continua a dizer que somos adolescentes. Eu nem sabia a minha idade direito. Obrigado por me informar.

Mendes fica sério, cogitando as consequências do comentário, mas ri quando percebe que a plateia reagiu bem.

— Todo mundo gostaria de ser um eterno adolescente... — ele continua.

— Esse é o problema, pensávamos e agíamos como tal. Imagine um bando de rapazes que sempre sonharam em criar uma banda e tocar pelo mundo, então aparece a oportunidade de fazer parte de um programa que prometia criar um ídolo. O que você faria?

— Eu criaria uma banda para desmontá-la depois.

A plateia explode. O deboche começa a me incomodar.

— O problema, Brian, é que esse tipo de programa mexe com os sonhos de muitas pessoas, enquanto, na verdade, busca unicamente a audiência.

— Temos *reality shows* na grade da nossa emissora, e posso dizer... — Mendes dá de ombros — os participantes costumam sair felizes daqui. Não ouço reclamações. Será que não era uma insatisfação sua? Para falar bem a verdade, é a primeira vez que eu vejo um ganhador reclamando.

— Então, você pode ver que as coisas não são o que aparentam. Nenhum canal faz questão de reproduzir este tipo de declaração.

— Você fala por si, me parece.

Quando tento responder, Mendes dispara a falar antes que eu diga qualquer coisa.

— Entretanto, Alex, você fugiu da minha pergunta. Afinal de contas, por que a banda acabou?

— Interesses divergentes. Chegou uma hora em que cada um queria algo diferente.

— Resposta clássica.

— Pergunta óbvia.

Mendes força um riso.

— Você não foi o primeiro a sair, verdade?

— Não, foi o Sebastian. Ele não aguentou a pressão.

— Que pressão?

— A pressão que uma banda sempre sofre nessas condições. Primeiro, para ganhar um programa; depois, para fazer sucesso; por fim, para mantê-lo no mesmo nível, para então vender cada vez mais. O desespero bate quando se percebe que os discos já não vendem tanto, que as rádios não tocam mais nossa música...

— Quando você percebeu que era a hora certa de abandonar o barco?

— Quando ele começou a afundar, e nadar sozinho pareceu a melhor saída.

— Você estava certo, embora, deva admitir, não tenha vendido discos como a banda.

— Não estou preocupado com vendas, Mendes. Eu quero apenas fazer rock como antigamente e sei que tem gente disposta a ouvir.

— Mas vender é preciso.

— Tem razão. E a banda vendeu muito, mais de meio milhão de discos, mas eu não posso viver tentando ultrapassar esses números. Não preciso. Não dá para competir com o que realmente vende bem hoje em dia. DJs, a música pop, as *boybands*. O rock nunca será pop.

— Temos, então, seu primeiro disco. Bem, ele não vendeu tão bem quanto a banda, mas vendeu. No entanto, você ficou muitos anos sem gravar nada, e houve, inclusive, uma mudança de gravadora agora. O que aconteceu?

— Nada.

— Como, nada?

— É necessário. Um artista não pode ficar tanto tempo em evidência. As pessoas precisam descansar da imagem dele. Entre o programa, o lançamento da banda e a carreira solo, poucos anos se passaram. Eu andei entre estúdios e turnês durante todo o tempo e não tive tempo para descansar. Não havia folgas, não havia vida pessoal. Perdi uma namorada por conta disso. Depois de tudo aquilo, eu precisava de tempo para repor as energias e encontrar temas sobre os quais eu pudesse compor. É difícil

escrever canções quando se está preso à rotina. É preciso parar, pensar e reencontrar a sua motivação.

Ouçõ aplausos vindos da plateia.

— Agora, chega de falar do passado — corta Mendes. — Sobre o novo álbum, o que o público pode esperar?

— O rock dos bons tempos. Não há muito que explicar, é um disco de rock. É um velho roqueiro mostrando a que veio. Espero que as pessoas gostem.

— E quando sai?

— No próximo mês.

— Já havia anunciado a data?

— Ainda não.

— Em primeira mão, então! — Mendes olha para a câmara. — O novo disco de Alex Britto... Qual é o nome?

— *Blessed Whiskey*.

— O disco *Blessed Whiskey* chega às lojas já no próximo mês! Por essa vocês não esperavam! E o primeiro *single*, quando sai?

— Essa semana.

— Essa semana! Uau! Fiquem ligados no nosso site para saber as novidades. Infelizmente, nossa entrevista termina por aqui. Volte quando o disco sair e cante algo para a gente, Alex.

O público parece desanimado, o que me deixa contente. Mendes se volta para a câmara:

— Fiquem com a gente, o pastor mais polêmico da atualidade vem aí! Logo depois dos comerciais!

A assistente me chama no canto do estúdio. Meus quinze minutos de fama haviam voltado.

CAPÍTULO 25

Acordo na manhã seguinte e parece um dia normal. O sol está alto lá fora, então já deve ser quase meio-dia. Levanto da cama, vou ao banheiro, mijo, lavo o rosto. Volto para a cama, percebo que ainda estou pelado e coloco uma bermuda. Então, checo meu celular e descubro que estava enganado. Não é um dia normal.

Quarenta e seis ligações. Cento e doze mensagens de texto.

Definitivamente, são outros tempos.

Tento me lembrar de quando foi a última vez em que vi a tela do meu aparelho com tantas notificações. Fazia tanto tempo que eu não recebia ligações, que eu precisaria de um instante para me lembrar de qual era meu *ringtone*, provavelmente uma das minhas músicas antigas. Dou uma rápida olhada nos remetentes das mensagens, sem saber qual abrir primeiro. A maioria vem de pessoas que eu não vejo e não tenho contato há muito tempo. O que elas querem? Por que me procuram? Então, eu me lembro: a entrevista. O programa foi ao ar de madrugada, quase uma hora da manhã. Há ligações de Ezra e uma mensagem urgente pedindo que eu retorne. Não sei o que responder aos outros. Estão curiosos a respeito da entrevista e do meu retorno à música, então decido que provavelmente o melhor a fazer é ligar para meu agente, que é quem supostamente cuida da minha carreira, e que deve me dar um panorama da situação.

— Alô? — digo, sonolento.

— Alex? Por onde andou? Estou ligando para você desde ontem.

— Qual é o problema?

- Você acompanhou as notícias?
- Acabei de acordar.
- Estão falando da entrevista em todo lugar.
- Recebi uma porção de mensagens, isso só acontece quando a gente fica famoso.
- Ótimo. De qualquer maneira, acho que a repercussão pode se tornar positiva.
- Pode se tornar? Como assim?
- É melhor você ler.
- Onde? Jornais? Internet?
- Todo lugar.

Peço que ele espere na linha enquanto abro a porta de casa. De cueca, pego o jornal rapidamente para não ser notado pelo casal de idosos do apartamento da frente, que anda cada vez mais incomodado com a perturbação que minha rotina causa à tranquila vida familiar do condomínio. Olho a primeira página e não demoro a encontrar meu nome na chamada do topo. Vou até a sessão indicada.

"Como retornar ao rock"

"Hiatos no mundo da música são mais comuns do que os fãs gostariam, mas os nomes por trás do marketing no show business são unânimes em afirmar: sumir é saudável a qualquer artista. Após o lançamento de um disco, uma intensa divulgação e uma provável turnê com as novas canções, todo músico deve deixar os holofotes. Enquanto isso, o público e a mídia ganham tempo para, talvez, sentir saudades. Na noite de ontem, Alex Britto, ex-Estapafúrdios, deu início ao seu retorno à música com uma entrevista reveladora ao programa The Mendes Show. Entre as diversas perguntas, Britto foi questionado sobre as razões para sua banda ter terminado e, em resposta, acusou os reality shows de ganância pela audiência e descuido com a carreira dos participantes. A declaração causou polêmica e não repercutiu bem no mundo televisivo. Procurado pela nossa redação, a assessoria de imprensa da Select, a emissora responsável pelo programa, não quis se pronunciar, mas disse que já contactou seus advogados a fim de tomar as medidas cabíveis.

"A entrevista seguiu em tom de duelo, talvez em parte pelo desejo de vingança de Mendes, que foi constrangido logo no início, quando o convidado confessou ter lido previamente o roteiro com as perguntas que seriam feitas. É um artifício comum no mundo artístico, mas raramente confessado ao vivo. Mendes ignorou a gafe, mudou de assunto e seguiu disparando perguntas repletas de ironia, muitas vezes cheias de armadilhas. Será que essas perguntas estavam no tal roteiro? Provavelmente, não. Alex Britto ainda releva, no final, que perdeu uma namorada graças à pressão que a carreira musical lhe impôs. Na internet, a exibição do programa repercutiu e causou discussões a respeito dos limites entre a vida pessoal e a carreira artística, e muitos se perguntam se cantores como Alex Britto são artistas autênticos ou "fabricados" por produtores e emissoras que apenas visam os lucros. O nome do cantor ganhou destaque nas redes sociais, onde apareceu no Top 10 entre os termos mais comentados durante a madrugada. Com nomes como Mark Johnson envolvidos no projeto, resta saber se o próximo disco do guitarrista, intitulado Blessed Whiskey, fará jus ao burburinho que vem causando antes mesmo do lançamento.

A reportagem termina e eu jogo o jornal na parede.

CAPÍTULO 26

— Ainda está aí? — pergunto a Ezra pelo telefone. — Acabei de ler a matéria no jornal. É bem grande.

— Eu notei, pelo tempo que você demorou a voltar.

— O que você acha?

— Bem, o que você disse na entrevista não é novidade, principalmente para as pessoas do meio. Mas você sabe como é o público da internet, não? Eles adoram uma polêmica, não importa qual. Você apenas revelou o que ninguém tem coragem de declarar em frente às câmeras, mas isso já é o suficiente para a mídia ajudar a criar caso. Devo acrescentar que o clima de disputa entre Mendes e você também favoreceu um pouco.

— Eu não criei clima algum.

— O seu comentário sobre o roteiro criou. Ele quis provar que não havia um script, e, claro, aproveitou para humilhar você. Mas não se preocupe, Mendes sempre desprezou astros da música porque nunca conseguiu fazer turnês tão lucrativas com o seu *stand up*, então não leve para o lado pessoal.

— O que mais falaram na internet?

— A maioria dos artigos mantém o clima polêmico. A opinião do público está dividida; alguns aplaudem você como uma espécie de roqueiro sincero remanescente, que fala apenas a verdade e não se importa com o que os outros pensam. Isso é ótimo, já que passa uma imagem de autenticidade. Outros, entretanto, estão apontando você como uma subcelebridade desesperada para chamar a atenção e que dá declarações polêmicas para virar manchete de jornal, o que não é tão

bom...

— E agora?

— E-mails estão chegando à minha caixa postal. A maioria solicita informações sobre o disco e agendamento de entrevistas.

— Ótimo! Eles estão ficando interessados. Agende todas as entrevistas que puder, mas sem parecer desesperado.

A chamada termina e ligo a cafeteira. Minha mente viaja rapidamente, tenho muita informação para processar de uma vez só e nunca fui bom nisso. Um pouco de cafeína deve ajudar. Quando levo a jarra até a mesa, tomo um susto: há alguém sentado na outra ponta.

— O meu sem açúcar, por favor — pede o Diabo. — Cortei da minha dieta, faz mal para as artérias.

— Você faz dieta?

— Claro que não, imbecil. Estou apenas gozando os humanos. Só vocês precisam disso.

Ele ri alto da própria piada.

— Qual é, foi engraçado — ele insiste. — Vocês têm umas manias estranhas; estão sempre descobrindo informações novas sobre alimentos que existem há milênios. Eu acho isso bem divertido, para falar a verdade. Enfim, o que manda? Quais são as boas novas?

— Não sei, foi você quem resolveu aparecer desta vez.

— Tenho que acompanhar as coisas, sabe? Ver como tudo está andando.

— Tem essa entrevista que dei ontem, mas você certamente já sabe sobre ela.

— Sim, e também já ouvi a conversa com o seu empresário. Não falei que ele era bom?

— Ele está fazendo o trabalho dele.

— Agora é a hora, lance sua música!

— Por quê?

— A polêmica. Seu nome está na mídia. Se tiver oportunidade de dar mais entrevistas e causar mais controvérsia, não pense duas vezes. Sempre ajuda. Lance seu *single* agora, ou as pessoas vão começar a esquecê-lo outra vez.

— Acabamos de finalizar as gravações.

— Escolha uma boa música que esteja bem acabada e lance. Não perca

tempo! Ele é fundamental nesse meio.

O Capeta toma o café em um gole, coloca a xícara suja na pia e some em um piscar de olhos.

Pego o telefone outra vez.

— O que foi agora? — pergunta Ezra.

— Precisamos lançar a música logo.

— Qual é o problema?

— É melhor não esperar mais. Marque uma data com a gravadora, faça a capa, divulgue para a imprensa.

— Você fala como se tivesse um pressentimento, ou algo assim...

— Não sei se é a palavra certa. Podemos dizer que eu tenho um anjo da guarda conselheiro, ele me dá sugestões quando preciso.

— Ah, Deus. Detesto quando vocês, artistas, querem flertar com a espiritualidade. Daqui a pouco você entra para o Cabala, como a Madonna, ou decide visitar gurus na Índia e virar hippie, igual aos Beatles...

— Eu poderia largar o rock para cantar música gospel, como o Elvis. Pense bem.

Ezra desliga o telefone em seguida, antes que eu tenha tempo de discutir aquela possibilidade.

CAPÍTULO 27

Passo os dias seguintes observando os comentários na mídia envolvendo meu nome enquanto me escondo no estúdio para ouvir as diversas *demos* gravadas para o disco. Tento escolher o primeiro *single*. Parece uma tarefa fácil, mas não é. Mark Johnson foi à Europa, e eu sigo apenas com a produção do Montana, mas confesso que a ausência faz com que eu me sinta perdido. Gostaria de escolher o *single* sozinho, mas não posso. Preciso da opinião do produtor e da aprovação da gravadora, que provavelmente fará testes de audição com o público, um exercício que me dá frio na barriga só de imaginá-lo. Pergunto-me como os executivos da gravadora devem escolher meu público-alvo desta vez. No estúdio, minha mesa tem CDs com todas as *demos* que devem entrar no disco. Montana e eu colocamos para tocar uma por uma, ouvindo e discutindo todos os detalhes, desde a sonoridade até a letra. Fica óbvio que algumas músicas não têm perfil de *single*, já que, embora funcionem muito bem como parte criativa do disco, não são nada radiofônicas.

— Eu estava pensando nesta — digo a Montana, alcançando-lhe uma *demo* com uma guitarra pesada e uma letra sobre arrependimento, que eu canto suavemente.

Ele coloca para tocar, embora eu tenha certeza de que ele já a conheça de outras sessões. É uma das que trabalhei com Mark. Ele logo balança a cabeça negativamente.

— É uma ótima música, Alex, é mesmo. Mas ninguém vai querer tocá-la nas rádios. Ela é pesada demais, tanto a guitarra quanto a letra. Ninguém quer algo tão rebelde tocando no caminho do trabalho.

— Dane-se a rádio. Ela é boa. As pessoas vão perceber e ela vai fazer sucesso. A voz calma dá uma amenizada.

— Eu sei que é boa, meu caro! — Ele coloca a mão no meu ombro e aperta, tentando consolar, um gesto que geralmente me irrita. — Mas não vai funcionar. Não é porque você cantou como um *viadinho* tomando chá de camomila que ela fica leve.

— Por que você não pega logo a canção mais pop do disco e manda para as emissoras?

— Costuma funcionar, e confesso que, justamente por isso, pensei muito nesta.

Ele tira da pilha um disco com uma *demo* que eu conhecia muito bem. A letra é de um dos compositores contratados com quem Montana costuma trabalhar, e não minha, embora eu também levasse crédito.

— Montana, eu aceitei gravar isso, mas para ser sincero, a letra é tão genérica que parece feita para uma *boyband*.

— E sabe por quê?

— Por quê?

— Porque é o que as pessoas querem ouvir hoje em dia; letras sobre amor, pessoas apaixonadas, mensagens positivas.

— As rádios já estão cheias disso.

— Porque é o que as pessoas gostam! É isso o que estou dizendo!

— É uma música chiclete. Eu mesmo cansei do ritmo repetitivo ainda quando estava gravando.

— Você deveria dar uma chance.

— Quem sabe, esta.

Aponto outro disco com uma faixa de Mark, que eu sabia, Montana não havia encontrado defeitos para citar. Era uma excelente música, e, embora ele não tenha feito elogios, pude perceber pelo silêncio que ele havia gostado.

— Eu não sei, Alex.

— A letra é poderosa. Não é uma canção de amor, e os acordes vibram. Montana dá de ombros, vencido.

— A escolha é sua. Mostre à gravadora e descubra o que eles acham.

— Vou fazer isso.

Deixo o estúdio com o a *demo* que devo encaminhar aos executivos.

Torço para que ela seja aceita e faço questão de enviar junto uma carta explicando os motivos. Volto para casa e tento pensar em outra coisa que não seja trabalho, mas não consigo.

Decido comer algo na padaria da esquina. Coloco meus óculos escuros e um boné, porque é o que os roqueiros fazem quando não querem ser incomodados por pessoas comuns com assuntos medíocres das suas vidas anônimas. Ainda assim, vejo olhares na minha direção assim que entro e me dirijo ao balcão para fazer o pedido. Não entendo o motivo, já que moro ali perto e frequento aquele lugar diariamente. Deve ser a entrevista. Espero enquanto uma senhora decide quantos pães são suficientes para alimentar sua família no café da tarde. Ela demora a escolher entre cinco ou oito pães, o que começa a me irritar e me leva a uma reflexão incômoda sobre como nós, artistas – mesmo com todo o glamour de hotéis, entrevistas e programas de televisão – ainda perdemos tempo e ficamos presos a uma convivência social desnecessária com pessoas normais. Ela decide levar oito pães, e chega a minha vez. Peço um *tiramisù*, porque sou um artista e não posso comer algo com um nome tão simples, como coxinha, que é o que as pessoas comuns comem. Pego também um café *mocaccino* e me sento em uma das mesas do lado de fora.

— Com licença, senhor — pede uma moça, se aproximando.

Ela é gostosa. Tem uma cintura fina e pernas grossas, e Deus sabe como eu gosto de mulheres de cintura fina e pernas grossas, porque Ele sabe quanto tempo eu costumo passar brincando entre elas quando tenho a oportunidade.

— Pois não?

— Eu gostaria de um autógrafo.

Tento não parecer surpreso e, na verdade, não deveria estar.

— Tem papel e caneta?

— Na verdade, não.

Ela espera que eu resolva o problema, o que me parece um absurdo, já que deveria ser um encargo dela, uma vez que é dela a oportunidade de ganhar o autógrafo de um astro do rock, que ela poderá guardar para mostrar aos netos um dia, se não resolver vender em um leilão para pagar as prestações atrasadas da casa. Então, como bom cavalheiro que sou, me

levanto, pego caneta e papel no balcão e volto. Assino meu nome no guardanapo, algo que não faço há muito tempo, e entrego a ela.

— Uma *selfie*, pode ser também?

Ela abre a câmera do celular, se coloca ao meu lado e aponta o aparelho na nossa direção. Vejo pela tela que estou sério. Penso em sorrir, mas abandono a ideia, porque sei que roqueiros de verdade precisam manter a pose de mau e não devem mostrar os dentes.

— Obrigado — ela agradece.

— Vai fazer algo agora? — pergunto, sem que possa me segurar.

— Nada de mais, por quê?

— Moro aqui perto.

A garota é jovem, não passou dos vinte e dois anos, e provavelmente nunca imaginou conhecer o apartamento de um roqueiro famoso. Eu estou dando a ela uma oportunidade única na vida.

CAPÍTULO 28

— Que belo apartamento — ela diz.

Olho em volta, tentando descobrir o que ela pode ter visto de belo.

— Eu diria a você para não reparar na bagunça, mas...

— Não se preocupe, já estou acostumada.

— A conhecer apartamento de músicos?

— Não, de homens...

— Ah...

Ofereço a ela uma bebida.

— Um vinho, pode ser.

— Desculpe, só tenho uísque.

— Tudo bem.

Sirvo uma dose para ela e outra para mim.

— Gosto das suas músicas — ela diz, depois de bebericar.

— Verdade? — pergunto, surpreso.

— Sim, eu tenho um disco da banda.

— Entendi.

Sempre fico decepcionado quando as pessoas demonstram mais interesse pela banda do que por minha carreira solo, mas é a vida, e eu não podia fazer nada quanto a isso.

— Eu sabia aquela letra de cor... — ela continua. — Qual era mesmo o nome da música?

Ela me olha, esperando pela resposta.

— Sabe, contando os dois discos, tenho pelo menos umas trinta músicas com a banda... Não posso adivinhar...

— Aquela, que tem aquela frase...: *você vai correr...* Como é mesmo? *Você vai correr atrás de mim como se eu fosse o último homem na terra.*

Ela estava se referindo ao nosso maior *hit*. As pessoas são previsíveis, eu deveria ter imaginado.

— A música se chama O Último Homem na Terra.

— Claro! Como pude esquecer? Era o refrão. Eu sabia cantar todinha, decorei num instantinho.

— A letra era fácil de fixar na cabeça. Fui eu quem compôs, pensei nisso quando estava escrevendo.

— Foi você mesmo? Que legal! Pensei que só cantava. Sabe como é, tem muitos cantores que só cantam letras que outros compõem.

— Não gosto disso, é horrível. Eu não sairia por aí cantando frases que não tenha escrito. Prefiro que seja algo que eu realmente diria.

— Que ótimo! Acho que isso faz de você um artista original.

— Talvez.

— Aquela música tocava direto na rádio quando eu era mais nova... Caramba, era tipo, uma vez a cada meia hora, pelo menos.

— Sim, ganhei uma grana com os direitos autorais dela... Para falar a verdade, parte da minha renda, até hoje, vem apenas dela e de outras duas ou três músicas.

— Eu imagino. E teve aquele comercial...

— Sim, do refrigerante. Ganhamos ainda mais dinheiro quando eles usaram a música, ajudou a popularizar.

— E a novela, com aquela outra música?

— *Na Estrada*. Trilha de novela sempre ajuda a emplacar.

— Puxa, deve ter sido incrível viver tudo aquilo.

Respiro fundo, enquanto tento lidar com as lembranças que a garota traz à tona.

— Foi, sim.

Ela sorri enquanto me olha, em silêncio, sua mente mergulhando no meu mundo supostamente glamoroso e mágico, que ela desconhece os bastidores. Posso imaginar a maneira como ela vê minha vida, como as pessoas normais pensam que é ser um artista. A garota certamente deve acreditar que tudo é fantástico, pois ela é alheia às dores e à escuridão. O

sorriso dela é tão lindo, como uma criança inocente na noite de Natal, que decido não contar minhas decepções para não acabar com ele.

Eu me aproximo e posso perceber que ela prende a respiração. Não sei nada de interessante para dizer, porque não flerto com ninguém há muito tempo, mas ainda posso tentar.

— Que lindos lábios você tem...

E, então, passo a ponta do meu dedo nos lábios dela, que abrem levemente. Em um segundo, estamos nos beijando e ela pula no meu colo, entrelaçando as pernas em mim. Como em um movimento automático, eu caminho em direção ao quarto e a joga na cama. Ela me beija com força e a imagem de jovem pura se desfaz. Percebo pela pegada que ela tem experiência. Finjo que não noto. Tiro a roupa, a dela primeiro, depois a minha; o corpo feminino é mais belo, mais poético, merece ser apreciado antes. Ela tem curvas suaves como uma modelo, posso ficar horas apreciando aquilo. Agora, ao menos por um instante, é tudo meu. Meu pau fica rapidamente duro, e eu o pressiono contra a boceta úmida dela, fazendo como se fosse meter, mas apenas enganado a pobrezinha. Ela se contorce, me abraça, com os braços e as pernas, insiste. Geme e se decepciona quando nota que não estou realmente metendo, e aquela cara de insatisfação me deixa louco. Eu passo a chupá-la, começando pelo pescoço, e depois desço, seguindo para os peitos. Que peitões ela tem! Belisco com os lábios, desço pela barriga lisa, o umbigo, e finalmente chego à boceta. Abro as pernas e mergulho a cabeça, passo a língua entre os pentelhos e encontro os lábios carnudos, lambuzando-me e afundando a língua. Eu gosto daquilo, mas não faço porque elas querem, mas porque nada é melhor do que ver uma mulher se contraindo e serpenteando enquanto tem a boceta chupada. E porque aprecio o gosto e o cheiro.

CAPÍTULO 29

A garota deixa o meu apartamento pela manhã, mais cedo do que eu gostaria, e quando me dou conta, percebo que nunca a verei outra vez porque não sei seu nome ou telefone. É mais uma das que vem e vão tão rapidamente. Eu me conformo. É a vida como ela é, então vou até a cozinha e ligo a cafeteira.

Quando olho para o meu celular, vejo que chegou um e-mail.

Caro Alex Britto,

Tivemos o prazer de receber e analisar a demo que nos foi submetida como a escolha para o primeiro single, e ficamos realmente satisfeitos com ela. É uma boa música e, de certa forma, surpreendente, vindo de você. As pessoas vão adorar ouvi-la quando as rádios lançarem.

Estaremos enviando para as emissoras na quarta-feira, mas entraremos em contato até lá para passar a sua agenda de divulgação.

Atenciosamente,

Carla Muni

Secretária Executiva

United Brothers Records

O *single* entrará nas rádios na quarta-feira. Dois dias para que o mundo ouça minha primeira música em quase uma década. Eu me sinto aflito,

ansioso, mas sei que tudo vai dar certo.

Sento e tomo um gole de café, enquanto começo a pensar nos próximos dias.

— Eu gostei dela — o Diabo diz, surgindo de repente na minha cozinha.

— Da música?

— Não, da gostosa. Você deveria ter pegado o telefone, assim poderia encontrá-la mais vezes.

— Estive pensando nisso, mas acabei me esquecendo.

— Não fique com a consciência pesada.

— Não estou.

— Geralmente os homens ficam. Eles se sentem responsáveis em ligar para a mulher no dia seguinte. Pensam que elas estão ansiosas ao lado do telefone e que irão chorar por horas se não ligarem. Nem sempre é assim. Essa garota, por exemplo: a frequência dela é cinco caras diferentes por mês, pelo menos foi a média nos últimos seis meses. A maioria não ligou de volta, e ela não se importou, apenas seguiu para o próximo. Ela gosta assim. Mas teve um que se apaixonou por ela e está até hoje com o coração partido. O nome dela é Shirley, falando nisso.

— Nome de puta.

— Depois, as pessoas dizem que eu sou o malvado.

— Tem o telefone dela?

Ele me olha torto.

— Você quer demais, não passo esse tipo de informação. Não posso interferir nos relacionamentos humanos desta forma.

— Que pena! Então, vamos perder o contato mesmo.

— Bem, é melhor eu ir — ele diz. — Estou cansado e ainda tenho muito trabalho pela frente.

— Você fica cansado?

— Claro que sim. Essa semana foi bastante estressante, recebi muitas acusações. Por isso, resolvi dar uma passada aqui, ver como as coisas estão e relaxar um pouco.

— Acusações?

— Quando se é o Diabo, você sempre é acusado de tudo. As pessoas creditam a Deus tudo o que dá certo na vida delas; uma promoção, a

compra de um carro novo, um prêmio na loteria. *Oh, Glória a Deus, Ele me abençoou, Ele está olhando por mim.* Agora, quando as coisas não vão bem, você sabe de quem é a culpa, não?

— Sua.

— Exatamente. Uma hora, isso cansa. *Minhas segundas-feiras são duras. Tive ressaca, não peguei ninguém na balada, fui assaltado ao voltar tarde para casa.* Tudo é culpa do Diabo. Eu entendo que as pessoas me enxerguem como o *bad boy*, e eu até gosto dessa fama de mau, mas tem dias que me incomoda, sabe...? É duro ver alguém levando crédito por tudo que acontece de bom e você ser apenas o cara que ferra com todo mundo. Eu trabalho duro, queria ter um pouco mais de reconhecimento.

Ele abaixa a cabeça por um momento, e eu não sei o que dizer. Como faço para consolar o Diabo? Sem alternativas, coloco a mão no seu ombro.

— Não se preocupe, um dia seu trabalho vai ser reconhecido.

— Sempre foi assim desde o começo dos tempos, e não acho que vá mudar. Deus criou o mundo e tal, Ele é o cara, é o responsável pela beleza da natureza e tudo o mais. Eu fiquei com essa imagem de anjo rebelde, de orgulhoso, não tem jeito.

— Deve ser complicado. Talvez você deva escrever um livro.

— Um livro?

— Claro. Deus fez um livro, não? A Bíblia. Ou, ao menos, mandou que alguém escrevesse. Os apóstolos, no caso. Ele se encarregou de contar a própria versão da história, nos mínimos detalhes, porque aquele livro é bem longo... Talvez seja esse o problema; ninguém sabe sua versão, porque você ainda não a contou.

— Será? Eu, fazer um livro? Tipo, virar escritor e tudo?

— Claro, ou então você também poderia pedir que alguém escrevesse para você.

— Não sei, não... Parece coisa de gente preguiçosa...

— Também não acredito em ghost-writer, mas se funcionou para Ele, deve funcionar para você.

— Você não está acreditando na minha capacidade de escrever um livro... Olha, eu não sou muito bom em gramática, mas talvez possa

contratar uns revisores. Eles são bem chatos, ficam corrigindo a gente e encontrando os defeitos, mas... Talvez você tenha razão, eu deveria contratar alguém para escrever isso. Não vou ter paciência para lidar com os revisores. Na verdade, tenho ótimos escritores comigo atualmente.

— Quem, por exemplo?

— Não estou certo se posso contar isso a você... Sabe como funcionam essas coisas. O que acontece no Inferno, fica no Inferno. E o Diabo não pode quebrar o sigilo. Tem toda uma ética por trás.

— Ah, vai, conta aí... Juro que não falo para ninguém.

— Não sei, não...

— Ah, não custa nada...

— Tá bom.

— Quem?

— Charles Bukowski. Conhece?

— Não acredito! Quer dizer, acredito sim. Se ele fez tudo o que escreveu nos livros, certamente não estaria em outro lugar.

— Ele me incomoda um bocado.

— Por quê?

— Ele acaba com todo o estoque de cerveja e não deixa pra ninguém.

Dá a maior briga.

— Quem mais?

— Hemingway.

— Sério?

— Teve a guerra, ele matou algumas pessoas lá.

— Entendi.

— Tem o Oscar Wilde, que foi julgado como um perverso, porque, na época, ele era mesmo... Mas, se morresse nos dias de hoje, acho que o mandaríamos para o Céu, porque estaria tudo bem. Os tempos mudaram... Ah, e tem os *beats*, claro. Jack Kerouac e Allen Ginsberg eu nem precisei fazer julgamento, passei na frente da fila e mandei direto... E tem Nelson Rodrigues, que você deve conhecer.

— Sempre imaginei que o Nelsinho iria para lá.

— É outro que me incomoda bastante, vive querendo escrever sobre o cotidiano de todo mundo, anda com um bloquinho de anotações para cima e para baixo, registrando o que todos fazem o dia inteiro... O

peçoal leva a privacidade muito a sério. Enfim, talvez eu deva convidar um desses caras para escrever.

— Qual deles?

— Preciso pensar antes de fazer o convite. Eles são todos muito orgulhosos, o ego lá em cima... Sabe como são os escritores, não?

— Olha, Bukowski faz mais o seu estilo.

— Vou falar com ele.

— Mas, se você quiser dar uma contextualizada na parte sobre o pecado, deve chamar o Nelson. Ninguém entende disso melhor do que ele. Agora, se tiver muitas viagens na história, mudanças de cenários, pede uma ajuda para o Kerouac. E se quiser deixar a escrita com um ar poético, o Ginsberg é a melhor opção.

— Talvez eu divida o livro em capítulos e mande cada escritor escrever um, como Deus fez.

— É uma boa ideia, mas você viu como assim tudo fica meio contraditório, não?

— Verdade.

Reflexivo com as minhas ideias, ele deixa o apartamento, enquanto fico feliz por poder ajudar o Capeta.

CAPÍTULO 30

Acordo cedo na quarta-feira, como não acordava há muito. Olho o relógio, faltam dez minutos para as nove da manhã. Saio da cama, vou ao banheiro, lavo o rosto e volto para ligar o rádio da cozinha. Preparo algo para comer e um café preto enquanto espero o próximo programa começar. Não costumo ligar o rádio, embora seja músico. Há sempre propaganda demais, a música fica em segundo plano. Entopem nossos ouvidos com comerciais toscos e baratos, que subestimam nossa inteligência. É como a televisão. E rádios tocam sempre as mesmas canções, repetidamente, hora após hora, fazendo com que elas grudem na nossa cabeça até não sair mais. Bastava ligar um rádio para me lembrar da razão de eu não fazer isso com frequência. Eu torcia para que ao menos minha nova música se tornasse um desses *hits*, e me gerasse algum dinheiro.

Quando faltam poucos minutos para o início do programa, recebo uma mensagem no celular. É Ezra.

Já ligou o rádio?

Que pergunta a dele. Eu esperava por esse momento há anos.

Claro que sim.

Minha caneca de café chega ao fim quando as propagandas acabam e uma vinheta de abertura toca. Um locutor começa a falar.

Bom dia, amigos da Kiss FM. Bem-vindos a mais um programa New

Hits, onde você ouve os lançamentos que vão fazer sua cabeça. Eu sou Cícero Albatroz e vou acompanhar vocês. Hoje, claro, temos músicas fresquinhas, e também os sons que estão pirando nas paradas musicais de rock em todo o mundo!

Ele continua a introdução e comenta notícias sobre o mundo da música. Parece que não vai acabar nunca, ele fala muito. Não há nada sobre mim, nada de interessante. Começo a ter dificuldades para conter a ansiedade quando ouço o locutor mudar o assunto da conversa.

E a primeira música do dia é um lançamento exclusivo da Kiss FM! É o que sempre digo: aqui, você ouve primeiro! E o que há de novo hoje? Tem roqueiro que, depois de anos, está retornando com tudo! É claro que estou falando do Alex Britto, ex-Estapafúrdios, que prepara seu disco novo, chamado Blessed Whiskey. O single de estreia você ouve agora na Kiss. A música se chama Aqui e Agora. Tenho certeza que todos estão ansiosos pra ouvir! Com vocês, Aqui e Agora, do Alex Britto!

Os primeiros acordes começam e meu coração dispara. A guitarra chega de mansinho e vai crescendo à medida que os segundos passam. Quando minha voz surge com os primeiros versos, a canção ganha a força da letra. O refrão aparece e a música explode. Não posso mentir: fico um bocado emocionado ao me ouvir na rádio depois de tanto tempo. Quantas pessoas estão me ouvindo agora? Aquela é a maior estação de rock do país e tem uma audiência gigantesca. A sensação de ter um alcance tão grande me causa um frio na barriga, mas posso voltar a me acostumar com isso facilmente.

A música também toca em uma rádio pop à tarde. Procuo na internet as opiniões: digito meu nome nos campos de busca do Google e das redes sociais. Pessoas de todas as faixas etárias estão comentando, sobretudo jovens com metade da minha idade. Minhas mãos tremem, é realmente muita gente. Quando percebo, meu nome e o título da música aparecem entre os tópicos mais comentados nas redes. Diversos portais de notícias, especializados em música ou não, postam sobre o meu retorno. Críticos musicais avaliam a canção, e a maioria se rende a elogios. Não vejo notas menores do que três estrelas, o que é um bom começo. Recebo

dezenas de e-mails, ligações e mensagens, a maioria de gente que não conheço.

Dias depois, a gravadora me chama no escritório, um prédio grande, no centro. Posso sentir um calafrio ao passar pela porta. É uma das principais gravadoras do país, e eu sonhei durante anos com a oportunidade de ter um contrato com eles. Sou tratado como um rei pelos funcionários que encontro. Não preciso esperar muito. Eles se movem com urgência quando notam minha presença. É a primeira vez que encontro Francis Chamone, um dos irmãos presidentes da gravadora.

— Como vai, *popstar*? — ele me pergunta, estendendo a mão para me cumprimentar, assim que a secretária abre a porta para mim.

— *Rockstar*, por favor.

— Falha minha.

Ele me oferece um assento.

— Espero que esteja feliz — ele afirma. — Sua música está atualmente entre as cinco mais executadas em todas as rádios do país. Ela também alcançou a parada do iTunes. É um *single* de sucesso, as pessoas adoraram. Parece que nosso projeto começou muito bem.

— Acredito que sim.

— Entretanto, não podemos parar a divulgação. Agora é a hora, você precisa aparecer em tudo quanto é lugar. Agendamos algumas apresentações em programas de televisão.

— Quais?

Francis me apresenta seis nomes. Há programas matinais de variedades, *talk show*, um *reality show* musical – o que não me traz boas lembranças, mas eu vou apenas me apresentar, então tudo bem – e um dominical que existe há décadas, apresentado por um gordo chato que vive interrompendo os convidados, cuja audiência e sobrevivência são um mistério para mim.

— Vou ter que ir nesse cara?

— Sim, estamos negociando com a equipe dele.

— Eu o detesto.

— Você e todo mundo, mas ele tem um programa que fica no ar durante quase toda a tarde de domingo, na maior emissora do país. A audiência é gigante.

— Ainda assim, o detesto. Ele é um babaca, e o público não tem nada a ver comigo.

— Não se preocupe, você só precisa cantar e pronto.

— Ele vai me encher de perguntas tolas e clichês, e vai me interromper antes que eu chegue à metade da resposta.

— Ele é assim mesmo, não tem jeito.

— E o programa de variedades?

— Foi um convite deles. Passaram a semana inteira ligando para cá.

— Quem vai ouvir rock às dez horas da manhã? Crianças procurando desenhos e donas de casa preparando o almoço, eu acredito que não.

— Se eles convidaram, devem conhecer a própria audiência. Vai rolar cachê, inclusive. Tem algo mais que precisamos discutir.

— O que é?

— O videoclipe.

Por Deus, eu detesto gravar videoclipes.

— Pode me tirar dessa?

— Não. Canais de televisão exigem o vídeo para veicular a música. Além disso, tem o YouTube, claro.

— Qual é a ideia?

— O seu produtor, Mark Johnson, indicou um diretor criativo que trabalhou com Oasis e Franz Ferdinand. O cara é fera.

— O Oasis tem clipe?

— Tem.

— Ele deu alguma ideia?

— Ele disse que analisaria o seu estilo antes de pensar em um roteiro.

— O que isso quer dizer?

— Que ele vai tentar descobrir qual é o seu melhor perfil para a tela. Olha, não se preocupe, geralmente roqueiros não gravam mais do que três vídeos por álbum.

— Amém.

— Ah, tem mais uma coisa.

— O que é, agora?

Ele vira uma folha de papel na minha direção. É a lista de faixas para o disco, fechado em catorze músicas, que eu havia decidido com a ajuda de Montana.

— É a versão final?

— Sim.

— Tudo bem. Precisamos decidir o segundo *single*.

— Já?

— Exato. Com o bom desempenho do primeiro, devemos começar a preparar o segundo. Não podemos criar uma pausa entre eles, ou o interesse pode diminuir. Assim que um começa a perder fôlego nas paradas, enviamos o próximo às rádios. É assim que a coisa funciona, ninguém respira. E precisamos decidir os remixes.

— Remixes?

— Um para cada *single*. Os remixes ficam no final do disco.

— Não, pelo amor de Deus, remix, não.

— Fazemos questão, Alex. Todos os artistas colocam remixes dos *singles* no final do álbum hoje em dia.

— Todos os artistas pop! Eu não sou um artista pop! Eu sou um roqueiro, e rock não tem nada a ver com essa merda de música eletrônica. É uma heresia. Foda-se essa porcaria criada em um computador!

— Remixes ajudam na divulgação. Se a música ganha a benção dos DJs e vai parar nas pistas de dança, conseguimos público e dinheiro extra.

Quero bater com minha cabeça na parede. É algo que detesto fazer. Odeio música eletrônica e a facilidade com que os DJs dizem que fazem música enquanto ficam sentados em frente a um computador, ou se apresentando diante de uma multidão apenas com o auxílio de um *pendrive*. As batidas sintéticas me dão dor de cabeça e ânsia de vômito.

— Quantos remixes?

— Dois.

— Tudo bem, mas eles entram em um álbum de remixes, tudo à parte. Não quero nada remixado no *Blessed Whiskey*, apenas canções originais. Eu escolho os DJs e aprovo as versões. Nada de *house music*, remixes leves e calmos, como aquelas músicas *lounge* que tocam em restaurantes moderninhos.

Francis me encara por um instante, analisando minha exigência, avaliando qual o poder que eu tenho diante de uma negociação com ele. Sustento o olhar até o fim.

— Como quiser — ele diz, desviando os olhos e se rendendo.

CAPÍTULO 31

Não importa o quão famoso seja seu diretor criativo, ele não vai conseguir ser muito criativo se for dirigir um clipe de rock.

Eu faço uma pesquisa antes de gravar. Assisto clipes de bandas famosas e conceituais desde a década de sessenta até os dias de hoje, mas não vejo uma grande diversidade de temas. A maioria dos vídeos traz os integrantes da banda tocando em ambientes com a maior diversificação possível, efeitos visuais para deixar o clipe com cara de arte, e não muito mais do que isso. Provavelmente, o meu diretor criativo conclui a mesma coisa, uma vez que a ideia que ele me apresenta não é lá muito brilhante: eu, em preto e branco, tocando minha guitarra e cantando a música em ambientes externos, entre eles o topo de um grande edifício em São Paulo e as ruas da cidade. A ideia de não usar cores, ainda que não seja inovadora, me agrada bastante. Eu sempre admirei a estética dramática, desde ensaios fotográficos de grifes que queriam parecer conceituais, até filmes contemporâneos rodados por diretores que queriam agradar ao público cult. Sou um grande fã da fotografia do cinema de Bergman e Fellini. Como não esperava muito de um clipe que não tinha a menor vontade de gravar, me restou apenas concordar com os demais detalhes. Pelo menos combinaria com a paisagem urbana triste e deprimente de São Paulo.

As gravações começam, e eu preciso confessar que, não importa o que os outros artistas digam, nunca é tão difícil gravar um videoclipe, principalmente se ele for de rock. Basta chegar ao estúdio ou à locação, sentar na cadeira com o meu nome gravado, esperar a moça da

maquiagem fazer o serviço no meu rosto e esperar que o diretor, assistentes e contrarregras preparem o cenário, as luzes e as câmeras. Você levanta e, já com a letra na ponta da língua – o mínimo que se espera do músico – começa a gravar, tomada por tomada, cada parte da música em frente às câmeras, diversas e infinitas vezes, para que o editor tenha diversos ângulos para usar. Não precisa sequer cantar realmente, você apenas abre e fecha a boca conforme a letra, no melhor uso de playback que sua carreira pode proporcionar, sem preocupações com falhas técnicas ou desconfiança por parte do público.

Depois de dois dias gravando o videoclipe, deixo São Paulo dando graças a Deus por ir embora daquela cidade cinzenta e volto para o meu belo Rio de Janeiro, que, apesar de todos os problemas, é uma cidade linda e harmoniosa. A única harmonia de São Paulo são os prédios, céu poluído e sujeira, coisas que casam bem uma com a outra.

A divulgação continua com os programas de televisão. Eles são mais de apresentações do que entrevistas, então eu entro, canto meu single e respondo a duas ou três perguntas básicas que os apresentadores sempre fazem. *Quando sai o disco? O que podemos esperar dele? Há chances de sua banda retornar?* Eu não sei responder a última pergunta de outra maneira que não seja com um não um tanto seco e deselegante. Não faço ideia de onde estão os outros integrantes d'Os Estapafúrdios, porque eles não são mais meus amigos, não me interessam pela vida deles, não tenho vontade de ter contato e, para falar bem a verdade, quero mais que eles se fodam. Entretanto, não sei por qual motivo, as pessoas sempre se interessam em saber sobre a possibilidade de retorno de bandas que acabaram há muito tempo, embora, no nosso caso, ninguém tenha feito questão de ouvir a banda no último ano de sua existência, e os discos tenham encalhado nas lojas, tornando-se, talvez, a razão principal para a separação. Já não aguento mais ouvir essa mesma pergunta desde que voltei a dar entrevistas, mas ninguém parece perceber isso, embora minha expressão facial deixe meu desconforto bem claro assim que a questão surge. Penso nos Beatles, que foram questionados desta forma toda vez que cruzavam com um ser humano em qualquer lugar do planeta, não importa se era fã, entrevistador ou apenas curioso, por pelo menos dez anos até a morte de John Lennon acabar com a

esperança. Vejo as reações grosseiras de Noel Gallagher a respeito do Oasis e não posso condená-lo. Estamos tentando ganhar a vida e divulgar a carreira solo, por que diabos as pessoas insistem em falar sobre um passado que não volta? Será que sozinhos somos tão desinteressantes? É bastante irritante quando ninguém parece levar a sério seu trabalho individual.

Sobrevivo à dinâmica de mais um *talk show*, ao pesadelo de pisar outra vez nos estúdios de um *reality show* e a um programa matinal em que a apresentadora insiste em falar sobre rock enquanto prepara uma moqueca suína. Quando a maratona acaba, fico aliviado. Os programas mantêm uma boa média de audiência, e os vídeos são todos divulgados na internet, tendo uma boa recepção por parte do público e tornando meu nome um dos assuntos mais comentados outra vez. A leva de mensagens cresce de novo na minha caixa postal.

O clipe finalmente termina de ser editado – nunca vou entender porque alguém leva tanto tempo para concluir um vídeo de pouco mais de três minutos de duração – e a gravadora o lança no YouTube. Ele ganha um bom número de acessos em poucas horas e cresce a cada dia. Logo passa a ser exibido em canais de televisão especializados em videoclipes e alavanca a venda do *single* no iTunes, a posição na Billboard e nas rádios. Eu comemoro, e a gravadora, que quer mais e mais dinheiro, pede mais uma vez que eu escolha o segundo *single*.

— É a hora, Alex — me lembra Francis, que age como se todo o sucesso até agora fosse crédito dele. — Um hit atrás do outro, é o que precisamos. Sem intervalos.

— Não é essa a minha preocupação — eu confesso. — Mas a data de lançamento do disco.

— Poucos dias depois do segundo *single* — ele decide, sem rodeios. — Talvez na mesma semana. Costuma funcionar. O primeiro single serve para mostrar o seu retorno e sua nova sonoridade; o segundo, para alavancar as vendas do disco. Com ele saindo apenas alguns dias antes, as pessoas estarão interessadas em você e irão comprar.

Decidimos que o segundo *single* será lançado em quinze dias, com o álbum saindo quatro dias depois. Fico satisfeito com as datas, e Francis promete fazer o anúncio oficial da data do disco na página da gravadora

ainda naquela tarde. Saio do escritório dele com a certeza de que meu álbum está pronto para ser lançado, mas em pouco tempo descubro que estou errado.

CAPÍTULO 32

Sigo caminhando pelas ruas, ainda sem vontade de voltar para o apartamento. Entro em um café, peço um americano, pago e me sento com o copo gigante em uma das cadeiras do lado de fora.

Alguém se aproxima.

— Meus parabéns — o Diabo me felicita.

Ele se senta na cadeira do outro lado da mesa. Hoje sua aparência se assemelha com a de um executivo de uma multinacional importante.

— Pelo quê?

— Pelo clipe. Pelo sucesso. Por tudo.

Eu dou de ombros.

— Talvez eu não seja o verdadeiro responsável por tudo isso, não é?

— Ah, não seja tão duro consigo mesmo. Você tem trabalhado muito, eu estou observando. Você merece. Eu não precisei interferir em muita coisa, se quer saber.

— Acho que prefiro não saber, na verdade.

— São Paulo foi uma boa escolha.

— Por quê?

— Não sei explicar. São Paulo é mais *Rock-and-Roll*, sabe? Rio é muito Bossa Nova.

— Faz sentido.

— Na verdade, tenho um motivo para a visita. Precisamos conversar.

Eu me ajeito na cadeira, procurando uma posição mais confortável. É sempre complicado ouvir alguém dizer “precisamos conversar”, principalmente quando esse alguém é o Capeta.

— O que é?

— Seu disco. Ele está pronto, não?

— Sim, está.

— Pois é, você parece ter se esquecido de cumprir uma cláusula do contrato.

Tento me lembrar das partes que li. Não faço ideia do que ele está falando.

— Qual cláusula?

— A que fala sobre uma música lançada como *single*, com uma mensagem de trás para frente.

— O quê?

— Você não leu o contrato, Alex Britto?

Ele me olha sério, muito sério. Aquilo me dá um baita calafrio.

Não sei como explicar ao Coisa Ruim que não li todo o contrato que ele me pediu para assinar e que eu supostamente teria lido, e também não sei se, com sua onipresença, ele é capaz de saber disso mesmo sem eu contar, de maneira que decido que a melhor coisa a fazer é me fingir de louco e agir como se tivesse lido tudo.

— Desculpa, mas poderia me lembrar especificamente o que dizia essa cláusula?

— Alex, o trecho dizia que você iria lançar uma música como *single* e que essa música teria uma mensagem de apoio à minha causa, mas escondida, e que só seria revelada quando tocada de trás para frente.

Começo a rir.

— Está falando sério?

— Parece uma piada, Alex Britto?

Odeio quando as pessoas frisam o nome da gente no final da frase. Parece que a coisa fica realmente séria quando elas fazem isso.

— Observando com atenção, não parece.

— Por que eu brincaria com isso?

— Não sei, mas eu sempre pensei que essas histórias fossem lendas urbanas, ou maluquice de fanáticos religiosos.

— Não são. Sempre peço isso aos músicos que são meus seguidores.

— Então, aqueles boatos...

Ele balança a cabeça afirmativamente.

— John Lennon gostava de brincar com religião — eu lembro. — Sempre pensei que ele estava apenas mexendo com os fanáticos em Revolution 9...

— Não, foi um pedido meu.

— Não vai me dizer que aqueles boatos sobre a morte de Paul McCartney também eram verdadeiros...

— Sinto informar, mas eram sim.

— Ele morreu mesmo em um acidente de carro nos anos sessenta?

— Sim, eu não pude fazer nada quanto a isso. Desculpe.

— E ele está no Inferno, com você?

— Não, está no Céu. Ele sempre foi o Beatle bonzinho.

— Eu fui a um show dele na década de noventa e tudo... Espera aí..., quem é aquele Paul McCartney, que está por aí tocando em turnês até hoje?

— Um sócia que o empresário arranjou às pressas.

— Eu paguei caro para ir ao show aquela vez... Será que ainda dá tempo de pedir o dinheiro de volta? Puxa vida, e eu gosto dos discos mais recentes... Então, ele é ainda melhor do que o original.

— Deve ter sido o treinamento. Os empresários investiram muito para que ninguém percebesse a troca. Você viu como o Ringo Starr melhorou com o tempo? Os Beatles pegavam pesado nos ensaios.

— Por que não me contou nada quando eu pedi o produtor dele?

— Porque ele só tem trabalhado com produtores bons. Como acha que ele tem se passado pelo McCartney original durante essas décadas todas sem que ninguém provasse a farsa? O cara no palco é meramente decorativo.

— E quanto às mensagens do Pink Floyd? E do Ozzy Osbourne? E o morcego?

— São todos clientes meus.

— Aquela apresentadora infantil...

— Também.

— Puxa, passei a vida inteira achando graça desses boatos. Sei que o Lennon e o Roger Waters confessaram ter colocado mensagens de trás para frente, mas imaginei que era apenas uma brincadeira de estúdio quando estavam chapados.

— Bem, quando Waters diz “Parabéns, você achou a mensagem secreta”,

bem, era brincadeira mesmo. Por favor, eu não o mandei gravar isso.

— Mas por que de trás para frente?

— Porque, se a mensagem estivesse tocando de forma normal, ficaria muito óbvio e arruinaria a carreira deles.

— Mas quem vai ouvir uma mensagem de trás para frente? Ninguém roda um vinil desse jeito e, hoje em dia, as pessoas sequer o usam. É tudo digital.

— Elas não precisam entender. É uma mensagem subliminar, que não existem para ser facilmente absorvidas, apenas para marcar território.

— Marcar território? Como um cachorro?

— Mais ou menos. Elas servem para mostrar que eles são meus seguidores.

— Então, você só quer, tipo, mijar na indústria do entretenimento para mostrar que está na área, que tem poder?

— Não sei se concordo com as palavras que você usa para expressar a ideia... Mas é por aí. Funciona como a publicidade. No seu mundo, as empresas gastam milhões para montar campanhas publicitárias, contratam pessoas que estudaram anos para aprender a fazer isso. E por qual razão? Apenas querem marcar presença na mente dos consumidores. Na hora em que precisam de sabonete ou refrigerante, eles acabam escolhendo aquela marca da qual se lembram. Mas, agora, chega de conversa fiada. Vamos focar em você.

— O que quer que eu faça?

— Antes de tudo, precisamos de algo para escrever. Vamos compor alguns versos.

CAPÍTULO 33

Entro no café e peço um papel e uma caneta.

— Folha grande ou pode ser pequena? — a balconista pergunta.

— Grande. Preciso escrever umas linhas para uma mensagem subliminar. Ela me olha de forma estranha, mas pega rapidamente um pedaço de folha e me entrega sem se aproximar muito.

— Valeu.

Começo a caminhar em direção à porta.

— É por isso que não deixei meu filho montar banda de rock — ouço-a sussurrar para o colega ao lado. — Tudo drogado.

Do lado de fora, Satã continua sentado, as pernas cruzadas, uma delas balançando no ar, como quem está entediado.

— Não acredita no que aquela atendente acabou de...

— Eu sei, eu escuto tudo.

— Por que as pessoas têm esse tipo de preconceito, achando que roqueiros são todos drogados?

— Porque vocês agem como tal. E porque alguns são mesmo.

— Parece o meu pai falando.

— Não é verdade, seu pai era um católico fiel.

— Eu sei, mas o sermão é quase o mesmo.

A lembrança do meu pai fica na minha mente, e me arrependo no mesmo instante de ter falado sobre ele. O Diabo me analisa.

— Ele não está lá comigo, caso esteja se perguntando.

Levanto minha cabeça.

— Não?

— Não, ele foi para cima.

— Parece que ser tão católico serviu para alguma coisa...

— Ninguém nunca saberá — ele afirma, em tom de correção. — Como eu disse, lá em cima é bem parado, tudo está sempre bem e as pessoas estão sempre sorrindo. Parece um comercial de margarina, mas viver em um comercial de margarina não é o sonho de todo mundo. Não era o meu. É por isso que temos dois mundos, porque eu decidi descer e criar o meu próprio. Imagine que você tem que decidir entre dois lugares para morar: um é uma fazenda no interior, as coisas são paradas por lá, não há muitos eventos, festas, não tem agitação, nada acontece, porém as pessoas que estão lá vivem bem, elas comem o que é plantado ali mesmo, dormem cedo, tem silêncio, tranquilidade e segurança, não há crimes. Para alguns, isso é um sonho. Para outros, não. Então, temos a segunda opção: seria, talvez, uma metrópole; há gente demais, há trânsito, as pessoas andam comprimidas no transporte público, tem a violência e a insegurança. Ainda assim, mesmo sabendo da vida calma do campo, milhões de pessoas escolhem viver na cidade grande, com todas as perturbações que ela tem, porque preferem viver uma vida infernal a morrer de tédio.

— É uma boa metáfora para o Inferno.

— Estou melhorando nisso, tenho treinado. Se vou fazer uma Bíblia, preciso de várias.

— Bem, e os versos que você quer escrever? — pergunto, indicando o papel e a caneta. — Vamos fazer ou não?

— Já havia me esquecido — ele diz, tentando se concentrar. — Vamos lá! Eu digo, você anota. Deixe-me pensar... Eu gostaria de inovar desta vez. Sei lá, colocar algo bem criativo... não gosto de me repetir. Minha contribuição à arte precisa ser autêntica.

— Tudo bem, mas o quê?

— Hum... O nome do disco é *Blessed Whiskey*, então..., anota aí. Você vai cantar: “Eu ofereci café ao Pai das Trevas e ele pediu uísque. Depois, ele não saiu mais do meu apartamento”. Gostei! Eu tomando uísque, coisa de gente fina.

— Desculpa, mas eu não consigo me imaginar cantando isso em uma música.

— Ninguém vai entender, uma vez que a frase estará de trás para frente.
— E como eu, supostamente, vou colocá-la desta maneira?
— Você vai ter que separar por sílabas e analisar a fonética de cada uma. Não precisa fazer sentido quando a faixa tocar normalmente. Vai soar como um monte de sons aleatórios, como se estivesse falando em outra língua.

— Tudo bem. Vou colocar no final do segundo single.

— Coloque no meio. As rádios costumam cortar trechos desnecessários no começo ou no final quando editam a música. Entre os versos sempre fica bom, e ninguém acha estranho.

— Algo mais?

— Não, por enquanto é tudo.

— Tudo bem, Lulu. Posso te chamar de Lulu? É um apelido para Lúcifer. Nós, humanos, fazemos isso com os nomes. Agora, se não se importa, é melhor eu ir, tenho trabalho a fazer. Eles estão quase mandando o disco para a fábrica, e tenho que dar um jeito de colocar esse trecho no original antes disso.

Ele se despede e deixa a cafeteria. Tiro o telefone do bolso e disco um número.

— Alô? — diz a voz.

— Hugo, preciso da sua ajuda.

CAPÍTULO 34

Hugo me passa o endereço de onde mora, um apartamento bem localizado perto do centro da cidade. Ele me recebe assim que toco o interfone. É um lugar apertado, bagunçado e sujo, uma típica residência de homem solteiro sem muitas expectativas na vida. Explico toda a situação para ele:

— Eu avisei que você deveria ter lido aquele contrato — ele me cobra.

— Imaginei que você diria isso.

— É claro que eu diria. Você não pode assinar um contrato com o Diabo sem ler antes.

— Eu sei, mas não é a primeira vez que eu cometo um erro na minha carreira, é? Minha vida é uma sucessão de equívocos.

— O que vai fazer?

— Preciso da sua ajuda para gravar essa droga.

Ele olha a folha de papel com as minhas anotações.

— Não sei por que você precisa de mim. Ele explicou o que fazer, você só precisa separar em sílabas e inverter a ordem, não é isso?

— Acho que sim, mas estou muito nervoso para continuar.

Hugo me encara seriamente por um instante e depois fixa os olhos em minhas mãos, que tremem.

— Já percebeu que você só me procura quando precisa de ajuda?

Abaixo a cabeça.

— Na verdade, sim — digo, sinceramente arrependido. — Desculpe-me por isso. Sou um péssimo amigo, eu sei.

Ele me analisa, procurando sinceridade no meu semblante.

— Dê isso aqui — ele diz, puxando a folha.

Hugo separa as duas frases em sílabas e depois começa a reescrevê-las, colocando na ordem contrária. Ele leva pouco mais do que alguns minutos para fazer tudo.

— Está aqui — ele diz, apresentando a nova versão. — Não tem segredo. Vai ficar estranho dizer essas coisas no meio da música, mas letras de rock nunca foram algo previsível, certo?

Eu dou uma olhada e coloco no bolso.

— Quer vir ao estúdio comigo?

— São quase oito da noite, Alex. Vai começar a gravar agora?

— Eu preciso. Se não tiver ninguém lá, melhor ainda. Não quero passar por questionamentos.

— Deixe-me perguntar uma coisa — ele diz, sentando-se. — Por que eu?

— Por que você o quê?

— Por que está pedindo minha ajuda?

Penso a respeito. Na verdade, nem eu mesmo sabia a resposta.

— Você é o único que sabe tudo. Era quem estava comigo quando eu fiz a besteira de falar o nome dele.

— Eu sei, mas... Ainda assim, você não tem outra pessoa em quem possa confiar?

A questão me deixa um bocado deprimido. Sento-me de frente para ele.

— Na verdade, não tenho.

— Onde estão todas aquelas pessoas?

— Quem?

— As pessoas que viviam ao seu redor na época em que era famoso.

— Não eram amigos realmente — eu confesso. — Eram pessoas que nos cercavam porque estávamos no auge do sucesso. Todos foram embora junto com a popularidade e o dinheiro. Ninguém quer saber de andar com quem já foi famoso, mas não é mais. Não é bom para a reputação ser visto com subcelebridades. Você, no entanto, não pensou duas vezes antes de sair comigo naquela noite para tomar algumas cervejas, embora tenha ficado desempregado depois que a banda acabou. Por isso, sei que posso confiar em você.

Hugo escuta em silêncio e depois apoia a mão no meu ombro.

— Não sofra por isso — ele pede. — Sei que vocês fizeram o que podiam para durar. Mais do que ninguém, eu sei o quanto estavam desesperados,

embora por motivos errados.

— Obrigado, Hugo.

— Vamos embora — ele pede, se levantando após um tempo. — Não quero passar a noite toda dentro daquele estúdio.

Hugo e eu pedimos ao funcionário para usar a sala de gravação durante a noite, que não pensa duas vezes em liberar assim que reconhece meu rosto. É a primeira vez de Hugo em um estúdio, uma vez que ele só havia trabalhado como *roadie*. Apresento a ele a aparelhagem, ensino rapidamente alguns passos básicos, apenas o suficiente para que ele possa me auxiliar. Aponto os possíveis futuros *singles* na *tracklist* e retiro as *demos* do cofre.

— Eu provavelmente escolheria essa — revelo a Hugo uma das minhas canções favoritas, que acredito ser realmente radiofônica.

Coloco a demo no computador, e começamos a trabalhar nela. Gravo as frases que havíamos escrito entre os versos da música original, elas são curtas e duram pouco mais do que alguns segundos. Mixamos tudo com os aparelhos. Ninguém deve perceber, nem mesmo o Montana. É o que espero.

CAPÍTULO 35

A gravadora aluga uma das casas noturnas mais badaladas do Rio de Janeiro para a festa de lançamento do disco. Era uma exigência minha que não fosse um lugar que tocasse música eletrônica, e sim uma casa de rock, mas ouço as batidas eletrônicas sacudindo as paredes assim que o chofer entra com o carro no estacionamento. *Mas que droga*, eu penso. Eu havia deixado bem claro. Detesto quando as *minhas* coisas não saem como eu planejei. É meu disco, é meu retorno, tem que ser tudo perfeito e do jeito que eu sonhei. Tento relaxar e tomo um gole no uísque que trouxe dentro do cantil. É a minha porção mágica quando quero que pequenos problemas desapareçam da minha mente. Não vou deixar que nada estrague minha noite.

O chofer estaciona, sai do carro e abre a porta para mim. Eu me sinto a cinderela chegando ao baile na carruagem de abóbora. Ao menos alguma contratação a gravadora havia feito de maneira eficiente.

— Onde está o Montana? — pergunto, entregando uma gorjeta generosa a ele.

— Esperando pelo senhor na entrada.

Caminho devagar até a porta da casa noturna. Detesto chegar sozinho em festas, ainda mais na minha. Vejo Montana conversando animadamente com dois funcionários da gravadora, um deles é o organizador da festa. Ele sorri quando me vê.

— Chegou a nossa estrela!

Detesto a maneira como o Montana tenta puxar meu saco e fazer com que eu me sinta famoso, ainda que eu aprecie a fama na maioria das

vezes. De alguma maneira, ele conseguia estragar o prazer disso.

Ele me cumprimenta e me apresenta os executivos. Todos os olhos ao redor param em mim, ainda que eu não faça ideia de quem aquelas pessoas são. Posamos para os fotógrafos na porta e entramos na casa. Logo, mais e mais pessoas começam a nos rodear. Montana continua as apresentações. Passo a conhecer uma série de modelos desconhecidos desesperados por atenção. Blogueiros tentam me filmar de todos os ângulos ao meu lado, loucos por conteúdos e visualizações para seus sites e redes sociais. Um vlogueiro coloca a câmera na minha cara para me entrevistar com perguntas idiotas e joguinhos que costumam fazer quando não tem uma pauta inteligente; ele quer audiência para o seu canal no YouTube. Há, claro, músicos, cuja presença é motivada pela ideia de que eu abrirei portas a eles. Subcelebridades, muitas saídas de *reality shows*, circulam pela festa. Não suporto nada disso. Onde estão os meus fãs de verdade? Detesto perceber como ninguém naquela festa é realmente um apreciador da minha música, da minha arte, da fúria que sai do que escrevo, do cuspe que eu dou nas minhas letras. Ninguém comenta minhas composições, ninguém fala sobre o que eu realmente faço. Todos sorriem, todos babam em cima de mim e me elogiam, mas ninguém tece um comentário realmente relevante. Talvez sequer conheçam o que eu gravo. A única motivação, eu sei, é arrancar um pedaço de mim, uma parte da minha fama e levar para eles, para que conheçam as pessoas que eu conheço, assinem contratos como os que eu assinei, tornem-se famosos como eu consegui duas vezes em uma única vida.

Garotas jogam olhares na tentativa de me seduzir; aquelas vadias querem dar em troca de fama. Um cara que eu nunca vi me pergunta se eu me lembro dele, daquela festa, daquele dia. Tenho certeza que não. Conheço essa gente. Esses sacanas mentem para parecerem meus amigos. Vocalistas, bateristas, guitarristas, todos me trazem discos sem capa para que eu ouça a música deles e, quem sabe, apresente ao meu agente. Tenho vontade de jogar aquela porcaria na primeira lixeira que aparece na minha frente e depois vomitar em cima.

— Você andou meio sumido!

É um blogueiro, ou colunista, alguém que é conhecido, mas ninguém

sabe exatamente o que faz e como ganha dinheiro. Sorrio, constrangido, enquanto reflito se devo dar a resposta que desejo ou a educada. Tenho consciência de que respostas politicamente correta não fazem meu estilo.

— Não andei sumido, sabe? Eu nunca sumo — fuzilo o cara com o olhar, e ele parece entender o recado. — O problema é essa imprensa que só procura acompanhar um artista quando ele está no auge, lançando algo, e depois se esquece dele.

— O que podemos esperar do novo disco?

— Um monte de merda.

Ele me olha espantado.

— É só uma porção de músicas ruins para manter um velho roqueiro com a cabeça ocupada, antes que ela fique vazia demais e ele comece a pensar em se matar. Aposentadoria não é saudável para a mente. Suicídio e overdose, por outro lado, são bastante comuns nesse ramo.

Apavorado, ele não sabe o que responder. Olha em volta, provavelmente procurando um lado para onde correr, mas apenas encontra alguém rindo de forma constrangida.

— É o Alex Britto, gente! — Ele solta um sorriso amarelo. — Sempre irreverente com as respostas!

Um repórter se mete na minha frente.

— Alex, há muitas letras sobre fama e sucesso no disco. Por que escreveu tanto sobre isso?

— Porque é o que busco com o álbum. Por qual outro motivo as pessoas gravam um?

— Não sei. Necessidade de expressão artística, talvez?

— Ah, não acredite nessa besteira. Tudo gira em torno do dinheiro. É nisso em que as pessoas pensam o tempo todo.

Os convidados em volta riem. Montana me puxa e nos despistamos entre a multidão.

— O que está fazendo? — ele sussurra no meu ouvido.

— Não se preocupe, eles adoram isso. Todo mundo gosta de ver alguém jogando merda no ventilador.

— Com licença, Alex! — alguém me chama. — Posso falar com você por um instante?

É uma garota que não deve ter mais do que vinte e cinco anos. É gostosa. Tem uns peitões que parecem prontos para pular para fora do

decote. Ela me olha e sorri de um jeito que, todo homem sabe, uma mulher só sorri quando não quer sair da festa sozinha.

— Adorei sua música nova! — ela grita entre a multidão na pista de dança, tentando me alcançar. — Ouvi no rádio!

Ela se aproxima, me abraça e me beija perto do pescoço.

— Meu nome é Simone.

— Prazer, Simone. O meu é Alex Britto.

— Eu sei quem você é, seu bobo.

Ela me dá um soco leve no peito e depois finge arrumar a camisa. Olho para Montana, que faz um sinal encorajador e se afasta.

— Veio sozinha, Simone? — pergunto, sem nenhum real interesse.

— Não, vim com algumas amigas. Todas modelos, assim como eu.

— Você é modelo? Eu imaginei.

— Ah, que gentileza sua.

— Está gostando da festa?

— Está ótima, mas estou esperando para ouvir seu disco novo. Você vai tocar?

— Vou.

— Que legal! Está ansioso?

— Faz tempo que não toco para tanta gente.

— Imagino, você andava meio sumido.

Juro por Deus que não vou aguentar ser educado se as pessoas continuarem repetindo isso. Faço um esforço, entretanto, pelo fato de dois peitinhos estarem o mais próximo que dois peitinhos podem ficar de um homem, e isso é algo que deve ser levado em consideração.

— Eu estava trabalhando em silêncio, sabe? Compondo e gravando. Sou do tipo que prefere deixar o sucesso fazer o barulho.

— Que lindo! Você diz umas coisas tão inspiradoras...

— Alex — Montana me chama de longe. — As pessoas estão esperando, você tem que começar.

De repente, me lembro de que tenho outras preocupações além de quem vou comer essa noite, como, por exemplo, a festa de lançamento do meu novo disco.

— Desculpe, querida, mas tenho que ir.

— Tudo bem. Estou louca para ouvir as novas músicas.

Ela tira uma caneta da bolsa e puxa meu braço.

— Meu número, caso queria me ligar mais tarde... — Ela escreve no meu antebraço e depois me dá outro longo beijo no rosto, dessa vez, próximo à boca. — Vai lá, manda ver.

Montana me guia até o palco. Noto que há um segurança me acompanhando, abrindo espaço na multidão e evitando possíveis assédios. É um pouco de exagero, mas confesso que me sinto um bocado importante.

— Vai beber algo?

— Uísque, lógico.

Vejo meu nome brilhando em letras neon no centro do palco.

HOJE

ALEX BRITTO

LANÇAMENTO DO NOVO DISCO

BLESSED WHISKEY

Subo no palco, a plateia grita e aplaude. Eles estão eufóricos, e eu, surpreso. Apenas algumas semanas atrás, eu era um músico falido e esquecido, mofando no meu apartamento, enquanto tomava porres homéricos de bebida barata e assistia a filmes pornô. Hoje, estou diante de uma multidão que fica extasiada apenas por me ver. Os tempos definitivamente mudaram.

— Boa noite — eu cumprimento, inseguro, ao microfone.

Eles explodem. Vejo mãos levantadas, cartazes com meu nome, gente pulando e acenando.

— O prazer é meu.

A multidão grita.

ALEX! ALEX! ALEX!

— É sempre uma honra tocar para uma plateia cheia de mulheres tão bonitas.

As mulheres sorriem, os homens gritam em concordância. Estão sedentos por música e festa.

— Adoro mulheres bonitas, principalmente se elas têm bom gosto para o rock.

Mais aplausos e assovios.

— Essa é a noite que esperei por anos, a noite em que meu novo disco chega ao público. Eu trabalhei nele por muito tempo, coloquei o melhor de mim em cada música. O que posso dizer agora? Espero que vocês gostem.

Tenho dificuldade em falar devido ao barulho que eles fazem. Faço um sinal para a banda de apoio atrás de mim.

— Hoje vou tocar as novas músicas em primeira mão. Vocês serão os primeiros a ouvir. Para começar, o single de estreia.

Início os acordes de *Aqui e Agora* e a multidão entra em êxtase. A música estreou nas rádios há pouco tempo, mas todos sabem cantar a letra, como um *hit* consagrado há décadas.

CAPÍTULO 36

A noite passa rápido enquanto estou em cima do palco, aquela maldita sensação de adrenalina que eu não sentia há tantos anos e que me fez muita falta. Com a guitarra em mãos, o microfone diante de mim, olho aqueles filhos da mãe de cima gritando a plenos pulmões, tentando cantar minhas letras e pedindo mais, e me sinto um Deus, o pai da música por quem eles clamam. Eles querem mais, e eu quero dar mais. A energia que vem do público é tudo que move o artista, e ela nunca me cansa.

Toco quase todo o novo disco, além de um ou outro sucesso antigo. É bom apresentar as novas músicas ao vivo. Depois de mais de uma hora e meia, me despeço e deixo o palco. A plateia grita decepcionada. Não posso fazer nada, já toquei demais e meus dedos estão quase sangrando graças à guitarra. Montana e Ezra me indicam o caminho do camarim e me acompanham. Quando chego à porta, um repórter me ataca.

— Alex, como vai? Como foi a noite?

Cansado, minha resposta é a mais econômica possível.

— Ótima.

— Como você se sente vendo as pessoas cantarem só as músicas antigas?

— Como assim?

— Bem, deve ser difícil emplacar novas músicas depois de tantos anos de carreira. No show, as pessoas souberam cantar as músicas antigas; quando você tocava as novas, quase ninguém cantava junto.

Eu paro para pensar e não posso acreditar no que ele está dizendo.

— Amigo, de que lugar você é, mesmo?

— Sou da Biz FM.

— Está gravando isso?

— Sim.

— Desculpa, mas acho que você está perdido. Você sabe que evento é esse?

— Sei, sim. É o seu show.

— Não, amigo, não é apenas o meu show. É o lançamento do meu novo disco. Ele está chegando às lojas hoje e as pessoas estão ouvindo ele pela primeira vez. Agora, me responda, como elas vão conhecer as letras se o álbum saiu hoje?

Ele fica em silêncio e gagueja.

— Eu só queria saber se o sucesso do passado incomoda, mas pelo jeito já vi que...

— Claro que as pessoas não cantaram as músicas novas, sendo que elas as ouviram pela primeira vez, porém cantaram o primeiro *single*, que foi lançado poucas semanas atrás. Não, rapaz. O sucesso não incomoda. Desculpa a sinceridade, mas o que incomoda é esse jornalismo preguiçoso que repórteres como você fazem. Existe uma ilusão nesse país de que fazer sucesso é ruim, que marca demais. O que lancei com minha banda me deu orgulho, mas agora preciso seguir em frente. O que irrita são as perguntas levianas de um jornalismo tendencioso a fazer polêmica, que não quer pesquisar e questiona qualquer coisa, que faz perguntas manipuladas para gerar respostas polêmicas e ganhar audiência.

— Eu só queria saber, porque li sobre isso.

— Você leu pouco. O problema é justamente ler qualquer coisa escrita por outro jornalista mal-intencionado. Vocês, jornalistas, precisam se esforçar para fazer um trabalho melhor, porque influenciam pessoas, formam opinião e quando saem dizendo ou perguntando merda por aí, as pessoas acabam levando a sério.

Ele desliga o gravador e sai bufando. Eu não me importo e entro no camarim.

— Alex, você precisa parar com essas respostas — diz Ezra, que entra com Montana logo depois.

— Não tenho paciência para jornalista fazendo perguntas idiotas. Não vou aturar esse tipo de coisa. Alguém precisa ensiná-los a fazer um trabalho decente.

— Se continuar desse jeito, ninguém mais vai querer te entrevistar.

— Não me importo, eles que se danem. O público gosta de artistas sinceros, e enquanto eu tiver público, sempre vai ter quem queira me entrevistar, mesmo que seja um risco.

Ezra e Montana trocam um olhar preocupado.

— Olha, rapaz, é a sua carreira — lembra Ezra. — Mas sou seu agente e responsável por ela. As besteiras que você faz são da minha conta, e não quero ver um cliente meu se queimando na imprensa.

— Ezra — Encaro os olhos daquele sacana —, eu digo o que quero nas entrevistas, e, se você está comigo, tem que aturar as consequências. Ninguém é obrigado a ficar do meu lado.

Ele volta a encarar Montana de forma decepcionada. O clima na sala fica tenso. Para a nossa salvação, alguém bate na porta, e Montana a abre.

— Olá, Alex — diz Simone, surpresa ao ver os outros dois. — Pensei que estava sozinho. Talvez seja melhor voltar em outra hora.

— Não se preocupe, eles estão de saída.

Ezra e Montana me olham de forma descontente. Eles, visivelmente, não planejavam deixar o camarim tão cedo. Sem alternativa, os dois saem porta afora.

— Alex, ainda há uma festa para o seu disco acontecendo — Ezra me lembra. — Seria educado da sua parte se você não sumisse completamente.

— Não se preocupe, isso não vai levar muito tempo.

— *ISSO?* — ele me provoca.

— Jonas, ela é só uma fã.

Ezra revira os olhos teatralmente. Eu fecho a porta.

— Desculpe, querida. Ele é meu agente e está louco comigo.

— O que você andou aprontando?

— Nada de mais, apenas falando algumas verdades. Eles se preocupam demais com a imprensa, você sabe.

— Na verdade, não sei. Meu trabalho é fora do show business. Por que não me conta como é? Vou adorar ouvir.

Tranco a porta do camarim antes. Esse tipo de história costuma ser longa, e eu gosto de explorar todos os detalhes.

CAPÍTULO 37

Assim que abro os olhos na manhã seguinte, percebo que estou em um quarto cuja localização eu não faço ideia. A cama é redonda, o lençol fede a sexo e a decoração é grotesca. Estou tão acostumado a motéis decadentes que, às vezes, me esqueço de que agora sou famoso e posso pagar por algo melhor. Viro para o lado e vejo Simone em um sono profundo. Puxa vida, devo ter dado uma canseira nela, porque ela dorme feito uma pedra.

Saio da cama e vou ao banheiro. Lavo o rosto para espantar o sono e dou uma mijada. Em seguida, noto algo diferente no meu pau. Ele não mudou muito nas últimas décadas, desde a puberdade, apenas envelhecido e se tornado flácido. Cogito ter contraído alguma DST nas minhas últimas noitadas, porém imagino que nenhuma traria tal sintoma.

Meu pau está maior, *bem* maior.

Pego ele e dou uma esticada. Ele logo se anima. Não estava desse tamanho ontem à noite, tenho certeza disso. Procuro uma régua ou fita métrica, mas obviamente não encontro nenhum dos dois em um motel. Caramba! Calculo que esteja quatro ou cinco centímetros maior. Parece pouca coisa, mas em centímetros penianos faz uma diferença enorme. Volto ao quarto. Meu novo pau gigante bate nas coxas enquanto caminho, e me dá uma sensação estranha. Vejo Simone ainda dormindo na cama. Será que foi isso? Será que eu a matei com meu garotão crescido? Espero que não. Aproximo-me dela e checo. Ainda bem, ela está respirando. É uma menina forte, e aguenta numa boa. Por incrível que pareça, pela primeira vez na vida torço para que meu pau não cresça

mais, pois tenho medo de perder o controle da coisa.

Sigo para o chuveiro e tomo banho. Sou um homem na casa dos quarenta e tenho um pau que cresceu quatro centímetros em uma noite graças a um contrato, então não posso evitar: começo a brincar debaixo d'água com meu novo brinquedo.

Simone entra no banheiro e me interrompe. Ela me olha e sorri.

— Bom-dia, Alex.

— Ótimo dia, na verdade.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Por que estou com você?

— Obrigada, você é tão gentil.

Ela me abraça e dá um longo beijo na boca.

— Escuta, você notou algo de diferente em mim hoje?

— Como assim?

— Não sei. Dê uma olhada.

Saio do chuveiro e exibio meu corpo. Não dou nenhuma pista.

— E aí?

— Acho que não.

— Olhe com atenção.

Começo a balançar o pinto, que bate na perna com o peso de um saco de areia e estala.

— Nada?

— Para mim está igual a ontem, por quê?

— Não sei, acho que meu pau está diferente.

— Diferente, como?

— Maior.

Ela ri.

— O que foi que você usou ontem à noite?

— Nada de mais.

— Seu pau está ótimo. Um pouco vermelho, talvez, porque trabalhou demais. Ele é grande mesmo. Quase me matou, ontem. Graças a Deus eu tenho uma boa dilatação.

— É verdade.

Ela se aproxima, coloca a mão no meu pau e passa a deslizá-lo entre os dedos, e então começamos tudo de novo.

Quando chego ao meu apartamento, a primeira coisa que preciso fazer é checar as notícias. Abro o jornal e vou direto até o caderno de variedades. Encontro uma nota:

"Na noite de ontem, Alex Britto lançou seu novo disco, Blessed Whiskey, na badalada casa noturna Jazz House Café. Para apresentar as novas músicas ao público, o guitarrista tocou quase todo o disco na sequência. Alex, que tem um single em primeiro lugar nas rádios, levou ao delírio o público, que parece ter aprovado as novas canções. Segundo fontes próximas ao artista, o videoclipe para o próximo single deve ser gravado nos próximos dias."

Gravação de um videoclipe nos próximos dias? Não estou sabendo de nada a respeito disso. Incrível como os jornais sabem mais sobre a vida de um artista do que ele próprio. Vou até o computador e procuro por artigos online. Há diversas notas em sites de notícias e portais especializados em música. Há uma crítica ao show, no site de uma revista. Um trecho me chama atenção:

"Alex Britto pode ter ficado um longo tempo longe dos palcos, mas não se esqueceu do que as pessoas esperam de um bom show de rock. Os longos anos fora do meio fizeram bem a ele, que retornou com tudo. Haverá uma turnê para divulgar o novo álbum? Espera-se que sim."

Entro no mesmo shopping e vou até a *megastore* cujos funcionários tanto me conhecem. Pela primeira vez, aqueles sacanas não me ignoram quando chego à espelunca. Pelo contrário: agora eles sorriem, como se a rainha da Inglaterra tivesse dado o ar da graça.

— Alex! — grita alguém.

É aquele mesmo adolescente franzino coberto de espinhas que queria que eu tocasse na praça de alimentação. Ele se aproxima e coloca a mão no meu ombro, cheio de intimidade.

— Para você é *senhor* Alex Britto — eu digo, sem pensar duas vezes.

— Seus discos chegaram aqui ontem!

— Ah, é? Onde estão?

— Ali na frente. Colocamos em destaque, na prateleira de lançamentos.

Já vendeu quase tudo! Foram mais de cinquenta cópias desde ontem, na nossa última contagem. O gerente da loja estava ao telefone hoje, brigando com a distribuidora, exigindo que mandassem mais unidades, ou vamos perder vendas para a concorrência quando o estoque acabar.

Caminho até a prateleira que ele aponta. Há apenas quatro cópias do *Blessed Whiskey* no topo. A capa, que mostra a guitarra e eu em um estiloso sofá vermelho, parece brilhar para os clientes.

— Eu adorei as fotos do encarte — diz o jovem. — Tudo vermelho. Ficou bem bacana.

— Foram dois dias inteiros fotografando.

— Puxa, parece que foi rapidão.

— Só tem quatro unidades?

— Só.

— Chame o seu gerente.

— Por quê?

— Anda logo.

Ele se apressa em direção aos fundos da loja. É muito bom ser famoso, porque você pode mandar até mesmo nas pessoas que não trabalham para você e elas obedecem sem pestanejar. É incrível como ninguém pensa duas vezes quando recebe ordens de uma celebridade. Eu sentia muita falta disso.

— Mas se não é o Alex Britto! — diz o gerente, quando chega. — É um prazer imenso receber tamanho talento em nossa loja!

— Sim, eu sei. Não precisa puxar saco. Quero saber dos meus CDs.

— O que têm eles?

— O moleque disse que você estava com dificuldades para encomendar mais.

— Ah, sim. A gravadora pelo visto não esperava vender tanto, e não produziu tantas cópias.

— O que você quer dizer com “não esperava vender tanto”?

— Estou apenas dizendo que eles não fabricaram o suficiente para a demanda.

— Trate de encomendar mais discos, certo? Essas cópias vão acabar ainda hoje, e não quero ninguém deixando de comprar meu disco porque não o encontrou.

— Que artista completo! Não se preocupa apenas com a música, mas também com a distribuição, com a logística... Mas não se estresse, Alex. Estamos fazendo o possível. O distribuidor disse que a fábrica está a todo vapor.

— Não quero que você tente fazer o possível. Quero que consiga mais cópias de *Blessed Whiskey* e ponto final.

— Alex, por favor — me chama o garoto magrelo. — Tira uma foto comigo?

— Claro.

Ele entrega o celular ao gerente, que bate a foto.

— Quero essa foto na entrada da loja — diz o gerente. — É sempre bom mostrar que os artistas são nossos clientes.

— Não sou cliente — faço questão de lembrar para aquele oportunista. — Não estou comprando nada. Estou aqui apenas me certificando de que você está fazendo o seu trabalho direito. Bem, preciso ir. Tenho mais o que fazer do que ficar tagarelado com dois funcionários de uma *megastore*.

Os dois sacanas fazem questão de se despedir com um aperto de mão, que retribuo apenas para não parecer antipático em público. De repente, me lembro de algo e dou meia-volta.

— Ontem fiz um show para uma casa lotada — digo ao garoto, os olhos grudados nos dele. — Já estão pedindo uma turnê por todo o país. Espero que você tenha percebido que não sou o tipo de artista que precisa tocar na porra de uma praça de alimentação.

Deixo a loja com a certeza de que eles ficaram enfurecidos comigo.

CAPÍTULO 38

Visito diversas lojas nos dias seguintes. Todas vendem o meu disco bem, e a maioria dos funcionários garante que mais remessas tiveram de ser encomendadas. Depois de um tempo, fico cansado e decido parar de fazer isso. Recebo sempre as mesmas respostas, e não quero parecer desesperado. Confiro diversas vezes por dia o ranking do iTunes. Meu disco estreia em nono lugar na parada dos mais vendidos, e no dia seguinte chega ao topo.

— Primeiro lugar! — grita Jonas Ezra, ao telefone. — Você conquistou o primeiro lugar no segundo dia de vendas! Não é incrível?

— Claro que é.

Eu me sinto um bocado estranho, preciso confessar. Fico em silêncio, tentando processar tudo que está acontecendo.

— Você não parece contente — comenta Ezra.

— Não é isso... Talvez esteja apenas surpreso. Sei lá, isso é surreal. Semanas atrás ninguém falava de mim. Você tem lido as críticas?

— O site da Rolling Stone postou uma resenha hoje. Segundo eles, o seu disco é o resgate pelo qual o rock nacional espera há décadas.

— É isso tudo, mesmo?

— Como assim?

— Meu disco é mesmo tão bom?

Ezra fica confuso com a pergunta.

— Que merda de pergunta é essa, Alex? Você está com a autoestima baixa, ou algo assim? Não acho que seja hora para isso.

— Todo esse sucesso repentino está me fazendo pensar.

— Então pare. Tome alguma coisa. Espero que o seu estoque de uísque não tenha acabado. Se for o caso, me avise que mando meu assistente providenciar mais. Agora deixe de ser um maricas. Você acabou de lançar um disco, e tanto o público quanto a crítica estão adorando. Agradar os dois é extremamente difícil. É claro que o disco é bom. Mantenha o foco em outras coisas. O clipe do segundo *single* precisa ser gravado.

— Eu sei.

— Então faça o favor de agir como um artista no auge de carreira e se mantenha ocupado. Tem um jornalista querendo te encontrar hoje à noite para fazer um perfil, e você tem um programa para gravar em São Paulo amanhã. Comece a fazer as malas. Aliás, é melhor sempre deixar uma mala pronta, com algumas roupas. Você vai viajar bastante, a partir de agora. Devo agendar outras participações na televisão e no rádio ainda essa semana. Estão perguntando a respeito de uma turnê. Precisamos começar a pensar sobre isso. Quantas datas, que cidades, tudo. Assim que você se decidir, começo a usar meus contatos. Não vai ser difícil encontrar lugar nas capitais.

— Tão rápido assim?

— Há notícias sobre você todos os dias. Os ingressos venderão mais rápido, se colocados à venda agora.

Jonas desliga, e vou até a sacada do apartamento, onde tento penso no assunto. Voltar aos palcos para uma maratona, por alguma razão, me dá um calafrio.

As entrevistas continuam durante a semana.

Há uma coletiva de imprensa no prédio da gravadora. Entro no salão sem saber direito pelo que esperar, pois é a primeira vez que vou participar de uma coletiva. Nunca vi tantos jornalistas juntos em toda a minha vida. Eles se levantam quando me veem. Há uma longa mesa com cadeiras e um pôster com uma foto minha, e outro com a capa do disco logo atrás, ocupando toda a parede. Ezra e Montana se sentam ao meu lado.

— Boa noite — diz Ezra, cumprimentando os jornalistas. — Essa é a coletiva de imprensa de Alex Britto para o lançamento do disco *Blessed Whiskey*. As senhas foram distribuídas. O Sr. Alex Britto vai responder às perguntas, mas peço que elas sejam focadas na carreira e no novo disco.

Há um burburinho. Não entendo o motivo. Puxa vida, esse não é um pedido meu, e sequer tenho algo a esconder. Faz muito tempo que eu não dou tantas entrevistas, e certamente não me importaria se quisessem saber uma ou outra coisa a respeito da minha vida fora do trabalho.

— Por favor, o primeiro jornalista — continua Ezra.

Uma moça se levanta. Reconheço no crachá o nome de uma revista semanal de variedades. Ela se apresenta.

— Minha pergunta é bastante simples, Alex — ela começa. — Gostaria de saber qual é a sensação de ver seu segundo disco vendendo tão bem após tantos anos desde o fracasso do primeiro, e qual é o segredo de seu retorno.

O salão fica em silêncio. Parece que até mesmo os outros jornalistas estão interessados na resposta.

— Moça, se eu contasse o segredo, certamente seria preso.

Todos riem, e preciso esperar que o barulho termine.

— Quero dizer, se eu contasse, não seria um segredo, não?

Ela sorri sem graça.

— Agora, sobre como estou me sentindo com relação a tudo isso, estou ótimo, claro. Não sei o que mais dizer.

Ela não parece satisfeita com a resposta, mas o próximo jornalista parece não se importar.

— Desde Elvis é comum os discos de rock terem muitas canções sobre amor e relacionamentos. Não há quase nada disso no seu novo disco. Por quê? Falta de inspiração, talvez?

Todos na sala riem.

— Posso perceber a armadilha na sua pergunta — respondo, sorrindo. — Mas tenho experiência com jornalistas e sou velho demais para cair nela. Minha resposta é: justamente porque é lugar-comum. Há canções demais sobre amor, e eu sinceramente não aguento mais ouvi-las. Será que não há outros temas? Precisamos parar de envenenar a cultura. Corrigindo você: não é apenas no rock que esse tema é recorrente, mas em todo gênero musical. O romance predominava nas letras de jazz da década de vinte. Era praticamente tudo sobre o que Louis Armstrong e Ella Fitzgerald cantavam, naquele tempo. Ao compor, prefiro fugir da zona de conforto. Não importa o tema, só quero falar sobre qualquer outra

coisa. *Blessed Whiskey* é sobre isso: um homem que não está à procura de amor, que ficou de saco cheio disso e não quer falar sobre o assunto. Ele tem seu uísque, que é abençoado, e o rock, e isso é tudo o que importa.

— Então não há uma namorada que possa inspirar músicas no futuro?
— ele insiste.

— Desculpe — interrompe Ezra. — Sem perguntas pessoais, como eu disse.

— Não se preocupe — discordo, e Ezra me olha, irritado. — Meu agente está preocupado com minha privacidade quando nem eu mesmo ligo para isso.

Todos aplaudem e ouço alguns assovios.

— Não, não há nenhuma namorada — continuo. — A não ser que você seja como minha mãe, que insiste em chamar de “namorada” toda mulher com quem me relaciono, inclusive as que não passam de sexo casual. Ela não se acostumou com o vocabulário moderno.

Eles riem como se eu fosse um comediante. O próximo jornalista se levanta.

— Alex, eu estive ouvindo o disco para escrever a crítica, e notei que em algumas músicas você canta refrãos indistinguíveis. É impressão minha ou aquilo não é mesmo para ser entendido?

Todos me olham. Procuo pelo crachá dele, mas não encontro.

— Desculpe, para que jornal você escreve?

— É um jornal municipal, você não deve conhecer.

Resolvo não insistir.

— O que posso dizer? É apenas música. É arte sendo executada livremente.

O jornalista continua a me encarar.

— Pergunto porque muitos discos têm mensagens escondidas. Os músicos gostam de brincar com o público.

— Você quer dizer, tipo mensagens subliminares? — outra jornalista se intromete.

— Eu não disse isso.

Os olhos se voltam para mim novamente.

— Se você pensa que é subliminar, por que está me pedindo para

explicar? Não é assim que funcionam essas coisas. Tem muito a aprender sobre isso.

Para minha sorte, eles voltam a rir e o clima de tensão se desfaz. Outra vez me safo com um pouco de humor. Procuro o jornalista na multidão para descobrir se ele se satisfaz, mas seu rosto já não é mais o mesmo.

O Diabo pisca na minha direção.

CAPÍTULO 39

Saio para jantar com Montana e Ezra após a entrevista coletiva. Estou morto de fome, e paramos em um lugar perto do prédio da gravadora.

— Foi uma boa coletiva — comenta Ezra. — Acho que você está se saindo melhor nas respostas, Alex.

— Espero que sim. As perguntas têm ficado cada vez mais complicadas.

— É normal. Você está em evidência. Será transformado em um alvo daqui para frente.

— Um alvo?

— Claro. É a maneira como a imprensa enxerga artistas.

— O que foi a pergunta daquele cara? — Montana pergunta. — Sobre mensagens subliminares.

— Ezra acabou de resumir — digo. — Ele estava apenas me tornando um alvo.

— Sabe, eu realmente não me lembro de termos gravado aqueles vocais. Quero dizer, no começo achei os ruídos tão estranhos que pensei que era uma falha técnica do microfone ou dos instrumentos. Às vezes o áudio é captado de forma tão sensível que não soa bem... Mas depois percebi que era mesmo a sua voz. O que você estava fazendo?

— Provavelmente estava bêbado e acabei deixando algo na mixagem final.

Eles não parecem se importar muito com o assunto.

— Não podemos perder tempo com essas perguntas idiotas que os repórteres fazem — afirma Ezra. — Precisamos começar a pensar no próximo clipe. Estou cotando nomes para a direção, e gostaria de discutir

isso com você, Alex.

— Deixe-me ir ao banheiro, antes.

O banheiro fica nos fundos do restaurante. Entro, vou até um dos mictórios e começo a mijar. Estou completamente sozinho e, de repente, tenho uma ideia enquanto balanço meu pinto para secá-lo.

— Será que você poderia aparecer agora? Será rápido, eu prometo.

Espero um momento. Há silêncio, apenas quebrado pelo som abafado de pratos, conversa vindo do salão e da minha descarga. Nada acontece.

Até que alguém abre a porta.

— É uma hora estranha para me convocar — diz o Diabo, fechando a passagem. — Geralmente quando alguém me chama com o pau na mão, é uma emergência médica.

— O que você fez, hoje?

Ele dá de ombros.

— Preciso criar rumores.

— Por quê?

— Não tem graça gravar mensagens se as pessoas não prestarem atenção nelas.

— Vão começar a me acusar.

— O que é ótimo, não vê? Nunca poderão provar nada, apenas especular. É justamente disso que precisamos: pessoas curiosas a respeito do seu disco e da sua figura. *Polêmica*. É assim que se chama atenção e vende discos.

— Mas isso pode prejudicar minha carreira. Eles vão...

De repente a porta se abre em um estalo. É Ezra. Ele fica me encarando, e, depois, posso notar com clareza que olha para o Diabo.

— Desculpe, Alex. Você demorou, e apenas vim para checar se estava tudo bem.

Olho de um para o outro, sem saber o que fazer.

— Não se preocupe — peço, tentando agir com naturalidade. — Estou bem.

— Não sabia que estava acompanhado.

Fico estático. Eu não imaginava que o coisa-ruim podia ser visto por Ezra. Meu agente se aproxima.

— Bem, meu nome é Jonas Ezra. Eu agencio a carreira do Alex.

Ele estende a mão.

— O prazer é meu — responde o Diabo, retribuindo o cumprimento. — Meu nome é Peter. Velho amigo de infância.

— Ah, sim? — Ezra fica interessado. — Onde se conheceram?

— Na escola. Alex e eu estudamos juntos no ensino fundamental. Somos amigos desde então. E, claro, agora também sou um fã.

— Um dos primeiros, provavelmente.

— Desde o começo. Ele era o orgulho da nossa comunidade.

— Vou deixar vocês conversarem, então. Alex, estarei na mesa. Ainda temos assuntos a discutir.

Ele sai, e espero que feche a porta.

— Ele pode ver você? — pergunto ao Diabo.

— Claro.

— Por que você simplesmente não desaparece, como antes?

— Porque ele acharia estranho se encontrasse você conversando sozinho no banheiro. É isso que você quer?

— Não.

— Então tenho de manter minha forma humana. Vocês, humanos, não pensam em tudo. Deus acredita que tudo o que cria é perfeito, mas não fez vocês direito.

— Tudo bem, mas não faça mais aquilo, ok?

— O quê?

— Tentar me desmascarar na frente de jornalistas.

— Eu já disse: tive de fazer aquilo, e talvez faça de novo. Boatos são tudo. Quando há rumores, as pessoas sempre ficam alertas. Elas são viciadas nisso.

— E se começarem a fazer perguntas?

— Faça mistério. Perde a graça, se for confirmado, mas você também não pode negar. Deve deixar a pergunta no ar. Assim, as pessoas ficam ainda mais curiosas. A incerteza enlouquece. É como os seres humanos funcionam. Então desconverse. Responda qualquer coisa, mas não confirme, nem desminta.

— Vou tentar.

— Agora tenho que ir.

— Espere.

— O que é?

— Tenho uma dúvida. Devo fazer uma turnê?

— Que pergunta é essa? É claro que sim. Está no nosso contrato! Além disso, discos não trazem mais tanto dinheiro. Se quiser ser rico, precisa arranjar uma maneira de explicar de onde toda a sua grana vem. Sua vida melhorou, e agora você vive com luxo. Isso vai gerar perguntas.

— Parece meu contador falando.

— E você pensava que contabilidade era uma criação de Deus?

Ele abre a porta e vai embora. Espero um minuto, e então volto à mesa. Ezra e Montana me esperam.

— Tem algo que eu gostaria de discutir com vocês — digo.

— O que é? — pergunta Ezra.

— A turnê. Precisamos começar a marcar os shows.

— Parece que alguém está ansioso para arrebentar nos palcos — sugere Montana.

— Não é só isso.

— O que mais, então?

Eu os encaro e sorrio.

— Eu preciso ficar rico.

CAPÍTULO 40

Passo o resto da semana gravando o videoclipe do segundo *single*, uma balada homônima ao disco. Filmo em bares escuros e vazios do Rio de Janeiro, tomando muito uísque enquanto finjo conversar com garçons e faço um solo de guitarra. O diretor acha que vai funcionar porque a música fala basicamente sobre um cara solitário, sua reclusão, sua antipatia pelo mundo e adoração pelo uísque. Uma gostosa foi contratada para ser meu par romântico, e faço cenas de beijos com ela. É uma ruiva de cabelos encaracolados, e posso ver sardas espalhadas por todo o seu rosto enquanto gravamos. Meu pau – não tem jeito – fica em pé o tempo todo, como um soldado pronto para entrar em ação. Nas cenas em que estamos próximos, juntos no balcão ou andando pelas ruas do centro, temo que ela possa sentir, e posso até notar um leve sorriso nos lábios dela quando isso acontece. Peço seu número e sugiro sairmos para comer algo. Levo-a para jantar quando as gravações acabam.

— *Blessed Whiskey* é uma excelente canção — ela comenta. — Gostei desde a primeira vez em que eu a ouvi, quando o disco saiu. Eu nem imaginava que iria participar do clipe.

— Não precisa ficar me elogiando. Não tem que puxar meu saco.

— Não estou fazendo isso — ela reclama, ofendida. — Eu realmente gostei da música. Ela tem um clima legal. Sempre viajo com esse tipo de canção.

— Desculpe. Acho que eu a ouvi tantas vezes hoje que estou achando que não é tudo aquilo.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que ela fará muito sucesso, até

mais do que a primeira.

— É o que a gravadora acha. Desta vez, foi uma decisão deles.

— É sério?

— Sim. O primeiro *single* fui eu quem escolheu, mas não agora.

— Bem, eles devem saber o que fazem.

— É uma balada. Tem rimas e uma letra romântica. Funciona para o rádio.

— O que vamos fazer agora?

— Motel?

Ela dá de ombros. Terminamos de comer. Ela bebe quase uma garrafa sozinha, bem mais do que eu, mas parece estar bem.

Encontramos um lugar próximo. A decoração do quarto é toda roxa, o que me parece interessante. Tem umas caixas de som tocando jazz de fundo musical, e não sei o motivo, mas é bastante sensual. Ao contrário de mim, ela não parece ligar para nada disso, porque aperta meu saco dentro da calça com uma das mãos e não para mais, alisando com força até me deixar no ponto. Depois, tira meu cinto e minha calça, puxa a cueca até as minhas coxas e cai de boca. Mas que porra é essa? Ela é boa demais nisso. Encontrei poucas mulheres assim na vida. Chupa meu pau da cabeça até a base com pressão nos lábios, e quando chega ao final, me pergunto que tamanho tem sua garganta para engolir com tanta facilidade. Ela sequer usa a mão como apoio. Começa a lamber minha glândula e preciso me segurar para não gozar nos primeiros cinco minutos, bem na cara dela. Quando percebo que não estou longe disso, empurro a cabeça dela na direção contrária e a joga na cama. Tiro seu vestido. A sacana está sem calcinha. Eu não tinha notado isso antes.

— Abre as pernas.

Ela abre. A boceta é coberta por pentelhos vermelhos. Minha nossa! Como eu adoro isso. Natural! Não tem nada no mundo como encontrar uma ruiva natural. Eu não penso duas vezes: mergulho meu rosto e começo a chupar aquela boceta avermelhada. A safada prende minha cabeça com força no meio das pernas, bem no pescoço. Começo a sufocar.

— Chupa, filho da mãe! — ela pede.

— Você está me sufocando.

— Chupa!

Eu a sugo por um longo tempo, e então mordo de leve. Ela grita – não de dor, mas de prazer –, e então eu paro.

— Vira de costas.

Ela obedece. Começo a deslizar a língua pelas costas dela, e depois pressiono meu pau contra sua bunda.

— Gosta disso?

— Gosto.

Continuo esfregando até ela não aguentar mais, até implorar por mim. Dito e feito. Suando, ela diz:

— Coloca de uma vez, porra!

No dia seguinte, Ezra me chama até o seu escritório.

— É o que temos por enquanto — ele aponta para algumas anotações em seu quadro. — Convites para quatro capitais. Estamos negociando. Ainda esperamos propostas de outras cidades.

— Acho que deveríamos começar pelo Rio.

— Talvez uma data em São Paulo seja fechada antes.

— Ezra, prefiro começar a turnê pela minha cidade...

— Sei disso, Alex. Mas a data para São Paulo é quase dez dias antes, em uma das maiores casas de shows da cidade. Não podemos perder essa oportunidade...

— Tente um estádio, então.

— Estádio? — ele me encara, surpreso. — Ficou louco?

— Devemos pensar grande.

Ele volta a se sentar, e esfrega as mãos no rosto.

— Deixe-me refrescar os fatos na sua mente para que você possa ficar a par da situação. O seu primeiro álbum em oito anos acaba de ser lançado. Sua carreira havia esfriado. O novo disco está indo bem, mas não temos certeza, por enquanto, de se as pessoas pagariam para ir ao show, muito menos se conseguiríamos lotar um estádio.

— *Blessed Whiskey* está em primeiro lugar, e os dois primeiros *singles* não saem do top 10.

— Sei disso, mas precisamos ter calma. Seu nome está na mídia e suas músicas vão bem, mas isso não significa que vamos lotar um estádio agora. Seriam milhares de ingressos. Poderia ser um desastre. Se a oferta

for maior que a demanda e ingressos sobrarem, teremos que diminuir muito o preço para conseguir vender. Para pagar os custos, eles precisariam ser caros. Além do prejuízo, seria péssimo para a sua imagem. A imprensa vai noticiar que você fez um show para um estádio vazio, e as pessoas vão fotografar com os seus celulares. Se parar na internet, vira piada e acaba com a sua carreira.

— Estou confiante de que vamos vender bem.

— Melhor começar por casas pequenas. Sua confiança não basta. Negócios são negócios, e seu show não passa de mais um investimento, para a produtora.

— Ao menos tente, ok? Preciso ir. Me ligue, quando tiver uma resposta.

Deixo o escritório de Ezra e tomo o elevador. Deço até o térreo e atravesso a recepção do prédio. Quando passo pela porta giratória e chego ao lado de fora, levo um susto.

Há uma multidão, e ela se agita quando percebe minha presença. Dezenas de pessoas se levantam e gritam meu nome. Há muitos cartazes, mas não consigo ler todos. A confusão é tão grande que não sei para onde olhar, e fico tonto. Eles se comportam como se um deus tivesse chegado – ou um jogador de futebol milionário. Uma garota, que não deve ter mais de vinte anos e deixaria qualquer homem de queixo caído, se esforça para manter seu cartaz no alto, para que eu o veja.

O que está escrito é insano:

Alex, faz um filho em mim.

A maluquice começa a me assustar. Olho para os lados, procurando por um lugar para onde correr.

CAPÍTULO 41

— Alex, aqui! Alex!

Pessoas gritam meu nome por todos os lados. Pedem minha atenção, que eu vá até elas, que mande beijos e sorria para as fotos. Não consigo entender como não percebem que sou apenas um, e que não posso atender a todos ao mesmo tempo. Elas correm na minha direção. Eu deveria ter saído com um guarda-costas! Uma garota surge ao meu lado e puxa minha jaqueta.

— Alex! — ela grita, me abraçando. — Alex, eu não acredito! Esse é o meu sonho! Sonhei a vida inteira em te encontrar! Alex... Ai meu Deus, Alex! Me dá um beijo, me belisca! Eu não acredito que isso está acontecendo. Olha aqui pra minha câmera. Minhas amigas não vão acreditar. Caramba, é o Alex Britto!

— Calma, garota, eu estou...

— Alex, pode tirar uma foto beijando minha bochecha? Elas vão morrer de inveja...

Um rapaz aparece e me abraça.

— Alex, eu sou seu fã! Cara, você é animal! Sou vidrado nas suas músicas! Não acredito que te encontrei. Autografa esse disco pra mim? Juro que não vou vender na internet.

— Calma, garoto! Eu não estou conseguindo nem...

— Alex!

Uma senhora vem na minha direção. Ela segura no colo uma criança, que não deve ter mais de dois anos.

— Alex, meu filho é seu fã! Eu coloco suas músicas e ele começa a

dançar. Ele para de chorar no caminho da escola quando eu coloco o CD pra tocar no carro. Dá um beijo nele? Quem sabe, um dia, ele vai tocar guitarra igual a você...

— Calma, primeiro ele vai assinar o meu disco! — diz o rapaz, se metendo na frente dela.

— Garoto, você não sabe que mulheres têm preferência?

— Aqui não é banco! Dá licença!

Ele se joga na frente dela e avança com o disco, me empurrando. Tropeço e caio pateticamente na calçada.

— Olha o que você fez, seu idiota! — diz a mulher.

— Meu Deus, Alexzinho! — grita a garota do beijo, correndo na minha direção. — Você se machucou? *Imbecil!* Quase o matou.

— Eu só queria que ele assinasse a merda do disco. Eu não queria...

— O que disse? Que o disco é uma merda?

— Não, eu só...

— Como ousa dizer uma heresia dessas na frente dele?

— Eu não...

— Calem a boca! — eu grito, e eles me olham, assustados. — O que estão fazendo? Eu vou enlouquecer, desse jeito!

— Esperamos a manhã toda pra te ver, Alex — diz o garoto. — Descobrimos pela página de fãs que você teria uma reunião aqui, e viemos.

— Tudo bem, mas tenho de...

— Pode assinar meu disco agora? — ele me interrompe.

Pego a cópia de *Blessed Whiskey* que ele tem nas mãos e assino de uma vez.

— A minha também! — grita outro cara.

— E o beijo no meu filho? — insiste a mulher.

— Alex, casa comigo? — pede a garota do cartaz.

— Casar com você? — pergunto, incrédulo. — Ficou maluca? Eu nem te conheço.

— Toma essa! — ri o garoto.

Ela larga o cartaz no chão e começa a chorar. A amiga tenta consolá-la.

— Por que disse isso? — ela pergunta.

— Porque é a verdade.

A garota sai correndo e a amiga a acompanha. As outras pessoas esquecem a cena em um instante, e voltam a se concentrar em mim, estendendo cadernos, discos e pôsteres a serem autografados. Começo a ficar tonto. Eles não param de gritar nem por um segundo, e minha cabeça parece prestes a explodir.

— Chega! — grito.

Dou meia volta e atravesso novamente a porta giratória. Eles tentam entrar. Corro até o segurança do prédio, que observa a cena de longe.

— Por favor, tranque essa porta!

Não preciso convencê-lo. Quatro pessoas ao mesmo tempo na porta giratória são o suficiente para travá-la. Ele pede que as pessoas se afastem, e elas são obrigadas a obedecer, mas continuam em frente ao prédio.

Corro até a recepcionista.

— Pode ligar para o Ezra?

Ela discar o número, e me alcança o telefone.

— Alô, Ezra? Temos uma situação complicada aqui.

— O que foi?

— Não consigo sair do prédio.

— Por que não?

— Porque, se sair, vou ser despedaçado. Vá até a sua janela e olhe para baixo.

— Espere um minuto.

Não ouço nada por um instante. Espero impaciente. A recepcionista olha de mim para a rua e vice-versa, provavelmente temendo que a situação fuja do controle e custe seu emprego.

— Sr. Britto, precisa fazer algo a respeito disso — ela diz. — Não podemos tolerar essa confusão na nossa porta.

— Por que não toma uma atitude, então? Fique à vontade. Eu não posso me responsabilizar por um bando de estranhos eufóricos.

— Até onde sei, essas pessoas estão atrás do senhor.

— Eu não as chamei. Não é minha culpa. Não há lei que responsabilize um artista pelo comportamento dos fãs, certo?

— Alex? — Ezra me chama ao telefone. — Não posso acreditar. São seus fãs?

— É o que eles dizem.

— Se eu soubesse, não teria chamado você aqui. O pessoal vai me

atormentar na reunião de condomínio. A síndica me detesta desde que eu me neguei a agenciar seu sobrinho, que não tinha afinção para cantar nem no chuveiro. Espero não receber uma multa. Vou ter de colocar na sua conta.

— Não vai colocar droga nenhuma na...

— Olha, se quer ir embora sem ser visto, peça ao segurança para mostrar a saída dos fundos. Não deve ter ninguém lá.

Faço o que ele diz. Me levam por um corredor escuro e deserto. Em pouco tempo atravesso a porta da saída de emergência e chego a um terreno baldio na rua de trás, são e salvo. E o melhor de tudo: completamente sozinho.

CAPÍTULO 42

O clipe do segundo *single* é lançado dias depois. Como esperado, ele alavanca o desempenho da música em todo lugar. Ela bate no topo do iTunes e passa a ser executada à exaustão nas rádios, liderando entre as músicas mais pedidas pelos ouvintes, ou aquelas que as rádios *dizem* serem as mais pedidas. O vídeo se torna o mais visto do ano no YouTube nacional. Recebo mais convites para programas de televisão e apareço cantando a balada com minha guitarra em todos eles, tentando inovar da maneira que posso em cada apresentação, na tentativa de que elas não pareçam todas iguais.

As manchetes com o meu nome não param de crescer. "*Alex Britto emplaca segunda música consecutiva no topo das paradas*": eu provavelmente iria ganhar muita grana, não importando o que dissessem sobre o mercado de discos e download ilegal. "*Alex Britto tem os vídeos mais assistidos do ano*": preciso começar a estudar como funcionam os anúncios do YouTube. Tenho certeza que posso fazer muito dinheiro com isso, também. "*Rádios tocam Alex Britto uma vez a cada meia hora*": provavelmente é verdade. Ando escutando mais minha voz saindo do rádio do que da minha boca.

"*Alex Britto reacendeu o rock nacional, diz crítico musical*": alguém precisava salvar essa geração. "*Gravador United Brothers procura por novas bandas após o sucesso de Britto*": Eu queria ver a cara daquele careca maldito que me demitiu da gravadora. "*Já não dá mais para ouvir 'Aqui e Agora', dizem ouvintes de rádio*": e por acaso existe

alguma rádio que não seja repetitiva e não toque a mesma música dezenas de vezes por dia?

"Disco Blessed Whiskey ganha certificado de ouro": onde está a minha placa com o disco de ouro? Quero bater umas fotos e pendurar na parede da minha sala. "Tive um caso com Alex Britto", afirma modelo do videoclipe": aquela safada, quem ela pensa que é? O fato de eu ter saído com ela não lhe dava o direito de falar por aí sobre a minha vida pessoal! Clico para ler a notícia completa:

"Nina Beatriz, uma sedutora ruiva com pouco mais de vinte anos, não pensa duas vezes antes de confessar: 'tive um caso com Alex Britto' – e é claro que ela se refere ao roqueiro mais desejado do momento. Segundo a modelo, que pode ser vista no vídeo mais recente do cantor, o flerte entre os dois não se limitou às cenas filmadas. 'Ele me abordou logo depois que as gravações terminaram, e insistiu para eu sair com ele', conta. Quem poderia condenar Alex – que até onde se sabe, está solteiro – por não resistir aos encantos da moça?

"Em entrevista coletiva recente, Alex confessou aos jornalistas que não tem namorada e não procura pelo amor, tema que mal aparece nas letras compostas por ele para o disco. 'O álbum não é sobre romance', ele afirmou, quando questionado. Para Nina, entretanto, o roqueiro pode estar apaixonado. 'Ele não para de me ligar', revela. 'Todos os dias recebo mensagens dele'. E o que ele quer? 'Basicamente, pede para me ver, mas nem sempre é possível. Acho que ele está bastante solitário com a fama e tudo o mais, e talvez esteja procurando por uma mulher para se casar e formar uma família. Mas minha carreira como modelo está deslanchando, e ando muito ocupada. Não tenho tempo para namorar, mas vamos ver o que acontece'.

Ela garante que os convites para trabalhar aumentaram desde o lançamento do videoclipe e o boato de que os dois estariam juntos. 'Não quero ficar conhecida apenas por ser a modelo que namorou Alex Britto', ela teme, 'Seria um desastre'. O repórter faz a pergunta que não quer calar, e que certamente muitas das fãs se fazem: como

seria Alex Britto na cama? 'Não estou certa de se devo comentar esse tipo de coisa, mas saí bastante satisfeita', a ruiva garante. Embora não queria entrar em detalhes, ela solta: 'Certamente ele é bem-dotado'. E completa: 'Espero vê-lo em breve.'"

Que merda é essa? Eu nunca mais vi nem entrei em contato com aquela safada desde que saímos do motel. De onde veio essa história de que eu não paro de ligar? Era mais uma modelo tentando surfar na fama alheia. Continuo lendo as outras manchetes.

"Alex Britto é cotado para ser jurado em reality show de calouros": prefiro a morte. Um jurado não é ninguém para dizer se um participante tem ou não futuro na música. Ele não sabe e não tem como prever. Aliás, se os jurados realmente soubessem como fazer sucesso, estariam ganhando rios de dinheiro produzindo artistas, e não participando de um *reality show* que serve apenas para tapar buraco na programação de uma emissora.

"'Aqui e Agora' entra para a trilha sonora da próxima novela das nove": minha linda canção, na qual trabalhei duro, seria o tema de um casal sem graça em um roteiro clichê de mais uma novela de temática reciclada, e assim seria lembrada por boa parte do público. Mas o que eu poderia fazer? Nem sempre a prostituta escolhe os clientes. Às vezes precisa simplesmente fechar os olhos e aceitar o trabalho que oferecem.

"Alex Britto toma água de coco no calçadão de Copacabana": certamente essa notícia relevante vai mudar a vida de muita gente. *"Alex Britto é fotografado sem camisa na praia":* até a minha barriga de uísque virou destaque e ganhou a mídia. Sou realmente famoso. Na próxima vez, devo baixar a bermuda e mostrar aos *paparazzi* algo realmente interessante, e que vai gerar bem mais notícias.

"Estamos conversando sobre isso', diz Peter Sengalo, ex-Estapafúrdios, a respeito do retorno da banda": jamais. É outra coisa que sequer passa pela minha cabeça. Meu ex-coleguinha de grupo, esquecido e fracassado, é mais um tentando pegar carona no meu nome. *"Alex já está em estúdio preparando um novo disco', afirma fonte próxima do cantor":* mentira. Eu nem havia começado a colher os lucros do meu atual álbum. Não voltaria a trabalhar tão cedo.

"Meu maior erro foi não ter renovado com o Alex', lamenta presidente da ex-gravadora de Britto": bem feito. Chore um oceano de lágrimas, agora. Rio alto com a notícia, antes de passar para a próxima. *"Alex Britto sai com a famosa atriz Liane Pretti":* ela é bem gostosa, mas, infelizmente, não é verdade. Quem sabe no futuro?

"Antigos discos de Alex Britto serão relançados": minha ex-gravadora tenta tirar uma casquinha do meu sucesso da maneira que pode. *"Spring Records confirma lançamento de disco com demos e faixas descartadas da banda Os Estapafúrdios":* Deus, eles não se cansam. Preciso ligar para o meu advogado e consultar se eles podem mesmo fazer isso sem a minha autorização. *"Jovem afirma ter encontrado mensagens subliminares no disco Blessed Whiskey":* enfim uma verdade em meio a tanta mentira.

"'Quero justiça', diz mulher que afirma estar grávida de Alex Britto": do que as pessoas não são capazes em busca de fama e dinheiro? Isso é golpe baixo. Desde *Billie Jean* elas não aprendem. Nunca ouvi falar dessa mulher. Mando uma mensagem ao meu agente, pedindo que ele esclareça o boato e emita uma nota garantindo que estou disposto a fazer exames de DNA, se necessário. É claro que não pretendo levar uma agulhada por causa de uma louca desesperada. Não vale a pena, mas não custa nada parecer disposto. Paro de ler as notícias em seguida, porque o nível desce cada vez mais.

CAPÍTULO 43

Minha vida continua um tanto agitada nos dias seguintes. Fãs acampam na frente do meu prédio, dormem em barracas e esperam o dia inteiro pelo momento em que saio de casa. Não importa o horário: sempre há alguém me esperando. Começo a ficar assustado, e penso em alternativas.

Meu prédio é antigo e pequeno, porque era tudo o que eu podia pagar até algum tempo atrás. Não há saída pelos fundos. Tento me disfarçar. Uso boné e óculos escuros, coloco moletom para tapar as tatuagens. Não adianta. Eles são espertos, e me reconhecem facilmente. Avançam sobre mim, me pedem fotos e autógrafos. Alguns querem entrar no meu apartamento, e, embora uma ou outra garota gostosa e interessante esteja no grupo, não quero receber todos.

Nos dias seguintes, tento usar roupas diferentes. Tento uma peruca. Ainda assim, o prédio é pequeno e não há muitos moradores. Eles desconfiam quando veem um homem deixando o local sozinho. Me seguem, me observam, fazem perguntas, questionam meu nome. Qual é o problema desse pessoal? Eles não têm nada para fazer? Não é possível que um bando de jovens acampe em frente à casa de um artista em plena tarde de terça-feira. Eles não precisam trabalhar? Onde estão seus pais, seus responsáveis? Garanto que são eles quem os sustentam, mandando mesada quando pedem. Eles mantêm a ilusão, a fantasia de que é possível desperdiçar horas perseguindo um famoso apenas pelo prazer de vê-lo, tirar uma droga de foto que em nada mudará suas vidas. Olho para aqueles jovens amontoados, que admiram meu trabalho ao invés de fazer o seu, e ao mesmo tempo em que me sinto lisonjeado, sinto pena.

— Você tem de acabar com isso — eu peço ao Diabo, quando ele aparece caminhando ao meu lado.

— Por quê?

— Não tenho mais privacidade.

— Você pensou que era possível ser muito famoso e ter privacidade ao mesmo tempo?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Alex, se quer que todo mundo saiba seu nome, precisa enfrentar as consequências.

— Só preciso de um pouco de paz, está bem? Chegar e sair de casa sem um bando de malucos me perseguindo.

— Isso estava no contrato.

— Eu sei disso! — grito, sem me controlar.

Ele me olha torto.

— É melhor medir o tom da voz.

— Desculpe — digo, e caminhamos em silêncio por um tempo. — O que podemos fazer a respeito? — pergunto, minutos depois.

— Não posso eliminar seus fãs. Você precisa deles, se quer ser famoso.

— Que opções tenho, então?

— Você pode lutar por sua privacidade, como os artistas geralmente fazem.

— Como?

— Comece pelo lugar em que você mora. Seu prédio é insustentável. É pequeno demais, não tem segurança nem saída alternativa. Nenhum artista que se preze pode morar em um lugar como aquele. Mude-se para um edifício melhor, um condomínio fechado. Você pode pagar por outro padrão de vida, agora. Além disso, precisa mostrar às pessoas que está ganhando dinheiro. Faz parte do show.

— Vou começar a procurar por um apartamento novo.

— E é bom tratar bem os fãs.

— Por quê?

— Nenhum artista vai longe, se desprezá-los.

— Eu sou apenas um músico que não deseja ser perseguido por malucos.

— Quando você assinou o contrato, seu objetivo não era ser “apenas um músico”. Era algo muito maior. Eu só entreguei o que você pediu, então talvez seja hora de pensar melhor no que você almeja.

Eu não respondo.

— Alex, quanto mais louco um fã parece, mais devoto ele é. Essas pessoas fazem a sua fama, trazem dinheiro e o divulgam.

— Então eu vou precisar de uma casa maior. Uma mansão.

— Tudo bem.

— Posso ter ofurô? Sempre quis ter um ofurô.

— Pode.

— E uma sauna.

— Ok.

— Eu também queria ter um elevador interno. Sei que quase não vou usar, mas sempre achei um luxo ter elevador dentro de casa. Não é para qualquer um.

— Não é mesmo. Algo mais?

— Não, por enquanto é tudo. Desculpe. Que falta de educação a minha. Eu sequer perguntei como você está. Como você está?

— Sabe, você é um tipo raro. As pessoas não costumam perguntar ao Diabo como ele está.

— Talvez presumam que você esteja sempre bem.

— Não é verdade. Eu também tenho sentimentos, sabe? Também sofro, às vezes, e preciso conversar.

— Acho que eu sei do que você precisa.

— Do quê?

— De um abraço.

Ele fica constrangido.

— Não sei, eu...

— Todos nós precisamos de um abraço, de vez em quando — afirmo.
— Muitas vezes, quando estou triste, paro e me pergunto: quando foi a última vez em que ganhei um abraço apertado de alguém? Eu nem sei a resposta.

— Olha, não sei se é uma boa ideia. Eu sou bastante quente...

— Venha aqui.

Ele fica parado, o corpo duro como uma estátua de cera.

— Não se acanhe — digo.

Eu me aproximo do Diabo e então dou um abraço forte nele, que dura algum tempo. Posso sentir a tensão se desfazer em seu corpo. Ele estranha, mas acaba se acostumando e, ao final, relaxa. Quando me

afasto, disfarço e enxugo o suor da testa com a manga da camisa. Ele é mesmo quente.

CAPÍTULO 44

Minha vida é bastante dura. As pessoas nem imaginam.

Passo as semanas seguintes rodando o Rio de Janeiro em busca de um imóvel que me agrade. É bastante cansativo: visitar diversas imobiliárias especializadas no mercado de luxo, aguentar o papo de corretores treinados para babar nos clientes ricos, andar por todas as praias da cidade em busca de um lugar para viver à beira-mar.

O corretor leva a mim e Ezra até as grandes mansões cariocas. São casas tão grandes que se precisa uma hora para percorrer todos os cômodos, e eu tento analisar cada detalhe com atenção. Não é algo fácil, considerando que ainda estou divulgando um disco e organizando uma turnê. São quartos do tamanho de apartamentos, banheiros tão elegantes que você tem pena de defecar neles, closets que mais parecem lojas de roupas. Chego a ficar tonto, depois de algumas visitas.

— Quantos donos? — pergunto ao corretor, enquanto avalio um imóvel.

— Apenas um.

— Quem?

Ele reflete sobre a pergunta.

— Um apresentador de televisão, mas não podemos entrar em detalhes. Sabe como são essas coisas, com a violência na cidade e tudo o mais.

— Não me importa, na verdade.

— Viu a piscina?

— Sim.

— É térmica.

— Legal.

Decido comprar uma casa escondida entre pedras na praia, na Barra da Tijuca, onde sei que dificilmente serei incomodado. Eu queria ver a cara de todos aqueles atores, cantores e modelos ao descobrir que eu tenho uma casa de alguns milhões em um lugar inacessível que eles certamente desejavam, e tudo isso em poucos meses. Eu podia sentir a inveja, nas festas: eles me olhando e se perguntando se o boato sobre a minha nova casa era verdadeiro; eu garantindo que sim e pedindo que não espalhassem, porque minha intenção era justamente ter privacidade. Eles iriam morrer de ciúmes. Tentariam ser meus amigos e esperariam convites para conhecer a mansão, e cobiçariam jantar um elegante banquete servido por meus mordomos numa mesa longa, e o prato seria provavelmente algo bem extravagante e caro, tipo “lagostas”. Eles postariam fotos nas redes sociais, para mostrar a todo mundo que eram amigos do famoso, rico e talentoso Alex Britto, aquele que está no auge da carreira, que detona nas paradas musicais e vende discos igual banana. Sei como eles são. Eu conheço essa gentinha como a palma da minha mão. Eles dizem ser escritores, pintores, músicos e garantem se preocupar só com a arte. É tudo mentira. Ambicionam apenas a fama e a bajulação. São gananciosos, e fazem amizades com gente importante e bem-sucedida – como eu – com a única intenção tomar uma parte da fama para eles. Mas eles não vão conseguir. Eu não deixaria nenhum sacana se aproveitar de mim. Não há nada pior do que perceber que alguém é seu amigo por interesse. O ser humano é nojento e desprezível, e é por isso que cada vez mais quero me afastar das pessoas, reduzir meu círculo social, ver a menor quantidade de gente possível.

Faço a mudança em poucos dias. Meu antigo apartamento era apertado e não me permitia ter muitas coisas, então não era lá algo que levasse muito tempo. Logo estou acomodado em meu novo lar, com direito a uma grande e espaçosa garagem, que abrigaria certamente vários carros de luxo, que viriam em um futuro próximo e de contínua abundância financeira.

A data do primeiro show da turnê, em São Paulo, é marcada, e os preparativos começam. Defino a *setlist*. A maior parte é composta por músicas do novo disco. Começarei com “Aqui e Agora” e terminarei com “Blessed Whiskey”, meu maior *hit* até agora, para fechar com maestria e

levar o público à loucura. No meio, coloco coisas do meu primeiro disco, que ninguém saberá cantar, com exceção de talvez um ou outro fã devoto. Discuto com Ezra sobre tocar algo d'Os Estapafúrdios.

— Você não pode deixar a banda de fora — ele diz, como se minha ideia de não tocar fosse o maior absurdo que um empresário pudesse ouvir.

— Não me sinto bem tocando essas músicas — eu retruco. — A banda acabou. Não quero voltar para aquela época.

— Não existe esse negócio de não voltar ao passado. Não em uma turnê, garoto. Turnês são sobre o passado. As pessoas não vão ao show apenas para ouvir músicas que você acabou de lançar e que elas provavelmente ainda nem aprenderam a cantar. As novas não trazem lembranças. O público quer nostalgia, escutar ao vivo a porra da música que traz uma memória da adolescência, ou de outra fase qualquer, que não volta mais, e que elas adoram lamentar para lembrar de como eram felizes e não sabiam.

— Os Estapafúrdios já acabaram.

— Não importa. É a sua origem, é como as pessoas conheceram você. Qual a graça de ir ao show do Ringo Starr se ele terminar sem tocar Beatles? Eu me sentiria enganado, e pediria a droga do dinheiro de volta, era isso que eu faria.

— Eu não iria a um show solo do Ringo Starr, de qualquer maneira. Ele sempre foi o sem graça do grupo.

— Não me interessa a sua opinião. O assunto não é ele. Escolha ao menos quatro músicas da sua antiga banda e comece a ensaiá-las.

Depois de muita discussão, fechamos a *setlist* com três músicas do grupo, e também um *cover* de Johnny Cash e outro de Bob Dylan. Persisto com a homenagem a Dylan porque uma imagem *hipster-folk*-conceitual viria a calhar no show. Ezra me pergunta se tenho alguma exigência para o local dos shows, como os artistas geralmente fazem e as produtoras precisam cumprir. Eu dou risada. É claro que tenho. Ele pensou que eu deixaria essa passar?

Entrego uma lista a ele.

Três garrafas de uísque Jameson;

Duas caixas de cerveja Guinness;

Duas garrafas de vodca Cîroc;
15 energéticos;
20 garrafas de água 500ml (com gás);
2 caixas de bombons variados;
4 caixas com barras de chocolate (branco, preto, preto com amendoim e amargo);
6 pacotes de amendoim japonês;
Duas garrafas de vinho tinto italiano ou português;
6 caixas de leite semidesnatado;
2 pacotes de chá de camomila;
6 latas de chá verde;
Oito carteiras de cigarro;
1 sushiman disponível pré-show e pós-show;
2 frangos assados com pele;
1 porção grande de massa à carbonara;
10 opções de frutas variadas (banana, maçã, goiaba, mamão papaia, uvas, melancia, etc);
4 toalhas de rosto brancas;
2 toalhas de banho brancas;
1 cesta 30x40cm com pétalas de rosa
1 cama de casal coberta de pétalas de rosa;
2 suportes para guitarra;
1 chaleira elétrica;
1 cachorro da raça Beagle;
1 gato persa;
2 tartarugas de no máximo 10cm em um aquário;
4 "modelos", de no máximo 1,75cm e 60kg, uma delas ruiva, todas de lingerie por baixo (você realmente entendeu as aspas, Ezra?);
13 pacotes de preservativos com ao menos três unidades cada;
04 lubrificantes;

01 jornal de abrangência nacional, do dia.

Ezra me olha, surpreso, após passar os olhos rapidamente pela lista. Espero que ela não seja excêntrica demais para os produtores, mas tenho absoluta certeza de que eles estão acostumados a receber esse tipo de coisa.

CAPÍTULO 45

Quando o dia do primeiro show finalmente chega, estou um bocado nervoso. Tanto os jornais de São Paulo quanto os nacionais o anunciam. É chamada na primeira capa. Há *outdoors* por toda a cidade, pendurados em prédios e rodovias. Chego ao local cerca de duas horas antes do horário marcado, e vou diretamente para o camarim. Visto o figurino e recebo a maquiagem de um rapaz que faz parte da minha equipe.

— Nervoso? — ele pergunta, enquanto trabalha na minha cara.

— Não posso negar.

— Não se preocupe. Eles amam você. Não tem razão para eles não amarem o show.

— Espero que não.

Ele deixa o local, e eu fico sozinho no lugar. Já se aproxima do horário, mas não me chamaram, então o palco ainda não deve estar pronto. Olho ao redor. A produção foi mesmo eficiente, e trouxe tudo o que eu exigi na minha lista – pelo menos é o que parece, quando olho ao redor e vejo o camarim abastecido. Mas a verdade é que não me lembro muito bem do que pedi, então não me preocupo com isso. Vejo uma garrafa de uísque na mesa e me sirvo de uma dose. Alguém bate à porta.

— Senhor, gostaria de comer alguma coisa? — pergunta uma garota vestindo o uniforme da produtora.

— Se não me engano, pedi que apenas membros da minha equipe me dirigissem palavra.

— Desculpe, senhor. Não sabia dessa solicitação. Não estava na lista.

Droga. Eu deveria começar a fazer as listas quando estivesse sóbrio.

— Tudo bem, está perdoada. Peça ao *sushman* que prepare algo para mim.

— Imediatamente, senhor.

Ela me deixa sozinho novamente. Suspiro aliviado. Por que é tão difícil para as pessoas realizarem um trabalho de forma decente quando o pedido é simples? Falta de comunicação organizacional, como sempre. Detesto ter gente incompetente trabalhando para mim, mas é o que resta, quando uma turnê é organizada às pressas por uma produtora que acredita que a fama do artista não vai durar tempo suficiente para a venda de ingressos após meses, o que claramente não é o meu caso. Sendo assim, tomo outra dose de uísque, dessa vez com energético, e tento relaxar. A noite vai ser dura, e preciso descansar.

Voltam a bater na minha porta. Deus, eles não vão mesmo me deixar em paz.

Desta vez é um dos meus novos *roadies*.

— Senhor, as modelos se encontram disponíveis. Gostaria de vê-las agora?

— Hum, pode ser. Como elas são?

Ele olha para o lado e ouço risadinhas no corredor.

— A equipe diversificou bastante, senhor. Tem uma loira, uma ruiva e uma morena.

— Só?

— Sim.

— Eu pedi quatro modelos.

— Desculpe, senhor. Há apenas três.

— Puta que pariu. Ninguém trabalha direito nessa droga!

— Devo encontrar mais uma?

— Não, deixa assim. Mas, se continuar assim, alguém será demitido.

— Entendo, senhor. De qualquer maneira, essas três modelos são, digamos... bastante eficientes, e tenho certeza de que irão dar conta de... entreter o senhor. Deseja vê-las agora?

— O que quer dizer com “dar conta”?

— Digo, mantê-lo satisfeito.

— Garoto, você é inocente e não conhece nada sobre minha satisfação, pode acreditar. De qualquer maneira, não pedi sua opinião. Mande-as

entrar. Quero fazer uma análise.

Ele faz um sinal. Três mulheres entram. Uma morena, uma loira e uma ruiva, exatamente como ele as descreveu. Todas usam vestido curto.

— Uma volta, por favor — peço.

Elas obedecem.

— Devagar.

Elas diminuem a velocidade e dão outra volta.

— Não gostei da loira — aviso, e a loira apresenta uma expressão decepcionada. — Não fui com a cara dela. Ela também me parece velha demais, perto das outras. Não me leve a mal.

— O que devo fazer? — pergunta o *roadie*.

— Tire-a daqui.

Ele faz outro sinal, e posso ver os olhos dela se tornarem vermelhos e molhados um momento antes de ela sair.

— Pode ir também, garoto, e feche a porta depois. Certifique-se de que não serei incomodado.

— O horário do show é dentro de pouco tempo, senhor. Quinze minutos, no máximo.

— Rapaz, você é um relógio, agora? Eu não perguntei nada. Além disso, você já viu um roqueiro começar o show no horário marcado? É claro que não. Nem cantor gospel faz isso. Vaze de uma vez.

Quando fico sozinho com as garotas, me levanto e as cumprimento com um beijo no rosto.

— Pedi sushi. Se o *sushiman* for mais competente que esse cara, não deve demorar. Querem beber algo? Tenho de tudo: uísque, cerveja, vodka, vinho.

Elas se entreolham.

— O que combina mais com sushi? — pergunta a morena.

— Tenho um amigo *sommelier* que é bastante chato e vive insistindo que é o vinho branco, mas eu não pedi vinho branco, e na verdade nunca me importei com recomendações gastronômicas para acompanhamentos. É coisa de gente fresca. Combina com o que a gente quiser. Adoro sushi com cerveja, por exemplo.

— Pode ser cerveja, então.

A outra concorda. Sirvo três copos.

— Vocês são daqui?

— Sim.

— São lindas.

Elas agradecem. Trocamos olhares rápidos em silêncio. A morena boceja.

— Desculpe — ela diz. — Passei o dia em uma sessão de fotos. Estou um pouco cansada.

— Você fotografa, mesmo? — pergunto, surpreso.

— O que quer dizer?

— Bem, você... realmente é modelo?

Ela me encara, ofendida.

— Claro que sou modelo, o que mais seria?

Batem na minha porta. Sou salvo pelo gongo. Mando que entrem.

— Sushi, senhor.

O *roadie* entra, serve as bandejas cheias de peças e sai.

— Sirvam-se — digo.

O papo não se desenvolve. Elas comem quietas. Detesto aquele silêncio. Começo a ficar irritado conforme os minutos passam.

— Mais cerveja? — ofereço.

Encho os copos outra vez. Faço isso diversas vezes. Elas começam a se soltar, relaxam e deitam no sofá. Riem de qualquer coisa que é dita. Começo a me sentir melhor. É assim que as coisas devem funcionar.

— O sushi está bom? — pergunto à morena, enquanto coloco a mão na sua orelha e começo uma massagem.

— Uma delícia.

— Por que não se senta aqui? — pergunto à ruiva, indicando o assento a meu lado.

Ela aceita minha sugestão, e logo estou no meio das duas gostosas. Coloco a outra mão na perna dela, e ela não se importa. Ri de leve, como quem não quer nada. Logo depois, coloca a mão sobre a minha. A outra garota observa com calma.

— Estão servidas? — pergunto.

— Sim, estava muito bom — a ruiva responde.

— O que querem fazer agora?

Elas se entreolham e dão de ombros.

— O que *você* quer fazer? — a morena questiona.

Seguimos os três para a cama de casal repleta de pétalas de rosa.

Trinta minutos depois, estamos os três em um intervalo, deitados na cama em silêncio, quando alguém bate mais uma vez na porta.

— Desculpem-me, meninas — digo. — Parece que eles não entendem que camarim é um lugar de descanso.

— Sinto muito, senhor — diz o *roadie*. — A produção está reclamando do atraso.

— Tudo bem — e então me volto às garotas. — Estava quase esquecendo, preciso trabalhar.

— Podemos assistir? — a ruiva questiona.

— Claro.

— Vai dedicar o show para a gente? — pergunta a outra.

Penso sobre o assunto, deslizo os dedos pelo peito desnudo dela, e depois dou uma mordida de leve no mamilo.

— Eu poderia dizer que sim apenas para deixá-la satisfeita, mas a verdade é que eu não conseguiria mentir. Nunca dedico nada a ninguém, desculpe.

E então saio do camarim e vou para o corredor. Ouço o barulho sacudindo as paredes do *backstage*. Milhares de pessoas gritam desesperadamente pelo meu nome.

— *Alex! Alex! Alex!*

Sinto um grande frio na barriga, não posso mentir. Não há nada no mundo como ouvir uma multidão invocando seu nome, pedindo que seu espetáculo comece. Aquilo me deixa nervoso, com receio de que as coisas não saiam conforme o planejado e eu não corresponda às expectativas. Faz anos que eu não sei o que é fazer um show longo. Ainda assim, voltar a essa vida me faz um bem enorme. Meu ego vai lá em cima.

A equipe me observa enquanto passo pelos corredores atrás do palco, e posso ver que, agora, mais que nunca, eles me avaliam. Tento não me preocupar. Tenho o público na minha mão. Todos vão me adorar. Sei que posso fazer o que quiser com eles.

No último corredor, paro e aguardo. O silêncio do lado de dentro é total, apenas cortado pelo som da multidão. A banda chega ao palco escuro e assume suas posições. Uma agitação começa quando o público

os percebe. Ouço a bateria dar início, e em seguida a guitarra de apoio dá seus primeiros acordes. A multidão percebe que é “Aqui e Agora”, e vibra como nunca. O grupo continua a introdução instrumental. O *roadie* me alcança o microfone e eu entro.

— Boa noite, galera!

Corro até a frente do palco. Eles enlouquecem. As vozes gritam com toda a força. Alguém me alcança a guitarra, e eu a coloco em posição.

— Tudo bem?

A cidade inteira responde. Eles piram quando falo com eles, é como se eu me comunicasse com cada um diretamente. A interação entre artista e público me fascina. É algo de outro mundo. Começo a cantar “Aqui e Agora” com o coro do público.

CAPÍTULO 46

Cansado do show, acordo tarde na manhã seguinte. Abro a janela, mas tudo o que vejo são prédios. Ligo para o quarto de Ezra.

— A que horas é o café da manhã?

— Café da manhã? Já terminou de ser servido faz tempo, garoto. É hora do almoço.

— Onde vamos comer?

— Posso pedir ao motorista que nos leve a um restaurante aqui perto.

Decidimos comer em um restaurante chinês, e levamos parte da equipe e da banda junto. Como de costume, Ezra e eu nos sentamos sozinhos, a fim de aproveitar o tempo e discutir estratégias para a carreira.

— De onde vem o carro? — pergunto a ele.

— É alugado.

— Estou pensando em comprar um.

— Podemos tratar disso.

Ezra e eu saímos para procurar por um logo depois do almoço. Assim que entro na concessionária, sou reconhecido. É o suficiente para o vendedor querer me aporrinhar com o puxa-saquismo típico que as celebridades recebem, pelo menos as que estão no auge da carreira e têm dinheiro para gastar com coisas como carros importados sem pedir desconto.

Ele me leva para a sessão com os carros mais caros – uma área exclusiva –, e começa a discursar sem parar sobre as qualidades de cada modelo. Minha paciência para esse tipo de situação é curta, e não quero ouvir toda essa ladainha. Eu o interrompo e vou direto ao assunto.

— Tem na cor branca?

— No momento, não — diz ele, parecendo infeliz. — Apenas em preto e azul, na loja. Mas podemos encomendar e mandar entregar no Rio, se quiser.

Fecho a compra em poucos minutos. Não negocio, porque agora sou famoso outra vez, e alguém famoso que se preze não negocia nada, e compra tudo à vista. O vendedor pede que eu assine um contrato, e depois aperta minha mão com um sorriso largo. Ele vendeu o carro mais caro da marca em pouco mais de uma hora de atendimento, e a comissão será gorda. Certamente é um excelente dia para ele.

— Mal posso esperar para estrear meu brinquedo novo — digo a Ezra enquanto voltamos de ponte aérea para o Rio.

— Posso imaginar. A gente se sente como uma criança esperando para abrir os presentes de Natal, não?

— Exato.

— Agora, entretanto, é melhor você se concentrar no próximo show. Temos apenas dois dias para ensaiar.

— Por quê? A *setlist* será a mesma.

— Talvez seja melhor mudar algo. Não é bom fazer os shows sempre iguais. O público lê as críticas, e acaba sabendo exatamente o que esperar. Surpresas sempre são bem-vindas.

— Talvez eu tire alguma música e coloque outras, quem sabe troco os *covers*. Mas não precisamos ensaiá-los todos.

— Seria o ideal, Alex.

Pergunto-me como Ezra pode entender mais de shows do que eu mesmo, mas decido não discutir. Ele quer dar o seu melhor, e eu entendo isso. De qualquer maneira, o voo deve durar no máximo uma hora, então desço a poltrona da primeira classe até que fique quase na horizontal e tento aproveitar o tempo para descansar um pouco.

Quando chegamos ao Rio de Janeiro, tento ir do aeroporto Santos Dumont direto para o meu apartamento, mas isso é impossível. Os fãs imaginaram que eu voltaria de São Paulo em uma ponte aérea no dia seguinte. Provavelmente conseguiram uma informação confidencial com alguém da equipe ou com algum jornalista. Assim que apareço no salão

de desembarque, encontro a multidão me chamando, enquanto estende cartazes com imagens minhas e mensagens diversas. Tento correr para passar sem ser incomodado, mas eles são rápidos, e estão preparados.

— Por aqui, Alex — diz Ezra, me indicando um caminho menos movimentado em direção à saída.

Coloco meus óculos escuros e caminhamos rapidamente pelo saguão, mas os fãs nos seguem.

— *Alex! Por favor, uma foto!* — alguém grita.

— *Alex! Eu esperei o dia inteiro!* — diz outro.

— Merda. Eu deveria ter previsto isso — lamenta Ezra.

Andamos mais depressa, quase correndo pelo aeroporto. A confusão começa a chamar a atenção das pessoas ao redor, e noto que vários passageiros curiosos param para descobrir o que está acontecendo. Muitos me reconhecem, e começam a filmar com seus celulares. Aquela cena patética acabaria facilmente na internet.

— Rápido, Alex — Ezra me apressa.

Avistamos o balcão de uma empresa de táxi e seguimos naquela direção. Ezra parece convencido de que vamos conseguir embarcar no carro antes que os fãs nos alcancem. Um garoto passa correndo entre os adultos, agarra minha camiseta e me puxa. Eu quase caio ao trombar com ele.

— Calma, rapaz!

— Por favor, Alex! Só uma *selfie!*

— Desculpe, eu estou atrasado, tenho um compromisso, e...

— Alex, eu tenho todos os seus discos! Todos mesmo. Todos os que você lançou. *Todos.*

— Eu posso entender o significado da palavra “todos” sem que você a repita tantas vezes.

Ele me olha confuso.

Com o contratempo, o resto da multidão me alcança e me cerca como um bando de urubus à volta de um pedaço de carne no deserto. Mas que droga! Estou cansado, e só quero voltar para casa, mas parece que é pedir demais, hoje em dia. Se ao menos eu pudesse beber um uísque enquanto os atendo, seria mais fácil.

— Alex, você pode assinar meu sutiã?

Olho na direção da voz. É uma mulher na casa dos trinta anos, gorda e

com uma maquiagem tão bizarra que lembra um palhaço abandonado pelo circo no meio da viagem. Terei de tocar no peito dela? Eu não sou obrigado a me sujeitar a esse tipo de situação.

— Alex — Ezra sussurra ao meu ouvido, e me indica alguém do outro lado do salão.

Um rapaz bate fotos à distância. É o típico *paparazzi* que circula pelo Rio de Janeiro com a intenção de pegar uma celebridade em uma situação inusitada para depois vender a foto. Malditas criaturas do inferno! Deus sabe como eu odeio os *paparazzi* e quem inventou essa profissão desgraçada, que vive de arrancar pedaços da fama alheia e transformar em ouro.

— Agora você vai ter de atendê-los, Alex — Ezra diz. — Vai pegar mal se registrarem você ignorando fãs.

— Não precisamos de um *paparazzi* para isso. Temos uma dúzia de celulares apontados na nossa direção.

— Ele é da imprensa, o que é pior.

— Ezra, acho que alguém precisa apresentar a internet a você. Ela é mais cruel do que qualquer revista.

Sem alternativas, me viro para a multidão impaciente e começo a atender aos pedidos de cada fã, um a um. Minhas costas doem, e meus pés pedem descanso, mas eu continuo. Encaro fotos, autógrafos, beijos para a mãe e sutiãs a ponto de estourar. Respiro fundo e tento enfrentá-los com um sorriso no rosto.

CAPÍTULO 47

Começo a ler as críticas do primeiro show da turnê assim que chego em casa. Há diversos artigos nos jornais impressos e na internet.

"Alex Britto estreia a explosiva turnê Blessed Whiskey"

"Confira como foi o primeiro show da Blessed Whiskey Tour em SP"

"Público delira com o repertório no novo show de Alex Britto"

"Alex Britto dá destaque ao novo disco e enterra Os Estapafúrdios em show"

"Uma noite para reacender o rock nacional", diz crítico"

"O melhor show da minha vida", garante fã que assistiu à estreia da turnê Blessed Whiskey"

"Alex Britto traz de volta o melhor do rock das décadas de 80 e 90 com sua nova turnê"

Leio rapidamente todas as matérias. A maioria, como já é costume, rasga elogios com relação ao meu desempenho. Há linhas positivas a respeito do meu crescimento vocal e meu solo de guitarra. Não vejo os jornalistas apontarem muitos pontos negativos, a não ser a falta de músicas d'Os Estapafúrdios.

Vou até o banheiro, tomo um banho e depois um café. Tiro o resto da manhã para dormir, e levanto à tarde. Os ensaios para o próximo show

começam apenas amanhã, de forma que tenho o resto do dia de folga.

De óculos escuros e boné, saio para caminhar na praia da Barra da Tijuca. Embora tenha sentido falta da fama, preciso confessar que tenho saudades da época em que podia caminhar tranquilamente por uma rua movimentada sem ser abordado por estranhos. Um tempo depois, decido descansar e me sento em uma cadeira próxima a um quiosque à beira-mar. Peço uma cerveja para me refrescar, e fico bebericando devagar, sem pressa, porque tenho bastante tempo livre.

Meu celular chama. É Hugo. Fazia muito tempo que eu não ouvia falar dele.

— Tudo certo, cara? — pergunto.

— Não tão bem quanto você, claro.

— Não posso reclamar, é verdade.

— Estou acompanhando tudo, mesmo de longe. Vi as notícias a seu respeito, sobre o álbum e o show. Agora mesmo lia uma crítica sobre a apresentação de ontem.

— O público delirou.

— Parece que você arrasou, mesmo.

— Obrigado.

— Alex, preciso de um favor seu.

— O que é?

— Gostaria que você escrevesse uma carta de recomendação. Tenho um projeto de produção para uma gravadora, e, como fiz parte da sua equipe, seria ótimo se pudesse escrever alguma coisa.

— Não se preocupe. Vou escrever algo assim que voltar para casa.

— Valeu.

— E você, como está?

— Bem.

— Se eu soubesse que estava tão interessado em produzir, eu poderia ter chamado você para o meu disco.

— Não se incomode.

— Ainda pode participar da minha turnê.

— Não precisa se preocupar, Alex.

— Por que não? Se você está procurando por trabalho na área, comigo já teria a vaga garantida. Eu poderia te incluir na minha equipe imediatamente.

— Obrigado, Alex, mas não é o que quero. A carta de recomendação é o suficiente.

Ficamos em silêncio por um momento. Posso sentir a tensão crescer pela forma como ele respira.

— Como assim, não é o que você quer? — pergunto, surpreso.

— Alex, não me leve a mal, mas preciso ser sincero. A maneira como você resolveu ascender... não é o que busco.

— Do que está falando?

— Você sabe ao que me refiro. Falo do acordo que você fez. É a sua vida, não me cabe julgá-lo, mas, se eu for bem-sucedido, quero que seja pelo meu talento, não porque fiz um pacto. Sucesso só me traria felicidade com a consciência limpa, sabendo que foi algo que eu conquistei sozinho. Caso contrário, só seria motivo de mais frustração.

Aquilo me atinge como um soco no rosto, um golpe de realidade que eu não esperava. Fico desnordeado por um tempo, sem saber o que dizer.

— Alex, não leve para o lado pessoal, está bem? — Ele nota meu silêncio. — Estou apenas explicando o que quero para mim.

— Tudo bem — respondo, a voz rouca.

— Pode fazer a carta?

— Sim.

Hugo desliga. Eu tinha sentido falta de falar com ele, mas agora já não podia mais dizer o mesmo.

Pago a conta, mas não deixo uma gorjeta ao garçom porque agora estou de mau humor. Azar o dele. Saio para continuar a caminhar pela praia. As palavras de Hugo latejam na minha cabeça. A verdade precisa ser dita, mas ela dói e tem gosto amargo. Seria melhor se eu não precisasse ouvi-la, se pudesse continuar com meu mundo de fantasia onde tudo é perfeito, onde os problemas ficam escondidos. A verdade é uma visita indesejada, que chega sem avisar e bate à sua porta sem parar até que você abra. Só nos resta engolir a maldita, torcer para que não fique entalada na garganta e aprender a lidar com todo o resto. Que droga.

CAPÍTULO 48

O telefone toca novamente. Ainda estou irritado e pronto para dizer a Hugo que ele que espere pela maldita carta, mas não é ele, e sim Ezra.

— Tenho um convite para você — ele revela, animado.

— O que é, agora?

— Vai ter uma festa, hoje à noite. Apenas gente fina.

— Fina, como?

— Gente famosa e importante. Celebidades.

— Ezra, você sabe que eu não curto badalação, principalmente quando está cheia de gente fútil.

Pela linha, consigo ouvir sua respiração em busca de paciência.

— Alex, não comece, por favor. Você nem sabe quem estará lá e já está cuspidando ofensas.

— Não estou no clima. Se tivesse ligado meia hora atrás, teria me encontrado em um bom humor, mas agora chegou tarde.

— Já conversamos sobre isso. Você precisa aparecer em mais eventos, precisa se divulgar. Enquanto for visto, será lembrado.

— Não sei.

— Faça um esforço.

A conclusão a que chego é um bocado deprimente.

Eu provavelmente era uma das pessoas mais conhecidas no país, e ainda assim era bastante solitário. Eu não levaria muito tempo para fazer uma lista de amigos.

— Não tenho companhia.

— Não tem problema. Podemos ir juntos. Assim me certifico de que

você não irá faltar e ficará o tempo suficiente para interagir com todas as figuras importantes.

Resolvo não insistir. Talvez uma festa sirva para ao menos distrair minha cabeça. Visto um blazer – o mais longe que um roqueiro consegue ir quando tenta parecer elegante em um evento.

O carro chega, é uma limusine. Poucos minutos depois, estamos em um hotel à beira do mar em Copacabana. Pelo jeito, é uma festa *realmente* chique.

— Que evento é esse? — pergunto a Ezra, completamente alheio.

— É o lançamento de... Não me lembro direito. Um novo produto, um perfume ou uma linha de maquiagem assinada por uma famosa, algo assim. Era isso ou o lançamento de uma revista de mulher pelada, mas a revista luta há anos com a pornografia online para sobreviver e decaiu muito. A mulher da capa sequer é famosa. Realmente importa?

— Claro que não. As festas de celebridades são sempre iguais. A maioria sequer sabe do que se trata, estão ali apenas para aparecer e fazer contatos.

— Exatamente como nós. Não podemos condená-los.

— É a nossa vida.

— A típica rotina de uma celebridade.

Era exatamente isso que eu havia me tornado: uma típica celebridade, daquelas que vivem de aparições em festas e venda de sua imagem para comerciais. Talvez meu futuro, quando não estiver ocupado gravando discos ou viajando em turnês, seja receber cachês para aparecer em eventos dos mais variados – e bizarros –, aos quais meus contratantes consigam me associar. Provavelmente gravarei vídeos envolvendo linhas de shampoos, refrigerantes diet, lanches fast-food ou qualquer outra porcaria que ninguém precisa comprar, mas que as empresas precisam vender através de uma figura influente. Postarei fotos na internet segurando as embalagens e fazendo propaganda disfarçada, como se eu consumisse aqueles produtos no meu dia a dia, e não estivesse apenas tentando vendê-los graças a uma cláusula contratual. O público veria meu perfil nas redes sociais e não saberia dizer o que ali realmente era Alex Britto e o que era patrocinado por uma marca, e eu perderia o meu real valor como artista. Meu futuro era bastante deprimente.

— Acabo de descobrir que evento é esse, Alex — afirma Ezra. — É um

perfume daquela atriz da novela que agora só faz cinema conceitual, qual é mesmo o nome dela? — Ele pensa por um instante. — Não me lembro, mas tem uma foto gigante dela colada no prédio.

Ele tem razão. Uma imagem com um excessivo uso de Photoshop cobre uma parte do edifício, mostrando a garota em um vestido dourado brilhante, com um generoso decote que desce até seu umbigo, enquanto segura um frasco elegante nas mãos. Eu não consigo prestar atenção na marca ou no nome do perfume — talvez por ficar concentrado demais nos peitões saltando para fora da roupa, embora saiba que eles provavelmente sejam resultado de uma boa cirurgia ou de uma edição fotográfica competente.

O motorista para perto da entrada principal e então percebo que há um tapete vermelho. Pouco tempo atrás, eu adoraria pisar em um, mas, agora, não sei por que, começo a criar aversão a isso. Aquela era uma vida de mentira, contada por pessoas de mentira, em um mundo que sobrevive de um público alimentado com futilidade para suprir a mediocridade da sua existência. Um público que compra revistas que fofocam sobre quem namora quem, quem casou com quem e quem engravidou de quem, e quanto mais eu penso em como esse ciclo nunca tem fim — e como agora faço parte dele —, pior eu me sinto.

O que eu queria não era fama; era ter espaço para tocar o meu bom e velho rock. Meu desejo era ser um artista reconhecido pela arte, não bajulado por seu sucesso. Olho para a janela, na tentativa de acompanhar a entrada para a festa, mas tudo o que vejo é meu reflexo infeliz no vidro, um semblante cansado do mundo e da sociedade, muito longe de se satisfazer com a vida glamorosa que havia conquistado para si.

Um dos funcionários que trabalham no evento abre a porta do carro. Ezra e eu saímos em direção ao tapete.

— Você deveria ter me avisado de tudo isso —reclamo. — Não sei se minha roupa está apropriada para a ocasião.

— Agora você se preocupa com esse tipo de coisa? — Ele ri da ironia. — Não esquite a cabeça. Roqueiros têm passe livre para andar como quiserem, e nunca estão malvestidos. Um jeans surrado e uma camiseta com nome de banda é o suficiente.

Um oceano de jornalistas nos cerca, e dezenas de *flashes* disparam ao

mesmo tempo, nos cegando. Preciso fechar os olhos por um instante antes de continuar, atordoado como se o sol brotasse bem diante dos meus olhos.

— Eu não estava pronto para isso — digo a Ezra.

Um fotógrafo pede que a gente sorria para as câmeras. Naquela situação, parado feito uma estátua alegre em um museu de cera a céu aberto, reflito sobre como a fama nos coloca em posições desagradáveis, algumas vezes literalmente. Mantenho um sorriso forçado de orelha a orelha pelo que me parecem longos minutos. Então eu me canso, aceno da forma antipática aos fotógrafos e viro as costas. Estou constrangido demais para continuar sendo fotografado.

Sigo aliviado pelo tapete vermelho, porém a tortura não tem fim. Há diversos jornalistas esperando com câmeras, em fila, com uma boa distância entre si, o suficiente para que todas as entrevistas pareçam exclusivas, embora estejam longe disso. O primeiro deles me alcança e mete o microfone no meu rosto sem pedir autorização.

— Aqui estamos com ninguém menos que Alex Britto! — ele diz, falando com a câmera e colocando a mão nas minhas costas, como se fosse um velho amigo.

— Oi — respondo, sério, em direção à câmera.

— Alex, eu não sabia que você era um admirador de fragrâncias.

Ele me encara, esperando por uma resposta, embora não tenha feito uma pergunta. Eu lanço minha expressão facial favorita, a “cara de paisagem”, totalmente apática e sem emoções, que adoro mostrar a jornalistas para evidenciar minha falta de surpresa e interesse pelas perguntas estúpidas. Ele fica confuso, como eles sempre ficam quando olho daquela maneira.

— Bem, eu sou fã de mulheres cheirosas.

Ele ri, aliviado.

— Esse lugar certamente está cheio delas.

— Eu espero que sim, e que sobrem algumas no final da festa.

— Ah, o bom e velho roqueiro está de volta! É para isso que veio, não, Alex? Para faturar a mulherada!

Ele volta a gargalhar. A risada é bastante exagerada e irritante para se escutar duas vezes em menos de um minuto.

— Com certeza eu não vim até aqui para comprar um perfume

feminino — respondo.

— E o que você acha da Mary Alessandra?

— Quem?

Ele ri, constrangido.

— Mary Alessandra, que está lançando a fragrância hoje.

— Na verdade, eu ainda não a vi, tirando o *outdoor* no prédio. Não a conheço pessoalmente, mas ela é aquilo tudo, mesmo? Olha, talvez seja melhor nem encontrá-la, ou vou querer meter minha cara no meio daqueles peitões. Acho que ela faz o tipo que gosta disso. Mas confesso que sempre fico um pouco decepcionado quando noto que eles não são de verdade. Eu tenho facilidade para identificar. Os dela são artificiais. Eles nunca me enganam...

Eu nem havia começado a beber e já estava falando merda sem parar. O repórter lança um sorriso amarelo para a câmera, sem saber o que dizer, e dá de ombros.

— Alex Britto sendo... Alex Britto!

Ele interrompe a transmissão. Quando a câmera é desligada, ele se dirige a mim, mas seu semblante é completamente diferente de um instante atrás, indo da simpatia ao desprezo em milésimos segundos.

— Eu falei para o meu diretor que não deveríamos entrevistar você ao vivo — afirma, antes de me dar as costas.

CAPÍTULO 49

Passo para o próximo jornalista, como uma pizza indo de mesa em mesa em um rodízio. Ele me cumprimenta rapidamente, comenta qualquer coisa sobre o tal perfume que é lançado, provavelmente para cumprir uma obrigação contratual com o evento, e então muda rapidamente de assunto, visivelmente mais interessado.

— Diga-me, Alex: qual é a sensação de voltar aos palcos depois de tanto tempo?

Paro para pensar um pouco na resposta.

— É como se eu estivesse desempregado por um bom tempo, e agora finalmente alguém me ofereceu um emprego, e tenho uma rotina de afazeres para cumprir, a fim de ganhar meu dinheiro e ter o que colocar na mesa para comer.

Ele ri.

— Que coisa, essa é uma definição que eu nunca ouvi... Você é o artista que mais vendeu discos no país nos últimos meses, e suas músicas estão no topo das paradas. Como se sente?

— Rico.

— Rico?

— Sim, principalmente quando olho para o meu extrato bancário. Até alguns meses atrás, ele era uma vergonha.

— E quanto ao lado artístico?

— Bem, todo mundo está cantando minhas músicas. Alguns erram as letras e outros desafinam, mas o importante é que todos estão cantando, não?

— Acho que sim... Tem alguma coisa a dizer para os seus fãs, Alex?

— Sim, tenho — me dirijo à câmara. — Eu mudei de endereço por causa de vocês, então, por favor, não tentem invadir minha nova casa. Eu não gosto de ser espionado enquanto estou no banheiro mijando ou no quarto com uma garota.

Ele faz um sinal ao cinegrafista.

— Alex, vamos transmitir a entrevista no horário nobre. Não podemos dizer esse tipo de coisa.

— Foi você quem perguntou.

— Vamos tentar outra vez.

Ele faz outro sinal ao rapaz, que recomeça a gravar.

— Então, Alex, muitas pessoas reclamam da classe artística, alegando que ela quer ser tratada de forma diferente das outras pessoas, não querem pegar filas ou enfrentar a burocracia na segurança dos aeroportos, por exemplo. Diga-me: como artista, você acredita nisso?

— Eles estão certos

— Acha que você é melhor do que todas as outras pessoas, por ser artista?

— Do que todas, não. Mas certamente sou melhor do que as que não são artistas, e de boa parte das que são, também.

Ele bufa e mandar cortar novamente.

— Não posso acreditar, quanta arrogância!

— Amigo, por que você faz as perguntas se não quer ouvir as respostas?

Ele parte para o próximo entrevistado. Ainda há alguns jornalistas à frente. Aproveito que a maioria está ocupada entrevistando outras pessoas e passo rapidamente por eles, como um personagem de videogame desviando de obstáculos. No entanto, há uma última repórter livre, no final.

— Olha, é o músico mais popular da atualidade! — a jovem diz em direção à câmara. — Alex, ouvi seu disco novo e preciso dizer que ele está muito bom. Não é à toa que a crítica teceu tantos elogios.

— Obrigado — é tudo o que digo, porque nunca sei o que dizer quando encontro alguém que apenas me elogia. Ainda não me acostumei com isso.

— Entretanto, outro assunto levou seu nome ao noticiário recentemente — ela continua. — O que tem a dizer a respeito?

Olho confuso para ela.

— Não sei sobre o que está falando. Vi diversas notícias diferentes envolvendo meu nome só nessa última semana.

— Estou falando, é claro, do caso Maria Rita — ela se vira para a câmera.

— Para quem não sabe, Maria Rita é uma jovem de vinte e um anos que se relacionou com Alex Britto, está grávida e agora pede na justiça que ele assuma a paternidade. O que você tem a dizer sobre esse assunto, Alex?

— Que você está tremendamente mal informada.

Ela não perde a compostura.

— Alex, eu sei que roqueiros como você se acostumaram a lidar diariamente com mulheres de todos os tipos. É um problema para vocês quando se deparam com mulheres independentes e que exigem seus direitos, não?

— Não, não é.

— Eu apenas defendo que as mulheres, principalmente as grávidas, devem ter seus direitos garantidos, direitos que são assegurados a elas por lei.

— Olha, moça, eu não vou sou obrigado a responder perguntas a uma jornalista que sequer verificou os fatos.

Ela se vira para a câmera.

— Como podem ver, Alex Britto foge das perguntas sobre o caso Maria Rita, que deu entrada no tribunal...

— Eu não estou fugindo porra nenhuma. Meu agente vai emitir uma declaração na qual esclarece que nunca vi essa mulher na vida e que...

— A maneira como homens tratam as mulheres é uma questão recorrente na justiça...

— Mas que merda!

Puxo Ezra, que está sendo entrevistado por outro repórter, e saio do tapete vermelho para enfim subir a escadaria principal e entrar no maldito prédio. Não preciso me apresentar, mostrar crachá ou ingresso; meu rosto é famoso o suficiente para literalmente abrir portas. O lugar está cheio. Há celebridades, vestidos abertos nas pernas e ternos de grife para todo lado que olho. É um salão elegante, antigo e de teto alto, provavelmente um palácio da época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do país. Perdido, olho para Ezra, que parece procurar por alguém no salão.

— Os executivos da gravadora devem estar por aí — diz.

Ezra segue em direção ao centro do salão, olhando em volta para identificar as figuras presentes. Eu o sigo. Não muito longe, vejo adereços promocionais do perfume e a atriz sentada atrás de uma mesa enquanto assina embalagens da fragrância para pessoas na fila. Jornalistas tentam conseguir algumas palavras dela, sem muito sucesso. Ela parece em um dilema, sem saber se deve dar mais atenção aos convidados, que vieram prestigiá-la, ou à imprensa, que vai divulgá-la. Fico impaciente apenas em olhar a cena.

— É melhor ir se acostumando, Alex — Ezra pede, me analisando. — Recebi propostas para usar a sua marca. Tive convites para linhas de perfume, cuecas e aparelhos de barbear só nessa semana.

— Não é meu sonho estampar a cueca de um marmanjo.

— E não precisa ser, desde que renda um bom lucro. Também não é meu sonho convencer produtores de que as excentricidades da sua lista são necessárias, mas, às vezes, é o trabalho que preciso fazer. De qualquer forma, não é a sua imagem que irá estampá-la, apenas seu nome.

— “Alex Britto” cobrindo testículos?

— Algo assim.

Dou de ombros.

— Desde que o dinheiro seja bom.

— Lá estão eles — aponta Ezra.

Os irmãos proprietários da minha gravadora me cumprimentam. Ambos estão impecáveis em seus ternos sofisticados. São executivos jovens e bem-sucedidos, com as belas esposas junto de si, todos sorrindo como uma família feliz em um baile da alta sociedade. Eu os havia visto uma única vez, quando assinei o contrato de *Blessed Whiskey*.

— Que bom que veio, Alex. — O mais velho deles me cumprimenta. Henry cuida da administração e das finanças da companhia. — A *Brothers Records* foi convidada para o evento e acreditamos que seria bom representar a empresa, inclusive com a presença do maior artista atualmente em nosso catálogo. Não podemos nos descuidar no marketing.

— Claro.

— Falando nisso, como está a turnê? — pergunta Rick, o mais novo,

responsável por contratar músicos.

— Vai bem. Acabamos de começar, na verdade. O primeiro show foi espetacular.

— Ouvi falar.

— Enviei um e-mail essa semana às distribuidoras — informa Henry. — Pedi para ser atualizado a respeito das vendas do álbum. Está vendendo tanto que eles não dão conta de repassar os relatórios. Tenho certeza de que vai aumentar, com a turnê.

— Ainda mais? — pergunto, surpreso. — É possível?

— Claro que sim. O país tem duzentos milhões de pessoas, e ainda estamos muito longe de chegar a esse número de discos vendidos.

— Sua meta é que cada pessoa no país tenha uma cópia do meu álbum?
— Eu sequer posso acreditar no tamanho da ambição dele.

— Alex, o céu é o limite. E dinheiro nunca é demais, certo?

— É um conceito sobre o qual eu venho me questionando, ultimamente.

— Vai me dizer que já não sabe o que fazer com tanta grana? — ele ri.

— Ainda não parei para pensar, mas a velocidade com que ela entra às vezes me assusta.

— Tenho certeza de que é o tipo de susto que qualquer um adoraria tomar.

Todos riem.

— É melhor desacelerarmos um pouco com a divulgação — diz Rick. — ou a imprensa pode sugerir que nós fizemos algum pacto para vender tantos discos.

Eles riem outra vez, e Rick parece surpreso com a minha seriedade.

— O que foi, Alex? Sabe que os jornalistas são assim mesmo, não? Eles inventam qualquer coisa para conseguir uma manchete.

Finjo uma tosse para disfarçar.

— Eu sei bem.

— E daqui a pouco vão dizer que você faz parte dos Illuminati.

A gargalhada deles dura um tempo. Eu não tinha pensando nisso.

— Essa é boa — diz Ezra.

— Imagina que loucura, se fosse verdade — fala Rick.

— Esse tipo de coisa não existe — diz Ezra.

— Será que não? Eu não duvido.

— Tipo uma Ordem Mundial, que quer controlar o mundo? —

pergunta Henry. — Eu também não descarto a possibilidade. O poder mexe com a cabeça das pessoas.

— Se existisse, eu gostaria de fazer parte dela — eu digo honestamente, e todos ficam quietos e me lançam um olhar preocupado, porque meu tom é sério e eu não pareço contar uma piada.

CAPÍTULO 50

— Ezra, por que não pegamos algo para beber? — sugiro, meia hora depois, desesperado para sair daquela roda.

— Claro. Vou chamar o barman.

— Não, vamos até o bar.

— Tudo bem.

Saímos pelo corredor principal enquanto ele procura pelo balcão.

— Estou vendo apenas garçons, Alex. Não acho que eles estejam...

— Venha.

Ando rapidamente entre os convidados e viro o rosto quando percebo que alguns me olham com mais atenção, me reconhecendo. Não quero ser abordado agora, então acelero o passo. Localizo a porta do banheiro masculino e entro. Ezra me acompanha. O lugar está vazio.

— Vai mijar? — ele pergunta. — Posso esperar lá fora.

— Fique aqui.

— Por quê?

— Dê um pouco para mim.

— O quê?

— O pó.

Ele me olha surpreso.

— Eu não sei do que...

— Eu vi como você coçava o nariz. Não sou inocente, Ezra.

— Eu...

— Estou pouco me importando com o que você faz da sua vida. Apenas me dê um pouco.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Não seja estúpido. Estou no show business há anos.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Eu sou apenas o agente. Todos os olhos estão em você.

— Eu não aguento essa droga de festa. Preciso distrair minha cabeça. Vou surtar se ficar mais uma hora aqui dentro.

— Beba uísque.

— Meu organismo está muito acostumado. Não faz mais efeito.

Ele dá de ombros, coloca a mão no bolso do blazer, tira um pequeno pacote e me entrega.

— Não quero ser responsabilizado por nenhuma merda que possa acontecer.

— E eu não vou me responsabilizar pelo que acontecer com quem trata um roqueiro de quarenta anos como uma criança que precisa de babá.

Abro o pacote devagar e formo uma fileira na pia do banheiro com o pó. Depois, me agacho o suficiente para meu nariz encostar-se à parede e começo a cheirar. Faço devagar. Quando termino, me apoio na parede e fecho os olhos por um momento, sentindo o efeito começar a se espalhar pelo meu corpo.

— Vamos — digo a ele, depois de descansar por um tempo.

Saímos do banheiro.

— Quer voltar para lá?

— Não. Aqueles caras me dão nos nervos.

— Por quê?

— Eles só falam em dinheiro e em vender mais discos. Não me sinto confortável ao ser tratado como a galinha dos ovos de ouro.

— Olha, ovos de ouro eu não sei se você tem, mas seus discos vendem bem...

Olho torto para ele. Eu me pergunto quando Ezra vai começar a notar a reação das pessoas às suas piadas e perceber que elas não acham a graça que ele imagina que têm.

Um garçom passa, e eu pego uma taça de champanhe.

— Não consigo me acostumar com champanhe.

Passo os olhos pelo salão. Há diversos grupos de pessoas socializando, e alguns jornalistas credenciados fazem entrevistas individuais. Reconheço os famosos. São atores de cinema e televisão, na grande maioria, mas vejo

cantores, integrantes de bandas, escritores e apresentadores de televisão. Há um blogueiro de moda reconhecido, que ri escandalosamente enquanto trata as atrizes famosas como se fossem amigas de infância. Ele comenta tudo o que uma delas usa, desde o salto alto até o vestido e o corte de cabelo. Ela cita um cabeleireiro bastante famoso no Rio, e os olhos dele brilham como se aquele nome fosse uma grife. Ele diz que é uma obra de arte. Não posso acreditar que ele fala em obra de arte para se referir a um corte de cabelo, e meus ouvidos doem. Ele a chama de “diva” em seguida, uma palavra que sempre me causa um calafrio, e ela sorri com o elogio vazio, visivelmente satisfeita em ter o ego massageado.

Ela provavelmente passou a semana inteira em função da festa. Como são... Passam horas e horas comentando as grifes, os estilistas, citando-os como deuses que dão a eles a razão de sua existência. Não falam sobre música, literatura, cinema, não dedicam seu tempo a algo que seja realmente arte; apenas se preocupam com a aparência. Não estão prontos para discutir ideias ou filosofias. Para essas pessoas, a política é um assunto chato e distante, que discutem apenas superficialmente quando são entrevistadas. A única coisa que conseguem comentar ou criticar são peças de roupa. Eu me pergunto qual a razão para não ter me tornado uma delas. Ficar ali, ouvindo aquilo, era uma tortura. Quanto mais eu convivo com essas pessoas, mais distância quero delas.

Percebo alguém se aproximando. Um casal de atores vem na nossa direção. Conheço bem os dois: são famosos por trabalharem na televisão há anos, sempre para a emissora mais importante do país, embora nunca juntos e nos últimos anos tenham integrado a nova fase pela qual o cinema nacional passa. Eles diminuem cada vez mais sua presença em programas televisivos, talvez porque não precisem mais do dinheiro e possam escolher seus papéis. Me lembro de ter lido recentemente em algum lugar algo a respeito de uma traição, quando o homem foi fotografado na rua por um *paparazzi* enquanto beijava uma modelo. Tentaram entrevistar a atriz, que apareceu horrorizada em frente às câmeras, chorando. Era a típica decadência de um casamento destruído pelo escândalo da infidelidade, porém em praça pública, como se eles fossem atrações de um espetáculo circense. Era essa basicamente a diferença entre um casamento comum e um de famosos.

— Se não é o Alex Britto! — diz o ator, que deve ter uma idade próxima a minha.

— Cauê Rodrigues — respondo, e então olho para ela. — E Gabrielle Rodrigues.

Ela deve ter ao menos dez anos a menos que ele. Sorri alegre ao me cumprimentar, nem de longe a garota desesperada cuja vida privada foi devastada pela imprensa pouco tempo atrás. Eu sempre me impressiono com o que uma boa maquiagem profissional e um evento badalado são capazes de fazer com uma celebridade.

— Como vocês estão? — pergunto, sem nenhum real interesse.

— Ansiosos pelo seu show no Rio. Quando será?

— Semana que vem.

— Eu não sabia que vocês estavam interessados — diz Ezra, quando eu sequer imaginava que eles sabiam da minha existência. — Vamos mandar um par de convites de cortesia.

Os Rodrigues olham surpresos, talvez pelo presente, talvez por constatar apenas agora que havia alguém parado ao meu lado.

— Poxa, que gentileza — Cauê agradece. — O que acharam da festa?

É uma pergunta que não faço ideia de como responder. O que podemos achar do lançamento de um perfume de celebridade? Os convidados pouco se importam com a fragrância. Talvez eles nem mesmo gostem da atriz, porque ela é péssima no que faz, porém é gostosa, o que resolve toda a questão. Ninguém aqui realmente acredita que ela possua bom gosto para decidir qual o cheiro que alguém deve ter, e provavelmente sequer participou do processo de criação e escolha dos ingredientes. A empresa só quer lucrar em cima de um nome que está em evidência. Certamente vai vender muitas unidades do produto hoje, porque as pessoas que vieram sem mínimo interesse nele vão desembolsar uma grana preta e levar um frasco, independente do preço, já que é completamente deselegante sair sem um. A única coisa boa na festa até agora foi o pó que Ezra trouxe consigo, e que começa a fazer efeito, chapando minha cabeça e me livrando da sobriedade diante daquela conversa trivial.

Mas é claro que não posso dizer tudo isso a eles.

— É um grande evento. A garota está linda — respondo à pergunta, sendo cortês sem contar uma mentira, uma amenidade que aprendi a

moldar ao longo dos anos para manter a sinceridade sem soar deselegante.

— O que vão fazer hoje à noite? — pergunta Cauê. — Tem um *after-party*.

— Tenho um compromisso — respondo, antes que ele insista. — Uma pena.

É uma boa desculpa para sair dali, porque outro evento como aquele na mesma noite seria algo que eu não conseguiria aguentar. Ezra, entretanto, parece não concordar.

— Na verdade, Alex, me esqueci de te contar. Recebi uma ligação mais cedo. O compromisso que tínhamos foi cancelado.

— Ah, que maravilha — diz Gabrielle, animada. — Estão podem nos acompanhar.

— Bem, eu...

— Claro que podemos — Ezra me interrompe.

— Não se preocupe — diz Cauê. — O *after-party* costuma ser melhor que a festa principal.

Aceno com a cabeça, concordando. Deus queira que ele esteja certo.

CAPÍTULO 51

A festa segue para um apartamento na orla de Copacabana. Preciso admitir que, embora às vezes eu acredite ter ganho bastante dinheiro nos últimos meses, não é nada comparado à cobertura deles. Deixamos os dois carros na garagem do edifício e subimos até o décimo oitavo andar. O lugar tem móveis claros e lembra aquelas casas de revistas. Eles oferecem o longo sofá da sala principal.

— Que tal um vinho? — pergunta Cauê, diante da adega. — Tinto ou branco?

Ezra e eu nos entreolhamos.

— Tinto — respondo. — Vinho branco é coisa de marica.

Cauê ri, sem graça. Ele não pode me condenar. Aquela situação toda é estranha o bastante e praticamente me obriga a fazer piadas constrangedoras na tentativa de quebrar o gelo. Gabrielle traz as taças, e ele nos serve.

— Tenho aqui um que guardei para uma ocasião especial — conta Cauê. — Vinho do Porto. Safra de 1990.

Eu me pergunto o motivo de aquela ocasião ser especial. De qualquer maneira, nunca liguei muito para vinhos. Um bom uísque é mais o meu negócio.

Eles se sentam. Cauê prepara um baseado e o acende. O cigarro passa por todos na sala.

— O que conta de bom, Alex? — ele pergunta.

Estou sem saco para amenidades, e provavelmente já esgotei minha paciência durante a festa. No entanto, para minha salvação, a campanha

toca no momento em que penso na resposta.

— Acho que é ela — Cauê comenta, embora eu não faça ideia de sobre quem ele está falando.

Gabrielle se levanta e vai até a porta.

— É mesmo ela — confirma pelo olho mágico.

A atriz abre a porta. Uma loira de cair o queixo espera do outro lado, com um vestido amarelo tão justo que me permite sonhar com suas curvas mesmo acordado. Ela tem as pernas bronzeadas — provavelmente graças à exposição diária ao sol nas praias cariocas. O decote provocativo cobre apenas metade dos peitos.

— Deixe-me apresentá-la a você — diz Cauê. — Esta é Naomi.

Posso ver de longe que ela é profissional, então aquele deve ser um pseudônimo. Ela entra e nos cumprimenta um a um, deixando uma marca de batom no meu rosto. Não posso negar: meu pau sobe imediatamente.

— Bem, veja a hora! — diz Ezra. — Infelizmente eu tenho que ir.

Lanço um olhar a ele, estranhando a saída repentina. O que esse agente pervertido anda tramando?

— Já vai embora?

— Preciso ir, Alex. Esqueci que minha filha vai dormir na minha casa, hoje.

— Você tem filha?

— Sim, tenho — ele responde, um pouco decepcionado por eu não saber.

— Podemos dar uma palavrinha?

— Claro.

Ezra e eu vamos até um corredor próximo à sala, onde eles não podem nos escutar.

— O que você está aprontando?

— Eu tenho que ir, só isso.

— Você não me falou nada sobre isso. Foi tudo planejado. O que essa gente quer?

— Você prestou atenção na loira que acabou de entrar?

— É claro que sim. Ela tem um decotão e tudo. Como eu poderia não prestar atenção nela?

— Então, é por isso que eles convidaram você.

— Como assim?

— Alex, eles querem... uma festinha particular. Achei que te faria bem.

— Você quer dizer...

— Isso mesmo.

— Oh.

Ficamos em silêncio enquanto eu absorvo toda a droga da informação pela qual não estava esperando.

— E então? — ele me pergunta. — Não vai amarelar agora, vai?

— Claro que não. Onde já se viu? Você pode ir embora. Tchau.

Dou as costas para ele, mas, de súbito, me lembro de fazer uma pergunta um tanto quanto importante.

— Ele não é...

— Ele não, mas ela sim. Bom, não que eu saiba, ao menos. Eles gostam de uma farrazinha com alguém diferente vez ou outra.

— Ninguém pode culpá-los. Casamento deve ser mesmo um saco.

— Por que você acha que minha filha não mora comigo?

— Sei lá, eu nem sabia que ela existia até um minuto atrás.

Voltamos à sala. Ezra se despede e deixa o apartamento. Ficamos os quatro sozinhos na sala.

— Mais vinho? — Cauê pergunta.

Todos aceitam, e ele volta a encher as taças. Tenho a leve sensação de que o anfitrião tenta embebedar os convidados. Aquela safra me parece bastante forte, e em pouco tempo estou mais leve e sorridente.

O papo continua sobre qualquer coisa que não me lembro e não importa. Nunca sei sobre o que estou conversando depois que começo a ficar bêbado. Ouço alguma coisa sobre Naomi tentar ser modelo. Não consigo prestar atenção nos detalhes, mas ela provavelmente não vem sendo bem-sucedida; caso contrário, não estaria naquele apartamento. Vejo duas mulheres se beijando. É algo que não passa despercebido. Encaro Cauê, que dá uma risadinha, como quem tenta me tranquilizar. Ele é inocente, e não sabe de nada. Já fiz muitas viagens na estrada que ele atravessa pela primeira vez.

Em seguida, ele começa a deslizar a mão pelo ombro da própria mulher. Eu me sento ao lado de Naomi. Beijo o ombro dela, que retribui acariciando minha orelha. A mão desce pelo meu peito e vai até o meio das minhas pernas. Ela começa a me esfregar. Abro os olhos e vejo o casal

ao meu lado. Ela tira a camisa dele, exibindo o peitoral firme. Maldita gente da televisão. Eles sempre têm o corpo definido porque não sobrevivem se não o tiverem. Naomi abre meu zíper e coloca meu pau para fora, me masturbando com movimentos rápidos.

Cauê não tira os olhos da gente. Ele larga sua mulher quase nua, se posiciona atrás de Naomi, e então começa a apalpar a bunda gigante dela. Posso ver a felicidade dele, que provavelmente não come nenhuma outra mulher faz tempo. Ele levanta o vestido de Naomi até a altura da cintura, deixando-a completamente desnuda do quadril para baixo. Ela está sem calcinha. Gabrielle, ainda no sofá, se aproxima e toca o meu rosto. O beijo dela é delicado, e posso sentir que ela está nervosa pela maneira como treme.

CAPÍTULO 52

Estou cansado quando acordo no dia seguinte, e sinto uma leve dor nas bolas. Acho que elas foram apertadas demais, mas não me importo, porque sei que sempre passa.

Olho o relógio logo após abrir os olhos. Sinto como se fosse jogado de volta à realidade, contando a vida a partir do tempo em uma máquina. São quase duas da tarde. É todo dia o mesmo drama. Levanto, vou até a cozinha, ligo a cafeteira, jogo pó dentro. É tão tarde que penso se devo preparar café da manhã ou almoço, um dos grandes dilemas da minha vida.

Então percebo que sinto falta de ter alguém com quem conversar, com quem eu não precise me preocupar sobre o que vou falar e no impacto que minhas palavras vão causar. São poucas as pessoas com quem se pode fazer isso.

— Está por aí? — pergunto, ao acaso.

Demora um tempo, mas ele aparece.

— Claro — ele responde, surgindo na mesa da cozinha. — Sei que ando meio sumido. Tenho de me desculpar. Estive ocupado, nas últimas semanas. Crise financeira, queda grande na bolsa de valores, estouro de conflito religioso. Às vezes vem tudo junto, e eu não tenho tempo para mais nada.

— Eu que preciso me desculpar. Fico te chamando assim, do nada, sem motivo.

— Não se preocupe. Também preciso conversar, às vezes.

De súbito me lembro de perguntar algo.

— Os Illuminati são de verdade?

Ele não parece surpreso com o assunto.

— São.

— E aí?

— E aí, o quê?

— Como funciona?

— Normal, ué.

— Eles ficam tentando controlar o mundo, como dizem por aí?

— Pode-se dizer que sim. Na semana passada, eles fecharam contrato com uma nova cantora pop. Parece que ela é a nova promessa entre os adolescentes. Subiu bastante nas paradas. Tem quem já a chame de nova “Princesa do Pop”, embora a antiga também seja cliente deles e não tenha ficado nada satisfeita com o termo.

— E como é a organização?

Ele dá de ombros. Com calma, descansa a xícara no balcão enquanto pensa sobre o tema.

— Muita gente acha que eu chefo os Illuminati ou algo parecido, mas não é verdade. Eles são uma organização independente. Como eu disse, os humanos sempre estão dando um jeito de me relacionar a qualquer coisa que possa ser apresentada de maneira negativa.

— Qual é o objetivo deles?

— Controlar o mundo.

— Por quê?

— Porque eles são humanos, e humanos fazem qualquer coisa pelo poder.

— E eles usam cantoras pop para alcançar esse objetivo?

— Artistas de qualquer tipo. Cantores, bandas, escritores, cineastas, gente da televisão. E não só. Políticos, ativistas, jornalistas; qualquer um que ocupe uma posição relevante na sociedade.

— O que eles fazem com o poder?

— Eles querem fazer o mundo funcionar da maneira que acham melhor porque acreditam que a solução deles é a definitiva. É o que qualquer pessoa faria, caso conseguisse a possibilidade de gerar mudança.

— E aqueles símbolos nos videocliques, as pirâmides, o “olho-que-tudo-vê”, as mensagens subliminares? São realmente deles?

— Eles gostam de deixar uma marca para identificar quem faz parte da

organização e avisar aos outros.

— Entendi.

— Por que o interesse?

— Quero fazer parte dos Illuminati.

Ele me olha, sério, como quem tenta descobrir se se trata de uma brincadeira, e, quando percebe que não, desata a rir escandalosamente.

— Qual é a graça? — pergunto.

— Alex, não é assim que as coisas funcionam. Eu não costumo ser muito seletivo na hora de encontrar seguidores, mas os Illuminati são bastante chatos.

— O que preciso para entrar? Uma indicação?

— O que pensa que eles são? Uma rede social? A Maçonaria?

— Não sei.

— Posso te colocar na Maçonaria, se quiser. Eles estão fora de moda, um pouco caídos, então não vai ser difícil.

— Quero os Illuminati.

— Por que essa obsessão?

— Não sei... Eu queria fazer parte de um grupo bacana.

— Forme outra banda.

— Não é *esse* tipo de grupo.

— Você está agindo como um adolescente tentando entrar para a turma de descolados da escola.

— É que tenho essa vontade de fazer parte de algo maior, com um grande objetivo. Empenhar-me em uma missão, mudar o mundo.

— É para isso que criaram as religiões e as ONGs.

— Estou envolvido demais com você para ser aceito em qualquer religião. E ONGs são chatas.

— O que quer que eu faça? Para entrar nos Illuminati, você precisa ser um artista em evidência e influente mundialmente, o que demora. De qualquer maneira, o convite precisa partir deles.

— O que devo fazer, então? Me contentar em continuar sendo apenas Alex Britto?

— E isso não é suficiente?

Baixo os olhos e sinto a pergunta pesar nos meus ombros.

— Deveria ser — o Diabo diz. — Você é a droga do roqueiro mais

famoso do país.

— No momento.

— E assim vai ser para sempre, desde que continue fazendo a coisa certa.

Penso sobre o que ele quer dizer. Nossos olhares se cruzam. Eu desvio o meu rapidamente.

CAPÍTULO 53

Mais tarde, saio para me encontrar com Hugo e entregar a carta, antes que ele me ligue mais quinze vezes e me tire do sério. Ele me espera em um bar próximo à praia.

— Aqui está — digo, entregando o envelope.

— Obrigado, Alex. Vai ser de grande ajuda.

— Se precisar, pode pedir para eles me ligarem. Só vou falar bem de você.

— Valeu. Uma referência tão conhecida como você vai fazer uma boa diferença.

— Sempre que precisar.

Olho para a praia enquanto tomo um gole da minha cerveja preta. Eles não tinham nenhum uísque importado — um absurdo para um bar —, e eu me pergunto como permitem que um lugar como aquele ainda esteja aberto. Quando volto o olhar para Hugo, noto que ele me observa.

— Como vão as coisas? — pergunta, e sinto um interesse maior na pergunta, além de uma simples cordialidade.

— Bem, eu acho.

— Você parece um pouco para baixo.

— Andei pensando sobre aquelas coisas que você me disse.

— Eu imaginei.

— De certa maneira, você tem razão.

— Eu só quero fazer as coisas de maneira honesta, nem que leve mais tempo para chegar aonde quero.

O sol está forte. Descanso o copo na mesa e observo as pessoas passando

pela avenida à beira-mar. Elas caminham com seus cachorros, correm, andam de bicicleta. Jogam futebol ou tênis na areia da praia, bebem suas cervejas geladas ou suas águas de coco.

— É uma cidade linda — digo, pensando em voz alta. — Tenho tudo o que eu sempre desejei, mas, de alguma maneira, essas pessoas todas parecem mais felizes do que eu.

— Quem sabe você não tenha tudo o que sempre quis. Ou, talvez, não tenha sido dessa maneira que você sonhou conquistar o que queria.

O silêncio toma conta, e eu vou para longe em meus pensamentos.

Depois de alguns minutos, escuto um alvoroço.

— Parece que você foi reconhecido.

Algumas garotas estão paradas em um grupo, todas nos olhando e esperando por nós. Elas acenam, dão risadinhas e gritinhos, e uma delas começa a chorar. Ela se emociona pelo simples fato de eu ter notado sua existência.

— Droga. Eu deveria ter trazido um boné — lamento.

— Agora eu não vou poder terminar minha bebida em paz! — reclama Hugo. — O que vamos fazer?

— Dar o fora daqui.

Pago a conta e seguimos em direção à saída. As meninas começam a gritar em desespero, o que chama a atenção de outros clientes e pedestres.

— Desculpem, meninas — digo ao grupo, quando ele se aproxima. — Estou com pressa.

— Alex, por favor! Bate uma foto comigo?

— Eu trouxe um disco!

— Alex, meu Deus, é você mesmo?

— Onde deixou o carro? — pergunto a Hugo.

— Na outra quadra.

Disparamos pela Avenida Atlântica. O grupo vai atrás. Senhor, como eu me sinto idiota toda vez em que preciso passar por isso.

— Acho melhor você contratar seguranças — sugere Hugo. — Não quero imaginar o que vai acontecer se elas alcançarem você.

Chegamos ao carro. As fãs me seguem até o momento em que fecho a porta, e ainda assim se aglomeram em volta do automóvel. Hugo liga o motor e acelera. Elas não saem. Uma das garotas coloca as mãos no capô.

— Por favor, Alex! Só uma foto, não custa nada!

— Deus! — eu grito, dentro do carro. — Elas agem como aqueles zumbis da televisão. Anda logo, Hugo!

— O que quer que eu faça? Que as atropеле?

— Dê um jeito nisso.

Hugo abre a janela e coloca a cabeça para fora.

— Saiam da minha frente, cacete! Ou eu vou atropelar vocês!

Não adianta nada. Hugo acelera e avança um pouco. O capô empurra levemente as garotas, o suficiente para afastá-las, mas sem causar nenhum estrago.

— Seu idiota! Você me atropelou! — uma delas grita. — Agora vou ter que ir para o hospital!

As pessoas que caminham na calçada param e observam a cena. Vejo um *paparazzi* chegar à esquina e começar a nos fotografar.

— Droga, Hugo! Eles estão aqui. Vamos embora!

Ele manobra e sai da vaga. Algumas garotas correm atrás da gente por vários metros. Eu me sinto como se estivesse em um filme sobre o apocalipse. Elas desistem depois que descemos a rua.

Seguimos para a Barra da Tijuca. O caminho é longo, e, o trânsito, lento. Aproveito para respirar um pouco.

— Elas não se cansam — comenta Hugo.

— Não sei o que fazer.

— E a sua casa?

— O que tem?

— Elas te perseguem lá?

— Eu comprei uma casa escondida entre as pedras, o que dificulta um pouco. Ainda assim, é só questão de tempo até que descubram o endereço. Precisei sair do meu prédio antigo, não teve jeito. Eu morava no terceiro andar, e não parava de ouvir a gritaria em frente ao portão. O pessoal do condomínio começou a reclamar.

— Eles devem ter adorado o fato de você ter ido embora.

— Sim, principalmente porque o síndico ganha uma grana desde que começou a abrir meu velho apartamento para fãs e curiosos. Dá para acreditar? Dizem que ele vai transformar em um museu sobre mim. Pedi ao meu advogado para verificar se ele pode fazer esse tipo de coisa.

— O que tem lá?

— Nada de mais, apenas as coisas que deixei para trás, além de um monte de móveis gastos, azulejos sujos e um encanamento quebrado.

— Isso é insano.

— Eu sei.

Entramos na minha rua e estranho ao ver uma movimentação fora do comum em frente à minha casa.

— Que droga é essa, agora? — Começo a me irritar. — Não posso acreditar que eles estão aqui também!

— Não acho que sejam fãs...

Hugo tem razão. Posso ver, pela aparelhagem, entre câmeras e microfones, que se tratam de jornalistas.

— Droga de imprensa! — reclamo. — Não sei o que é pior: os fãs gritando ou os sanguessugas faturando com a minha privacidade.

— Desculpa, Alex. Mas tenho um compromisso e não posso entrar. Terei de te deixar no portão.

— Pelo amor de Deus, Hugo. Eles vão avançar sobre mim como coiotes atrás de uma presa.

— Vai ser pior se eu tentar passar. Vão bloquear a passagem; não vamos conseguir entrar, e eu provavelmente vou sair com o carro amassado.

— Quer dizer essa lata velha? Quem se importa?

— Ao menos eu não precisei fazer um pacto para comprar a lata velha.

— Poxa, Hugo... Agora você pegou pesado.

— Quem fala o que quer...

— Eu já sei o final desse ditado.

Hugo estaciona na calçada. Os *paparazzi* não demoram a nos cercar.

— Vou tentar te ajudar — diz ele.

Ele desce do carro e vai até a minha porta. Ninguém parece dar muita bola para Hugo, até que ele a abre. Quando me veem sair, todos se aproximam e disparam perguntas.

— Alex, você está curtindo sua nova mansão?

— Há boatos de que ela custou sete milhões de reais, é verdade?

— O que tem a dizer a respeito de seu futuro filho, Alex? Vai assumir?

— O que achou sobre o boicote dos religiosos?

Eu paro ao ouvir aquilo, a primeira novidade que sai da boca deles.

— Que boicote?

— O que os religiosos estão fazendo contra você e seus discos — responde uma jovem jornalista. — Eles descobriram mensagens subliminares nas músicas do seu álbum *Blessed Whiskey*. Dizem que nada mais explicaria o seu sucesso repentino após tantos anos. O que tem a dizer sobre isso?

Olho para Hugo, que cobre o rosto com as mãos. Posso ver que, para ele, estou realmente encrencado. A câmera vira na sua direção, e ele coloca seus óculos escuros.

— Desculpa, Alex — ele responde, voltando ao carro. — Mas não estou a fim de aparecer em todos os noticiários de hoje.

Ele embarca no carro e se manda.

— E então, Alex? — insiste a garota. — Você confirma as acusações?

Olho para ela.

— Eu não estou nem aí.

E então desvio dos outros jornalistas como um jogador no final de um jogo. Sou alvo de intermináveis flashes, e me tranco dentro de casa, no meu infinito particular.

CAPÍTULO 54

A primeira coisa que faço ao entrar em casa é descobrir se o que a jornalista disse é verdade. Não demoro a confirmar.

"Religiosos afirmam descobrir mensagens subliminares no disco Blessed Whiskey"

"Líder de igreja pede boicote a Alex Britto"

"Show pode ser cancelado após polêmica"

Continuo lendo as notícias. Elas não param de surgir. Não posso acreditar. Nunca pensei que eles pudessem de fato descobrir ou confirmar qualquer coisa. Logo depois, encontro o comentário de um fã em um portal de música.

"Eu ouvi o disco diversas vezes desde que saiu. Adoro as músicas do cara, mas, quando começaram a falar das mensagens, parei para ouvir outra vez. Baixei um programa que toca o áudio de trás para frente... E caramba! Fiquei arrepiado quando escutei pela primeira vez, para falar a verdade. Tem algo sinistro ali. Será que é coincidência? Não sei dizer, acho que não pode ser. Nunca mais vou ouvir as músicas do Alex da mesma maneira."

Mas que droga! Dou um soco na mesa, tamanha é minha fúria. Sirvo uma dose de uísque para tentar relaxar, e leio outro depoimento.

"Dei o álbum de presente para a minha filha no aniversário, mas agora estou arrependida. E se for verdade? E se for uma má influência? Pedi a ela que não ouça mais aquilo, vai saber."

Só havia uma coisa me preocupando: eu iria começar a perder fãs.

Ligo a televisão e começo a trocar os canais. Há uma emissora que termina de exibir uma matéria sobre mim no momento em que eu sintonizo, e não consigo pegar nada. Continuo mudando até que encontro outra. Há uma repórter na frente da minha casa, fazendo uma transmissão ao vivo.

"Falamos direto da mansão de Alex Britto, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. A casa, pela qual ele pagou mais de dez milhões de reais, está repleta de jornalistas e manifestantes, que não param de chegar."

Dez milhões? Espero que os fiscais do imposto de renda não assistam a esse tipo de programa.

"Os protestos se devem à possibilidade de que, segundo estudos, Alex Britto tenha incluído mensagens subliminares nos seus discos, que só podem ser ouvidas quando as músicas são tocadas de trás para frente. Não há comprovação, embora muitas pessoas confirmem terem escutado frases como... — a repórter baixa os olhos para ler algo na folha de papel em suas mãos. — Bem, um telespectador escreveu dizendo ter escutado a frase "Eu fiz um pacto para comprar o novo iPhone de 128GB" quando tocou a faixa seis do álbum. De qualquer maneira, Alex Britto chegou ao local há pouco, com um amigo não identificado, que deixou o local ao perceber a presença da imprensa. Quando abordado, o Sr. Britto não confirmou nem negou as acusações, mas disse que a revolta dos religiosos se deve ao fato de que ele agora é mais popular que Jesus Cristo."

Mas que merda! Qual é o problema dos jornalistas? Eles não param de colocar palavras na minha boca! Vou até a sacada e abro a porta.

— Saiam daqui, seus miseráveis filhos da mãe!

Ouçõ meu grito ser transmitido ao vivo pela televisão com apenas

alguns segundos de atraso.

"O Sr. Alex Britto acaba de aparecer na sacada da sua mansão milionária gritando ofensas contra os jornalistas e suas respectivas mães. Muitos dos repórteres são pais de família que apenas fazem seu trabalho para poder sustentar seus filhos e pagar por uma boa escola. O Sr. Britto parece estar sob o efeito de entorpecentes."

Sempre pode ficar pior.

— Onde está você? — grito para as paredes. — Preciso da sua ajuda!

Nada acontece. A minha sala continua em silêncio, quebrado apenas pelo som da confusão do lado de fora.

— Ótimo! Você vai sumir quando eu mais preciso.

Sento no sofá e tento me acalmar. Tomo mais uma dose de uísque. O barulho lá fora não cessa, e começa a me enlouquecer. E se nunca mais parar? E se eu tiver de conviver com a revolta pública para sempre?

A bebida não ajuda. Abro a gaveta da sala, tiro um saco de pó de dentro, espalho uma fileira sobre a mesa e cheiro tudo. Eles querem me ver louco? Espalharam que estou chapado? Então é o que eles vão ter.

Volto para a sacada.

— Vão embora, porra! Saiam da minha propriedade!

O disparo dos flashes continua. Eu não me escondo mais. De repente, ouço um ruído vindo da sacada, a poucos metros de mim. Não estou sozinho. Há um gato branco miando para mim.

— Vá embora você também, ou vai sair em todos os jornais amanhã. É isso o que você quer? Eu imagino o que você está pensando. Vou lá, miar na sacada do famoso Alex Britto enquanto os *paparazzi* fazem seu trabalho, assim vou sair nas capas das revistas de celebridades. Vou ficar tão conhecido quanto ele. Vou arrancar um pedaço da fama. Serei o gato mais popular do Rio de Janeiro!

“Miau”, é tudo o que ele me responde.

— Pare de miar, caramba. Só sabe fazer isso?

“Miau.”

O pó começa a fazer efeito na minha cabeça.

— Pare, ou você vai me pagar.

“Miau.”

Na minha casa, quem manda sou eu. Não posso deixar um maldito gato sarnento me desafiar. Corro até a sala e pego uma manta em cima do sofá. Volto até a sacada. Enrolo o gato gordo no tecido. O sacana nem se mexe. Ele me olha como quem diz: “não tenho medo de você, não estou nem aí”.

— Vamos ver quem é que manda aqui, gato fedorento.

Levo o gato enrolado na manta até o centro da varanda, me inclino para a frente e penduro-o do lado de fora.

— Diga, gato! Quem é que manda aqui?

"Miau! Miau!"

O gato mia desesperado.

— Eu sei, você está com medinho, né? *Medinho!* Vou te jogar daqui e descobrir se gato cai mesmo em pé.

Ouçõ a voz vinda da televisão.

"Inacreditável! Alex Britto passa dos limites mais uma vez! O cantor carioca pendurou um bebê para fora de sua sacada, e parece que vai mesmo jogá-lo! Alguém chame a polícia imediatamente!"

— O quê? Além de sensacionalista, é cega? É um gato! É a porra de um gato!

— O que está fazendo, Alex Britto?

A voz vem de algum lugar atrás de mim, me assustando. Eu me atrapalho, tropeço e deixo a droga do gato cair. Eu não sei se iria mesmo jogar o maldito bicho, mas ele acaba caindo de qualquer maneira. Gira no ar, dá diversas rodopiadas e então desaba diversos andares abaixo, no chão, com as quatro patas para baixo, são e salvo. E sai andando, como se nada tivesse acontecido. Eu me pergunto quantas vidas ainda restam a ele.

"Oh, meu Deus! Alex Britto acaba de jogar um bebê da janela! Uma tragédia cruel e de tristes proporções acaba de abalar o país."

Graças à altura do portão, aqueles babacas não podem ver o gato andar despreocupadamente pelo meu jardim. Eu me viro para ver quem acaba de arruinar minha vida um pouco mais. O Diabo me encara com um olhar sério, e parece um bocado furioso.

— Agora você decidiu maltratar animais? — ele pergunta, de mãos na

cintura, como uma mãe brava. — Nem eu mesmo posso permitir uma coisa dessas.

CAPÍTULO 55

Eu me sento no sofá, um pouco aliviado por finalmente contar com a presença dele e ter alguém com quem conversar. Porém, fico um tanto irritado por ser tratado como uma criança encenqueira.

— Pensei que você fosse o Diabo, supostamente alguém malvado.

— Eu não promovo a crueldade contra animais. Eles não merecem. Humanos, sim. É só a eles que eu atinjo.

— O gato está bem. Caiu com as quatro patas para baixo, saiu andando e tudo.

— Você precisa de uma intervenção, Alex. Está passando dos limites. A fama subiu à sua cabeça.

— Não é verdade.

— O que um pobre gatinho tem a ver com tudo isso? O que ele fez contra você? Estava apenas miando.

— Isso me deixa nervoso.

— Você está nervoso com os jornalistas, que o perseguem graças às merdas que fala.

— Não é por isso. É porque agora sou famoso. Porque você me fez famoso.

— Era o que você queria.

— Tem razão. Eu *queria*. Não sei se ainda quero.

O Diabo respira fundo, algo que eu sequer sabia que ele podia fazer, e me pergunto se ele realmente precisa respirar ou apenas faz isso para demonstrar sua impaciência comigo.

— Você reclama demais — ele diz. — Dei tudo o que você pediu, e

ainda assim está descontente. O que está acontecendo?

— Esse é o problema. Você me deu tudo o que eu queria, e agora descobri que não era suficiente. Eu pensava que me tornaria o cara mais feliz do mundo quando tivesse tudo, mas agora que tenho, ainda estou perdido.

Ele fecha os olhos por um tempo, e imagino que esteja contando os segundos ou qualquer coisa que o valha para ganhar paciência.

— Alex, eu não sou um psicólogo. Não posso resolver o seu problema. Eu sou *o Diabo*. Fiz o que pude, fiz a minha parte. Você deveria fazer a sua.

Os jornalistas continuam gritando, lá fora. A repórter volta a falar na televisão.

"Alguém acaba de aparecer na sacada. É um homem não identificado. Não se sabe se ele é o caseiro do Sr. Alex Britto, se é apenas um amigo, mas é certo que já estava na casa quando o cantor chegou, uma vez que ninguém viu sua entrada. Os dois estão conversando. Ele parece acalmar o músico. Estamos tentando descobrir quem é o homem. Traremos mais informações em breve."

— Você não podia ao menos ficar invisível? — pergunto, ainda mais irritado. — Por que você não age como a porra de um Diabo que preste?

— Já disse que você seria visto falando sozinho. Se bem que, dadas as atuais circunstâncias, você passar por louco poderia ser uma saída.

— Eles já me chamam de louco, de qualquer maneira.

— Então talvez tenhamos descoberto uma solução.

— Eles sabem sobre as mensagens subliminares.

— Já expliquei como você deve reagir. Não pode negar, nem confirmar.

— Estou cansado disso. Eles não param de falar sobre mim nos noticiários. Nunca mais vou dormir direito com essa gente na frente da minha casa.

— Você vai ter de aguentar. Tudo isso estava previsto no nosso contrato. Faz parte da fama.

Eu me levanto e dou as costas a ele, tentando cortar o contato visual por um instante, e me viro para a sacada. Fico de frente para os fotógrafos outra vez, o que facilita as fotos, então me viro de novo.

— Tem dias em que tudo o que quero é me isolar em uma caverna, completamente sozinho, onde ninguém possa me encontrar nem fazer perguntas, nem tirar fotos minhas. Minha vida é um inferno. Me sinto como um animal de zoológico.

— Não é o inferno, acredite. Se há alguém que pode garantir isso, sou eu.

— O que vamos fazer, agora?

— Temos de encontrar um jeito de consertar o estrago que você fez.

— Como?

— Não se preocupe com os jornalistas. Eles vão continuar na frente da sua casa até notarem uma queda na audiência, e então vão procurar por novos assuntos e celebridades. Os religiosos ainda vão protestar por um tempo, mas isso vai ser bom. Quanto mais boicote eles pedirem, mais interesse haverá na sua imagem.

— E o que eu devo fazer até lá?

— Seu agente vai emitir um comunicado à imprensa dizendo que se tratava de um gato. Vamos mandar fotos ampliadas das suas câmeras de segurança, se precisar. Agora eu tenho de ir.

— Não vai nem tomar um café?

— Você acha que é a única celebridade em crise?

— Vou ter que voltar a usar algo pra me distrair. Nada está fazendo efeito.

— Você não leu o contrato mesmo, não é? Eu coloquei lá que você teria um organismo resistente e ilimitado para todo tipo de droga.

— Qual é a graça de usar drogas se elas não fazem efeito? Nem meu uísque funciona, mais.

— Pare de reclamar. Consigo tudo o que os humanos pedem e ainda assim eles continuam se queixando. Depois dizem que o inferno é lá embaixo.

Ele desaparece. Continuo em silêncio, deitado no sofá, olhando vagarosamente para cima. Ouço o barulho do lado de fora e penso em ligar a televisão para abafá-lo, mas desisto quando me dou conta de que eles provavelmente estarão falando sobre mim. Então ligo o rádio. Por mais estranho que seja, não tenho vontade de escutar rock. Provavelmente tocaria uma canção minha, e, ao menos por um instante, preciso esquecer que sou um astro da música, então coloco em uma

estação de jazz. Chet Baker começa a tocar. A melodia suave e a voz sussurrada começam a me acalmar.

Mando uma mensagem a Ezra, pedindo que ele explique tudo em um comunicado à imprensa. Mando outra a Hugo, mas o desgraçado não me responde.

Sinto-me sozinho, e isso é estranho. Minha própria companhia parecia suficiente para me entreter até certo tempo atrás, mas já não é mais. Penso nas pessoas que conheço e no que elas devem estar fazendo nesse momento. Tudo o que desejo é alguém para conversar, alguém que me escute sem me encher de conselhos. Talvez eu fique deitado até as coisas se acalmarem, talvez tudo simplesmente passe.

“Tudo vai mudar”, tento pensar, embora saiba que a principal mudança precisa ocorrer dentro de mim.

CAPÍTULO 56

Passo a manhã inteira dentro de casa. Não consigo dormir.

Acordo por voltas das sete horas e ando pelos aposentos. Pela cortina, espio lá fora e vejo movimentação. Os *paparazzi* e os jornalistas são incansáveis parasitas, que sugam o sangue de quem está sangrando. Eles montam o circo e esperam que o público compre o ingresso. Você é a fera enjaulada que eles alimentam, tratam e dão banho quando bem entendem. Depois eles soltam na arena e dominam com um chicote. Não comigo, não mais. Agora eu sei como o jogo funciona, e posso até largar a carreira musical e trabalhar como ghost-writer, escrevendo metáforas incríveis como essas.

Fico a manhã inteira vigiando aqueles cretinos, analisando seus passos. Eles se revezam em frente à minha casa, saem e voltam em grupos, esperam o momento certo. Quando chega o meio dia, horário em que há menos gente lá fora, ligo para Ezra e peço que ele mande um motorista particular vir me pegar. Estou começando a ficar louco, e preciso sair.

Eles sabem que algo vai acontecer assim que o carro chega e o portão é aberto. Não tem jeito; eles não são bobos. Tentam entrar a qualquer custo, e o chofer quase precisa atropelá-los. Coloco uma toalha na cabeça para me esconder, e entro no automóvel.

— Para onde? — o motorista pergunta.

— Para qualquer lugar. Apenas me tire daqui.

Ele dá partida.

A verdade é que não tenho ideia de um lugar para onde ir, apenas desejo deixar minha casa. “Blessed Whiskey” começa a tocar no rádio. Ouço

minha própria voz atravessar o carro, e aquilo sempre me soa estranho, como se não fosse eu. A música soa diferente toda vez que a escuto. Ouço a composição e penso sobre o momento em que a escrevi, sobre o que se passava na minha cabeça. Já quase não me lembro. Parece um passado distante, de anos atrás. O que aconteceu? *Blessed Whiskey* não era uma criação minha, não tinha composições minhas, ainda que eu tivesse escrito todas elas.

A música termina com um corte estúpido.

"É isso aí, ouvintes! 'Blessed Whiskey', essa música que anda fazendo o maior sucesso... E Alex Britto, o Sr. Polêmica, atacou de novo. Ficaram sabendo da última? Depois do surto do cantor ontem, na sacada da sua casa, de onde, dizem os jornalistas presentes, Alex teria jogado um bebê, agora os religiosos andam revoltados. Na manhã de hoje, eles se concentraram na Praça Sáenz Peña, na Tijuca, para queimar o último disco do roqueiro em forma de protesto. Destruição em praça pública, literalmente! Se a revolta vai funcionar, ninguém sabe. O que se sabe é que essas unidades foram compradas em alguma loja, e ajudaram a tornar o álbum o mais vendido do ano, recorde que ele quebrou semanas atrás. Será que Alex Britto está preocupado com isso? Eu, pessoalmente, acredito que não. Os direitos autorais das cópias queimadas vão para o seu bolso, e, enquanto isso, ele segue tranquilamente em casa, uma mansão avaliada em quinze milhões na Barra da Tijuca. Um tanto longe dos protestos, não? Para que se preocupar com os detratores quando o dinheiro cai direto na sua conta?"

Mas que droga! Queimar discos já era passar dos limites. Mas o locutor tinha razão. Ao menos eles estavam comprando os álbuns.

— Quer que eu mude de estação, senhor? — pergunta o motorista.

— Não importa.

Ele parece confuso.

— Decidiu para onde via ou devo apenas seguir pela avenida?

— Pela avenida, sem pressa.

Tiro o celular do bolso e abro uma página de busca. Digito meu nome e as notícias não demoram a aparecer.

"Religiosos queimam discos de Alex Britto em protesto"

Uma das matérias contém um vídeo. Aperto no play. Um repórter de terno e gravata está na praça do protesto, cobrindo o ocorrido.

"Alex Britto está causando revolta em todos os cantos do país. Hoje, na Praça Sáenz Peña, religiosos protestam contra o cantor, alegando existirem mensagens subliminares nos seus discos. Um dos líderes espirituais presentes é o famoso pastor Marlus Evaristo, que concordou em nos conceder uma entrevista a fim de esclarecer as razões do movimento."

A câmera diminui o zoom e outro homem aparece na tela. Não demoro a reconhecer o filho da mãe.

— Não posso acreditar! — grito, irritado.

— Aconteceu algo, senhor? — o motorista pergunta.

— Esse pastorzinho que está protestando contra mim é o que conheci nos bastidores do The Mendes Show. Nós discutimos, e eu disse que ele não receberia meu voto. Ele está fazendo isso por vingança!

O repórter continua.

"— Bom dia, pastor. Diga-nos quais são as razões para justificar o protesto?"

"— É bastante simples — o jovem pastor diz, enquanto olha para a câmera e ajeita a gravata. — Nós conseguimos detectar mensagens subliminares nas músicas do cantor, quando elas são tocadas ao contrário, algo que não pode passar despercebido. A população precisa ser alertada."

"— E como vocês conseguiram tocar as músicas ao contrário? Com um daqueles aparelhos antigos que tocam vinil?"

"— Não, com um aplicativo de celular. Mas nós tivemos de comprá-lo, porque não havia versão gratuita. Custou quatro dólares e noventa e nove centavos. Achei um pouco caro para um arquivo digital, mas tudo bem, foi uma importante descoberta."

"— E qual é o conteúdo dessas mensagens?"

"— São mensagens de duplo sentido, em sua maioria, frases que

trazem adorações ocultas. Os detalhes e a análise da letra podem ser conferidos no meu blog, que já está no ar e, inclusive, traz uma página com pedido para orações, outra para colaborações e também um link para a página da minha candidatura a deputado federal.

"— Vocês acreditam que queimar os discos dele é a atitude correta? Qual é o objetivo dessa ação?"

"— O objetivo é fazer com que as pessoas enxerguem os malefícios que ouvir e apoiar esse tipo de artista podem fazer às suas vidas. Alex Britto é apenas um deles. Todos esses artistas não fazem nada à toa... Eles são sondados, têm uma missão. Na nossa igreja, temos o objetivo de levar a palavra de Deus às pessoas e alertá-las de que..."

Não consigo assistir ao resto do vídeo, então o fecho. Fico mais nervoso a cada minuto. Meu celular toca em seguida. É Ezra.

— Alex, o que está fazendo?

— Nada. Passeando sozinho de carro pela Avenida Atlântica.

— Que deprimente. Bem, aproveite que está de bobeira e venha até o meu escritório. Temos assuntos para discutir.

Peço ao motorista que me leve até lá. Não demoramos muito tempo para chegar. Felizmente não há grande movimentação em frente ao prédio.

— Graças a Deus eles esqueceram o meu endereço — Ezra reclama, quando entro no escritório. — Não sei o que seria da minha carreira. Não me leve a mal, Alex, mas às vezes ser seu agente traz problemas. Viu os protestos na praça?

— Ouvi falar. Um absurdo.

— Não se preocupe, as vendas vão aumentar. Posso ver o público correndo até a loja de discos para comprar uma cópia e procurar as tais mensagens subliminares por conta própria. É assim que as pessoas funcionam. Você pede a uma criança que não coma um brigadeiro, e é justamente o que ela fará quando você virar as costas. De qualquer maneira, fique calmo. Temos assuntos importantes a tratar.

— Com tanta coisa acontecendo, às vezes eu me esqueço de que estou em turnê.

— Trate de se lembrar, então. O próximo show acontece em dois dias, o que significa que você deverá ensaiar durante o dia todo, amanhã.

— Deus!

— Os primeiros shows precisam de mais ensaio, Alex. Agora eles acontecem a intervalos cada vez menores.

— Então ainda tenho o dia de hoje de folga?

— Sim, mas é melhor você não ficar na rua.

— Por quê?

— Porque você é alvo de protestos, *paparazzi* e tudo o mais. Seria bom não ser visto por aí, e parar de dar declarações à imprensa.

— Você está com medo do quê? De que eu fale besteira?

— Você pode comprometer nossos contratos, Alex. Eu andei lendo... Eles são bem específicos a respeito do que pode afetar a credibilidade da produtora.

Tento manter a paciência. Detesto ser tratado como uma criança vigiada para não fazer bobagem, mas às vezes as pessoas pensam que essa é a maneira correta de tratar um artista.

— Acho que você está exagerando — respondo.

— Não estou. Aquelas manchetes sobre um possível cancelamento da turnê não são puro sensacionalismo. Eu soube de fonte segura que isso foi discutido entre os executivos da companhia. Mensagens subliminares, frases diabólicas, isso é demais para a imagem da produtora. Eles não costumam se arriscar. Se cancelarem algum show, além de termos prejuízo, ainda levaremos uma multa.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa vir com tanto pessimismo. Não vou falar nada de mais para esses malditos jornalistas.

Ezra relaxa os ombros.

— Espero que não, Alex. Às vezes tenho a sensação de que agenciar você é como andar com uma bomba-relógio dentro do bolso.

CAPÍTULO 57

Acordo na manhã seguinte e vou direto para o ensaio. Chego quarenta minutos atrasado, e encontro a banda toda esperando por mim, incluindo o diretor da turnê, o baixista irritado, o baterista em seu primeiro emprego e um novo *roadie*. Todos me olham com cara feia, talvez pelo meu atraso, talvez por sono devido ao excesso de ensaios. Eu sou a droga da estrela principal e posso me atrasar, se quiser.

Todos tomam suas posições, eu checo a *setlist* programada para o próximo show, e então começamos com a música de abertura. O ensaio segue com todo mundo no piloto automático, como se fôssemos robôs programados para entreter. As horas voam, e eu começo a me sentir cansado. Paramos para o almoço, e voltamos uma hora depois. Repassamos todas as músicas durante a tarde. Quando a noite se aproxima, tudo o que desejo é ir para casa.

Como sempre quando preciso relaxar, eu bebo muito. Bebo para não pensar nos problemas, para não me preocupar com nada. É o único jeito. Bebo porque, enquanto todos demonizam a bebida, ela é minha aliada. As pessoas dizem que sou um bêbado descontrolado. Não é verdade. Eu uso a bebida mais do que ela me usa, e tenho certeza de que a uso *bem*. Essa é a diferença entre os alcoólatras e eu. Ela é meu escape, minha forma de deixar esse mundo quando preciso, a maneira com a qual diminuo a tensão e me fecho na solidão do meu universo.

Estou jogado no sofá, pernas para cima, olhar perdido, garrafa de uísque em uma mão e um cigarro na outra. Por alguma razão, o abençoado uísque é a única bebida que ainda tem efeito sobre mim. Esse sou eu: é

como eu vivo, é como eu sempre quis viver. Não no meio da multidão, não cercado por *paparazzi*, não perseguido e virando notícia. Não importa o que dizem, nunca somos os mesmos em frente às câmeras. Mudamos. As câmeras nos tornam alguém melhor, que fala melhor e sorri mais. O Alex Britto de verdade é esse, caído no sofá, podre de bêbado após uma ressaca, com o hálito fedido e barba por fazer. A aparência é de um vagabundo. Nessas horas eu escrevo minhas músicas. É a melhor hora para isso.

Durmo no sofá e acordo tarde na manhã seguinte. Minha cabeça explode de dor. A ressaca é forte, mesmo para mim. Levanto e vou até a cozinha. Tomo um copo de água. Sei que a maneira correta de curar uma ressaca é bebendo mais, então é o que decido fazer. Olho para o relógio: são quase duas da tarde. Ninguém vai poder dizer que comecei a beber cedo.

Minha garrafa de Jameson acaba, então vou até a despensa, onde tenho dezenas de outras esperando pelo consumo desde que as importei. Tomou um bocado de tempo e um tanto de aporrinhção para Ezra comprar, mas ao menos agora tenho uísque suficiente para não me preocupar com abstinência. É uma das vantagens de ser um roqueiro no auge da carreira.

Tiro uma garrafa do armário e abro. Minha cabeça dói e preciso que a ressaca passe. Tomo a primeira dose. Lembro que preciso almoçar e que não tenho nada para comer em casa, então penso em sair para algum restaurante próximo, mas logo desisto, quando me recordo do trabalho que tenho toda vez em que coloco os pés na rua. Peço um *delivery*. Volto a beber, enquanto espero. O uísque desce bem.

O sushi chega, o motoboy me reconhece, uma foto é tirada na porta de casa. Sozinho, volto para dentro de casa com o pacote: trinta e sete peças. Poucos minutos depois, estou a ponto de explodir. Meu telefone toca. No estado em que estou, tenho dificuldade para encontrá-lo. É Ezra, claro.

- Estou te ligando há horas. Por onde anda?
- Em casa.
- Por que não atende?
- Não ouvi.
- É a quarta vez que ligo.

- Só ouvi agora, que saco.
- Você está bêbado?
- Não.
- Conheço sua voz de bêbado.
- Talvez eu tenha bebido um pouco.
- Que horas você vai para o show?
- Que horas tenho que ir?
- Você não sabe a que horas tem de ir?
- Acho que não. E você, sabe?
- Alex, você deveria ter combinado isso com os produtores. Talvez esteja atrasado.
- Acho que não, eles teriam ligado.
- Eu estava ligando, e você não sabia.
- Ah... é verdade.
- Vou mandar o motorista te pegar em uma hora.
- Tenho que tomar um banho e escolher uma roupa.
- Se apresse. Você tem uma hora.

O banho não é o suficiente para melhorar meu estado. Todo aquele que bebe sabe que uma ducha de água fria apenas ameniza a ressaca, mas não é solução. Saio do banheiro tropeçando. Vou até o closet e pego a primeira camiseta e calça jeans que vejo pela frente. Um roqueiro nunca precisa se preocupar com o que veste – tudo fica muito bem. Coloco um sapato e pego minha antiga guitarra. O motorista chega minutos depois.

A recepção na casa de shows é calorosa, mas ninguém parece notar minha situação, ou ao menos são bastante discretos. Noto apenas um ou outro olhar curioso, o que é comum quando se é famoso. Nunca sei ao certo por que as pessoas estão me olhando. É por me reconhecerem ou tem algo de errado comigo? Não importa. Vou ao camarim enquanto eles preparam a banda para a passagem de som, então me lembro da minha lista de exigências, que, como sempre, tem muito álcool. Tudo está pronto, só esperando a chegada do rei. Não resisto: começo a beber novamente.

Minutos depois, alguém me busca para a passagem de som. Consigo tocar sem problemas, ainda que esteja me sentindo mais leve do que o normal, mais alegre do que de costume e algumas vezes o palco pareça se mover debaixo de meus pés. Quando a passagem acaba, volto ao

camarim, tomo outro banho, como alguma coisa. Espero para ver se a ressaca vai passar, mas não passa. Sou persistente e bebo mais. Não que seja minha culpa. Há Jameson por toda parte. Começo a não sentir mais nada. Estou terrivelmente tonto. Ainda assim, alguém me chama no camarim.

É hora do show.

CAPÍTULO 58

Um concerto de rock não deve ter limites.

O público está animado demais para perceber qualquer coisa, quando piso no palco. É um show de rock, ninguém espera um comportamento normal de mim. Eles pulam, gritam, se descabelam. Notam minha presença e ficam desesperados. Cumprimento o público e começo sem dificuldades os acordes iniciais de “Blessed Whiskey”. Todos vão à loucura quando reconhecem a música. Ela vem sendo tocada a exaustão em todo lugar, e todos sabem a letra. Eu me sinto bem enquanto toco. A leveza do álcool me faz querer pular e flutuar por cima da multidão. No final da faixa, é o que faço; deixo minha guitarra de lado, corro até a beira do palco e me jogo.

Os fãs da primeira fileira me seguram no alto, e eu deito em um aglomerado de mãos e braços que se esforçam para me segurar e encostar em mim. A sensação é incrível. Sinto-me como um deus. Os dedos me tocam com desejo, do rosto às partes íntimas. Os seguranças temem que a brincadeira saia do controle, e intervêm. Aos poucos, o público me guia novamente em direção ao palco. A conexão com os fãs era forte demais para eu querer ir embora. Eu poderia continuar ali por horas, se ninguém colocasse um fim à minha loucura.

Vejo uma garrafa de uísque em uma mesa no centro do palco. O letreiro “*Blessed Whiskey*” brilha em néon logo acima, uma decoração da produção com a temática do álbum. É o momento do show em que cumprimento o público enquanto bebo. Ofereço uma dose a eles. Eles aceitam, claro, mas eu obviamente não posso dividir com todo mundo.

Então levanto meu copo e faço um brinde simbólico com eles, que vibram quando eu viro tudo de uma vez. Ficamos em silêncio por um momento enquanto eu saboreio o destilado.

A banda inicia a segunda música. Apoio a bebida na mesa e volto ao microfone. Tenho dificuldade em me lembrar de qual é a música. Depois de algum tempo, sinto um vazio, e alguém do grupo me olha de um jeito estranho. Então eu me recordo. É algo d'Os Estapafúrdios. Olho para frente em busca da tela com a letra da canção. Ela corre bem à minha frente, mas tenho problemas para enxergá-la. As frases parecem oscilar.

Começo a cantar da maneira como me lembro, e logo troco palavras e esqueço o restante. O público demora a perceber, e, quando isso acontece, eles provavelmente pensam que é uma brincadeira. Depois de algum tempo, no entanto, todos começam a notar que algo está errado. O meu ritmo está estranho e não faz sentido. Ninguém consegue acompanhar meu canto. Pareço a Amy Winehouse na sua última turnê. Aos poucos, a plateia fica em silêncio, tentando entender e temendo uma tragédia. A banda me olha, em busca de uma solução, mas eu não a entrego, e eles continuam sem saber o que fazer.

Alguém se aproxima. É o *roadie*. Ele cochicha algo ao meu ouvido. Entretanto, apesar da curta distância, não consigo entender.

— O que é, porra? — resmungo, bêbado e irritado. — Estou tentando cantar.

— O que está acontecendo, Alex? — ele pergunta, assustado. — Você não está cantando nada.

— Como ousa dizer a Alex Britto que ele não...

E então eu tropeço. Pateticamente, meu pé bate no cabo do microfone, se enrola no fio e eu caio por cima do *roadie*, levando nós dois ao chão. Eu rio alto, talvez porque não tenho outra maneira de enfrentar a situação. Minha gargalhada ecoa graças à amplificação eletrônica. O homem se levanta e tenta me ajudar.

— Desculpa, galera — eu peço, sinceramente. — Talvez eu tenha bebido um pouco, antes do show... Quem nunca?

Algumas pessoas riem constrangidas. Alguém grita em apoio. Sinto a multidão em silêncio, com os olhos em mim, esperando.

— Vamos tentar fazer essa droga de novo...

Posiciono o microfone no pedestal. Talvez seja demais tentar segurá-lo. O *roadie* se afasta, me dando espaço para continuar. Volto a olhar a tela no chão do palco. As letras ainda se movem de forma estranha.

"Quando eu te vi pela primeira vez, eu tenho certeza de que... Certeza de que..."

Paro. Não consigo ler o resto.

— Alguém poderia me dizer que maldita palavra é aquela que vem depois do...

Fico tonto e tropeço no meu próprio pé. O *roadie* avança novamente. A banda silencia e larga os instrumentos, claramente em desistência. Meu grupo desistiu de mim. Aqueles filhos da mãe estavam ganhando uma fortuna apenas para tocar por um par de horas, e, no meu primeiro vacilo, decidem me virar as costas.

— Tudo bem, não estou em um dia bom, mas...

A banda começa a se retirar.

— Voltem, seus cretinos! Não me deixem aqui sozinho!

Parte do público começa a vaiar. O *roadie* se aproxima.

— Alex, é melhor você descansar no camarim. Vamos adiar o show para amanhã, e depois emitimos um comunicado.

— Não! — grito no microfone, e então empurro o homem.

A reação da plateia é sinistra. Alguns assoviam, outros vaiam, outros aplaudem em meu apoio.

— Vejam os amigos... Quando precisamos deles, eles nos abandonam...

Mais assovios. Decido me sentar no chão, antes que volte a cair, porém levo o microfone comigo.

— Eu não sei se vocês já passaram por isso... Eu tenho a sensação de que todo mundo está mal, de que ninguém está feliz com a vida que tem. É um mal-estar geral. Vejo as pessoas sorrirem, mas o que seus olhos me passam realmente é angústia, desconforto e preocupação.

Eles começam a gritar meu nome em coro.

Alex! Alex! Alex!

— Às vezes eu me pergunto, sabe. Onde está aquele garoto cheio de sonhos?

Deixo a pergunta no ar. Eles me escutam atentamente.

— Eu era um rapaz que sonhava muito, que tinha planos e queria ser grande. Era jovem e desejava ser alguém na vida. Lá atrás, quando eu era novo e não sabia absolutamente nada, pensava que já tinha meu caminho traçado, e que bastava segui-lo para alcançar o que queria. Que inocente eu era! Por que a vida é assim? Por que ela parece tão fácil, quando somos jovens? Nada, absolutamente nada do que eu planejei quando se concretizou. Hoje eu tento entender como foi que cheguei a esse ponto, como me tornei o que sou. E ainda hoje eu passo a noite sem dormir, me viro na cama tentando entender em que momento da vida aquele rapaz se perdeu e se tornou o homem que sou hoje, sendo que ele tinha tudo para dar certo.

Fico em silêncio enquanto reflito. O álcool me tornava alguém sincero, capaz de colocar para fora o que pensa sem medo, mesmo diante de milhares de pessoas. A bebida me dava coragem para ser verdadeiro. Ao menos sob o efeito dela, eu podia ser realmente quem eu queria.

— Eu montei uma banda nos anos 90, em uma garagem, exatamente como tantas outras de sucesso começaram — continuo, contando a história à multidão. — Naquela época, éramos um grupo de garotos que não queria estudar e sonhava em poder trabalhar com música. Parecia impossível. O nosso sonho era fazer sucesso. E isso aconteceu, não foi? Entramos para aquele *reality show* que nos tornou conhecidos em todos os cantos do país. Mas sabe o que o programa não ensinou? Que a vida continua, mesmo depois que seu grande sonho é alcançado, e que tudo fica ainda mais difícil, depois que se chega a esse ponto. É complicado alcançar o topo; é ainda pior se manter lá. Quando você tenta e nunca consegue recuperar seus dias de glória, é isso, é o fim da linha. Sua vida acabou.

Alex! Alex! Alex!

— Tudo o que eu queria era ser alguém de verdade com a minha música, mas não consegui. Eu tenho minha música. Eu tenho meu sucesso. Mas não sou alguém de verdade. Vocês não são fãs de verdade.

O público enfim para de gritar meu nome e se cala, visivelmente confuso. Aquilo era demais até mesmo para um show de rock. Eles podiam aguentar meu desabafo, mas aquilo já era ofensivo. Centenas de rostos me encaravam furiosos.

— É duro, mas é a mais pura verdade — eu continuo. — Não levem para o lado pessoal. A culpa é toda minha. Eu me vendi para ter vocês. E paguei um preço alto.

Agora eles não aplaudem, nem assoviam. Eles uivam como lobos ameaçados.

— Eu vou explicar.

Tento me equilibrar e levanto na beira do palco enquanto os rostos seguem na minha direção.

— Fiz um pacto — revelo para a multidão curiosa. — Fiz um pacto com o Diabo para ter sucesso, vender discos e ter fãs. E é por isso que vocês todos estão aqui.

Não consigo ver claramente o que acontece em seguida.

O público me encara em silêncio por um instante, procurando a ironia ou a entonação cômica na minha fala, mas nada disso existe. Então se segue um estado de choque e diferentes reações. Vejo expressões de nojo e de preocupação. Há gente que vira as costas e começa a caminhar em direção à saída; outros gritam ainda mais animados, como se o show estivesse apenas começando. Sinto meu corpo ser puxado para trás quando alguém da produção decide me retirar à força do palco, e então desmaio para meu mundo obscuro, do qual desejo nunca mais acordar.

CAPÍTULO 59

Noto que estou cercado de pessoas quando acordo, e fico aliviado.

— Ele despertou — ouço uma voz.

Todos os rostos da sala se voltam para mim. Estou deitado no sofá do meu camarim, embora não possa dizer quanto tempo se passou desde que apaguei. Sinto uma dor enorme percorrer todo o meu corpo. Minha visão fica turva enquanto tento enxergar. A luz forte do ambiente me cega por um momento.

— Alex, o que aconteceu? — alguém pergunta.

— Você está bem? — questiona outra voz.

Não sei se estou bem, muito menos se em condições de responder a qualquer coisa. Não é algo difícil de perceber.

— Alguém traga água.

Uma pessoa sensata deixa a curiosidade de lado em meu benefício. Sinto um copo chegar aos meus lábios e bebo todo o líquido de uma só vez, o que faz com que me sinta um pouco melhor. Posso enfim prestar atenção em quem são os que me rodeiam e observam.

Há parte da banda, o *roadie*, o produtor do show, o proprietário da casa de eventos, Ezra e Hugo. Hugo? O que ele está fazendo aqui? Puxa vida. Eu tinha certeza de que mais tempo do que eu poderia imaginar havia se passado, assim como mais manchetes do que eu gostaria seriam publicadas.

— Como está se sentindo? — pergunta Ezra.

Tento mudar de posição no sofá, procurando por uma maneira de aliviar a dor. Ainda me sinto tonto, e com uma leve ânsia de vômito.

— Não sei, mas não estou bem.

— Deveríamos chamar um médico — sugere o produtor.

— Não acho que alguém vá querer atender ele, agora.

Posso sentir o desespero na voz. Um artista doente em plena execução do show poderia significar multas e processos de milhares – talvez milhões – de reais. Um artista doente e com um discurso um tanto controverso seria ainda pior.

— Não precisa — digo. — Caramba, vocês nunca beberam na vida? Toda ressaca passa.

— Foi o álcool? — pergunta o produtor, surpreso. — Mas que merda. É por isso que rock não decola mais. Na próxima vez vou contratar uma *boyband* e pronto.

Ele sai da sala, bufando. Está furioso por eu ter gerado tantos problemas, mas não estou em condições de me preocupar com produtores exaltados no momento.

— Ezra, quero todos fora da sala.

Sou o artista principal, e preciso mostrar a eles que, mesmo em condições vergonhosas, ainda mando na porra do lugar. Ezra não precisa dizer nada. Em segundos ouço a porta bater, e estou sozinho com ele no camarim.

— O que aconteceu, Alex?

— Eu bebi demais, não é óbvio?

— Não estou falando disso.

Então eu me dou conta. Não foi um pesadelo. Eu realmente havia dito tudo aquilo. Tinha esperança de que fossem apenas ilusões alcoólicas.

— Do que você está falando? — pergunto, fingindo surpresa.

— De tudo o que você disse ao público.

— Veja bem, o álcool faz as memórias sumirem, e não estou lembrando muita coisa.

Ezra suspira.

— Você desabafou sobre uma porção de coisas. Falou sobre o sucesso e tudo o mais. Mas a pior parte foi o final. Você disse que fez um pacto com o Capeta.

Pela primeira vez naquela noite, me sinto realmente envergonhado por algo que fiz e por quem me tornei. Tento encarar Ezra nos olhos, mas

não consigo. Aquele homem dedicara meses à minha carreira e ao meu sucesso. Agora eu havia dito que todo o seu trabalho duro era uma farsa.

— Ezra, não sei o que dizer.

— Eu gostaria de uma explicação, Alex.

— Por que tenho de falar sobre isso agora? Não estou bem.

— Você não é um bebê. O que disse foi realmente grave, e chocou as pessoas. Há um batalhão de repórteres na porta da sua casa, esperando para fazer exatamente a mesma pergunta que eu fiz.

— Mas que droga! Esses urubus malditos de sempre. Você precisa dar um jeito de me tirar daqui sem passar por eles.

— Eu não saio sem uma explicação.

— Temos que dar o fora antes que seja tarde.

— Estou falando sério, Alex. O que aconteceu? Por que você disse aquelas coisas? Se está tentando se meter em uma polêmica atrás da outra para alavancar uma turnê, não está funcionando.

— Não sei o que responder. Eu estava bêbado, entendeu? Bêbado! Nada de mais. As pessoas dizem besteiras, quando bebem. É nisso que precisamos fazê-los acreditar.

— Aquilo não era só a bebida.

— Não importa agora.

— Alex, eu conheço você, e sei que aquilo foi um desabafo sincero.

— Preciso falar com o Hugo.

— Aquele rapaz apareceu aqui do nada, e disse que era o único que poderia ajudar você. Por quê?

— Eu só preciso conversar com ele.

— Sobre o quê?

— Sobre nada, porra! Pare de fazer perguntas!

Eu ficava mais nervoso a cada minuto, e Ezra não estava me ajudando. Eu sentia que estava perdendo tempo, e isso era algo que eu não tinha muito.

— Tudo bem — diz ele, e se afasta como se eu fosse um animal selvagem. — Faça como quiser. É sua carreira. Destrua-a de uma vez.

Ele deixa o camarim sem dizer mais nada. Passo a me sentir pior. A presença dele me irritava, mas não quero ficar sozinho.

Na solidão, posso ouvir com clareza a voz que ecoa dentro da minha cabeça.

Você deve deixar a dúvida. Não pode confirmar, nem negar. Caso contrário, teremos problemas graves.

Começo a me sentir cada vez mais aflito. Para meu alívio, Hugo aparece em seguida.

— O que aconteceu, Alex? — É a primeira coisa que ele pergunta. — Você encheu a cara e falou mais do que devia. O que vai fazer, agora?

— Desmentir.

— Tudo bem. Você pode desmentir o que disse ao público, eles talvez acreditem, e a mídia vai esquecer depois de um tempo, mas não acho que vai funcionar para *ele*.

Hugo tinha razão. Os danos consequentes da minha atitude seriam irreparáveis.

— O que será que ele achou do seu desabafo? — ele pergunta.

— Julgando pela nossa última conversa, ele não deve ter ficado muito satisfeito.

— Que conversa?

— A que tivemos logo após o episódio da sacada. Ele disse que eu nunca deveria admitir ou negar qualquer coisa a respeito desse assunto. As pessoas devem ter dúvidas, mas nunca certeza. Parece que hoje fiz o oposto do que ele pediu, e confirmei tudo. Segundo ele, isso traria sérios problemas.

— Sérios problemas? O que ele quis dizer com isso?

— Não sei. Mas tenho certeza de que não é algo bom para mim.

Hugo reflete, por um momento.

— Teve um contrato que você não leu por completo.

— Fiquei com preguiça.

— Acho que agora é a hora certa para fazer isso. Precisamos descobrir se ele diz algo a respeito dessa situação, e sobre o que acontece em seguida.

— Está na minha casa.

Hugo e eu começamos a bolar uma estratégia para sair da casa de shows sem sermos incomodados pela maldita imprensa, o que parece bastante complicado.

CAPÍTULO 60

Primeiro, Hugo se encarrega de conversar com o produtor do show, que não está nada animado em cooperar. Acabo de causar um grande prejuízo, sem falar nas infinitas possibilidades negativas que um show cancelado pode causar à sua empresa. Ainda assim, Hugo é persuasivo, e consegue fazer com que ele nos ajude a sair pela porta dos fundos, a fim de chamar menos atenção.

O motorista chega rapidamente, mas o carro não consegue se manter discreto. Ele é logo percebido pelos *paparazzi* e jornalistas, que me esperam na entrada principal do show e se movem imediatamente para o outro lado. Somos cercados assim que tentamos avançar. O Mercedes se move de poucos em poucos metros. Posso ouvir a gritaria do lado de fora.

- Alex, é verdade o que você disse no show?
- Como você fez um pacto?
- O que você teve de dar em troca, Alex?
- Você está arrependido?

A janela tem película, mas ela não é escura o suficiente, então deve render boas fotos para os jornais da manhã seguinte. Há fãs na multidão, muitos trazendo o meu último disco, provavelmente na esperança de um autógrafo. Com dificuldade, o motorista arranca devagar. O caminho até a estrada me tortura. Quando a confusão fica para trás, avançamos em alta velocidade. Em seguida, estamos na avenida principal em direção à Barra da Tijuca. Para meu alívio, não há nenhuma movimentação em frente à minha casa.

— Onde está o contrato? — Hugo pergunta, quando entramos.

Vou até o meu escritório e procuro nas pastas lotadas de papel. São diversos documentos que assinei ao longo dos últimos meses, entre contratos com a gravadora, distribuição de discos, produtoras de shows e vários acordos de publicidade com as mais diferentes marcas. Mas não demoro a encontrá-lo.

— Aqui está. É melhor você ler primeiro.

Ele suspira.

— Quando é que você vai começar a assumir as consequências de seus próprios atos?

— Quando eu não tiver outra pessoa que faça isso por mim, igual a todo mundo.

Ele abre na primeira página.

— Se me lembro bem, lemos apenas o começo, que continha os benefícios que você teria com o acordo. Paramos quando chegamos à parte de obrigações.

— Exatamente.

— Vamos lá. *Obrigações da primeira parte.* Acho que é isso.

Hugo começa a ler em voz alta.

"As exigências da segunda parte são:

"A não filiação ou adoção do Criador ou qualquer outra entidade divina; a não frequência ou filiação a qualquer igreja ou religião de qualquer origem; a gravação de mensagens subliminares nos discos que só deverão poder ser ouvidas quando as músicas são tocadas de trás para frente; a obrigação de utilizar símbolos e figuras em capas de discos e clipes que tragam referências subliminares à mensagem da segunda parte; a não comemoração de qualquer data festiva de origem cristã, como Natal e Páscoa; a não utilização de expressões linguísticas que remetam à crença a um Deus criador, tais como 'Ai meu Deus!', 'Jesus Cristo!' e 'Pelo amor de Deus!'..."

— Acho que foi aí que você parou, da outra vez. Eu cumpri tudo o que está escrito. Nunca dei muita bola para o Natal, mesmo.

— Eu ainda não terminei.

"... A não utilização de qualquer símbolo religioso, cristão ou não, incluindo cruzes, terços e santos, salvo em caso de ironia e sarcasmo; a não emissão de declarações ou entrevistas para qualquer canal de comunicação de cunho religioso; a não menção à existência do presente contrato e sua finalidade em público ou à imprensa; a não confirmação ou negação da existência do pacto, apenas indução aos boatos, quando eles surgirem; o estímulo à curiosidade do público, através de músicas, mensagens e declarações, com relação aos boatos a respeito do pacto, novamente sem nunca confirmá-los; a total disposição à segunda parte, sempre que ela aparecer, qualquer que seja o motivo..."

— Então é isso — digo, enfim. — Estava previsto no acordo. Ele tinha razão.

— Você quebrou o contrato.

— Quais são as penalidades?

Hugo procura no texto.

— Está na última página.

Posso ver o desespero crescer nos olhos de Hugo à medida em que ele lê cada linha e desce os olhos pelo texto.

— Leia em voz alta — eu peço.

— Acho que você não vai querer ouvir isso.

— Eu preciso saber.

— É melhor você se sentar, então.

Eu me sento.

— Está preparado? — ele pergunta.

— Minha vida é complicada. Talvez eu deva beber um uísque, antes. Mas... acho que posso aguentar o pior.

— Esperamos que sim, porque eu não posso imaginar nada pior do que isso.

Então Hugo continua a leitura.

"O descumprimento de uma ou mais partes e obrigações deste contrato acarreta à primeira parte a perda e cancelamento do mesmo, assim como anulação de todos os benefícios concedidos pela segunda parte durante sua vigência. Isso inclui carreira artística

em evidência, vendagens de discos e a perda de qualquer bem que tenha sido adquirido em função do documento, como carros, mansões e relacionamentos. No caso específico de confirmação ou revelação de boatos referentes à contratação pactual pela primeira parte, em declarações públicas a fãs ou à imprensa, a primeira parte será penalizada, além das perdas, também com o encurtamento de sua vida terrena, que deverá chegar ao fim quando a segunda parte determinar, da maneira escolhida por ela, dolorosa ou não, no tempo transcorrido a partir da quebra do contrato.”

O silêncio paira na sala por um longo tempo. O vento que bate na janela é ouvido com clareza. O choque me deixa estático, e eu sequer consigo piscar. Meus olhos congelam enquanto tento absorver a informação, mil coisas passando pela minha cabeça ao mesmo tempo.

Quando consigo me mover, procuro Hugo pela sala. O olhar dele é o mais assustador que já vi em toda a minha vida. Quando fala, sua voz fica trêmula.

— Ele vai matar você, Alex.

CAPÍTULO 61

Meu coração nunca bateu tão rápido.

Penso em correr, em me esconder. Entretanto, sei que, não importa aonde eu vá, o Capeta certamente vai me encontrar.

— Você precisa se esconder — sugere Hugo, como se adivinhasse meu pensamento.

— Não vai adiantar — respondo, levantando e olhando para todos os cantos da casa como se estivesse sendo vigiado. — Ele é o Diabo! Ele sabe de tudo! Vai me achar, não importa onde eu esteja.

— Deve haver um jeito — diz meu amigo, e posso ver seu esforço em encontrar uma saída.

— Não há.

— Porra, Alex! Precisamos pensar!

— Ele provavelmente já está vindo atrás de mim.

Hugo olha para a porta, como se esperasse ouvir a campainha tocar a qualquer momento.

— Acho que não. Se ele for fazer isso, provavelmente será quando você estiver sozinho.

Vou até a janela e olho para fora.

— O que está procurando?

— Por ele — respondo, olhando para o jardim e para a rua.

— Acalme-se. Você está ficando paranoico.

— Estou ficando paranoico? Bem, deixe-me pensar sobre minha atual situação... O Diabo tem um contrato assinado por mim o autorizando a me matar a qualquer momento... É claro que estou ficando paranoico!

— Se ele é tão discreto, também não vai querer que ninguém saiba por que você morreu. Então é provável que tente fazer parecer um acidente. Ele não pode te matar dentro da sua casa comigo. Enquanto estiver aqui, estará a salvo.

Olho em volta, observando as cortinas, as janelas e os objetos em cima da mesa, como se qualquer coisa fosse uma ameaça em potencial.

— Se quiser, ele dá um jeito. O lustre pode explodir e os cacos voarem contra mim. A polícia vai dizer que foi um simples problema elétrico. Eu posso escorregar ao descer a escada. Posso levar um choque. Posso me afogar na banheira ou me engasgar sozinho. Ele é o Rei das Trevas, pode fazer qualquer coisa.

— Vamos sair daqui — sugere Hugo, se assustando com a minha criatividade mórbida. — Se estivermos em público, ele não vai poder fazer muita coisa.

— Pegue meu carro. Estou nervoso demais para dirigir.

Hugo e eu descemos até a garagem e entramos no meu BMW.

— Para onde vamos? — ele pergunta.

— Não sei. Para qualquer lugar que tenha bastante gente. Um bar.

— Um bar?

Olho torto para ele.

— Por favor, o Diabo quer me matar... Eu realmente preciso de uma bebida agora.

— Bares são perigosos. Tem gente bêbada, as pessoas iriam reconhecê-lo, haveria tumulto, seria fácil para ele encontrar uma maneira de acabar com você.

— Deus, isso não vai ser fácil. Espere aí. Deus! É isso! Será que adianta pedir socorro para Ele? Ele é o Todo-Poderoso. Ele vai me ajudar.

— Não sei... mas dizem que Ele salva, quando a gente pede. Talvez você deva rezar.

Por algum motivo, olho para cima, como se houvesse alguém me observando pelo teto solar do carro.

— Não sei se consigo. Parece desonesto, como se eu só estivesse procurando um amigo porque preciso pedir um favor, depois de ignorá-lo por anos.

— Talvez com Ele funcione.

De repente, ouço uma grande movimentação na frente da casa. Carros

começam a estacionar, e ouço gritos chamando pelo meu nome conforme as pessoas descem dos veículos.

— Droga! — digo. — É a imprensa.

— Vamos embora! — diz Hugo.

Ele dá ré e leva o carro ao jardim rapidamente. Eu abro o portão com o controle. Os repórteres começam a avançar.

— Merda! — grito. — Anda logo! Passa por cima, se precisar.

Hugo acelera e o carro dispara. Os jornalistas, que não esperavam por isso, se assustam e se afastam.

— Seu idiota! — alguém grita. — Vou ligar para a polícia e pedir que cassem sua carteira!

— Onde está a liberdade de imprensa? — outro pergunta. — Abaixo a censura!

Hugo faz a volta e dispara pela rua. Os jornalistas voltam a embarcar em seus carros e passam a nos seguir.

— Eles não desistiram — constata meu amigo.

— Eu sei, Hugo. Não sou cego.

— Só estou falando.

— Desculpe. Estou nervoso.

— Para onde vamos?

— Pegue a avenida menos movimentada. Precisamos ser rápidos para despistá-los.

— Alex, tem fãs seguindo a gente. Eles estão com cartazes e tudo. Isso não deveria ter acabado depois que você quebrou o contrato?

— Eu não faço ideia. Acelera!

Ele aumenta a velocidade, mas os *paparazzi* são persistentes e continuam até nos alcançar. Hugo começa a ultrapassar todos os carros à nossa frente, que trafegam tranquilamente.

— Saia da minha frente, tartaruga! — ele diz, furioso.

Um dos jornalistas passa por nós, buzina e coloca a cabeça para fora, com o carro à nossa frente.

— Pare agora mesmo! — grita na nossa direção. — Somos a imprensa! Estamos a serviço da informação, cultura e conhecimento!

O homem diminui a velocidade e tenta nos obrigar a parar. Hugo não hesita, e os dois carros se encostam levemente. Outro homem, ao seu

lado coloca a câmara para fora do carro e começa a disparar *flashes* em nossa direção.

— Merda, eles estão fazendo fotos! — eu digo. — Vamos sair em todos os jornais!

— Espera aí, vou dar um jeito nisso — diz Hugo.

Entramos em um túnel. Ele acelera, e nós encostamos outra vez no carro dos jornalistas. Eles se apressam até ficarem vários metros de vantagem na nossa frente.

E então algo inesperado acontece.

Bruscamente, o carro dos *paparazzi* freia.

Em seguida, tudo ocorre rapidamente.

Hugo se assusta e joga o carro para a direita. Não há nada que ele possa fazer para impedir, então batemos em um poste ao lado.

O mundo se movimenta rápido demais. O metal se choca com o concreto. A batida joga meu tronco para frente e o impacto parece tirar todos os órgãos do lugar. Minha cabeça bate no painel do carro. A dor é imensa. Sinto gosto de sangue e apago.

CAPÍTULO 62

Abro os olhos em algum momento. Meu corpo inteiro dói.

Não tenho ideia de quanto tempo se passou desde que apaguei. Tento descobrir onde estou, e não demoro a perceber que ainda estou preso às ferragens do carro. Minha cabeça lateja, e sinto um gosto azedo na boca.

Parece que *ainda* não estou morto.

Tento me locomover, mas, além de ter lata amassada me espremendo, o cinto de segurança me prende ao banco. Não consigo desprendê-lo. Então me lembro. Viro a cabeça para o lado com dificuldade e procuro por ele.

Hugo não havia colocado o cinto.

Não posso acreditar. A situação é tragicamente clara.

Hugo está morto.

Fico sem ar. Uma sensação de agonia toma conta de mim, mas não há nada que eu possa fazer. Sequer consigo me mover. Estou preso nas ferragens de um carro destruído, meu único amigo está morto e a culpa é toda minha. Não tenho voz. Quero gritar, mas não consigo.

— Hugo... — suplico com a voz falha. — Hugo... Por favor...
Acorde...

Ele não pode responder. Tento olhar para o rosto dele, ensanguentado e inexpressivo, mas é difícil. Lágrimas começam a correr de meus olhos.

O que eu fiz? O que me tornei?

Vejo a movimentação lá fora. Carros começam a parar. Tento pedir ajuda, mas minha voz sai baixa. Eles não vão escutar.

— Rápido, se apressem! — alguém grita.

— É o Alex Britto? — outra pessoa pergunta.

— Sim, é ele.

— Está morto?

— Não sei. Fotografa primeiro o carro de longe. Rápido! A polícia vai chegar logo.

Então o inevitável acontece. O carro, o acidente. O corpo de Hugo. Tudo passa a ser fotografado, há *flashes* em todos os lados. Outra vez somos atrações de circo. Hugo, mesmo depois de morto, vai estampar os jornais do dia seguinte. Dentro de minutos suas fotos serão compartilhadas em sites duvidosos e serviços de mensagens. A curiosidade atíça, e a multidão aumenta do lado de fora, todos ansiosos por detalhes da nova tragédia. Posso ouvir um repórter fazer a cobertura ao vivo do acidente, as luzes da sua câmera voltadas na minha direção.

O show do qual eu sempre quis participar tem um preço caro.

E então alguém parece se lembrar.

— Chamaram uma ambulância?

— Liga para o 190.

O Diabo tentou me matar, e quase conseguiu. Ao invés disso, levou o Hugo. Ainda estou dentro do carro, e estou sozinho. Não tenho mais a ajuda dele. Preciso sair daqui o quanto antes. O próximo serei eu.

Alguém se aproxima e tenta abrir a porta, puxando com força.

— Alex, vou te tirar daí.

Não faço ideia de quem é, mas é uma voz feminina.

— Por favor, alguém me ajude! Ele vai morrer, se não o tirarmos daqui!

Fecho os olhos e tento me acalmar enquanto outras pessoas a ajudam a abrir a porta. Alguém a puxa e dá fortes chutes. O carro sacode, ela cede um pouco, mas não o suficiente para que eu possa passar. Vejo uma mão passar pelo vão e desprender meu cinto de segurança. Eles continuam a forçar a porta.

— O outro está morto?

Ninguém diz nada. A resposta está clara.

Alguém coloca um pé de cabra no vão da porta, e outros fazem força em direções opostas. Eles tentam por longos minutos.

Ouçõ um estrondo. A porta se abre o suficiente para que eu saia.

— Você consegue sair, Alex? — pergunta a garota. — Vamos te levar ao

hospital.

— Meu amigo é que...

Não consigo terminar a frase. Seguro a mão de Hugo.

— Desculpe, amigo — digo em voz baixa. — Você fez tudo o que podia para me ajudar...

Então cruzo as mãos de Hugo sobre seu peito.

— Não vou deixar que se esqueçam do herói que você foi. Nunca.

Eu olho para ela.

— Sinto muito — a mulher diz. — É melhor tirar você daqui.

Um homem ao lado dela me estende a mão e me puxa. Minhas costas doem, minha visão gira e me sinto tonto graças ao golpe que sofri na cabeça, mas consigo sair com a ajuda deles.

— Venha até o meu carro — a jovem diz. — Vou levar você ao hospital.

— Tem certeza? — pergunta um dos fotógrafos, a câmera ainda na mão.

Ela não responde. Alguém me ajuda a caminhar. Vejo jornalistas se aproximarem do meu BMW destruído no exato momento em que me afasto, aproveitando que deixei o local para fotografar sem culpa. Outros tiram fotos de nossa caminhada. Quando chegamos, ela abre a porta e eu me sento no banco do passageiro. Ela se acomoda ao volante com pressa, acelera e sai do acostamento.

— Caramba, que tragédia... — ela diz, nervosa. — Eu sinto muito, Alex. Foi terrível o que aconteceu com o seu amigo.

Não respondo. Mil coisas passam pela minha cabeça ao mesmo tempo, e não consigo conversar.

— O importante é que você está vivo — ela continua. — Ainda bem que há um hospital aqui perto. Cinco quilômetros, no máximo.

— Não vamos ao hospital.

Ela me olha em pânico.

— Como assim?

— Não podemos ir para lá.

A garota me lança uma expressão confusa.

— Alex, eu sei que você está chocada, mas precisa...

— Qual é o seu nome?

Ela trava um segundo com a mudança de assunto.

— Apenas diga o seu nome — eu insisto.

— Isa.

— Isa é o seu nome?

— Não, apelido.

— Bem, eu perguntei o nome, mas tudo bem. Isa, o negócio é o seguinte: tem alguém querendo me matar.

O queixo dela cai.

— Você quer dizer... Ah, minha nossa! Uma pessoa armou aquele acidente?

— Mais ou menos.

— O que quer dizer?

— Alguém está tentando acabar comigo. Não posso ir ao hospital. Vão me encontrar, lá.

— Meu Deus!

— Eu sei, e você está correndo perigo também. Se quiser desistir, eu vou entender.

— Não vou desistir. Sou sua fã.

— É sério?

— Sim. Acompanho sua carreira solo desde que deixou a banda.

— Puxa, eu posso viver duzentos anos que não serei capaz de entender as loucuras em que os fãs são capazes de se meter por mim.

— Não é loucura. Eu farei o que for preciso para ajudar você.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada, então.

— Nunca serei capaz de retribuir o que vocês fazem por mim. Eu não mereço tudo isso.

— Apenas continue fazendo música.

— Quanto a isso, não sei o que vai acontecer.

Ficamos em silêncio por um tempo. Olho para a garota discretamente, enquanto ela dirige em alta velocidade. A determinação dela me impressiona. Isa sequer parece cogitar se está fazendo o certo ou não. Não questiona quem deseja tanto me matar, e eu me pergunto se ela está contendo a curiosidade em respeito à minha privacidade – algo raro para um fã, nos dias de hoje.

A garota me olha com o canto dos olhos enquanto eu a observo.

— Para onde vamos, então? — Isa pergunta. — Quero dizer, se não vamos ao hospital, não podemos vagar pela estrada a noite toda.

— Eu não sei para onde devo ir.

— Tive uma ideia.

— O que é?

— Eu sei de um lugar.

Ela faz a curva e entra em uma rua.

CAPÍTULO 63

A garota continua a dirigir com pressa pela estrada escura e vazia. Ela não deve ter muito mais que vinte anos. É jovem e tem toda a vida pela frente. Ainda assim, está a desperdiçando ao ajudar um roqueiro decadente de quarenta anos, que fez o que não devia com a própria vida e se meteu em um buraco sem saída. A vida dela é promissora. A minha está no fim.

Sinto minha consciência pesar, ao pensar nisso. Vou acabar com o futuro de alguém jovem, exatamente como acabei com o meu. Qual é o meu problema? Eu levo o azar comigo por onde passo. Entretanto, ao invés de fazer algo, fico em silêncio, fitando o asfalto que passa rápido. Sinto que estou perdido, e levo quem posso junto comigo.

— Nunca imaginei que isso pudesse acontecer, Alex — ela comenta, talvez para quebrar o silêncio. — Se soubesse, eu não teria corrido atrás de você junto com os *paparazzi*. Eu ajudei a causar todo aquele caos que assustou vocês dois.

— Não foi sua culpa — respondo, porque não acho justo que ela viva com esse peso na consciência para o resto da vida. — A culpa é da imprensa. Eles nos assustaram.

— Sinto muito mesmo, Alex.

Não tenho o que acrescentar. Meu desejo é de me isolar em um lugar onde não precise falar com ninguém, onde possa esquecer meus problemas ao lado de garrafas de uísque, ainda que nenhuma bebida seja suficiente para apagar uma morte da lembrança.

— Você está arrasado — ela diz.

— É assim que a gente se sente quando assiste alguém próximo morrer.

— Desculpe, estou incomodando você. Sou sempre assim. Nunca sei quando parar de falar. É que eu fico nervosa. Sempre sonhei em te conhecer, mas nunca imaginei que seria desse jeito.

Ela liga o rádio.

"... A polícia acaba de confirmar a fatalidade. O carro que sofreu um acidente na autoestrada há pouco tem uma vítima. É um homem ainda não identificado. O outro passageiro, segundo testemunhas, era o roqueiro Alex Britto, que deixou o local imediatamente para o hospital em um carro particular. Quanto à vítima, acredita-se que se tratava de um antigo funcionário..."

— Pode desligar isso?

Ela atende ao pedido no mesmo instante.

Entramos na cidade minutos depois. É uma área nobre, deserta àquela hora da noite.

— Aonde vamos? — pergunto, finalmente.

— Para o meu apartamento.

Acho um pouco estranho. Espero que ela não esteja pensando em sexo. Não costumo dispensar sexo, muito menos com garotas jovens, muito menos com garotas jovens que estavam loucas para me conhecer, mas algo me diz que aquele definitivamente não era o momento certo para isso. Eu estaria ultrapassando meus próprios limites, já bastante distantes, caso cogitasse isso. E eu não estou cogitando. Sequer pensei na possibilidade.

— O que vamos fazer lá? — pergunto, curioso.

— Não sei, mas acredito que você estará seguro na casa de uma desconhecida.

Eu não estaria seguro. O Diabo nunca teve problemas em me localizar.

Ela entra em uma rua e desacelera. É um lugar cheio de prédios de luxo, embora todos pareçam abandonados. Há jardins intocados, e os gramados crescem de forma descontrolada. Poucos edifícios têm luzes acesas. Não sei o motivo, mas aquele lugar me dá um arrepio.

Ela para em frente ao portão de um condomínio. Ele sobe devagar. Quando chega ao topo, ela avança. Não há porteiros. O carro segue até

um dos blocos e desce para o subsolo. A garagem é gigante, mas, como eu imaginava, quase não há carros.

— Por que há tantas vagas desocupadas?

— Não há muita gente morando aqui agora. É um lugar onde as pessoas não querem vir morar. Eu gosto do bairro. Ele é tranquilo, e os preços não são altos. É o que importa.

Aguardo enquanto ela estaciona o carro em um canto afastado.

— É aqui — ela diz, desligando o motor. — Não faça esforço. Vou ajudar você a descer.

Ela desembarca, dá a volta no carro e abre a minha porta. Quando tento sair, tropeço e derrubo um livro que estava no porta-objetos. É um exemplar de *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger.

— Desculpe — digo, enquanto ela se inclina para pegá-lo.

— Não se preocupe — ela diz. — Eu estava lendo dentro do carro enquanto esperava você chegar à sua casa. Com todo o alvoroço, devo ter largado o livro em qualquer lugar.

Ela devolve a cópia no lugar e me ajuda a sair. Caminhamos alguns metros pela longa garagem enquanto observo a escuridão.

— Esqueci minha bolsa — ela diz, depois. — Agente firme em pé enquanto eu volto para buscá-la?

— Claro.

Eu me equilibro em uma coluna para não cair enquanto ela se afasta.

Pela primeira vez em muitos minutos, tenho tempo para me concentrar na dor que percorre meu corpo. Ela parece voltar com tudo, quando dou atenção a ela. Ainda sinto gosto de sangue na boca. Segundos em pé parecem um longo tempo. Não ouço qualquer barulho em toda a garagem. Não há sinal de Isa. Olho para trás, a fim de encontrá-la, mas ela ainda está sentada no banco do motorista. Tira algo de dentro da bolsa e sai do carro.

— Você está certa — eu digo a ela. — Aqui é seguro. Ninguém vai me encontrar. Ao menos, não os *paparazzi*.

Ela tranca o carro e começa a caminhar na minha direção com a cabeça inclinada para baixo e os olhos fitando o chão.

— Sabe, Alex, eu já não estou tão certa disso.

Eu congelo.

— Por que não?

— Não importa onde, você não estará seguro.

Dou um passo para trás.

— Na verdade, teve algo que eu não contei a você — ela continua, e a expressão em seu rosto fica cada vez mais sinistra. — Hoje não foi a primeira vez em que te encontrei. Isso aconteceu meses atrás, quando o vi na frente da sua casa, após passar um dia inteiro esperando pela oportunidade.

Droga. Eu começo a olhar para os lados, procurando por uma saída. Aquilo não estava certo.

— É o seu comportamento padrão, não é? Já sabe do que eu estou falando. Você passou por mim. Pedi um autógrafa e uma foto. Eu nem ia usar o pau de *selfie*. Você me ignorou. Disse que estava ocupado e entrou em casa sem sequer olhar na minha cara.

Tento encontrar uma maneira de ganhar tempo.

— Olha, garota. É provável que eu tenha feito isso. Mas você precisa entender: artistas são pessoas normais, têm pressa, se atrasam para compromissos, perdem a hora e precisam correr. Também temos dias difíceis. Acordamos de mau-humor e as nossas segundas-feiras são igualmente complicadas.

— Não importa agora, Alex. Não dou a mínima. Aquilo ficou no passado. O que me importa agora é o futuro e o que farei com ele.

Sinto meu corpo gelar. Fico estático, sem saber o que fazer. Minhas pernas não se movem. Percebo que Isa tem uma das mãos escondida.

Ela estende o braço na minha direção e aponta uma pistola.

Então vejo o Diabo ao seu lado. Ele tem uma expressão rancorosa no rosto, e balança a cabeça, decepcionado.

— Você tinha tudo o que sempre quis — ele diz, a voz arrepiando meu corpo inteiro. — Ainda assim, não ficou satisfeito. São todos iguais, os humanos. Querem sempre mais e mais, e continuam infelizes, não importa aonde chegam. Você descumpriu as regras, e não pode mais continuar.

Não tenho tempo para pensar ou responder.

A garota atira.

CAPÍTULO 64

Eu estava apenas passando pelas vitrines das lojas quando a vi.

Eu já vira uma como aquela na televisão, mas era muito mais bonita pessoalmente. Lembro que ela era vermelha e tinha detalhes prateados. Era uma guitarra que chamaria a atenção mesmo que você estivesse do outro lado da rua.

Decidi entrar na loja. Era pequena, tinha poucos modelos expostos, mas era aconchegante. Havia outra guitarra como a da vitrine em uma das prateleiras. Parei diante dela e fiquei a encarando pelo que me pareceram longos minutos.

— Você toca? — uma voz perguntou.

Embora estivesse em uma loja, não achei que eu tivesse companhia. Procurei em volta pelo dono da voz rouca e encontrei um senhor atrás do balcão do caixa, inclinando-se por detrás do jornal para ver o novo cliente. Ele tinha a pele enrugada e um semblante cansado, mas não parecia incomodado com a visita.

— Nunca toquei — tive de confessar, para meu desgosto.

— *Ainda* não — ele respondeu, em tom de correção. — Não é nada que você não consiga aprender com alguns anos de prática.

Fiquei quieto. Eu não sabia direito o que responder.

— Claro, ela ainda é um pouco grande para você — ele continuou. — Desculpe, eu não tenho nada para o seu tamanho agora... Quantos anos você tem?

— Nove.

— E qual é o seu nome?

— Alexandre.

— Bem, Alexandre. Não se preocupe. Em alguns anos você já será forte e poderá segurá-la, talvez por um show inteiro, se quiser mesmo ser um músico. Mas não sei se você quer.

Eu voltei a encarar o instrumento ainda na prateleira. A guitarra parecia brilhar na minha direção.

— Quer tentar?

Eu pensei a respeito.

— Pode ser.

Ele apoiou o jornal calmamente em cima do balcão e desceu do banco em que estava sentado. Deu a volta e foi até a prateleira, retirando com extremo cuidado a guitarra vermelha, como se ela fosse de cristal e estivesse prestes a se quebrar.

— Ela me custou uma pequena fortuna, então, por favor, segure-a com muito cuidado. Estamos combinados, Alexandre?

Fiz que sim com a cabeça, e ele estendeu o instrumento na minha direção. Levantei os braços, sem saber exatamente como pegá-la.

— É melhor vestir isso — sugeriu o homem, passando o cinto preso à guitarra por cima da minha cabeça.

Ele pediu que eu segurasse as duas pontas com as mãos, e eu obedeci. Quando largou a guitarra totalmente sob os meus cuidados, o encarei enquanto segurava o aparelho sem jeito.

— Como acha que se toca isso?

Eu dei de ombros.

— Vamos — ele insistiu. — Pense um pouco.

Baixei os olhos e a observei com atenção.

— Tem que tocar as cortas, né?

— Não é tão difícil quando você para e pensa um pouco.

Ele procurou por uma tomada próxima e conectou o cabo da guitarra a ela.

— O senhor toca? — perguntei.

— Bem... já toquei, sim.

— O senhor era bom?

— Bem, eu tenho uma loja onde vendo guitarras, e não as toco enquanto faço turnês pelo mundo. Acredito que isso responde a sua pergunta.

Tentei encontrar uma posição confortável, e ele ficou me observando.

— O que você quer ser quando crescer? — ele me perguntou.

— Não sei.

— Como não?

— Nunca pensei sobre isso.

— Bem, nunca é tarde para começar a pensar.

Eu encarei a guitarra.

— Talvez você seja músico um dia, já pensou? — ele sugeriu, como quem não quer nada.

— Não sei.

— Você gostaria de ser um?

— Talvez... O que os músicos fazem?

— Música.

Eu fui obrigado a rir. Ele era um tanto quanto engraçado,

— Isso eu sei, né. O que mais eles fazem?

— Eles fazem o que a música permite que façam, e isso depende de sua imaginação. Fazem shows, comerciais, ganham todas as garotas que querem.

— Isso é bom, não é?

— Eu nunca ouvi alguém reclamar.

Nós dois rimos juntos.

— Talvez você deva pedir aos seus pais para fazer um curso de guitarra. Um dia, quando souber o suficiente, pode vir aqui e comprar um modelo como esse. E, quando for famoso e fizer shows, eu vou querer um ingresso grátis.

— Eu daria um ingresso grátis ao senhor.

— E eu faria um desconto na guitarra.

Eu pensei sobre o assunto.

— O senhor guarda essa aqui para mim? Para eu comprar depois?

— Você quer dizer, guardar por alguns anos?

— Sim.

— Acho difícil. Até lá, eles terão inventado modelos melhores.

Abaixei a cabeça, um pouco decepcionado.

— Eu não quero outra, quero essa.

— Acho que tem outras coisas com as quais você deveria se preocupar, primeiro.

- Como o quê, por exemplo?
 - O seu nome! — ele respondeu, como se aquilo fosse uma observação óbvia.
 - O que tem meu nome?
 - Ora, eu nunca vi um roqueiro que se chamasse simplesmente Alexandre. Você já?
 - E daí? Vou ser o primeiro roqueiro chamado simplesmente “Alexandre”, então.
 - Não me parece um bom nome artístico.
 - O que é nome artístico?
 - É o nome que os artistas criam para si, para fazer sucesso.
 - Posso mudar meu nome, se eu quiser, e fazer mais sucesso?
 - Se escolher um bom, sim.
 - Não sei qual escolher.
 - Qual é o seu sobrenome?
 - Brito.
 - Puxa vida...
 - Eu gosto do meu sobrenome. Não quero mudar.
 - Bem... Então podemos colocar um “T” a mais.
 - Como assim?
 - Podemos escrever Brito com dois “T”, ao invés de apenas um.
 - Para quê?
 - Para ficar diferente, para ficar com cara de artista. Deixe-me pensar... Já sei! Alex Britto, com dois “T”. O que acha?
 - Alex Britto?
 - Isso.
 - Gostei.
- Ouvimos o barulho da porta se abrindo.
- Alexandre! Por onde você andou?
- Era a minha mãe. Ela entrou carregando duas sacolas com o nome da loja de sapatos onde eu a havia deixado.
- Eu estava aqui.
 - Por que você faz isso comigo? Como eu vou saber onde você está quando simplesmente desaparece na hora em que estou no provador? Eu quase...
 - Ele está experimentando a guitarra — disse o senhor.

Minha mãe olhou na direção dele, como se só então percebesse sua presença, exatamente como eu. Ela pareceu assustada e ao mesmo tempo ofendida com a interferência dele.

— Guitarra?

— Essa aqui — eu disse, levantando o instrumento, para o caso de ela ainda não ter notado o que estava em minhas mãos.

— Que história é essa de guitarra, agora?

— Mãe, eu quero aprender a tocar. Quero fazer aulas.

— Para quê?

— Para ser músico.

Eu me lembro de que a vi respirar bem fundo, nessa hora.

— Alexandre, não me venha com essa palhaçada agora. Era só o que me faltava... Não quero ver meu filho virar vagabundo e passar fome. Vamos logo! Tenho uma reunião daqui a pouco, e ainda preciso deixar você na escola.

Lancei um olhar decepcionado ao dono da loja.

— Desculpe — falei. — Acho que não precisa reservar, não.

Minha mãe abriu a porta da loja e ficou me esperando com uma expressão zangada. O homem me encarou por um segundo, e notei que ele parecia pensar rapidamente em algo inteligente a dizer.

— Não se preocupe — ele respondeu. — Como eu disse antes, volte em alguns anos. Terei modelos novos, e você com certeza vai dar um jeito de conseguir dinheiro para comprar um, se quiser de verdade ser músico.

E então ele se aproximou da minha orelha e sussurrou para que só eu pudesse ouvir.

— *Quando a gente realmente sonha em ser alguém, ninguém consegue nos impedir, não é?*

Eu me despedi dele, e minha mãe e eu atravessamos a porta. Quando chegamos ao outro lado da rua, olhei para trás, encarando aquele modelo vermelho com detalhes prateados mais uma vez.

Eu voltei lá anos depois, durante a adolescência, quando procurava por um modelo para começar a tocar com a banda, mas a loja havia sido fechada e eu nunca mais ouvi falar daquele homem.

Eu entrara lá como o pequeno Alexandre, mas, por algum motivo que não sabia explicar, tive a sensação de sair de lá como o grande Alex

Britto.

CAPÍTULO 65

Abro os olhos. Há um clarão.

Estou deitado no chão. Um grande foco de luz atravessa o lugar. Aquilo me cega. Me pergunto se aquela claridade é permanente, então me lembro de que devo fazer perguntas mais importantes, como, por exemplo: eu estou morto?

Tudo ao meu redor é claro e branco. Levanto. Dou diversos passos amedrontados, como se uma mina terrestre pudesse estourar a qualquer momento. Não vejo nada além de luz. Mas que droga. Aquilo começava a me incomodar. Só havia uma resposta para aquilo: eu estava morto, e havia ido para o Céu.

Em meio à luz branca, avisto um ponto amarelo. Sei imediatamente que é para lá que preciso ir, embora não faça ideia do que vou encontrar. Caminho calmamente, analisando o ponto no horizonte, imaginando o que me espera.

Há um homem sentado atrás de uma mesa. Há duas coisas em cima dela: uma máquina de escrever e uma cerveja. Ele para de datilografar por um instante. Imagino que tenha notado minha presença. Entretanto, sequer levanta os olhos. A mão vai da escrita direto para a garrafa. Toma um gole e solta um urro de prazer.

— Ah, sempre gelada.

Ele descansa a bebida na mesa. Porém, quando faz menção em continuar seu trabalho, passa os olhos por mim, como que por acaso.

— Opa, você chegou — ele diz, me encarando seriamente. — Já era hora.

Ele espera por uma resposta, mas não consigo dizer nada. Começo a

reconhecer o rosto. Levo um tempo para acreditar no que vejo.

— Aproxime-se, rapaz — ele diz, com a voz rouca. — Eu não mordo. Não homens, pelo menos.

— Charles Bukowski?

Ele balança a cabeça afirmativamente.

— Quem mais você esperava?

— Não sei.

— Bem, então sente-se.

Antes que eu pudesse perguntar onde, uma cadeira surge em frente à mesa. Eu hesito.

— Não tenha medo — ele diz.

Enquanto eu me aproximo devagar, ele aproveita os segundos que tem e digita algo a mais na máquina.

— Eu não acredito que é você.

Ele suspira, levemente incomodado por ser interrompido.

— Sim, sou eu. Essa tem sido a minha casa desde que bati as botas.

— Onde estamos?

— Ah, então você não sabe? — ele se faz de surpreso. — Acredito que você saiba muito bem. A gente tenta se enganar, mas, no fundo, sabe para onde vai acabar indo.

— Aqui é o Céu?

Ele me olha sério por um segundo, tentando descobrir se era uma piada, e então ri escandalosamente.

— O que foi? — pergunto. — Eu pensei que...

Ele dá um soco na mesa. Em seguida, agarra a cerveja e toma outro gole.

— Rapaz, só você para me fazer rir desse jeito no meio da escrita!

— Não estamos no Céu, então?

Ele se esforça para parar de rir.

— Meu amigo, você fez um pacto com o Diabo. Para onde acha que iria ao morrer?

— Eu vi esse clarão branco, então...

— O que esperava? Uma caverna vermelha com pessoas ardendo no fogo alto?

— Confesso que faria mais sentido.

— Não, rapaz. Claro que não. Aqui é o Inferno, mas não é como as

peças imaginam, lá na Terra.

— Eu não sabia o que esperar.

— Claro que não. Você não tinha como saber. Não há ninguém que veio ao Inferno e voltou à Terra para contar como é, então ninguém sabe de nada. Tudo o que ouvimos ou lemos é apenas especulação. Algumas são bem ruins, para falar a verdade.

— Pensei que encontraria o Diabo esperando para me receber, se um dia viesse para cá.

— Ele nunca faz isso. Ele tem coisas mais importantes a fazer, então manda a gente. Ele é meio preguiçoso, e gosta de delegar esse tipo de coisa a outras pessoas. Não gosta de explicar tudo e responder às diversas perguntas que as pessoas sempre fazem quando chegam. Diga-me: você já comprou um carro popular?

— Já.

— Ele é como um vendedor de carro popular. Dá toda a atenção enquanto você está decidindo se compra o automóvel, aparece sempre que você precisa, fica horas batendo papo, se torna o seu melhor amigo, mas, depois de um tempo, quando ele já conseguiu o que queria... ah, tente encontrá-lo para fazer uma reclamação e você vai ver! O Diabo não tem muito interesse em quem já está condenado a passar a eternidade na sua propriedade. Ele prefere se dedicar a encontrar mais seguidores.

— Me sinto enganado.

— Não esquenta. Se servir de consolo, ele é assim com todos. Está apenas fazendo o seu trabalho.

— E o que você faz aqui?

— Ora, você não leu meus livros?

— Li alguns. Não todos. Você escrevia muito.

— Então você não deveria ter dúvidas a respeito do meu destino pós-morte.

— Eu me refiro ao fato de você me receber.

— Como eu disse, ele me pediu um favor. Disse que você fez uma referência a mim ou coisa parecida. Ele prefere que todos sejam sempre recebidos por alguém que conhecem ou admiram, embora eu tenha avisado a ele que não sou muito bom com essa coisa de encontrar meus leitores. Detesto fazer isso, para falar a verdade. Eles me enchem o saco... De qualquer forma, o Diabo acha que é mais reconfortante assim. Que

seja. Falando nisso, obrigado pela ideia. Eu estava mesmo entediado, aqui.

— Que ideia?

— A ideia que você deu a ele. Pouco depois, ele voltou aqui e pediu a uma porção de escritores miseráveis para escrever a versão dele para a Bíblia. Agora somos os seus Apóstolos. Fiquei com um dos últimos evangelhos. Está sendo bem divertido de escrever.

Bukowski passa os olhos pela folha à sua frente, levemente desinteressado na minha presença.

— O que acontece comigo, agora? — pergunto, ainda confuso.

— Ora, você está no Inferno! — ele diz, indicando o ambiente. — Logo mais vai receber sua acomodação e será apresentado aos seus colegas de bloco. Agora, o negócio é se acostumar com a nova vida, ou morte, e aproveitar.

— E o que vocês fazem por aqui?

— O que quisermos. Estamos no Inferno; fazemos o que nos vem à cabeça. Tem alguns eventos e festas, também. Você é músico, certo?

— Sou.

— Ótimo. É sempre bom quando novos músicos chegam. Não sou fã de rock, acho o estilo uma merda e prefiro música clássica. É bem melhor para escrever. Ainda assim, às vezes as apresentações aqui se repetem tanto que a gente se cansa. A Amy Winehouse já cantou três vezes essa semana porque não estava tão chapada, o Freddie Mercury duas, e o Cazusa tenta uma vaga toda semana, porém dificilmente consegue porque o Renato Russo ocupa todo o horário com as músicas gigantes que ele compõe. O Michael Jackson, claro, é escalado facilmente, já que todo mundo gosta dele. É melhor você se preparar. Logo vão te escalar. Eles adoram novidades.

— Eu não ensaiei nada...

— Não se preocupe. Ninguém liga para detalhes, aqui. A rotina é perfeita, principalmente para um *rockstar*. A galera dorme o dia inteiro e faz festa todas as noites. Há sempre boa comida e muita bebida. Não poderia ser melhor.

— Mas isso tem fim?

— Claro. Lá pela madrugada, quando o pessoal não aguenta mais e...

— Não, eu me refiro ao Inferno. Essa vida que vocês levam. Quer dizer,

essa morte. Ela é eterna?

— Olha, para falar a verdade, isso eu não sei. Todo mundo quer saber, quando chega, mas a verdade é que nem os mais antigos sabem. Rolam boatos de que sim, mas outros dizem que um dia vai acabar. Se quiser saber minha opinião, não deve durar mais que alguns milênios.

— Por que você acha isso?

— Bem, você sabe que o Diabo era um anjo antes de ser expulso do Céu e construir tudo isso, não?

— Sei.

— Então. Ele é um filho de Deus. Eles são pai e filho. Você sabe como pais e filhos são.

— O que você quer dizer?

— Família é família. Não importa quanto tempo eles fiquem distantes, vão ser sempre uma família. O Diabo era um anjo que se rebelou, aprontou e foi expulso de casa pelo pai. Então ele veio e construiu seu próprio lar. Mostrou que podia ser independente. Mas eles ainda são pai e filho, criador e criatura, entende? Não dou mais que dois milênios até eles se entenderem, fazerem as pazes e voltarem a viver em harmonia. Família sempre acaba se acertando, no final. É a única coisa com a qual podemos contar.

— Você parece bem certo disso.

— Tenho certeza. Minha preocupação não é de se isso vai acontecer de fato, porque cedo ou tarde sei que vai. Só tenho medo de que eles resolvam morar juntos outra vez, todos no mesmo lugar. A paz vai acabar, e não vou mais poder tomar minha cerveja tranquilamente. Você sabe como os pais são com esse negócio de beber. Sempre acham que a gente vai virar um beberrão. Se morar com um pai controlador já é um pé no saco, imagina se ele for Deus.

De repente Bukowski se dá conta de algo.

— Ah, que merda. Onde está minha educação? Eu e minha mania de falar demais... Quer beber algo?

Ele coloca a mão debaixo da mesa e faz outra garrafa de cerveja aparecer.

— Na verdade, sou mais adepto do uísque — digo. — Tem algum por aí? Ele me encara, sério.

— Detesto quando um novato já chega achando que manda. Se aqui

fosse a minha casa, eu já teria te colocado para fora.

Leva um minuto, mas Bukowski encontra uma garrafa de uísque, e então fazemos um brinde à vida.

Ou à morte, não sei direito.

FIM



Conheça *É pra Glorificar de Pé!*, primeiro livro de Lodir Negrini:

Marlus era um cara que tinha tudo para dar certo. Bem-nascido, formado em Direito, repleto de sonhos que mostram um advogado bem-sucedido, ele agora está desempregado, tem uma filha recém-nascida e uma esposa pronta para o divórcio. Enquanto busca um trabalho nos classificados dos jornais, Marlus se depara com uma manchete e tem uma grande ideia. Então, durante uma conversa de bar, ele convence seu amigo Tito, que sonha ter seu próprio negócio, a fazer algo mais prático e lucrativo: criar uma igreja com o único objetivo de persuadir a todos de que Marlus é um líder religioso, convencer o público a fazer doações e enriquecer.

Com um humor-negro crítico, "É pra Glorificar de Pé!" é uma comédia sem igual: um retrato da sociedade contemporânea, uma

sátira ao comportamento humano, um romance inteligente e divertido.

Entre em contato com o autor e diga o que você achou do livro!

lodirnegrini@gmail.com

www.facebook.com/lodir.negrini

<https://twitter.com/lodirnegrini>

<https://instagram.com/lodirnegrini/>

Contents

1. [Capítulo 1](#)
2. [Capítulo 2](#)
3. [Capítulo 3](#)
4. [Capítulo 4](#)
5. [Capítulo 5](#)
6. [Capítulo 6](#)
7. [Capítulo 7](#)
8. [Capítulo 8](#)
9. [Capítulo 9](#)
10. [Capítulo 10](#)
11. [Capítulo 11](#)
12. [Capítulo 12](#)
13. [Capítulo 13](#)
14. [Capítulo 14](#)
15. [Capítulo 15](#)
16. [Capítulo 16](#)
17. [Capítulo 17](#)
18. [Capítulo 18](#)
19. [Capítulo 19](#)
20. [Capítulo 20](#)
21. [Capítulo 21](#)
22. [Capítulo 22](#)
23. [Capítulo 23](#)
24. [Capítulo 24](#)

25. [Capítulo 25](#)
26. [Capítulo 26](#)
27. [Capítulo 27](#)
28. [Capítulo 28](#)
29. [Capítulo 29](#)
30. [Capítulo 30](#)
31. [Capítulo 31](#)
32. [Capítulo 32](#)
33. [Capítulo 33](#)
34. [Capítulo 34](#)
35. [Capítulo 35](#)
36. [Capítulo 36](#)
37. [Capítulo 37](#)
38. [Capítulo 38](#)
39. [Capítulo 39](#)
40. [Capítulo 40](#)
41. [Capítulo 41](#)
42. [Capítulo 42](#)
43. [Capítulo 43](#)
44. [Capítulo 44](#)
45. [Capítulo 45](#)
46. [Capítulo 46](#)
47. [Capítulo 47](#)
48. [Capítulo 48](#)
49. [Capítulo 49](#)
50. [Capítulo 50](#)
51. [Capítulo 51](#)

52. [Capítulo 52](#)
53. [Capítulo 53](#)
54. [Capítulo 54](#)
55. [Capítulo 55](#)
56. [Capítulo 56](#)
57. [Capítulo 57](#)
58. [Capítulo 58](#)
59. [Capítulo 59](#)
60. [Capítulo 60](#)
61. [Capítulo 61](#)
62. [Capítulo 62](#)
63. [Capítulo 63](#)
64. [Capítulo 64](#)
65. [Capítulo 65](#)

Landmarks

1. [Cover](#)